

JACK MARS

CAÇADOR ZERO

UMA SÉRIE DE SUSPENSES DO ESPÍÃO AGENTE ZERO — LIVRO 3

CAÇADOR ZERO

(Uma Série de Suspenses do Espião Agente Zero — LIVRO 3)

JACK MARS

Jack Mars

Jack Mars é o autor da série best-seller LUKE STONE, que inclui sete livros (com outros a caminho). Ele também é o autor do novo livro FORGING OF LUKE STONE, e da série de suspenses do espião AGENTE ZERO.

Jack adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.Jackmarsauthor.com. Entre na lista de e-mails e receba amostras grátis, conecte-se no Facebook e no Twitter para manter contato!

Direitos Autorais © 2019 por Jack Mars. Todos os direitos reservados. Exceto conforme o permitido pela Lei Americana de Direitos Autorais, de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor. Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido nem distribuído para outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada destinatário. Caso esteja lendo este livro e não tenha pagado por ele, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho do autor Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

LIVROS DE JACK MARS

UM THRILLER DE LUKE STONE

ALERTA VERMELHO: CONFRONTO LETAL (Livro #1)

O PREÇO DA LIBERDADE (Livro #2)

GABINETE DE CRISE (Livro #3)

UMA SÉRIE DE SUSPENSES DO ESPIÃO AGENTE ZERO

INFILTRADO (Livro #1)

ALVO ZERO (Livro #2)

CAÇADOR ZERO (Livro #3)

Agente Zero - Resumo do Livro 2 (folha de resumo a ser incluída no livro 3)

Amostras de um antigo vírus mortal são roubadas da Sibéria e liberadas na Espanha, matando centenas em horas. Embora sua memória como agente da CIA ainda esteja fragmentada, o Agente Zero é reintegrado para ajudar a encontrar e proteger o vírus, antes que uma organização terrorista possa liberá-lo nos Estados Unidos.

Agente Zero: Mais lembranças de sua vida anterior como agente da CIA retornaram, principalmente a de uma conspiração clandestina do governo americano para iniciar uma guerra pré-planejada por motivações insidiosas. Os detalhes do que ele sabia dois anos atrás estão turvos e desbotados, porém, antes que tivesse a chance de cavar mais fundo, ele voltou para casa e descobriu que suas duas filhas haviam sido sequestradas.

Maya e Sara Lawson: Enquanto o pai delas estava fora, as meninas estavam sob o olhar atento de Thompson, seu vizinho e agente aposentado da CIA. Quando o assassino, Rais, invadiu, Thompson fez o possível para interceptá-lo, mas acabou sendo morto, e Maya e Sara foram levadas.

Agente Maria Johansson: Mais uma vez, Maria se mostrou uma aliada indispensável quando ajudou a impedir que o vírus da varíola fosse liberado. Embora seu novo relacionamento com Kent se restrinja ao romântico, ela tem seus próprios segredos, tendo se encontrado com um misterioso agente ucraniano no aeroporto de Kiev para discutir onde estão as lealdades do Agente Zero.

Rais: Após ser espancado e deixado para morrer na Suíça, Rais se recuperou por várias semanas em um hospital, sob vigia e algemado. Com nada além de tempo em suas mãos, ele projetou, não apenas uma fuga ousada e sangrenta, mas também conseguiu fugir para os EUA antes que as fronteiras internacionais fossem fechadas devido ao vírus mortal. A partir daí, não foi difícil encontrar a casa de Lawson, matar o velho vizinho e sequestrar as duas filhas adolescentes do Agente Zero.

Agente John Watson: Como parte da equipe enviada para proteger o vírus da varíola, Watson deixou bem claro que ele não gosta das táticas audaciosas do Agente Zero. No entanto, após o sucesso em neutralizar Imam Khalil, os dois alcançaram um entendimento e um respeito mútuo.

Diretora Assistente Ashleigh Riker: Ex-oficial de inteligência que subiu na profissão até o Grupo de Operações Especiais, Riker trabalha diretamente com o Diretor Adjunto, Shawn Cartwright, na operação para proteger o vírus. Ela não esconde seu desdém pelo Agente Zero e a licença que a agência lhe concede. Depois que outro agente atacou Zero sem motivo, ele começou a suspeitar que Riker poderia fazer parte da conspiração - e, portanto, não era confiável.

Conteúdo

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)

[CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)

[CAPÍTULO QUARENTA](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E UM](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)

CAPÍTULO UM

Aos dezesseis anos, Maya Lawson tinha certeza de que ela morreria em breve.

Ela estava sentada no banco de trás de uma caminhonete de cabine grande, que seguia pela rodovia interestadual 95, indo para o sul através do estado da Virgínia. Suas pernas ainda pareciam fracas com o trauma e terror do que ela experimentara há pouco mais de uma hora. Ela olhava para frente, impassível, a boca ligeiramente aberta em uma expressão chocada e o olhar vazio.

A caminhonete pertencia ao seu vizinho, o senhor Thompson. Ele estava morto agora, provavelmente, ainda deitado no saguão azulejado da casa dos Lawson, em Alexandria. O homem dirigindo a caminhonete era seu assassino.

Sentada ao lado de Maya estava sua irmã mais nova, Sara, de apenas 14 anos. Suas pernas estavam dobradas entre ela e seu corpo, que estava enrolado junto à Maya. Sara tinha parado soluçar, pelo menos por agora, mas cada respiração escapava de sua boca aberta como um gemido suave.

Sara não tinha ideia do que estava acontecendo. Ela sabia apenas o que tinha visto - o homem na casa delas. Sr. Thompson morto. O assaltante ameaçando quebrar os membros de sua irmã para fazer com que ela abrisse a porta do quarto do pânico no porão. Ela não sabia nada do que Maya sabia, e até mesmo Maya conhecia apenas uma pequena parte de toda a verdade.

Mas a Lawson mais velha sabia de uma coisa, ou pelo menos ela estava certa disso: ela morreria logo. Ela não sabia o que o motorista da caminhonete estava planejando fazer com elas - ele fizera a promessa de que não as machucaria desde que fizessem o que ele pedisse -, mas isso não importava.

Apesar de sua expressão boquiaberta, a mente de Maya estava trabalhando a cem quilômetros por hora. Apenas uma coisa era importante agora, manter Sara segura. O homem atrás do volante estava alerta e operante, mas em algum momento ele vacilaria. Contanto que fizessem o que pedisse, ele ficaria complacente, mesmo que por apenas um segundo, e naquele momento ela agiria. Ela ainda não sabia o que faria, mas teria que ser direta, implacável e extenuante. Dar a Sara a oportunidade de fugir, ir para algum lugar seguro, encontrar alguém, encontrar um telefone.

Isso provavelmente custaria a vida de Maya. Mas ela já estava bem ciente disso.

Outro gemido suave escapou dos lábios de e sua irmã. *Ela está em choque*, pensou Maya. Mas o gemido tornou-se um murmúrio e ela percebeu que Sara estava tentando falar. Ela inclinou a cabeça próxima aos lábios de Sara para ouvir sua pergunta baixa.

— Por que isso está acontecendo com a gente?

— Shh — Maya embalou a cabeça de Sara contra o peito e acariciou gentilmente seus cabelos. — Vai ficar tudo bem.

Ela se arrependeu logo após dizer isso. Era um sentimento vazio, algo que as pessoas dizem quando não têm mais nada a oferecer. Claramente não estava bem e ela não podia prometer que ficaria.

— Pecados do pai — o homem atrás do volante falou pela primeira vez desde que as forçou a entrar na caminhonete. Ele disse isso de forma casual, estranhamente calmo. Então, mais alto, ele continuou:

— Isso está acontecendo com vocês por causa das decisões e ações tomadas por um Reid Lawson, conhecido por uns como Kent Steele e por muitos outros como Agente Zero.

Kent Steele? Agente Zero? Maya não tinha ideia do que esse homem, o assassino, que se chamava Rais, estava falando. Mas ela estava ciente de algumas coisas, o suficiente para saber que seu pai era um agente de algum órgão do governo - o FBI, ou possivelmente a CIA.

— Ele tirou tudo de mim. — Rais olhava direto para a estrada a frente deles, mas falava com um tom inalterável de ódio. — Agora eu tirei tudo dele.

— Ele vai nos encontrar — disse Maya. Sua voz era baixa, não desafiadora, como se ela estivesse simplesmente afirmando um fato. — Ele vai vir atrás nós e vai matar você.

Rais assentiu como se concordasse com ela.

— Ele virá atrás de vocês; isso é verdade. E ele vai tentar me matar. Por duas vezes ele tentou e me deixou para morrer... Uma vez na Dinamarca e outra na Suíça. Sabia disso?

Maya não disse nada. Ela suspeitava que seu pai tivesse algo a ver com a trama terrorista que se desenrolou há um mês, em fevereiro, quando uma facção radical tentou bombardear o Fórum Econômico Mundial, em Davos.

— Mas eu aguento — continuou Rais. — Sabe, eu fui levado a acreditar que era meu destino matar seu pai, mas estava errado. É minha sina. Você

sabe a diferença? — ele zombou levemente. — Claro que não sabe. Você é uma criança. O destino é constituído de eventos que se espera que sejam cumpridos. É algo que podemos controlar, algo que podemos ditar. A sina, por sua vez, está além de nós. Ela é determinada por outro poder, um poder que não podemos compreender plenamente. Não acredito que eu possa morrer até que seu pai morra na minha mão.

— Você é membro da Amun — disse Maya. Não era uma pergunta.

— Eu fui uma vez. Mas a Amun não existe mais. Eu ajo sozinho.

O assassino havia confirmado o que ela já temia; que ele era um fanático, alguém que tinha sido doutrinado pela Amun, uma organização terrorista, que parecia uma seita, em acreditar que suas ações não eram apenas justificadas, mas necessárias. Maya foi presenteada com a combinação perigosa de inteligência e curiosidade; ela havia lido muito sobre terrorismo e fanatismo após o bombardeio em Davos e sua especulação era de que a ausência de seu pai no momento do ocorrido significava que ele tinha feito parte de uma ação para parar e dismantelar a organização.

Então, ela sabia muito bem que este homem não podia ser influenciado por pedidos, orações ou súplicas. Ela sabia que não havia como mudar seu pensamento, e estava ciente de que machucar crianças não estava além do que ele fazia. Tudo isso só fortaleceu sua decisão de que ela teria que agir assim que visse a chance.

— Eu tenho que usar o banheiro.

— Eu não me importo — respondeu Rais.

Maya franziu a testa. Ela já havia escapado de um membro da Amun no calçadão de Nova Jersey fingindo a necessidade de usar o banheiro - ela não acreditava na história que seu pai contou para encobrir o caso, sobre o homem ser membro de uma gangue local, nem por um segundo - e conseguira colocar Sara em segurança. Era a única coisa em que podia pensar no momento que lhes permitiria um minuto precioso a sós, mas seu pedido foi negado.

Eles dirigiram por mais alguns minutos em silêncio, indo para o sul, na interestadual, enquanto Maya acariciava o cabelo de Sara. Sua irmã mais nova parecia ter se acalmado a ponto de não chorar mais, ou simplesmente tinha ficado sem lágrimas.

Rais ligou o pisca alerta e guiou a caminhonete para a próxima saída. Maya espiou pela janela e sentiu uma pequena onda de esperança; eles

estavam parando em uma parada de descanso. Era pequena, pouco maior que uma área de piquenique, cercada por árvores e um pequeno prédio de tijolos com banheiros, mas já era algo.

Ele as deixaria usar o banheiro.

As árvores, ela pensou. Se a Sara conseguir adentrar a floresta, talvez ela possa despistá-lo.

Rais estacionou o caminhão e deixou o motor inativo por um momento enquanto examinava o prédio. Maya também. Havia dois caminhões ali, grandes caminhões articulados estacionados paralelamente ao prédio de tijolos e ninguém mais. Fora dos banheiros, sob um toldo, havia duas máquinas de venda automática. Ela notou com desânimo que não havia câmeras, pelo menos nenhuma visível, nas redondezas.

— O lado direito é o banheiro feminino — disse Rais. — Eu vou levar vocês até lá. Se tentarem gritar ou chamar alguém, eu matarei aquelas pessoas. Se vocês apenas gesticularem ou sinalizarem para alguém que algo está errado, eu irei matá-los. O sangue deles estará em suas mãos.

Sara estava tremendo em seus braços outra vez. Maya abraçou-a com força em volta de seus ombros.

— Vocês duas vão dar as mãos. Se você se separar, Sara vai se machucar. — Ele se virou parcialmente para encará-las - especificamente Maya. Ele já havia assumido que, das duas, ela seria a mais propensa a lhe causar problemas. — Você entendeu?

Maya assentiu, evitando o olhar de seus olhos verdes selvagens. Ele tinha linhas escuras abaixo deles, como se não tivesse dormido há algum tempo, e seu cabelo escuro era curto no topo de sua cabeça. Ele não parecia tão velho, certamente mais jovem que seu pai, mas ela não conseguia adivinhar sua idade.

Ele ergueu uma pistola preta - a Glock que pertencera ao pai dela. Maya tentou usá-la quando ele invadiu a casa, e ele tirou a arma dela.

— Isso estará na minha mão e minha mão estará no meu bolso. Mais uma vez, vou te lembrar de que problema para mim é problema para ela. — Ele gesticulou para Sara com a cabeça. Ela choramingou levemente.

Rais saiu da caminhonete primeiro, enfiando a mão e a pistola no bolso da jaqueta preta. Em seguida, ele abriu a porta traseira do carro. Maya saiu primeiro, as pernas trêmulas quando seus pés tocaram a calçada. Ela se voltou para o carro em busca da mão de Sara e ajudou sua irmã mais nova a sair.

— Vão. — As garotas andaram na frente dele enquanto se dirigiam ao banheiro. Sara estremeceu. Fim de março na Virgínia significava que o tempo estava começando a mudar, permanecendo entre os dez graus, ou pouco mais que isso, e as duas ainda estavam de pijama. Maya usava apenas chinelos nos pés, calças de flanela listradas e uma blusa preta. Sua irmã usava tênis sem meias, calças de pijama de popelina enfeitadas com abacaxis e uma das velhas camisetas de seu pai, um trapo desbotado com o símbolo de uma banda de que nenhuma das duas jamais ouvira falar.

Maya girou a maçaneta e entrou no banheiro primeiro. Ela instintivamente enrugou o nariz, desgostosa; o lugar cheirava a urina e mofo, e o chão estava molhado por causa de um cano de pia que vazava. Ainda assim ela puxou Sara para o dentro.

Havia uma única janela no lugar, de um vidro fosco no alto da parede que parecia balançar para fora com um bom empurrão. Se pudesse impulsionar sua irmã para cima e para fora, ela poderia distrair Rais enquanto Sara corria...

— Anda. — Maya se encolheu quando o assassino entrou no banheiro atrás deles. Seu coração afundou. Ele não as deixaria sozinhas, nem mesmo por um minuto. — Você, ali. — Ele apontou para Maya e para a segunda cabine dos três. — Você, ali. — Ele instruiu Sara para a terceira.

Maya soltou a mão da irmã e entrou na cabine. Estava imundo; ela não desejaria usá-lo, mesmo se realmente precisasse, mas pelo menos teria que fingir. Ela começou a empurrar a porta, mas Rais a parou com a palma da mão.

— Não — ele disse a ela. — Deixe aberto. — E então ele virou as costas, de frente para a saída.

Ele não está arriscando. Ela lentamente se sentou na tampa fechada do vaso sanitário e respirou entre suas mãos. Não havia nada que pudesse fazer. Ela não tinha armas contra ele. Ele tinha uma faca e duas armas, uma das quais estava na mão, escondida no bolso da jaqueta. Ela poderia tentar pular nele e deixar Sara sair, mas ele estava bloqueando a porta. Rais já tinha matado o Sr. Thompson, um ex-fuzileiro naval que parecia um urso e que teria evitado uma briga a qualquer custo. Que chance ela teria contra ele?

Sara fungou na barraca ao lado dela. *Este não é o momento certo para agir*, Maya sabia. Ela tinha esperanças, mas teria que esperar novamente.

De repente houve um rangido alto quando a porta do banheiro foi aberta, e uma voz feminina surpresa disse:

— Oh! Desculpe-me... Estou no banheiro errado?

Rais deu um passo para o lado, passou pela cabine e saiu da vista de Maya.

— Desculpe-me, senhora. Não, você está no lugar certo — sua voz imediatamente assumiu um tom de afeto agradável e até cortês. —Minhas duas filhas estão aqui e... Bem, talvez eu seja super protetor, mas você não pode descuidar hoje em dia.

A raiva inchou no peito de Maya com a desculpa. O fato de esse homem tê-las tirado do pai e se atrever a fingir ser ele a deixava com raiva.

— Oh... Compreendo. Eu só preciso usar a pia — a mulher disse a ele.

— Claro.

Maya ouviu as batidas dos sapatos contra o azulejo e, então, uma mulher apareceu parcialmente em seu campo de visão, de costas para ela enquanto abria a torneira. Ela parecia ter meia-idade, com cabelos loiros pouco abaixo da altura dos ombros e vestia-se de forma elegante.

— Não posso dizer que te culpo — a mulher disse a Rais. — Normalmente eu nunca pararia em um lugar como este, mas eu derramei café a caminho de visitar minha família e... Ah... — Ela parou enquanto olhava para o espelho.

No reflexo, a mulher pôde ver a porta da cabine aberta, e Maya sentada em cima do vaso sanitário fechado. Maya não tinha ideia de como ela poderia parecer para um estranho - cabelo emaranhado, bochechas inchadas de tanto chorar, olhos avermelhados -, mas ela podia imaginar que era provável que seria um motivo de alarme.

O olhar da mulher voou para Rais e depois voltou ao espelho.

— Ah... Eu simplesmente não conseguiria dirigir por mais uma hora e meia com as minhas mãos pegajosas... — Ela olhou por cima do ombro, a água ainda correndo, e então ela murmurou três palavras muito claras para Maya.

Você está bem?

O lábio inferior de Maya tremeu. *Por favor, não fale comigo. Por favor, nem mesmo olhe para mim.* Ela balançou a cabeça lentamente. *Não.*

Rais deve ter se virado, outra vez, para a porta, porque a mulher assentiu devagar. *Não!* Maya pensou desesperadamente. Ela não estava tentando pedir ajuda.

Ela estava tentando impedir que essa mulher sofresse o mesmo destino que Thompson.

Maya acenou com a mão para a mulher e mandou uma palavra para ela. *Vai. Vai.*

A mulher franziu a testa profundamente, as mãos ainda molhadas. Ela olhou na direção de Rais novamente.

— Eu suponho que seria muito pedir toalhas de papel, hein?

Ela disse muito forçadamente.

Então, ela apontou para Maya com o polegar e o mindinho, fazendo um sinal de telefone com a mão. Ela parecia estar sugerindo que ligaria para alguém.

Por favor, apenas vá.

Quando a mulher voltou-se para a porta, houve um borrão de movimento no ar. Aconteceu tão rápido que a princípio Maya nem teve certeza de que algo tivesse, de fato, acontecido. A mulher congelou, arregalando os olhos em choque.

Um fino arco de sangue jorrou de sua garganta aberta, borrifando contra o espelho e a pia.

Maya apertou as duas mãos sobre a boca para reprimir o grito que tentava sair de seus pulmões. Ao mesmo tempo, as mãos da mulher voaram até o pescoço, mas não houve como impedir o dano que havia sido feito. O sangue escorria como um riacho entre os dedos enquanto ela caía de joelhos, um suave gorgolejo escapando de seus lábios.

Maya apertou os olhos, ambas as mãos ainda sobre a boca. Ela não queria ver isso. Ela não queria ver essa mulher morrer por causa dela. Sua respiração veio pesada, soluços sufocantes. Da cabine ao lado, ela ouviu Sara choramingando baixinho.

Quando ela se atreveu a abrir os olhos novamente, a mulher a encarava. Uma bochecha descansada contra o chão molhado e imundo.

A poça de sangue que escapara de seu pescoço quase alcançou os pés de Maya.

Rais inclinou-se para a cintura dela e limpou a faca na blusa da mulher. Quando ele olhou para Maya novamente, não era raiva ou angústia em seus olhos muito verdes. Era decepção.

— Eu te disse o que aconteceria — ele falou suavemente. — Você tentou sinalizar para ela.

As lágrimas obscureceram a visão de Maya.

— Não. — Ela conseguiu soltar. Ela não conseguia controlar os lábios trêmulos, as mãos trêmulas. — Eu não fiz isso...

— Sim — disse ele calmamente. — Você fez. O sangue dela está em suas mãos.

Maya começou a hiperventilar, sua respiração entrando em tragadas ofegantes. Ela se inclinou, colocando a cabeça entre os joelhos, os olhos cerrados e os dedos nos cabelos.

Primeiro senhor Thompson e agora essa mulher inocente. Os dois tinham morrido, simplesmente, por estarem muito perto dela, muito perto do que esse maníaco queria - e ele havia provado duas vezes que estava disposto a matar, mesmo indiscriminadamente, para conseguir o que queria.

Quando ela finalmente recuperou o controle de sua respiração e se atreveu a olhar para cima novamente, Rais tinha a bolsa preta da mulher e estava a vasculhando. Ela viu quando ele pegou o telefone e arrancou a bateria e o cartão SIM.

— Levante-se — ele ordenou Maya entrando na cabine. Ela se levantou rapidamente, prensando a si mesma contra a divisória de metal da cabine e prendendo a respiração.

Rais jogou a bateria e o cartão SIM no vaso sanitário e deu descarga. Então ele se virou para encará-la, a poucos centímetros de distância no espaço estreito. Ela não conseguia encontrar seu olhar. Em vez disso, ela olhou para o queixo dele.

Ele balançou algo diante do rosto dela - um molho de chaves de carro.

— Vamos — ele disse baixinho. Ele deixou a cabine, aparentemente sem nenhum problema em andar pela grande poça de sangue no chão.

Maya piscou. A parada de descanso não tinha nada a ver com deixá-las usar o banheiro. Não era sobre esse assassino mostrando um pinga de humanidade. Era uma chance para ele abandonar a caminhonete de Thompson. *Pois a polícia pode estar procurando por ela.*

Pelo menos ela esperava que estivessem. Se o pai dela ainda não tivesse voltado para casa, havia poucas chances de que alguém soubesse que as Lawson estavam desaparecidas.

Maya andou o mais cautelosamente possível para evitar a poça de sangue - e para evitar olhar para o corpo no chão. Cada junta de seu corpo parecia ser feita de gelatina. Ela se sentia fraca, impotente contra esse homem. Toda a determinação que ela reunira há poucos minutos na caminhonete se dissolvera como açúcar em água fervente.

Ela pegou Sara pela mão.

— Não olhe — sussurrou e guiou sua irmã mais nova ao redor do corpo da mulher. Sara olhou para o teto, respirando fundo através da boca aberta. Lágrimas frescas riscavam ambas as suas bochechas. Seu rosto estava branco como um lençol e sua mão fria e úmida.

Rais abriu alguns centímetros da porta do banheiro e espiou o lado fora. Ele levantou uma mão.

— Esperem.

Maya olhou através dele e viu um homem corpulento com um boné de caminhoneiro se afastando do banheiro masculino, secando as mãos nas calças jeans. Ela apertou a mão de Sara e, com a outra, instintivamente alisou o próprio cabelo, que estava emaranhado e bagunçado.

Ela não podia lutar contra esse assassino, a menos que tivesse uma arma. Não podia tentar pedir a ajuda de um estranho, ou eles poderiam sofrer o mesmo destino que a mulher morta atrás deles. Ela tinha apenas uma escolha agora, esperar e torcer para que seu pai viesse atrás delas... O que ele só poderia fazer se soubesse onde elas estavam, e não havia nada para ajudá-lo a encontrá-las. Maya não tinha como deixar pistas ou um rastro.

Seus dedos se enroscaram em seus cabelos e saíram com alguns fios soltos. Ela os sacudiu da mão e eles caíram lentamente no chão.

Cabelo.

Ela tinha cabelo. E cabelo podia ser testado - isso era o básico de forense. Sangue, saliva, cabelo. Qualquer uma dessas coisas poderia provar que ela esteve em algum lugar, e que ela ainda estava viva quando esteve lá. Quando as autoridades encontrarem a caminhonete de Thompson, encontrariam a mulher morta e coletariam amostras. Eles encontrariam o cabelo dela. Seu pai saberia que elas estiveram lá.

— Andem — disse Rais. — Saiam. Ele segurou a porta enquanto as duas meninas saíram de mãos dadas do banheiro. Ele as seguiu, olhando ao redor mais uma vez para garantir que ninguém estava olhando. Então, pegou o pesado revólver Smith & Wesson do senhor Thompson e virou-o na mão. Com um único movimento sólido, ele balançou o punho da arma para baixo e arrancou a maçaneta da porta do banheiro.

— Carro azul — apontou com o queixo e guardou a arma. As meninas andaram lentamente para um sedan azul-escuro estacionado a algumas

vagas da caminhonete de Thompson. A mão de Sara tremia junto à de Maya - ou talvez fosse a de Maya que estivesse tremendo, ela não tinha certeza.

Rais manobrou o carro para fora da parada de descanso e de volta à interestadual, porém, não para o sul, como eles estavam indo antes. Em vez disso ele fez a volta e dirigiu para o norte. Maya entendeu o que ele estava fazendo; quando as autoridades encontrassem a caminhonete de Thompson, assumiriam que ele seguiria para o sul. Procurariam por ele e por elas nos lugares errados.

Maya arrancou alguns fios de cabelo e os jogou no chão do carro. O psicopata que as sequestrou estava certo sobre uma coisa; o destino delas estava sendo determinado por outro poder, neste caso, ele. E era um que Maya ainda não podia compreender plenamente.

Elas tinham, agora, apenas uma chance de evitar qualquer destino que lhes estivesse reservado.

— O papai virá — ela sussurrou no ouvido de sua irmã. — Ele vai nos encontrar.

Ela tentou não soar tão incerta quanto se sentia.

CAPÍTULO DOIS

Reid Lawson subiu rapidamente as escadas de sua casa em Alexandria, na Virgínia. Seus movimentos pareciam rígidos, suas pernas ainda entorpecidas pelo choque que experimentara há apenas alguns minutos, mas seu olhar se fixou em uma expressão de determinação sombria. Ele subiu os degraus de dois em dois para o segundo andar, embora temesse o que estaria lá em cima - ou, mais apropriadamente, o que não estaria.

No andar de baixo e do lado de fora havia uma agitação. Na rua, em frente à sua casa, tinha nada menos que quatro carros da polícia, duas ambulâncias e um caminhão de bombeiros, todos os protocolos para uma situação como essa. Policiais uniformizados esticaram fita de isolamento formando um X sobre a porta da frente. A perícia coletava amostras do sangue de Thompson, no saguão, e folículos capilares nos travesseiros de suas filhas.

Reid mal conseguia se lembrar de chamar as autoridades. Ele mal se lembrava de ter dado à polícia uma declaração, palavras confusas balbuciadas em frases fragmentadas pontuadas por respirações curtas e ofegantes, enquanto sua mente nadava em possibilidades terríveis.

Ele tinha saído no fim de semana com um amigo. Um vizinho estava cuidando de suas filhas.

O vizinho estava morto agora. Suas filhas estavam desaparecidas.

Reid fez uma ligação quando chegou ao topo da escada e longe dos ouvidos curiosos.

— Você deveria ter nos chamado primeiro — disse Cartwright como saudação. O Diretor Adjunto Shawn Cartwright era o chefe da Divisão de Atividades Especiais e, não oficialmente, o chefe de Reid na CIA.

Eles já ouviram.

— Como sabia?

— Você está marcado — informou Cartwright. — Nós todos estamos. Sempre que nossa informação aparece em um sistema - nome, endereço, identificação social, qualquer coisa - ela é enviada automaticamente para a NSA como prioridade. Inferno, você recebe uma multa por excesso de velocidade que a agência saberá antes do policial te liberar.

— Eu tenho que encontrá-las. — Cada segundo que passava era um coro estrondoso, o lembrando de que ele nunca mais veria suas filhas se não saísse agora, neste instante. — Eu vi o corpo de Thompson. Ele está morto

há pelo menos vinte e quatro horas, o que é uma vantagem significativa para nós. Preciso de equipamentos e preciso ir *agora*.

Dois anos atrás, quando sua esposa, Kate, morreu repentinamente de um acidente vascular cerebral isquêmico, ele se sentiu completamente entorpecido. Um sentimento atordoado de distanciamento tomou conta de si. Nada parecia real, como se a qualquer momento ele fosse acordar do pesadelo e descobrir que tudo tinha sido sua imaginação.

Ele não estava lá por ela. Ele estava em uma conferência sobre a história da Europa antiga - não, isso não era verdade. Essa era a sua história para encobrir que ele estava em uma missão da CIA em Bangladesh, buscando o líder de uma facção terrorista.

Na época, ele não estava com a Kate. Ele não estava presente para ajudar suas garotas quando elas foram levadas.

Mas ele tinha certeza absoluta de que estará presente para elas agora.

— Nós vamos ajudá-lo, Zero — assegurou-lhe Cartwright. — Você é um de nós e cuidamos dos nossos. Estamos enviando técnicos até sua casa para ajudar a polícia na investigação, fingindo ser o pessoal da Segurança Interna. Nossos forenses são mais rápidos; devemos ter uma pista de quem fez isso dentro de...

— Eu sei quem fez isso — Reid interrompeu. — Foi *ele*.

Não havia dúvida na mente de Reid de quem era responsável por isso, quem tinha vindo e levado suas filhas.

— Rais. — Apenas dizer o nome em voz alta reascendeu a raiva de Reid, começando em seu peito e irradiando através de cada membro. Ele cerrou os punhos para impedir que suas mãos tremessem. — O assassino da Amun que escapou da Suíça. Foi ele.

Cartwright suspirou.

— Zero, até que haja provas, não sabemos com certeza.

— Eu sei. Tenho certeza. Ele me enviou uma foto delas. — Ele tinha recebido uma foto, enviada pelo celular de Maya para o de Sara. A foto era de suas filhas, ainda de pijama, abraçadas na traseira da caminhonete roubada de Thompson.

— Kent — o diretor djunto disse cuidadosamente. — Você fez muitos inimigos. Isso não é totalmente certo...

— Foi ele. Eu sei que foi ele. Essa foto é uma prova de que elas estão vivas. Ele está me provocando. Qualquer outra pessoa teria apenas... — Ele não conseguiu dizer em voz alta, mas, quaisquer um dos outros inimigos

que Kent Steele acumulara ao longo de sua carreira teria simplesmente matado suas filhas como vingança. Rais estava agindo assim porque ele era um fanático que acreditava estar destinado a matar Kent Steele. Isso significava que, cedo ou tarde, o assassino iria querer que Reid o encontrasse - e, com sorte, as garotas também.

Elas estando vivas ou não quando o encontrasse... Ele apertou a testa com as duas mãos, como se pudesse de algum modo arrancar o pensamento de sua cabeça. *Mantenha a cabeça no lugar. Você não pode pensar assim.*

— Zero? — Cartwright disse. — Você ainda está aí?

Reid respirou calmamente.

— Eu estou aqui. Escuta, precisamos rastrear a caminhonete do Thompson. É um modelo mais novo; tem uma unidade de GPS. Ele também está com o celular da Maya. Tenho certeza de que a agência tem o número nos arquivos. — Tanto a caminhonete quanto o celular poderiam ser rastreados; se os locais forem sincronizados e Rais não tiver abandonado nenhum deles ainda, isso lhes daria uma direção sólida por onde buscar.

— Kent, escute... — Cartwright tentou dizer, mas Reid o cortou imediatamente.

— Nós sabemos que há membros da Amun nos Estados Unidos — ele continuou, sem se alterar. Dois terroristas tinham ido atrás de suas filhas antes, em um calçadão de Nova Jersey. — Então é possível que haja um esconderijo da Amun em algum lugar dentro das fronteiras do país. Devemos entrar em contato com a H-6 e ver se conseguimos obter alguma informação dos detidos.

A H-6 era uma prisão secreta da CIA, em Marrocos, onde os membros capturados da organização terrorista estavam atualmente detidos.

— Zero — Cartwright tentou novamente se engajar na conversa unilateral.

— Estou arrumando uma mala e saindo pela porta em dois minutos — Reid disse a ele enquanto se apressava para seu quarto.

Cada momento que passava era um minuto em que suas garotas estavam mais longe de si.

— O TSA deve estar em alerta, caso ele tente tirá-las do país. O mesmo com portos e estações de trem. E as câmeras de rodovias - podemos acessá-las. Assim que tivermos algo, peça a alguém que me encontre. Vou precisar de um carro, um que seja rápido. E um telefone da agência, um rastreador de GPS, armas...

— Kent! — Cartwright gritou ao telefone. — Só pare por um segundo, tudo bem?

— Parar? Elas são minhas filhinhas, Cartwright. Preciso de informações. Preciso de ajuda...

O diretor adjunto suspirou pesadamente, e Reid imediatamente soube que algo estava muito errado.

— Você não vai participar desta operação, agente — disse Cartwright. — Você é muito próximo.

O peito de Reid pesou, sua raiva crescendo novamente.

— Do que está falando? — ele perguntou em voz baixa. — Que diabos você está falando? Eu vou atrás das minhas filhas...

— Você não vai.

— Elas são minhas *crianças*...

— Escute a si mesmo — disse Cartwright severamente. — Você está furioso. Está emocional. Isto é um conflito de interesses. Não podemos permitir isso.

— Você sabe que eu sou a melhor pessoa para isso — disse Reid com firmeza. Ninguém mais iria atrás de suas filhas. Essa pessoa seria ele. Tinha que ser ele...

— Desculpe-me. Mas você tem o hábito de atrair o tipo errado de atenção — declarou Cartwright, como se isso fosse uma explicação. — Os superiores, eles estão tentando evitar uma... Uma repetição de desempenho, digamos assim.

Reid hesitou. Ele sabia exatamente do que Cartwright estava falando, embora não se lembrasse realmente disso. Dois anos atrás, sua esposa, Kate, morreu e Kent Steele enterrou a tristeza em seu trabalho. Ele partiu em longas semanas de insanidade, cortando a comunicação com sua equipe enquanto perseguiu membros da Amun e pistas por toda a Europa. Ele se recusou a retornar quando a CIA o chamou de volta. Não dava ouvidos a ninguém - nem a Maria Johansson, nem a seu melhor amigo, Alan Reidigger. Do que Reid lembrava, ele deixou uma série de corpos em seu rastro, que a maioria descreveu como nada menos do que uma algazarra. Na verdade, essa era principal razão pela qual o nome “Agente Zero” era sussurrado igualmente em terror e desdém entre os insurgentes do mundo todo.

E quando a CIA se cansou, eles enviaram alguém para buscá-lo. Eles mandaram Reidigger atrás dele. Porém, Alan não matou Kent Steele; ele

havia encontrado outro jeito, o supressor de memória experimental que lhe permitiria esquecer tudo sobre sua vida na CIA.

— Eu entendo. Vocês têm medo do que eu possa fazer.

— Sim — concordou Cartwright. — Pode ter certeza que temos.

— Vocês deveriam ter.

— Zero — o diretor adjunto advertiu. — Não. Deixe-nos resolver isso do nosso jeito, para que possa ser feito rápido, silenciosamente e de forma limpa. Eu não vou te dizer novamente.

Reid encerrou a ligação. Ele estava indo atrás de suas filhas, com ou sem a ajuda da CIA.

CAPÍTULO TRÊS

Depois de terminar a ligação com o diretor adjunto, Reid parou do lado de fora do quarto de Sara com a mão na maçaneta. Ele não queria entrar lá. Mas precisava.

Em vez disso, ele se distraiu com os detalhes que sabia, passando por eles em sua mente: Rais entrou na casa por uma porta destrancada. Não havia sinais de arrombamento, nem janelas nem fechaduras quebradas. Thompson tentou lutar contra ele; havia evidência de uma luta. Em última instância, o homem mais velho havia sucumbido às facadas no peito. Nenhum tiro foi disparado, mas a Glock que Reid mantinha perto da porta da frente tinha sumido. Assim como a Smith & Wesson que Thompson mantinha perpetuamente em sua cintura, o que significava que Rais estava armado.

Mas para onde ele as levaria? Nenhuma das evidências na cena do crime, que era sua casa, levava a um destino.

No quarto de Sara, a janela ainda estava aberta e a escada de incêndio ainda se desenrolava do peitoril. Parecia que suas filhas tentaram, ou pelo menos pensaram em tentar, descer por ela. Mas elas não conseguiram.

Reid fechou os olhos e respirou entre suas mãos, afastando a ameaça de novas lágrimas, de novos terrores. Em vez disso, pegou o carregador de celular, ainda conectado à parede ao lado da mesa de cabeceira.

Ele encontrou o telefone dela no andar do porão, mas não contou à polícia sobre isso. Nem mostrou a eles a foto que havia sido enviada - enviada com a intenção de que ele visse. Não podia entregar o telefone, apesar de ele claramente ser uma evidência.

Ele pode precisar disso.

Em seu próprio quarto, Reid ligou o celular de Sara na tomada da parede atrás da cama. Ele colocou o dispositivo no modo silencioso e, em seguida, reencaminhou as ligações e mensagens para o seu número. Por fim, ele escondeu o telefone entre o colchão e a cama. Não queria que o aparelho fosse levado pela polícia. Precisava que ele permanecesse ativo, no caso de mais provocações aparecerem. Provoações poderiam se tornar pistas.

Ele rapidamente encheu uma bolsa com algumas mudas de roupa. Ele não sabia por quanto tempo ficaria fora, até onde teria que ir. *Até os confins da terra, se necessário.*

Ele trocou os tênis por botas. Deixou a carteira na gaveta de cima da cômoda. Em seu armário, enfiado até a ponta de um par de sapatos pretos, havia um maço de dinheiro de emergência, quase quinhentos dólares. Ele pegou tudo.

Sobre sua cômoda havia uma foto emoldurada das meninas. Seu peito apertou com apenas um olhar para a imagem.

Maya estava com o braço ao redor dos ombros de Sara. As duas sorriam largamente, sentadas em frente a ele em um restaurante de frutos do mar, enquanto ele tirava a foto. Foi de uma viagem em família para a Flórida no verão passado. Reid se lembrava bem; ele havia tirado a foto alguns momentos antes de sua comida chegar. Maya tinha um daiquiri sem álcool a sua frente. Sara tinha um milk-shake de baunilha

Elas estavam felizes. Sorrindo. Contentes. Seguras. Antes que ele tivesse trazido esse terror sobre elas, elas estavam seguras. Na época em que essa foto foi tirada, a ideia de serem perseguidas por radicais que pretendiam lhes fazer mal, ou serem sequestradas por assassinos, era fantasia.

Isso é culpa sua.

Ele virou a moldura e abriu a parte de trás. Ao fazer isso, ele fez uma promessa. Quando as encontrasse - *e eu vou encontrá-las* - ele pararia. Pararia com a CIA. Com operações secretas. Pararia de salvar o mundo.

Para o inferno com o mundo. Eu só quero que minha família esteja protegida e que fique em segurança.

Eles partiriam, se mudariam para longe, mudariam seus nomes se preciso for. Tudo o que importaria para o resto de sua vida seria a segurança e a felicidade delas. A sobrevivência delas.

Ele tirou a foto da moldura, dobrou-a ao meio e enfiou-a no bolso interno da jaqueta.

Ele precisaria de uma arma. Provavelmente, poderia encontrar uma na casa de Thompson, bem ao lado, se conseguisse entrar sem que a polícia ou o pessoal da emergência visse...

Alguém limpou a garganta bem alto no corredor, um sinal de aviso óbvio, caso precisasse de um momento para se recompor.

— Sr. Lawson. — O homem entrou pela porta do quarto. Ele era baixo, um pouco de volume na barriga, porém, tinha linhas duras gravadas em seu rosto. Ele lembrava a Reid um pouco do Thompson, embora isso pudesse ser apenas culpa. — Meu nome é Detetive Noles, do Departamento de

Polícia de Alexandria. Eu entendo que este seja um momento muito difícil para você. Eu sei que você já deu uma declaração para os primeiros oficiais a chegarem ao local, mas eu tenho algumas perguntas que gostaria de deixar no registro, se você, por favor, puder vir comigo até a delegacia.

— Não. — Reid pegou sua bolsa. — Eu vou encontrar minhas filhas. — Ele marchou para fora do quarto passando pelo detetive.

Noles o seguiu rapidamente.

— Sr. Lawson, nós desencorajamos veementemente que os cidadãos ajam em um caso como este. Deixe-nos fazer o nosso trabalho. A melhor coisa a se fazer seria ficar em algum lugar seguro, com amigos ou familiares, mas permanecer por perto...

Reid parou no final da escada.

— Eu sou um suspeito no sequestro de minhas próprias filhas, detetive? — ele questionou, sua voz baixa e hostil.

Noles o encarou. Suas narinas se abriram brevemente. Reid sabia, por seu treinamento, que esse tipo de situação era tratado com delicadeza, para não traumatizar ainda mais as famílias das vítimas.

Contudo, Reid não estava traumatizado. Ele estava irado.

— Como eu disse, eu só tenho algumas perguntas — respondeu Noles cuidadosamente. — Eu gostaria que você viesse comigo, até a delegacia.

— Eu rejeito suas perguntas. — Reid encarou de volta. — Eu vou para o meu carro agora. A única maneira de você me levar para qualquer lugar é algemado. — Ele queria muito que esse detetive robusto sumisse da sua frente. Por um breve momento, ele até considerou mencionar suas credenciais da CIA, mas não tinha nada para comprovar.

Noles não disse nada quando Reid se virou e saiu da casa para a entrada de veículos.

Ainda assim, o detetive o seguiu pela porta e atravessou o gramado.

— Sr. Lawson, só pedirei mais uma vez. Considere por um segundo como isso parece, você fazendo as malas e fugindo enquanto investigamos ativamente sua residência.

Um choque de raiva percorreu Reid, da base de sua espinha até o topo da cabeça. Ele quase largou a bolsa bem ali, tamanho era seu desejo de virar e acertar o detetive Noles na mandíbula por, mesmo que remotamente, ter implicado que ele poderia ter algo a ver com isso.

Noles era um veterano; ele deve ter sido capaz de ler a linguagem corporal, mas ainda assim continuou.

— Suas garotas estão desaparecidas e seu vizinho está morto. Tudo isso aconteceu enquanto você não estava em casa, ainda assim, não tem um álibi sólido. Você não pode nos dizer com quem estava ou onde estava. Agora está fugindo como se soubesse algo que nós não sabemos. Eu tenho dúvidas, Sr. Lawson. E eu irei obter respostas.

Meu álibi. O verdadeiro álibi de Reid, a verdade, era que ele passara as últimas quarenta e oito horas correndo atrás de um líder religioso alucinado que possuía um lote, do tamanho do apocalipse, de varíola alterada. Seu álibi era que ele acabou de voltar para casa após salvar milhões de vidas, talvez até bilhões, apenas para descobrir que as duas pessoas com quem ele mais se importava em todo o mundo estavam desaparecidas.

Mas ele não podia dizer nada disso, não importava o quanto ele quisesse. Em vez disso, Reid engoliu a raiva e segurou o punho e a língua. Ele parou ao lado do carro e se virou para o detetive. Quando o fez, a mão do homem mais baixo se moveu lentamente até o cinto - e suas algemas.

Dois policiais fardados, do lado de fora, notaram a potencial discussão e deram alguns passos cautelosos para perto dele, também com as mãos se movendo para seus cintos.

Desde que o supressor de memória foi cortado de sua cabeça, parecia que Reid tinha de duas mentes. Um lado, o lógico, o lado do professor Lawson, estava dizendo a ele: *Ceda. Faça o que ele pede. Ou então você terminará na cadeia e nunca chegará às garotas.*

Todavia, o outro lado, o lado de Kent Steele - o agente secreto, o renegado, o caçador de emoções - era muito mais barulhento, gritando, sabendo por experiência que cada segundo contava desesperadamente.

Esse lado ganhou. Reid ficou tenso, pronto para uma luta.

CAPÍTULO QUATRO

Pelo que pareceu um longo momento, ninguém se moveu - nem Reid, nem Noles, nem os dois policiais atrás do detetive. Reid agarrou-se à sua bolsa em um aperto forte que deixou as juntas de seus dedos brancos. Se tentasse entrar no carro e sair, ele não tinha dúvida de que os oficiais avançariam sobre ele. E ele sabia que reagiria de acordo.

De repente, houve um derrapar de pneus e todos os olhos se voltaram para um SUV preto, quando ele parou abruptamente no final da entrada, perpendicular ao veículo de Reid, o bloqueando. Uma figura saiu e caminhou rapidamente para neutralizar a situação.

Watson? Reid quase deixou escapar.

John Watson era um colega de campo, um homem alto, afro-americano, cujas feições eram perpetuamente passivas. Seu braço direito estava suspenso em uma tipoia azul-escura; ele havia levado uma bala perdida no ombro bem no dia anterior, ajudando na guerra contra os radicais islâmicos de liberar o vírus.

— Detetive. — Watson acenou para Noles. — Meu nome é Agente Hopkins, Departamento de Segurança Interna. — Com a mão boa, ele mostrou um distintivo convincente. — Esse homem precisa vir comigo.

Noles franziu a testa; a tensão do momento anterior evaporara, substituída pela confusão.

— O que disse? Segurança Interna?

Watson assentiu seriamente.

— Acreditamos que o sequestro tem algo a ver com uma investigação aberta. Vou precisar que o Sr. Lawson venha comigo agora mesmo.

— Agora, espere aí. — Noles balançou a cabeça, ainda atordoado pela súbita intrusão e rápida explicação. — Você não pode simplesmente entrar aqui e assumir...

— Este homem é um informante do departamento — interrompeu Watson. Ele manteve a voz baixa, como se estivesse compartilhando um segredo conspiratório, embora Reid soubesse que era uma artimanha da CIA. — Ele faz parte do WITSEC.

Os olhos de Noles se arregalaram ao ponto de parecer que eles saltariam de sua cabeça. A WITSEC, Reid sabia, era um acrônimo para o programa de proteção a testemunhas do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

Mas Reid não disse nada; ele simplesmente cruzou os braços sobre o peito e encarou o detetive com um olhar penetrante.

— Ainda assim... — disse Noles hesitante — Vou precisar de mais do que um distintivo chamativo para liberá-lo... — O celular do detetive tocou de repente.

— Suponho que essa seja sua confirmação do meu departamento. — Disse Watson, quando Noles pegou o telefone. — Você vai querer atender. Sr. Lawson, por aqui, por favor.

Watson se afastou, deixando um confuso detetive Noles gaguejando em seu telefone. Reid levantou a bolsa e seguiu, mas parou no SUV.

— Espere — disse ele antes que Watson pudesse subir no banco do motorista. — O que é isso? Para onde vamos?

— Podemos conversar enquanto dirigimos, ou podemos conversar agora e perder tempo.

A única razão pela qual Reid poderia conceber para Watson estar lá era se a agência o enviasse, com a intenção de pegar o Agente Zero para que eles pudessem ficar de olho nele.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não vou para Langley.

— Nem eu — respondeu Watson. — Estou aqui para ajudar. Entre no carro. Ele deslizou para o banco do motorista.

Reid hesitou por um breve momento. Ele precisava estar na estrada, mas não tinha destino. Ele precisava de uma pista. Reid não tinha motivos para acreditar que ele estivesse mentindo; Watson era um dos agentes mais honestos e dentro das regras que ele já conheceu.

Reid sentou no assento do passageiro ao lado dele. Com seu braço direito em uma tipoia, Watson teve que estender o outro braço sobre seu corpo para conduzir e guiar o volante com uma mão. Eles se afastaram em segundos, indo a mais de vinte acima do limite de velocidade, movendo-se rapidamente, mas evitando a fiscalização.

Ele olhou para a bolsa preta no colo de Reid.

— Onde você estava planejando ir?

— Eu tenho que encontrá-las, John. — Sua visão se turvou com o pensamento delas lá fora, sozinhas, nas mãos daquele louco assassino.

— Sozinho? Desarmado, com um celular de civil? — Agente Watson sacudiu a cabeça. Você deveria ter pensado melhor.

— Eu já conversei com Cartwright — Reid disse amargamente.

Watson zombou.

— Você acha que Cartwright estava sozinho na sala quando falou com você? Você acha que ele estava em uma linha segura, em um escritório em Langley?

Reid franziu a testa.

— Eu não tenho certeza se entendo. Parece que você está sugerindo que Cartwright quer que eu faça a coisa que ele acabou de me dizer para não fazer.

Watson balançou a cabeça, sem tirar os olhos da estrada.

— Está mais para ele saber que você vai fazer a coisa que ele acabou de lhe dizer para não fazer, quer ele queira ou não. Ele te conhece melhor que ninguém. Do jeito que ele vê, a melhor maneira de evitar outro problema é garantir que você tenha algum apoio desta vez.

— Ele mandou você — Reid murmurou. Watson não confirmou nem negou, mas ele não precisou. Cartwright sabia que Zero estava indo atrás de suas filhas; a conversa deles foi em benefício de outros ouvidos em Langley. Ainda assim, conhecendo a tendência de Watson em seguir o protocolo, não fazia sentido para Reid por que ele iria ajudar. — E quanto a você? Por que está fazendo isso?

Watson apenas deu de ombros.

— Há duas crianças lá fora. Assustadas, sozinhas, em mãos erradas. Não gosto muito disso.

Não era realmente uma resposta, e pode até não ter sido a verdade, mas Reid sabia que era o melhor que ele conseguiria tirar do agente estoico.

Ele não pôde deixar de pensar que parte da anuência de Cartwright em ajudá-lo era uma medida de culpa. Por duas vezes, enquanto estava fora, Reid pediu ao diretor adjunto que colocasse suas filhas em um local seguro. Contudo, em vez disso, ele inventou desculpas sobre a mão de obra e a falta de recursos... *E agora elas estavam desaparecidas.*

Cartwright poderia ter evitado isso. Ele poderia ter ajudado. Mais uma vez Reid sentiu seu rosto ficar quente quando uma onda de raiva cresceu dentro dele, e novamente ele a reprimiu. Agora não era hora para isso. Agora era a hora de ir atrás delas. Nada mais importava.

Vou encontrá-las. Vou resgatá-las. E eu vou matar o Rais.

Reid respirou fundo, pelo nariz e pela boca.

— Então, o que sabemos até agora?

Agente Watson sacudiu a cabeça. Não muito. Descobrimos logo depois de você, quando ligou para os policiais. Mas a agência está agindo no caso. Nós devemos ter uma pista em breve.

— Quem está no caso? Alguém que eu conheço?

— O Diretor Mullen deu o caso para as Operações Especiais, então Riker está assumindo a liderança...

Reid zombou outra vez. Menos de quarenta e oito horas atrás, ele recuperou uma memória, uma de sua antiga vida como o agente Kent Steele. Ainda estava embaçada e fragmentada, mas era sobre uma conspiração, algum tipo de encobrimento do governo. Uma guerra pendente. Dois anos atrás, ele sabia disso - pelo menos sabia de alguma parte - e estava trabalhando para construir um caso. Independentemente de quão pouco ele sabia, ele estava certo de que pelo menos alguns membros da CIA estavam envolvidos.

No topo de sua lista estava a recém-nomeada Diretora Assistente, Ashleigh Riker, chefe do Grupo de Operações Especiais. Com sua falta de confiança nela, ele definitivamente não esperava que ela desse seu melhor para encontrar suas filhas.

— Ela designou um cara novo, jovem, mas capaz — continuou Watson.

— O nome é Strickland. Ele é um ex-Ranger do exército, excelente rastreador. Se alguém pudesse descobrir quem fez isso, seria ele. Além de você, é claro.

— Eu *sei* quem fez isso, John. — Reid balançou a cabeça amargamente. Ele imediatamente pensou em Maria; ela era uma agente, uma amiga, talvez mais - e definitivamente uma das únicas pessoas em quem Reid podia confiar. Da última que ele ouviu, Maria Johansson estava em uma missão rastreando Rais na Rússia. — Eu preciso entrar em contato com a Johansson. Ela deve saber o que aconteceu. Ele sabia que, até que pudesse provar que era Rais, a CIA não a traria de volta.

— Você não poderá fazer isso, não enquanto estiver em campo — respondeu Watson. — Porém, eu posso tentar falar com ela de outra maneira. Vou pedir para que ela te ligue quando conseguir encontrar uma linha segura.

Reid assentiu. Ele não gostava de não poder contatar Maria, mas tinha pouca escolha. Os telefones pessoais nunca eram levados em operações, e a CIA provavelmente estaria monitorando sua atividade.

— Você vai me dizer para onde estamos indo? — Reid perguntou. Ele estava ficando ansioso.

— Para alguém que possa ajudar. Aqui. — Ele jogou para Reid um pequeno telefone flip prateado, um descartável que a CIA não conseguia localizar a menos que soubessem dele e tivessem o número. — Tem alguns números programados nele. Um é uma linha segura para mim. Outro é para o Mitch.

Reid piscou. Ele não conhecia um Mitch.

— Quem diabos é Mitch?

Em vez de responder, Watson guiou o SUV para fora da estrada e entrou na garagem de uma oficina de automóveis chamada Third Street Garage. Ele manobrou o veículo em uma vaga de garagem aberta e estacionou. Assim que desligou a ignição, a porta desceu lentamente atrás deles.

Ambos saíram do carro enquanto os olhos de Reid se ajustavam à escuridão relativa. Então as luzes piscaram, lâmpadas fluorescentes brilhantes que faziam pontos nadarem em sua visão.

Ao lado do SUV, na segunda vaga da garagem, estava um carro preto, um modelo Trans Am, do final da década de 1980. Não era muito mais jovem do que ele, mas a pintura parecia nova em folha.

Também na garagem com eles estava um homem. Ele usava macacão azul-escuro que mal escondia manchas salpicadas de graxa. Suas feições estavam encobertas por uma massa emaranhada de barba marrom e um boné vermelho de beisebol puxado para baixo sobre a testa, a aba descolorida com suor seco. O mecânico limpou lentamente as mãos em um trapo sujo e manchado de óleo, olhando para Reid.

— Este é o Mitch — disse Watson. — Mitch é um amigo.

Ele jogou um molho de chaves para Reid e gesticulou para o Trans Am.

— É um modelo antigo, então não tem GPS. É confiável. Mitch vem consertando isso nos últimos anos. Então tente não destruí-lo.

— Obrigado. — Ele estava esperando algo mais discreto, mas, pegaria o que pudesse. — Que lugar é este?

— Isso... Isso é uma garagem, Kent. Eles consertam carros aqui.

Reid revirou os olhos.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— A agência já está tentando manter olhos e ouvidos em você — explicou Watson. — De qualquer forma que eles puderem te rastrear, eles vão. Às vezes, em nossa linha de trabalho, você precisa de... Amigos do

lado de fora, por assim dizer. — Ele gesticulou novamente em direção ao mecânico corpulento. — Mitch é um informante da CIA, alguém que eu recrutei dos meus dias na Divisão de Recursos Nacionais. Ele é especialista em “aquisição de veículos”. Se você precisa ir a algum lugar, ligue para ele.

Reid assentiu. Ele não sabia que Watson esteve na recruta de informantes antes de ser um agente de campo - embora, para ser justo, ele não tinha certeza se John Watson era seu nome verdadeiro.

— Vamos, eu tenho algumas coisas para você. — Watson abriu o portamalas e, em seguida, o zíper de uma bolsa de lona preta.

Reid deu um passo para trás, impressionado; dentro do saco havia uma série de suprimentos, incluindo aparelhos de gravação, uma unidade de rastreamento GPS, um scanner de frequência e duas pistolas - uma Glock 22 e sua escolha reserva, a Ruger LC9.

Ele balançou a cabeça em descrença.

— Como você conseguiu tudo isso?

Watson deu de ombros.

— Tive um pouco de ajuda de um amigo em comum.

Reid não precisou perguntar. *Bixby*. O excêntrico engenheiro da CIA que passava a maior parte de suas horas de vigília em um laboratório subterrâneo de pesquisa e desenvolvimento, abaixo de Langley.

— Você e ele se conhecem há tempos, mesmo que não se lembre de tudo. Disse Watson. — Embora ele tenha se certificado de mencionar que você ainda lhe deve alguns testes.

Reid assentiu. Bixby foi um dos co-inventores do supressor de memória experimental, que havia sido instalado em sua cabeça, e o engenheiro perguntou se poderia fazer alguns testes na cabeça de Reid.

Ele pode abrir meu crânio se isso significar trazer minhas garotas de volta. Ele sentiu outra onda poderosa e esmagadora de emoção se chocar contra si, sabendo que havia pessoas dispostas a quebrar as regras, a se colocar em perigo para ajudá-lo - pessoas de quem ele mal conseguia se lembrar, mesmo tendo um relacionamento próximo. Ele piscou para segurar a ameaça de lágrimas que tentavam deixas seus olhos.

— Obrigado, John. De verdade.

— Não me agradeça ainda. Nós mal começamos. O telefone de Watson tocou em seu bolso. — Deve ser Cartwright. Dê-me um minuto. — Ele recuou para um canto para atender a chamada, sua voz baixa.

Reid fechou o saco e o porta-malas. Enquanto o fazia, o mecânico grunhiu, fazendo um som entre limpar a garganta e murmurar alguma coisa.

— Você... Disse alguma coisa? — Reid perguntou.

— Disse que sinto muito. Sobre suas filhas. — A expressão de Mitch estava bem escondida atrás de sua barba marrom grisalha e o boné de baseball, porém, sua voz soou genuína.

— Você sabe sobre... Elas?

O homem assentiu.

— Já está no noticiário. As fotos delas, um disque-denúncia para informar pistas ou avistamentos.

Reid mordeu o lábio. Ele não tinha pensado nisso, a publicidade e a conexão invariável com ele. Ele imediatamente pensou na tia delas, Linda, que morava em Nova York. Esse tipo de coisa tinha um jeito de se espalhar rapidamente e, se ela soubesse disso, ficaria preocupada, ligaria sem parar para o telefone de Reid pedindo informações e não receberia nenhuma.

— Tenho algo — disse Watson de repente. — A caminhonete de Thompson foi encontrada em uma parada de descanso a setenta milhas ao sul daqui, na interestadual 95. Uma mulher foi encontrada morta no local. Sua garganta foi cortada, seu carro desapareceu, a identificação foi tirada.

— Então não sabemos quem ela era? — Reid perguntou.

— Ainda não. Mas estamos trabalhando nisso. Eu tenho um técnico infiltrado fazendo varreduras na rádio da polícia e mantendo um olho em transmissões via satélite. Assim que algo for relatado, você saberá.

Reid grunhiu. Sem um documento de identificação, eles não conseguiriam encontrar o veículo. Mesmo que não fosse uma grande vantagem, ainda assim era algo para ir atrás, e ele estava ansioso para seguir o rastro. Ele abriu a porta do Trans Am quando perguntou:

— Qual saída?

Agente Watson sacudiu a cabeça.

— Não vá até lá, Kent. Estará cheio de policiais e tenho certeza de que o Agente Strickland está a caminho.

— Serei cuidadoso. — Ele não confiava que a polícia ou este agente novato encontraria tudo o que ele conseguiria encontrar. Além disso, se Rais estivesse jogando assim, da forma com que Reid achava que ele faria, poderia haver outra pista na forma de uma provocação, algo destinado apenas a ele.

A foto de suas garotas relampejou novamente em sua memória, a que Rais enviara do telefone de Maya, e isso o lembrou de uma última coisa.

— Aqui, fique com isso por mim. — Ele entregou a Watson seu celular pessoal. — Rais tem o número da Sara, e eu tenho o telefone dela encaminhando para o meu. Se alguma coisa acontecer, eu quero saber a respeito.

— Claro. A cena do crime está na saída sessenta e três. Você precisa de mais alguma coisa?

— Não se esqueça de pedir para a Maria me ligar. — Ele ajeitou o banco atrás do volante do carro esportivo e acenou para Watson. — Obrigado. Por toda sua ajuda.

— Não faço isso por você — Watson lembrou sombriamente. — Faço isso por aquelas crianças. E Zero, se eu for descoberto, se ficar comprometido de alguma forma, se eles descobrirem o que estou fazendo com você, eu caio fora. Você entendeu? Não posso me dar ao luxo de entrar na lista negra da agência.

O instinto inicial de Reid foi uma rápida onda de raiva - *isso é sobre minhas filhas e ele tem medo de ser colocado na lista negra?* - mas ele a sufocou tão rápido quanto ela surgiu. Watson era um aliado inesperado em tudo isso e o homem estava se arriscando pelas meninas. Não por ele, mas pelas suas duas filhas, que ele só conhecera brevemente.

Reid assentiu com firmeza.

— Eu entendo.

Ao mecânico solene e de poucas palavras, acrescentou:

— Obrigado, Mitch. Aprecio sua ajuda.

Mitch grunhiu em resposta e pressionou o interruptor para abrir a porta daquela vaga da garagem, enquanto Reid subia no Trans Am. O interior era todo de couro preto, limpo e agradável. O motor ligou imediatamente e cantou sob o capô. *Um modelo de 1987, seu cérebro lhe disse. Motor V8 de 5,0 litros. Pelo menos duzentos e cinquenta cavalos de potência.*

Ele saiu da Third Street Garage e dirigiu-se para a estrada, com as mãos firmemente enroladas no volante. Os horrores que estavam girando em sua cabeça anteriormente foram substituídos por uma determinação de aço, uma determinação sólida. Tinha um disque-denúncia. A polícia estava agindo. A CIA estava agindo. E agora ele também estava na estrada atrás delas.

Estou a caminho. Papai está indo até vocês.

E até ele.

CAPÍTULO CINCO

— Vocês deveriam comer. O assassino gesticulou para uma caixa de comida chinesa na mesa de cabeceira ao lado da cama.

Maya negou com a cabeça. A comida já tinha esfriado há muito tempo e ela não estava com fome. Em vez disso, ela se sentou na cama com os joelhos dobrados, Sara encostada nela com a cabeça no colo da irmã mais velha. As meninas foram algemadas juntas, o pulso esquerdo de Maya com o direito de Sara. Onde ele havia conseguido as algemas, ela não sabia, mas o assassino as avisara várias vezes que, se uma delas tentasse alguma coisa para escapar ou fizesse barulho, a outra sofreria como consequência.

Rais estava sentado em uma poltrona perto da porta do quarto sujo do motel, com carpete laranja e paredes amarelas. O quarto cheirava a mofo e o banheiro cheirava a água sanitária. Eles estavam lá há horas; o antigo despertador de cabeceira informava, em números vermelhos de LED, que eram duas e meia da manhã. A televisão estava ligada, sintonizada em um canal de notícias com o volume baixo.

Uma caminhonete branca estava estacionada do lado de fora, a poucos metros da porta; depois de escurecer, o assassino a roubou de um estacionamento de carros usados. Foi a terceira vez que eles trocaram de carro naquele dia, da caminhonete de Thompson para o sedan azul e agora para o SUV branco. Cada vez que mudavam, Rais mudava de direção, seguindo primeiro para o sul, depois para o norte e depois para o nordeste em direção à costa.

Maya entendeu o que ele estava fazendo; um jogo de gato e rato, deixando os veículos roubados em locais diferentes, para que as autoridades não tivessem ideia de para onde estavam indo. O quarto de motel ficava a menos de dezesseis quilômetros de Bayonne, não muito longe da fronteira de Nova Jersey e Nova York. O próprio motel era uma faixa de prédios tão degradada e, francamente, nojenta que dirigir por ele dava a impressão de estar fechado há anos.

Nenhuma das meninas dormiu muito. Sara cochilou nos braços de Maya, por vinte ou trinta minutos de cada vez antes de despertar com um sobressalto e um gemido enquanto acordava de qualquer sonho que estivesse tendo e lembrava onde estava.

Maya lutou contra o cansaço, tentando ficar acordada o máximo que podia - Rais tinha que dormir uma hora, ela sabia, e isso poderia lhes

proporcionar alguns preciosos minutos que precisavam para fugir. Porém, o motel estava localizado em um parque industrial. Ela viu quando eles chegaram que não havia casas por perto nem outros negócios que estariam abertos a essa hora da noite. Ela nem tinha certeza de que alguém estaria no escritório do motel. Elas não teriam para onde ir a não ser vagar durante a noite, e as algemas as atrasariam.

Por fim, Maya sucumbiu ao cansaço e, a contragosto, cochilou. Ela tinha dormido por menos de uma hora quando acordou com um ligeiro suspiro e depois suspirou novamente quando, surpresa, viu Rais sentado na poltrona a apenas um metro de distância.

Ele estava olhando diretamente para ela, os olhos bem abertos. Apenas assistindo.

Isso fez a pele dela arrepiar... Até que um minuto inteiro passou, depois outro. Ela o observou, encarando de volta, seu medo se misturando com curiosidade. E então ela percebeu.

Ele dorme de olhos abertos.

Ela não tinha certeza se isso era mais perturbador do que acordar e encontrá-lo olhando para ela ou não.

Então ele piscou, e ela deu mais outro suspiro assustado, o coração pulando em sua garganta.

— Nervos faciais danificados — ele disse baixinho, quase um sussurro. — Eu ouvi dizer que pode ser bastante perturbador. — Ele gesticulou para a caixa de sobras de comida chinesa que havia sido entregue no quarto, horas antes. — Vocês deveriam comer.

Ela negou com a cabeça, embalando Sara em seu colo.

O canal de notícias em baixo volume repetia as principais manchetes do dia anterior. Uma organização terrorista foi considerada responsável pela liberação de um vírus mortal de varíola na Espanha e em outras partes da Europa; seu líder, assim como o vírus, tinha sido apreendido e vários outros membros estavam sob custódia das autoridades. Naquela tarde, os Estados Unidos tinham retirado oficialmente sua proibição internacional de viagem a todos os países, com exceção de Portugal, Espanha e França, onde havia ainda alguns incidentes isolados de varíola alterada. Mas todos pareciam confiantes de que a Organização Mundial da Saúde tinha a situação sob controle.

Maya suspeitava que seu pai tivesse sido enviado para ajudar nesse caso. Ela se perguntou se ele tinha sido o responsável por derrubar o líder.

Ela se perguntou se ele já estava de volta ao país.

Se ele havia encontrado o corpo do Sr. Thompson. Se ele tinha percebido que estavam desaparecidas - ou se *qualquer pessoa* tivesse percebido que estavam desaparecidas.

Rais sentou-se na cadeira amarela com um celular descansando no apoio de braço. Era um telefone de estilo antigo, praticamente pré-histórico pelos padrões de hoje - não era bom para nada além de ligações e mensagens. Um telefone descartável, Maya ouvira essas coisas na TV. Ele não se conectava à internet e não tinha GPS, que ela sabia, por programas policiais - o que significava que só poderia ser rastreado pelo número de telefone, que alguém teria que ter.

Rais, ao que parecia, estava esperando por algo. Uma chamada ou uma mensagem. Maya queria, desesperadamente, saber para onde estavam indo, se havia um destino. Ela suspeitava que Rais quisesse que o pai delas os encontrasse, os localizasse, mas o assassino não parecia estar com pressa de chegar a lugar nenhum. Era este o seu jogo? Ela se perguntou, roubar carros e mudar de direção, iludindo as autoridades, na esperança de que seu pai fosse o único a encontrá-los primeiro? Eles apenas continuariam saltando de um lugar para outro até que houvesse uma disputa?

De repente, um toque monofônico soou no telefone ao lado de Rais. Sara saltou ligeiramente em seus braços com a intrusão aguda.

— Alô — Rais atendeu ao telefone sem rodeios. — *Ano.* — Ele se levantou da cadeira pela primeira vez em três horas enquanto trocava o inglês por uma língua estrangeira. Maya sabia apenas inglês e francês, e ela podia reconhecer um punhado de outras línguas de palavras e sotaques únicos, mas ela não conhecia essa. Era uma língua gutural, mas não totalmente desagradável.

Russo? Ela pensou. *Não. Polonês, talvez.* Não adianta adivinhar; ela não podia ter certeza, e saber não a ajudaria a entender nada do que estava sendo dito.

Ainda assim, ela ouviu, notando o uso frequente de sons de “z” e “ski”, tentando identificar cognatos, o que pareceu não haver nenhum.

Havia uma palavra que ela conseguiu distinguir, e isso fez seu sangue gelar.

— Dubrovnik — disse o assassino, como se fosse confirmado.

Dubrovnik? A geografia era um das suas melhores matérias; Dubrovnik era uma cidade no sudoeste da Croácia, um famoso porto e destino turístico

popular. Contudo, muito mais importante do que isso foi a implicação da palavra mencionada.

Isso significava que Rais planejava tirá-las do país.

— *Ano* — disse ele (o que parecia ser uma afirmação; ela supôs que significa “sim”). E então:

— Porto de Nova Jersey.

Eram as únicas duas palavras inglesas em toda a conversa, além do “olá”, e ela as compreendeu facilmente. O motel deles já estava perto de Bayonne, a uma curta distância do porto industrial de Nova Jersey. Ela já o tinha visto muitas vezes antes, atravessando a ponte de Jersey para Nova York ou voltando, pilhas sobre pilhas de contêineres multicoloridos sendo carregados por guindastes em enormes navios escuros que os levariam para o exterior.

O ritmo de seu batimento cardíaco triplicou. Rais iria tirá-las dos Estados Unidos pelo Porto de Nova Jersey em direção à Croácia. E de lá... Ela não tinha ideia, e ninguém mais teria. Haveria pouca esperança de serem encontradas novamente.

Maya não podia permitir isso. Sua decisão de lutar se fortaleceu; sua determinação em fazer algo sobre essa situação voltou à vida.

O trauma de ver Rais cortando a garganta da mulher no banheiro da parada de descanso, mais cedo naquele dia, ainda permanecia; ela viu quando a mulher fechou os olhos. O olhar vago e morto. A poça de sangue quase tocando seus pés. Então ela tocou o cabelo de sua irmã e sabia que aceitaria absolutamente o mesmo destino se isso significasse que Sara estaria segura e longe deste homem.

Rais continuou sua conversa na língua estrangeira, usando frases curtas e pontuadas. Ele se virou e separou as grossas cortinas ligeiramente, apenas alguns centímetros ou mais, para espiar o estacionamento.

Ele estava de costas para ela, provavelmente pela primeira vez desde que chegaram ao motel decadente.

Maya estendeu a mão e cuidadosamente abriu a gaveta da mesa de cabeceira. Era tudo o que ela conseguia alcançar, algemada a sua irmã e sem se mexer da cama. Seu olhar passou nervosamente pelas costas de Rais e depois para a gaveta.

Havia uma Bíblia nela, muito antiga, com a lombada descascada e lascada. Ao lado havia uma simples caneta esferográfica azul.

Ela a pegou e fechou a gaveta novamente. Quase no mesmo instante, Rais se virou. Maya congelou, a caneta apertada em seu punho fechado.

Mas ele não lhe deu nenhuma atenção. Ele parecia entediado com a ligação agora, ansioso para desligar o telefone. Algo na televisão chamou sua atenção por alguns segundos e Maya escondeu a caneta na cintura elástica da calça de pijama de flanela.

O assassino grunhiu um adeus indiferente e terminou a ligação, jogando o telefone na poltrona. Ele se virou para eles, examinando cada uma. Maya olhou para frente, seu olhar tão vazio quanto ela conseguia, fingindo assistir ao noticiário. Aparentemente satisfeito, ele voltou a seu posto na cadeira novamente.

Maya gentilmente acariciou as costas de Sara com a mão livre enquanto sua irmã mais nova olhava para a televisão, ou talvez para o nada, seus olhos semicerrados. Depois que o incidente no banheiro da parada de descanso, demorou horas para que Sara parasse de chorar, mas agora ela simplesmente estava ali, com o olhar vazio e vidrado. Parecia que ela não tinha mais nada.

Maya passou os dedos para cima e para baixo na espinha de sua irmã na tentativa de confortá-la. Não havia como elas se comunicarem entre si; Rais deixara claro que não lhes era permitido falar a menos que lhes fizesse uma pergunta. Não havia como Maya enviar uma mensagem, criar um plano.

Embora... Talvez não tenha que ser verbal, ela pensou.

Maya parou de tocar as costas da irmã por um momento. Quando ela recomeçou, ela pegou seu dedo indicador e, sorrateiramente, desenhou a forma de uma letra entre as omoplatas de Sara - um grande A.

Sara ergueu a cabeça curiosamente por um momento, mas ela não olhou para Maya nem disse nada. Maya esperava desesperadamente que ela entendesse.

P, ela desenhou em seguida.

Então E.

Rais sentou-se na cadeira, na visão periférica de Maya. Ela não ousou olhar para ele por medo de parecer suspeita. Em vez disso, ela olhou para frente, como sempre, e desenhou as letras.

R. T. E.

Ela moveu o dedo de forma lenta, deliberada, parando por dois segundos entre cada letra e cinco segundos entre cada palavra até que ela soletrasse sua mensagem.

Aperte minha mão se você entender.

Maya nem viu Sara se mexer. Mas suas mãos estavam próximas, por estarem algemadas juntas, e ela sentiu dedos frios e úmidos fecharem-se ao redor dos seus por um momento.

Ela entendeu. Sara entendeu a mensagem.

Maya começou de novo, movendo-se o mais lentamente possível. Não havia pressa, e ela precisava ter certeza de que Sara entendesse cada palavra.

Se você tiver uma chance, ela escreveu, corra.

Não olhe para trás.

Não espere por mim.

Encontre ajuda. Encontre o papai.

Sara ficou ali, quieta e perfeitamente imóvel, durante toda a mensagem. Eram três e quinze antes de Maya terminar. Finalmente, ela sentiu o toque frio de um dedo fino na palma da mão esquerda, aninhada parcialmente sob a bochecha de Sara. O dedo traçou um padrão na palma da mão dela, a letra N.

Não sem você, a mensagem de Sara dizia.

Maya fechou os olhos e suspirou.

Você tem que fazer, ela escreveu de volta. Ou não haverá chance para nenhuma de nós.

Ela não deu a Sara a oportunidade de responder. Assim que terminou a mensagem, ela limpou a garganta e disse baixinho:

— Eu tenho que ir ao banheiro.

Rais arqueou uma sobrancelha e apontou para a porta aberta do banheiro, no outro extremo da sala.

— Claro.

— Mas... — Maya levantou o pulso algemado.

— E daí? O assassino perguntou.

— Leve ela com você. Você tem uma mão livre.

Maya mordeu o lábio. Ela sabia o que ele estava fazendo; a única janela no banheiro era pequena, mal tinha tamanho o suficiente para Maya passar completamente e seria totalmente impossível enquanto estava algemada à irmã.

Ela deslizou para fora da cama lentamente, cutucando sua irmã para ir com ela. Sara se moveu mecanicamente, como se tivesse esquecido como usar corretamente seus membros.

— Vocês têm um minuto. Não tranque a porta — alertou Rais. — Se trancar eu vou derrubá-la no chute.

Maya liderou o caminho e fechou a porta do pequeno banheiro, era apertado com as duas lá dentro. Acendeu a luz - quase certa de ter visto uma barata se arrastando para um esconderijo seguro embaixo da pia - e depois ligou o ventilador do banheiro, que zumbia ruidosamente no alto.

— Eu não vou — Sara sussurrou quase imediatamente. — Eu não vou sem...

Maya rapidamente ergueu um dedo a frente dos próprios lábios para sinalizar silêncio. Pelo que ela sabia, Rais estava bem do outro lado da porta com os ouvidos colados nela. Ele não se arriscava.

Ela rapidamente puxou a caneta da bainha de suas calças. Precisava de algo para escrever, e a única coisa disponível era papel higiênico. Maya arrancou alguns pedaços e espalhou-os na pequena pia, mas toda vez que pressionava a caneta, o papel rasgava com facilidade. Ela tentou novamente com alguns pedaços novos, porém, novamente o papel rasgou.

Isso não funciona, ela pensou amargamente. A cortina de chuveiro não ajudaria; era apenas uma folha de plástico pendurada na banheira. Não havia cortinas sobre a pequena janela.

Contudo, havia algo que ela poderia usar.

— Fique parada — ela sussurrou no ouvido da irmã. As calças do pijama de Sara eram brancas com estampa de abacaxi - e elas tinham bolsos. Maya virou um dos bolsos ao avesso e, com o máximo de cuidado, rasgou-o até que ela tirou um pedaço de tecido triangular de bordas ásperas com a estampa de fruta de um lado, porém, era todo branco do outro.

Ela rapidamente achatou-o na pia e escreveu com cuidado enquanto sua irmã observava. A caneta se enroscou várias vezes no tecido, mas Maya mordeu a língua para evitar grunhir em frustração irritada enquanto escrevia uma nota.

Porto de Nova Jersey.

Dubrovnik.

Havia mais que ela queria escrever, mas estava quase sem tempo. Maya guardou a caneta embaixo da pia e enrolou a nota de tecido no formato de um cilindro. Então ela olhou em volta desesperadamente para um lugar para esconder a nota. Não podia simplesmente colocá-lo embaixo da pia com a caneta; isso seria muito evidente, e Rais era minucioso. O chuveiro estava fora de questão. Molhar a nota borraria a tinta.

Uma batida abrupta na porta do banheiro assustou as duas.

— Já passou um minuto — disse Rais claramente do outro lado.

— Estou quase terminando — ela disse apressadamente. Ela prendeu a respiração enquanto levantava a tampa da caixa de descarga da privada, esperando que o ventilador do banheiro abafasse qualquer ruído. Enfiou a nota enrolada pela corrente no mecanismo de descarga, alto o suficiente para não tocar na água.

— Eu disse que você tem um minuto. Estou abrindo a porta.

— Só me dê alguns segundos, por favor! — Maya implorou quando ela rapidamente recolocou a tampa. Por fim, ela puxou alguns cabelos da cabeça e os jogou sobre a caixa fechada. Com alguma sorte - com muita sorte - qualquer um que seguisse o rastro delas reconheceria a pista.

Ela só podia esperar.

A maçaneta da porta do banheiro girou. Maya deu descarga e se agachou em um gesto para sugerir que estava levantando a calça do pijama.

Rais enfiou a cabeça pela porta aberta e dirigiu o olhar para o chão. Lentamente, ele se aproximou das duas garotas, inspecionando cada uma delas.

Maya prendeu a respiração. Sara pegou a mão algemada da irmã e os dedos entrelaçados.

— Terminou? — ele perguntou devagar.

Ela assentiu.

Ele olhou para a esquerda e para a direita com desgosto.

— Lave as mãos. Este lugar é nojento.

Maya o fez, lavando com um sabonete laranja arenoso enquanto o pulso de Sara pendia fracamente ao lado do dela. Ela secou as mãos na toalha marrom e o assassino assentiu.

— De volta para cama. Vão.

Ela levou Sara de volta para a cama. Rais permaneceu por um momento, olhando ao redor do pequeno banheiro. Então ele desligou o ventilador e a luz e voltou para sua cadeira.

Maya colocou o braço em torno de Sara e a segurou perto de si.

Papai vai achar, ela pensou desesperadamente. Ele encontrará a nota. Eu sei que vai

.

CAPÍTULO SEIS

Reid dirigiu para o sul na interestadual, tentando arduamente manter-se no limite entre o excesso de velocidade e chegar rapidamente ao destino, enquanto se dirigia para a parada onde a caminhonete de Thompson tinha sido abandonada. Apesar de sua ansiedade em conseguir uma pista, encontrar um vestígio, ele estava começando a se sentir otimista por estar na estrada. Sua dor ainda estava presente, sentada pesadamente em seu estômago, como se tivesse engolido uma bola de boliche, mas agora estava envolta em uma concha de firmeza e determinação.

Ele já sentia a familiar sensação de sua persona, Kent Steele, tomando as rédeas enquanto descia a rodovia no Trans Am preto, um porta-malas cheio de armas e aparelhos à sua disposição. Havia tempo e lugar para ser Reid Lawson, mas não era agora. Kent também era o pai delas, as meninas sabendo ou não. Kent tinha sido o marido de Kate. E Kent era um homem de ação. Ele não esperou que a polícia encontrasse uma pista, para que outro agente fizesse o seu trabalho.

Ele estava *indo* encontrá-las. Só precisava saber para onde estavam indo.

A interestadual que se seguia para o sul através do estado da Virgínia era, na maior parte, reta, com duas faixas, ladeadas de ambos os lados por árvores grossas, era completamente monótona. A frustração de Reid crescia a cada minuto que ele não chegava rápido o suficiente.

Por que ao sul? Ele pensou. Para onde Rais as levaria?

O que eu faria se eu fosse ele? Para onde eu iria?

— É isso — disse ele em voz alta para si mesmo quando uma descoberta o atingiu como um golpe na cabeça. Rais queria ser encontrado, mas não pela polícia, pelo FBI ou por outro agente da CIA. Ele queria ser encontrado por Kent Steele - e Kent Steele sozinho.

Não posso pensar em termos do que ele faria. Tenho que pensar no que eu faria.

O que eu faria?

As autoridades diriam que desde que o caminhão foi encontrado ao sul de Alexandria, Rais estava levando as meninas para o sul.

— O que significa que eu iria...

Sua reflexão foi interrompida pelo som estridente do telefone descartável no painel central.

— Vá para o norte — disse Watson imediatamente.

— O que você achou?

— Não há nada para encontrar na parada de descanso. Faça o retorno primeiro. Depois conversaremos.

Reid não precisou que ele dissesse duas vezes. Deixou cair o telefone no painel, passou para a terceira marcha e girou o volante para a esquerda. Não havia muitos carros na estrada naquela hora do dia num domingo; o Trans Am atravessou a pista vazia e derrapou de lado na grama do canteiro central. Suas rodas não rangeram contra o pavimento ou perderam a aderência quando o chão ficou macio embaixo delas - o Mitch deve ter instalado pneus radiais de alto desempenho. O Trans Am derrapou pelo canteiro, a extremidade dianteira girando apenas um pouco enquanto chutava uma cascata de sujeira para trás.

Reid endireitou o carro enquanto atravessava o estreito canteiro seco entre trechos da estrada. Quando o carro encontrou o asfalto novamente, ele estalou a embreagem, moveu o pé e pisou no acelerador. O Trans Am disparou para frente como um raio na pista oposta.

Reid lutou contra a súbita euforia que atingiu seu peito. Seu cérebro reagia fortemente a qualquer coisa que produzia adrenalina; ansiava a emoção, a possibilidade fugaz de perder o controle e o prazer estimulante de recuperá-lo.

— Indo para o norte — disse Reid quando pegou o telefone novamente.

— O que você achou?

— Eu tenho um técnico monitorando as ondas de rádio da polícia. Não se preocupe, confio nele. Um sedan azul foi relatado abandonado em um lote de carros usados esta manhã. Nela encontraram uma bolsa, com identidades e cartões combinando com a mulher que foi morta na parada de descanso.

Reid franziu a testa. Rais roubou o carro e o largou rapidamente.

— Onde?

— Esse é o ponto. Está a cerca de duas horas ao norte da sua localização atual, em Maryland.

Ele riu em frustração.

— Duas horas? Eu não tenho esse tempo a perder. Ele já tem uma grande vantagem sobre nós.

— Estou trabalhando nisso — disse Watson, enigmaticamente. — Tem mais. A concessionária diz que há um carro faltando no estacionamento -

um SUV branco de oito anos. Não temos nada para rastreá-lo além de esperar que ele seja encontrado. A imagem por satélite seria como procurar uma agulha num palheiro...

— Não — disse Reid. — Não se preocupe. O SUV provavelmente será outro beco sem saída. Ele está brincando com a gente. Mudando de direção, tentando nos jogar para longe de onde quer que ele esteja realmente as levando.

— Como você sabe disso?

— Porque é isso que eu faria — ele pensou por um momento. Rais já tinha uma pista sobre eles; eles precisavam estar à frente de seu jogo, ou pelo menos a par com ele. — Faça seu técnico investigar qualquer carro roubado nas últimas doze horas, entre aqui e Nova York.

— Essa é uma rede bem grande para jogar — observou Watson.

Ele estava certo; Reid sabia que um carro era roubado a cada quarenta e cinco segundos nos EUA, chegando a centenas de milhares por ano.

— Tudo bem, exclua os dez modelos mais frequentemente roubados — disse ele. Por mais que não quisesse admitir, Rais era inteligente. Ele provavelmente saberia quais carros evitar e quais visar. — Risque da lista qualquer coisa cara ou chamativa, cores brilhantes, características distintivas, qualquer coisa que os policiais encontrariam facilmente. E, claro, qualquer coisa nova o suficiente para ser equipada com GPS. Concentre-se em locais que não teriam muitas pessoas ao redor - lotes vagos, empresas fechadas, parques industriais, esse tipo de coisa.

— Entendi — confirmou Watson. — Eu ligo de volta quando tiver informações.

— Obrigado. — Ele colocou o telefone no painel central novamente. Ele não tinha duas horas para gastar dirigindo nas estradas. Ele precisava de algo mais rápido, ou uma melhor pista sobre onde suas garotas poderiam estar. Ele se perguntou se Rais voltaria a mudar de direção; talvez fosse para o norte só para virar para o oeste, indo para o interior, ou até mesmo indo para o sul novamente.

Ele olhou para as pistas do tráfego sul. *Eu me pergunto se eu poderia estar passando por eles agora, bem ao meu lado. Eu nunca saberia disso.*

Seus pensamentos foram repentinamente abafados por um som penetrante e familiar - o constante sobe e desce de uma sirene de policial. Reid xingou baixinho enquanto olhava pelo espelho retrovisor para ver uma viatura da polícia atrás dele, com as luzes vermelha e azul piscando.

Não é o que eu preciso agora. O policial deve tê-lo visto cruzar o canteiro. Ele olhou de novo; a viatura era um modelo Caprice. Motor de 5,7 litros. Velocidade máxima de duzentos e quarenta. Duvido que a Trans Am possa aguentar isso. Mesmo assim, ele não estava disposto a parar e perder um tempo precioso.

Em vez disso, ele pisou no acelerador outra vez, saltando dos cento e trinta que estava fazendo para mais de cento e sessenta quilômetros por hora. A viatura manteve o ritmo, ganhando em velocidade sem esforço. Ainda Reid manteve ambas as mãos no volante, as mãos firmes, a familiaridade e a emoção de uma perseguição em alta velocidade voltando para ele.

Exceto que desta vez era ele quem estava sendo perseguido.

O telefone tocou novamente.

— Você estava certo — apontou Watson. — Eu tenho um... Espera, isso é uma sirene?

— Claro que é — Reid murmurou. — Algo que você possa fazer a respeito?

— Eu? Não em uma missão não oficial.

— Não posso fugir dele...

— Mas você pode despistá-lo — respondeu Watson. — Ligue para o Mitch.

— Ligar para o Mitch? — Reid repetiu sem expressão. — E dizer o quê exatamente...? Alô?

Watson já havia desligado. Reid xingou baixinho e ultrapassou uma minivan, voltando para a pista da esquerda com uma das mãos enquanto manuseava o celular. Watson disse a ele que havia salvado um número para o mecânico no telefone.

Ele encontrou um número rotulado com apenas a letra “M” e ligou, enquanto a sirene continuava a tocar atrás dele.

Alguém respondeu, mas não falou nada.

— Mitch? — ele perguntou.

O mecânico grunhiu em resposta.

Atrás dele, o policial entrou na faixa da direita e acelerou, tentando chegar ao seu lado. Reid empurrou o volante rapidamente e o Trans Am deslizou impecavelmente para a pista, bloqueando o carro da polícia. Atrás das janelas fechadas e do rugido do motor, ele podia ouvir vagamente o eco de um sistema de som, o policial ordenando que ele parasse.

— Mitch, eu estou, uh... — *O que eu devo dizer?* — Eu estou a cerca de cento e oitenta pela interestadual 95 com um policial no meu pé. — Ele olhou no espelho retrovisor e gemeu quando uma segunda viatura adentrou na rodovia, vinda de um dos ponto de observação de velocidade. — Agora são dois.

— Tudo bem — disse Mitch rispidamente. — Dê um minuto.

Ele parecia cansado, como se a ideia de uma perseguição policial em alta velocidade fosse tão blasé quanto uma ida ao supermercado.

— Dê *o quê* um minuto?

— Distração — resmungou Mitch.

— Eu não tenho certeza se tenho um minuto — protestou Reid. — Eles provavelmente já checaram a placa.

— Não se preocupe com isso. É falsa. Sem registro.

Isso não vai inspirá-los a cancelar a perseguição, Reid pensou sombriamente.

— Que tipo de distração... Alô? Mitch? — Ele jogou o telefone no banco do passageiro, irritado.

Com as duas mãos de volta ao volante, Reid desviou-se de uma caminhonete, de volta à pista rápida, e pisou fundo no acelerador. O Trans Am respondeu com zelo, rugindo para frente enquanto a agulha do velocímetro saltava para duzentos e dez. Ele disparou em meio ao tráfego muito mais lento, entrando e saindo de ambas as pistas, usando o acostamento, contudo, ainda assim, o par de viaturas continuava no seu encaicho.

Não posso ir mais rápido que eles. Mas posso desviar melhor que eles. Vamos, Kent. Dê-me algo. Acontecera várias vezes ao longo do último mês, desde que o supressor de memória havia sido removido, uma habilidade específica de sua antiga vida como agente da CIA viria à tona em momentos de necessidade. Ele não sabia que falava árabe até se deparar com terroristas o torturando por informações. Ele não sabia que poderia se defender de três assassinos corpo a corpo até ter que lutar por sua vida.

É isso. Eu só tenho que me colocar em uma situação desesperadora.

Reid agarrou o freio de emergência logo atrás do câmbio de marchas e puxou-o para cima. Imediatamente, veio um ruído horrível de dentro do Trans Am e o cheiro de algo queimando. Ao mesmo tempo, suas mãos giraram o volante para a direita e o Trans Am derrapou com força, sua

extremidade traseira mais uma vez cruzando o canteiro como se ele estivesse tentando girar na direção oposta.

Os dois carros da polícia seguiram o exemplo, pisando no freio e tentando dar a volta. Mas quando eles pisaram no freio, voltados para o sul, Reid continuou no giro, completando um total de trezentos e sessenta graus. Ele empurrou o freio de emergência, mudou de posição e pisou fundo novamente. O carro esportivo deu um solavanco e deixou os policiais confusos literalmente na poeira.

Reid soltou um grito de vitória enquanto seu coração pulsava no peito. Sua excitação, no entanto, foi de curta duração. Ele estava com o pé firme no acelerador, tentando manter a velocidade, mas o Trans Am estava perdendo força. A agulha do velocímetro caiu para cento e cinquenta, depois cento e quarenta e cinco diminuindo rapidamente. Ele estava na quinta marcha, mas sua manobra de freio elétrico deve ter destruído um cilindro, ou então sugado poeira para dentro do motor.

O grito ensurdecedor de sirenes piorou as más notícias. As duas viaturas estavam atrás dele e se aproximando rapidamente, agora acompanhadas por uma terceira. O tráfego da rodovia se afastou para abrir caminho, já que Reid tinha que entrar e sair das pistas, tentando desesperadamente manter a agulha do velocímetro alta em pouquíssimo tempo.

Ele grunhiu. Seria impossível escapar da polícia nesse ritmo. Eles não estavam a mais de cinquenta metros atrás dele e estavam se aproximando. As viaturas formavam um triângulo, um em cada pista, com o terceiro dividindo a linha atrás deles.

Eles vão tentar a manobra PIT - enganchar o carro e forçá-lo para o lado.

Vamos, Mitch. Onde está minha distração? Ele não fazia ideia do que o mecânico tinha planejado, mas realmente precisava dele no momento em que as viaturas diminuía a distância até o carro esportivo, que já falhava.

Ele obteve sua resposta no instante seguinte, quando algo imenso entrou em sua visão periférica.

Na direção sul da rodovia, um caminhão articulado invadiu o canteiro central à, pelo menos, cento e dez por hora, seus pneus enormes saltando violentamente sobre os sulcos na grama. Quando alcançou a pista novamente - indo na direção errada - balançou perigosamente e o tanque de prata, que o caminhão estava puxando, virou para o lado, caindo sobre ele.

CAPÍTULO SETE

Por um instante, o tempo desacelerou quando Reid percebeu, ele e o carro inteiro estavam enterrados na sombra de uma máquina de dezoito rodas que praticamente deixou o chão.

Naquele momento, estranhamente imóvel, ele pôde ver, claramente, as grandes letras azuis estampadas na lateral do tanque - “POTÁVEL”, diziam - quando o caminhão se abaixou, pronto para esmagá-lo, o Trans Am, e qualquer esperança de encontrar suas filhas.

Seus hemisférios cerebrais pareciam ter se fechado à sombra do enorme caminhão, mas seus membros se moviam como se tivessem mentes próprias. O instinto tomou conta quando a mão direita agarrou o freio de mão novamente e puxou. A mão esquerda girou a roda no sentido horário e o pé esmagou o pedal do acelerador contra o tapete de borracha. O Trans Am virou de lado e saiu em disparada, paralelo ao caminhão, de volta à luz do sol e saindo de baixo dele.

Reid sentiu o impacto do caminhão esmagando a estrada mais do que ouviu. O tanque de prata bateu no asfalto entre o Trans Am e os carros da polícia, chegando a menos de trinta metros. Freios gritaram e as viaturas derraparam para o lado quando o enorme tanque de prata se abriu nas juntas trincadas e liberou sua carga.

Nove mil galões de água limpa caíram em cascata e correram sobre os carros da polícia, empurrando-os para trás como uma corrente agressiva.

Reid não parou para ver a repercussão. O Trans Am mal chegava a cento e dez com o pedal todo para baixo, então ele se endireitou e seguiu na estrada o melhor que pôde. Os policiais encharcados, sem dúvidas reportaram o carro suspeito com as placas não registradas; haveria mais problemas pela frente se ele não deixasse a estrada em breve.

O telefone tocou, a tela exibindo apenas a letra M.

— Obrigado, Mitch — respondeu Reid.

O mecânico grunhiu, o que parecia ser seu principal método de comunicação.

— Você sabia onde eu estava. Você sabe onde eu estou agora. — Reid balançou a cabeça. — Você está rastreando o carro, não é?

— Ideia do John — disse Mitch simplesmente. — Ele achou que você poderia se meter em algum problema. Tinha razão.

Reid começou a protestar, mas Mitch interrompeu.

— Pegue a próxima saída. Vire à direita na River Drive. Há um parque com um campo de beisebol. Espere lá.

— Esperar lá por quê?

— Transporte. Mitch desligou. Reid riu. O objetivo do Trans Am era ser clandestino, ficar fora do alcance da agência - não trocar a CIA por outra pessoa que pudesse rastreá-lo.

Porém, sem isto, você já teria sido apanhado.

Ele engoliu a raiva e fez o que lhe foi dito, guiando o carro pela saída, mais oitocentos metros pela interestadual e em direção ao parque. Ele esperava que o que quer que Mitch guardasse para ele fosse rápido; tinha muito terreno para cobrir rapidamente.

O parque estava vazio para um domingo. No campo de beisebol, um grupo de garotos da vizinhança estava jogando um jogo sem compromisso, então Reid estacionou o Trans Am no terreno de cascalho do lado de fora da cerca de arame atrás da primeira base e esperou. Ele não sabia o que estava procurando, mas sabia que tinha que se mexer depressa, então abriu o porta-malas, pegou sua mochila e esperou ao lado do carro por qualquer coisa que Mitch tivesse planejado.

Ele suspeitava que o mecânico grisalho era mais do que apenas um informante da CIA. Ele era “um especialista em aquisição de veículos”, disse Watson. Reid se perguntou se Mitch era um recurso, alguém como Bixby, o excêntrico engenheiro da CIA especializado em armas e equipamentos portáteis. E se esse fosse o caso, por que ele estava ajudando Reid? Nenhuma lembrança surgiu em sua cabeça quando ele pensou na aparência áspera de Mitch, sua atitude de grunhir. Havia uma história esquecida ali?

O telefone tocou no bolso. Era Watson.

— Você está bem? — o agente perguntou.

— Tanto quanto posso, considerando tudo. Embora a ideia de Mitch de uma “distração” possa ser um pouco ambiciosa demais.

— Ele faz o trabalho. De qualquer forma, seu palpite estava certo. Um dos meus homens encontrou a queixa de um Caddy de doze anos roubado de um parque industrial em Nova Jersey esta manhã. Ele capturou uma imagem de satélite do lugar. Adivinha o que ele viu?

— O SUV branco desaparecido — Reid se aventurou.

— Correto — confirmou Watson. — Parado no estacionamento de uma pilha de lixo chamado Starlight Motel.

Nova Jersey? Sua esperança desabou. Rais levava suas garotas ainda mais para o norte - sua viagem de duas horas acabou de se tornar uma de, pelo menos, três horas e meia para ter alguma esperança de se aproximar. *Ele pode estar as levando para Nova York. Uma área metropolitana grande, fácil de se perder.* Reid tinha que conseguir uma pista melhor sobre ele antes que isso acontecesse.

— A agência não tem conhecimento do que nós sabemos ainda — Watson continuou. — Eles não têm nenhuma razão para conectar o Caddy roubado a suas filhas. Cartwright confirmou que estão seguindo as pistas que tinham e mandando Strickland para o norte em direção à Maryland. Mas é apenas questão de tempo. Chegue lá primeiro e você terá uma vantagem sobre ele.

Reid deliberou por um momento. Ele não confiava em Riker; isso estava claro. Na verdade, o julgamento ainda estava em andamento, até mesmo seu chefe patrão, o diretor adjunto Cartwright estava sendo julgado. Entretanto...

— Watson, o que você sabe sobre este agente Strickland?

— Eu só o encontrei uma ou duas vezes. Ele é jovem, um pouco ansioso para agradar, mas parece decente. Talvez, até mesmo, confiável. Por quê? No que você está pensando?

— Eu estou pensando... — Reid não podia acreditar que estava prestes a sugerir isso, mas era pelas suas filhas. A segurança delas era a coisa mais importante, independentemente do custo. — Estou pensando que não devemos ser os únicos com essa informação. Precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir e, embora eu não confie em Riker para fazer a coisa certa, talvez Strickland faça. Você poderia obter informações sobre ele anonimamente?

— Eu acho que sim, é. Eu teria que filtrá-lo através de algumas das minhas conexões de informantes, mas é viável.

— Ótimo. Quero passar a ele nossa informação, mas depois de ter estado no local para ver por mim mesmo. Eu não quero que ele ganhe uma vantagem sobre mim. Eu só quero que alguém saiba o que sabemos. — Mais especificamente, ele queria que alguém, que não fosse Cartwright, soubesse o que eles sabiam. *Porque se eu falhar, preciso de alguém para ter sucesso.*

— Se você diz, claro. — Watson ficou em silêncio por um momento. — Kent, tem mais uma coisa. De volta àquela parada, Strickland achou uma

coisa...

— O quê? O que ele achou?

— Cabelo — respondeu Watson. — Cabelo castanho, com o folículo ainda preso. Puxado pela raiz.

A garganta de Reid ficou seca. Ele não acreditava que Rais queria matar as meninas, ele não podia se permitir acreditar nisso. O assassino precisava delas vivas se quisesse que Kent Steele os encontrasse.

Mas o pensamento foi de pouco conforto, quando imagens indesejadas invadiram os pensamentos de Reid, cenas de Rais agarrando sua filha por um punhado de cabelo, forçando-a a ir aonde ele queria. Machucando-a. E se ele estava a machucando de alguma forma, Reid iria machucá-lo em todos os sentidos.

— Strickland não fez muito caso disso — continuou Watson. — Mas a polícia encontrou mais no banco de trás do carro da mulher morta. Como se alguém os tivesse deixado de propósito. Como uma...

— Como uma dica — Reid murmurou. *Era Maya*. Sabia disso. Ela era inteligente, inteligente o suficiente para deixar algo para trás. Inteligente o suficiente para saber que a cena seria varrida com cuidado e seus cabelos seriam encontrados. Ela estava viva - ou pelo menos estava quando eles estiveram lá. Ele estava simultaneamente orgulhoso por sua filha estar tão interessada e, ao mesmo tempo, triste que ela teria que pensar em fazer uma coisa dessas.

Oh, Deus. Uma nova constatação lhe sobreveio imediatamente: Se Maya tinha, propositalmente, deixado o cabelo no banheiro da parada de descanso, então ela estava lá quando aconteceu. Ela assistiu aquele monstro assassinar uma mulher inocente. E se Maya estivesse lá... Sara poderia ter estado também. Ambas haviam sido afetadas, mental e emocionalmente, pelos acontecimentos de fevereiro, no calçadão; ele não queria pensar no trauma passando por suas mentes agora.

— Watson, eu tenho que chegar rápido à Nova Jersey.

— Estou trabalhando nisso — respondeu o agente. — Basta ficar parado, vai estar aí a qualquer momento.

— O que vai estar aqui?

Watson respondeu, mas sua resposta foi abafada pelo barulho repentino e surpreendente de uma sirene bem atrás dele. Ele se virou quando um carro da polícia andou sobre o cascalho na direção dele.

Não tenho tempo para isso. Ele fechou o telefone e colocou no bolso. A janela do lado do passageiro estava abaixada; ele podia ver que havia dois policiais lá dentro. O carro parou ao lado do dele e a porta se abriu.

— Senhor, coloque a bolsa no chão e suas mãos na cabeça. — O oficial era jovem, com um corte estilo militar, aparado em baixo e maior no topo, e óculos de aviador cobrindo os olhos. Reid notou que uma mão estava no coldre de sua pistola, o botão aberto.

O motorista também saiu, mais velho, por volta da idade de Reid, com a cabeça raspada. Ele parou atrás da porta aberta, a mão também pairando perto do cinto.

Reid hesitou, sem saber o que fazer. *A polícia local deve ter ouvido o boletim dos policiais.* Não poderia ser difícil identificar o Trans Am com as placas falsas estacionado tão abertamente ao lado do campo de beisebol. Ele se repreendeu por ser tão descuidado.

— Senhor, coloque a bolsa no chão e as mãos na cabeça! — o jovem oficial gritou com firmeza.

Reid não tinha nada para ameaçá-los; suas armas estavam na bolsa, e mesmo que tivesse uma, ele não iria atirar em ninguém. Até onde esses policiais sabiam, estavam apenas fazendo seu trabalho, detendo o fugitivo de uma perseguição em alta velocidade que incapacitara três carros e, com toda a probabilidade, ainda tinham as pistas norte da interestadual 95 fechadas.

— Isso não é o que você pensa. — Mesmo dizendo isso, ele abaixou a bolsa, colocando-a lentamente no chão de cascalho. — Estou apenas tentando encontrar minhas filhas. — Ambos os braços se levantaram, as pontas dos dedos tocando bem atrás das orelhas.

— Vire-se — o jovem oficial ordenou. Reid obedeceu. Ele ouviu o tilintar familiar de algemas quando o policial puxou um par da bolsa em seu cinto. Ele esperou pela mordida fria do aço em seu pulso.

— Você tem o direito de permanecer calado...

Assim que sentiu contato, Reid entrou em ação. Ele girou, agarrou o pulso direito do policial com o seu próprio e o torceu para cima em um ângulo. O policial gritou de surpresa e dor, embora Reid tenha tido cuidado para não torcer o suficiente a ponto de quebrá-lo. Ele não iria ferir os policiais, se pudesse.

No mesmo movimento, ele agarrou a alga solta com a mão esquerda e a colocou ao redor do pulso do oficial. O motorista sacou a arma em um

instante, gritando com raiva.

— Afaste-se! Para o chão, agora!

Reid empurrou o homem para frente com os dois braços, jogando o jovem oficial tropeçando contra a porta aberta, que se fechou - ou tentou, empurrando o policial mais velho para trás. Reid dobrou o corpo, levantando nos joelhos ao lado do outro homem. Ele tirou a Glock das mãos do policial e a jogou por cima do ombro.

O policial mais jovem se endireitou e tentou puxar sua pistola. Reid pegou a metade vazia das algemas que balançava pendurada no pulso do oficial e puxou, fazendo o homem perder o equilíbrio novamente. Ele passou as algemas na janela aberta, puxando o policial para a porta e fechou a argola de aço em volta do pulso do oficial mais velho.

Enquanto os dois lutavam um contra o outro e a porta da viatura, Reid puxou a pistola do policial mais jovem e apontou-a para eles. Eles pararam imediatamente.

— Eu não vou atirar em vocês — disse enquanto pegava sua mochila.
— Eu só quero que fiquem quietos e não se movam por um minuto ou mais.
— Ele apontou a arma para o oficial mais velho. — Abaixе a mão, por favor.

A mão livre do policial soltou o rádio comunicador preso no ombro.

— Apenas abaixe a arma — disse o oficial mais novo, com a mão sem alga fazendo um gesto de pacificador. — Outra unidade está a caminho. Eles vão atirar em você imediatamente. Eu não acho que você quer isso.

Ele está blefando? Não; Reid podia ouvir as sirenes à distância. *Cerca de um minuto para chegarem. Noventa segundos na melhor das hipóteses.* O que quer que Mitch e Watson estejam planejando, precisa chegar a agora.

Os meninos do campo de beisebol pararam o jogo, agora amontoados atrás do banco de concreto mais próximo e espiando a cena a poucos metros deles. Reid notou em sua visão periférica que um dos garotos estava no telefone celular, provavelmente denunciando o incidente.

Pelo menos não estão filmando, ele pensou sombriamente, mantendo a arma apontada para os dois policiais. *Vamos, Mitch...*

Então o policial mais novo franziu a testa para o parceiro. Eles olharam um para o outro e depois para o céu quando um novo som se juntou às sirenes que gritavam distantes - um zumbido lamentoso, como um motor estridente.

O que é isso? Definitivamente não é um carro. Não é alto o suficiente para ser um helicóptero ou um avião...

Reid olhou para cima também, mas ele não podia dizer de que direção o som estava vindo. Ele não teve que pensar por muito tempo. De cima do campo esquerdo veio um pequeno objeto, voando rapidamente pelo ar como uma abelha zumbindo. Sua forma era indistinguível; parecia ser branco, mas era difícil olhar diretamente para ele.

A parte inferior era pintada com um revestimento refletor, a mente de Reid o informou. Evita que os olhos consigam se concentrar nele.

O objeto perdeu altitude como se estivesse caindo do céu. Ao atravessar a base do arremessador no campo, outra coisa caiu - um cabo de aço com uma barra estreita na parte inferior, como um único degrau de uma escada. *Uma linha de rapel.*

— Isso deve ser a minha carona — ele murmurou. Enquanto os policiais encaravam, desacreditados, para o que era, literalmente, um OVNI, flutuando na direção deles. Reid deixou a arma cair no chão de cascalho. Ele se certificou de que tinha segurado firme em sua bolsa, e quando a barra girou em sua direção, ele estendeu a mão e agarrou-a.

Ele respirou fundo quando foi, imediatamente, varrido para o céu, seis metros em segundos, depois nove, depois quinze. Os garotos no campo de beisebol gritaram e apontaram quando o objeto voador acima da cabeça de Reid retraiu a linha de rapel rapidamente, ao mesmo tempo em que ganhava altitude novamente.

Ele olhou para baixo e viu mais dois carros da polícia entrando no estacionamento do parque, os motoristas saindo de seus veículos e olhando para cima. Ele estava a trinta metros no ar antes de chegar ao cockpit e se acomodar no único assento que o esperava lá.

Reid sacudiu a cabeça, espantado. O veículo que o pegara era pouco maior do que uma pequena cápsula em forma de ovo com quatro braços paralelos em formato de X, cada um dos quais tinha um rotor giratório na ponta. Ele sabia o que era isso - um quadricóptero, um drone tripulado por uma única pessoa, totalmente automatizado e altamente experimental.

Uma lembrança piscou em sua mente: *Um telhado em Kandahar. Dois atiradores de elite com o alvo fixo na sua localização. Você não tem ideia de onde eles estão. Mova-se e você morrerá. Então, um som - um gemido agudo, pouco mais que um zumbido. Faz você se lembrar do seu aparador*

de gramas em casa. Uma forma aparece no céu. É difícil olhar ela. Você mal consegue ver, mas sabe que a ajuda chegou...

A CIA havia experimentado máquinas como essa para extrair agentes de zonas de perigo. *Ele* fazia parte do experimento.

Não havia controles na a sua frente; apenas uma tela de LED que informava a velocidade de cento e oitenta e seis quilômetros por hora e um tempo estimado de chegada de cinquenta e quatro minutos. Ao lado da tela havia um fone de ouvido. Ele pegou e colocou sobre as orelhas.

— Zero?

— Watson? Jesus! Como você conseguiu isso?

— Eu não consegui!

— Então, o Mitch — afirmou Reid, confirmando suas suspeitas. — Ele não é apenas um 'informante', é?

— Ele é o que você precisa que ele seja para que confie que ele quer ajudar.

A velocidade do quadricóptero aumentava constantemente, nivelando a pouco menos de quatrocentos e oitenta quilômetros por hora. Diminuindo vários minutos no tempo estimado de chegada.

— E a agência? — Reid perguntou. — Eles podem...?

— Rastrear? Não. Muito pequeno, voa em baixas altitudes. Além disso, é um projeto desativado. Eles achavam que o motor fazia barulho demais para ser furtivo.

Reid soltou um suspiro de alívio. Ele tinha uma trajetória agora, esse Starlight Motel em Nova Jersey, e, pelo menos, não foi uma provocação de Rais que o levou até lá. Se eles ainda estivessem no local, ele poderia pôr um fim nisso - ou tentar. Não podia ignorar o fato de que isso só terminaria em um confronto com o assassino, mantendo suas filhas longe do fogo cruzado.

— Eu quero que você espere quarenta e cinco minutos e depois mande a pista do motel para o Strickland e o departamento de polícia local — disse ele a Watson. — Se ele estiver lá, eu quero todos os outros também.

Além disso, quando a CIA e a polícia chegassem, suas filhas estariam seguras ou Reid Lawson estaria morto.

CAPÍTULO OITO

Maya abraçou sua irmã mais perto dela. A corrente da alga sacudiu entre seus pulsos; A mão de Sara estava acima do próprio peito, segurando a de Maya no ombro dela enquanto se aconchegavam no banco de trás do carro.

O assassino dirigia, guiando o carro pelo comprimento do Porto de Nova Jersey. O terminal de carga era longo, várias centenas de metros era o melhor palpite de Maya. Pilhas altas de contêineres erguiam-se em ambos os lados, formando uma faixa estreita com não mais do que trinta centímetros de espaço dos dois lados dos retrovisores do carro.

Os faróis estavam desligados e estava perigosamente escuro, mas não parecia incomodar Rais. De vez em quando, tinha um pequeno intervalo entre as pilhas de carga e Maya podia ver luzes brilhantes à distância, mais perto da beira da água. Ela podia até ouvir o zumbido das máquinas. As tripulações estavam trabalhando. Tinha pessoas por perto. No entanto, isso lhe dava pouca esperança; até então, Rais mostrara uma propensão para o planejamento e ela duvidava que eles pudessem se deparar com qualquer olhar curioso.

Ela teria que fazer alguma coisa para impedi-las de sair do país.

O relógio no painel central do carro informava que eram quatro da manhã. Fazia menos de uma hora desde que deixara o bilhete na caixa da privada no motel. Pouco depois disso, Rais se levantou, repentinamente, e anunciou que era hora de partirem. Sem uma palavra de explicação, ele as levou para fora do quarto do motel, mas não para a caminhonete branca em que chegaram. Em vez disso, ele as levou para um carro mais velho, parado a algumas portas do quarto em que se hospedaram. Ele parecia não ter nenhum problema quando abriu a porta e as colocou no banco de trás. Rais tirou a tampa da coluna de ignição e ligou o veículo em questão de segundos.

E agora eles estavam no porto, sob a cobertura da escuridão e se aproximando da ponta norte de terra, onde o concreto acabava e a baía de Newark começava. Rais diminuiu a velocidade e parou o carro no estacionamento.

Maya espiou para além do para-brisa. Havia um barco lá, um bastante pequeno pelos padrões comerciais. Não podia ter mais de vinte metros de comprimento e estava cheio de recipientes de aço em forma de cubo que

pareciam ter cerca de um metro e meio de largura e altura. A única luz naquela extremidade da doca, além da lua e das estrelas, vinha de duas lâmpadas amarelas enferrujadas no barco, uma na proa e outra na popa.

Rais desligou o motor e ficou sentado em silêncio por um longo momento. Então ele ligou e desligou os faróis, apenas uma vez. Dois homens saíram da cabine do barco. Olharam para o lado e depois desembarcaram pela estreita rampa entre o navio e a doca.

O assassino se virou em seu assento, olhando diretamente para Maya. Ele disse apenas uma palavra, de forma lenta:

— Fiquem. — Então, saiu do carro e fechou a porta novamente, ficando a poucos metros delas enquanto os homens se aproximavam.

Maya apertou a mandíbula e tentou desacelerar seu batimento cardíaco. Se elas entrassem nesse barco e saíssem da costa, suas chances de serem encontradas diminuiriam significativamente. Ela não podia ouvir o que os homens estavam dizendo; ouviu apenas sons baixos quando Rais falou com eles.

— Sara — ela sussurrou. — Você se lembra do que eu disse?

— Não posso — a voz de Sara se quebrou. — Eu não vou...

— Você precisa! — Elas ainda estavam algemadas juntas, mas a rampa para embarcar era estreita, com pouco mais de sessenta centímetros de largura. Eles teriam que soltar as algemas, ela disse a si mesma. E quando o fizessem... — Assim que eu me mover, você vai. Encontre alguém Esconda, se precisar. Você precisa...

Ela não conseguiu terminar sua fala. A porta traseira foi aberta e Rais olhou para eles.

— Saiam.

Os joelhos de Maya se enfraqueceram quando ela deslizou para fora do banco de trás, seguida por Sara. Ela se forçou para olhar para os dois homens que tinham saído do barco. Ambos eram de pele clara, cabelos escuros e feições sombrias. Um dos dois tinha barba fina e cabelos curtos, usava uma jaqueta de couro preta e tinha os braços cruzados sobre o peito. O outro usava um casaco marrom, e seu cabelo era mais longo, em torno de suas orelhas. Ele tinha uma barriga que se projetava sobre o cinto e um sorriso nos lábios.

Foi esse homem, o gordinho, que circulou as duas garotas, andando devagar. Ele disse algo em uma língua estrangeira - a mesma língua, Maya percebeu, que Rais falou pelo telefone no quarto do motel.

Então, ele disse uma única palavra na língua dela.

— Bonita — ele gargalhou. Seu parceiro de jaqueta de couro sorriu. Rais ficou parado estoicamente.

Com essa palavra, uma compreensão penetrou na mente de Maya e se apertou como dedos gelados pressionando uma garganta. Havia algo muito mais insidioso acontecendo aqui do que simplesmente serem retiradas do país. Ela nem queria pensar nisso, muito menos entender. Não podia ser real. Isso não. Não com elas.

Seu olhar encontrou o queixo de Rais. Ela não suportava olhar para os olhos verdes dele.

— Você. — Sua voz estava baixa, trêmula, lutando para encontrar as palavras. — Você é um mostro!

Ele suspirou gentilmente.

— Talvez. Isso é tudo uma questão de perspectiva. Eu preciso atravessar o mar; vocês são minhas moedas de troca. Meu ingresso, por assim dizer.

A boca de Maya se secou. Ela não chorou nem tremeu. Apenas sentiu frio.

A Rais estava as vendendo.

— Uhum — alguém limpou a garganta. Cinco pares de olhos se voltaram atentos quando um recém-chegado apareceu sob o brilho das luzes do barco.

O coração de Maya subiu com uma esperança repentina. O homem era mais velho, talvez na casa dos cinquenta, vestindo uma calça cáqui e uma camisa branca prensada - parecia um trabalhador. Sob um braço ele segurava um capacete branco.

Rais tirou a Glock e apontou em um instante. No entanto, ele não atirou. *Outros ouviriam*, Maya percebeu.

— Calma! — O homem largou o capacete e levantou as duas mãos.

— Ei. — O estrangeiro da jaqueta de couro preta deu um passo à frente, entre a arma e o recém-chegado. — Ei, tudo bem — ele disse com um sotaque acentuado. — Esta bem.

A boca de Maya caiu boquiaberta em confusão. *Bem?*

Quando Rais abaixou a arma devagar, o homem magro enfiou a mão na jaqueta de couro e tirou um envelope pardo amassado, dobrado em três partes e fechado com fita adesiva. Algo retangular e grosso estava dentro dele, como um tijolo.

Ele entregou o envelope quando o trabalhador retirou o capacete.

Meu Deus. Ela sabia muito bem o que estava no envelope. Este homem estava sendo pago para manter suas tripulações longe, para manter a área da doca limpa.

A raiva e o desamparo aumentaram em medidas equivalentes. Ela queria gritar com ele - *por favor, espere, ajude-nos* - mas então seu olhar encontrou o dele, por apenas um segundo, e ela sabia que não adiantava.

Não havia remorso em seus olhos. Sem bondade. Sem simpatia. Nenhum som escapou da garganta dela.

Tão rapidamente quanto ele apareceu, o homem recuou para as sombras.

— Foi um prazer fazer negócios com vocês — ele murmurou enquanto desaparecia.

Isso não pode estar acontecendo. Ela se sentiu entorpecida. Nunca em toda a sua vida ela conheceu alguém que ficava de braços cruzados enquanto crianças estavam claramente em perigo - e aceitasse dinheiro para não fazer nada.

O homem rechonchudo latiu alguma coisa em sua língua estrangeira e fez um gesto vago para as mãos delas. Rais disse algo em resposta que soou como um argumento sucinto, mas o outro homem insistiu.

O assassino pareceu aborrecido enquanto pescava no bolso e tirou uma pequena chave prateada. Ele agarrou a corrente das algemas, forçando ambos os pulsos para cima.

— Vou tirar isso de vocês — disse ele. — Então nós vamos entrar no barco. Se você quiser voltar viva para a terra firme, ficará em silêncio. Você fará como eu disser.

Ele empurrou a chave na algaema em volta do pulso de Maya e a abriu.

— E nem pense em pular na água. Nenhum de nós irá atrás de vocês. Nós vamos assistir vocês congelarem até a morte e se afogarem. Levaria apenas alguns minutos. — Ele destravou a algaema de Sara, e ela instintivamente esfregou o pulso dolorido e avermelhado.

Agora. Faça agora. Você tem que fazer alguma coisa agora. O cérebro de Maya gritou, mas ela não conseguia se mexer.

O estrangeiro da jaqueta de couro preta deu um passo à frente e segurou seu braço com força. O súbito contato físico quebrou sua paralisia, fazendo-a entrar em ação. Ela nem sequer pensou nisso.

Um pé se levantou, com toda a força que conseguiu, e acertou a virilha de Rais.

Quando isso aconteceu, uma lembrança cruzou sua visão. Levou apenas um instante, embora parecesse muito mais demorado, como se tudo tivesse desacelerado ao seu redor.

Logo depois que os terroristas da Amun tentaram sequestrá-la em Nova Jersey, seu pai a puxou de lado um dia. Ele tinha que se ater à sua história para encobrir o acontecido - eles eram membros de gangues raptando garotas jovens na região, como parte de uma iniciação - mas ainda assim ele disse a ela: *Eu não estarei sempre por perto. Nem sempre haverá alguém para ajudar.*

Maya jogou futebol por anos; ela tinha um chute poderoso e bem colocado. Um silvo de respiração escapou de Rais quando ele se curvou, as duas mãos voando impulsivamente para sua virilha.

Se alguém te atacar, especialmente um homem, é porque ele é maior. Mais forte. Ele vai superar você. E por causa disso tudo, ele acha que pode fazer o que quiser. Que você não vai ter nenhuma chance contra ele.

Ela empurrou o braço esquerdo para baixo, rápida e violentamente, e se soltou do homem de jaqueta de couro. Então ela se lançou para frente, na direção dele e o desequilibrou.

Você não luta justo. Você faz o que precisa fazer. Virilha. Nariz. Olhos. Você morde. Você se agita. Você grita. Eles já não estão lutando justo. Você também não.

Maya torceu o corpo para trás e, ao mesmo tempo, balançou um braço fino em um arco amplo. Rais estava encurvado; o rosto dele estava na altura de seus olhos. Seu punho bateu no lado do nariz dele.

A dor imediatamente se espalhou através de sua mão, começando pelas juntas e irradiando pelo comprimento do braço, até o cotovelo. Ela gritou e agarrou a mão. Mesmo assim, Rais sentiu o golpe com força, quase caindo no cais.

Um braço serpenteou ao redor de sua cintura e a puxou para trás. Seus pés deixaram o chão, chutando o nada enquanto ela debatia os dois braços. Ela nem percebeu que estava gritando até que uma mão grossa apertou o nariz e a boca, cortando o som e a respiração.

Contudo, ela a viu - uma figura pequena ficando menor. Sara correu, seguiu de volta pelo caminho que tinham vindo, desaparecendo na escuridão das pilhas de carga.

Eu consegui. Ela fugiu. Ela está longe. Qualquer que fosse o destino que a esperava, Maya, agora, não se importava. Não pare de correr, Sara.

Continue, encontre alguém, encontre ajuda.

Outra figura avançou como uma flecha - Rais. Ele correu atrás de Sara, também desaparecendo nas sombras. Ele era rápido, muito mais rápido que Sara, e parecia ter se recuperado rapidamente dos golpes de Maya.

Ele não vai a encontrar. Não no escuro.

Ela não conseguia respirar com a mão segurando seu rosto. Ela apertou aquela mão com as unhas até que os dedos deslizaram para baixo, apenas um pouco, mas o suficiente para que ela puxasse o ar pelo nariz. O homem rechonchudo a segurou rápido, um braço ao redor de sua cintura e os pés dela ainda não tocavam o chão. Mas ela não lutou contra ele; ela ficou quieta e esperou.

Por vários momentos a doca ficou quieta. O barulho das máquinas no outro lado do porto ecoou na noite, provavelmente abafando qualquer chance de os gritos de Maya terem sido ouvidos. Ela e os dois homens esperaram que Rais retornasse - ela rezando, desesperadamente, para que ele voltasse de mãos vazias.

Um grito curto quebrou o silêncio, e os membros de Maya amoleceram.

Rais emergiu da escuridão novamente. Ele tinha Sara debaixo de um braço, do jeito que alguém poderia carregar uma prancha de surfe, com a outra mão apertada sobre a boca dela para calar a garota. Seu rosto estava vermelho e ela estava soluçando, embora seus gritos fossem abafados.

Não Maya falhou. Seu ataque não tinha feito nada, muito menos colocar Sara em segurança.

Rais parou alguns metros na frente de Maya, olhando-a com pura fúria em seus brilhantes olhos verde. Um fino filete de sangue corria da narina onde ela o atingiu.

— Eu te disse — ele sibilou. — Eu te disse o que aconteceria se você tentasse fazer alguma coisa. Agora você vai assistir.

Maya agitou-se novamente, tentando gritar, mas o homem a segurou com força.

Rais disse algo duramente na língua estrangeira para o homem da jaqueta de couro. Ele correu e pegou Sara, segurando-a parada e mantendo-a em silêncio.

O assassino desembainhou uma faca grande, a que ele usara para matar o Sr. Thompson e a mulher no banheiro da parada de descanso. Ele forçou o braço de Sara para o lado e segurou-o com firmeza.

Não! Por favor, não a machuque. Não. Não... Ela tentou formar palavras, gritar aquelas palavras, porém, elas saíram apenas como gritos estridentes e abafados.

Sara tentou se afastar enquanto chorava, mas Rais segurou seu braço em um aperto de dedos brancos. Ele forçou os dedos dela a se separarem e enfiou a faca no espaço entre o anelar e o mindinho.

— Você vai assistir — ele disse novamente, olhando diretamente para Maya. — Enquanto eu corto um dos dedos da sua irmã. — Ele apertou a faca contra a pele.

Não. Não. Por favor, Deus, não...

O homem que a segurava, o gordinho, murmurou alguma coisa.

Rais parou e olhou para ele, irritado.

Os dois tiveram uma troca rápida, nenhuma palavra que Maya entendesse. Não teria importado de qualquer maneira; seu olhar estava fixo em sua irmãzinha, cujos olhos estavam cerrados, as lágrimas escorrendo pelas bochechas e pela mão que segurava sua boca com força.

Rais grunhiu em frustração. Finalmente, ele soltou a mão de Sara. O homem gordinho soltou Maya e, ao mesmo tempo, o da jaqueta de couro empurrou Sara para frente. Maya pegou a irmã nos braços e a abraçou.

O assassino se adiantou, falando baixinho.

— Desta vez, você teve sorte. Esses senhores sugeriram que eu não danificasse nenhuma mercadoria antes de ela chegar ao destino.

Maya tremeu da cabeça aos pés, mas não se atreveu a se mexer.

— Além disso — ele disse —, para onde estão indo será muito pior do que qualquer coisa que eu possa fazer com vocês. Agora todos nós vamos entrar no barco. Lembrem-se, você só são boas para eles se estiverem vivas.

O homem gordinho liderou o caminho até a rampa, Sara atrás dele e Maya logo atrás dela quando pisaram no barco. Não adiantava lutar agora. Sua mão latejava pela dor do golpe que deu em Rais. Havia três homens e apenas duas delas e ele era mais rápido. Ele havia encontrado Sara no escuro. Elas tinham pouca chance de fugir por conta própria.

Maya olhou para o lado do barco, para a água negra abaixo deles. Por apenas uma fração de segundo, ela pensou em pular; congelar em sua profundidade pode ser melhor do que o destino que as aguardava. Mas ela não podia fazer isso. Ela não podia deixar Sara. Ela não podia perder sua última gota de esperança.

Elas foram direcionadas para a popa da embarcação, onde o homem de jaqueta de couro tirou um molho de chaves e destrancou o cadeado na porta de uma caixa de aço, pintada de uma cor laranja enferrujada.

Ele abriu a porta e Maya engasgou em horror.

Dentro do compartimento, apertando os olhos sob a fraca luz amarela, havia várias outras garotas, pelo menos quatro ou cinco, pelo que Maya podia ver.

Então ela foi empurrada por trás, forçada a entrar. Sara também, e ela caiu de joelhos no chão do pequeno contêiner. Quando a porta se moveu atrás delas, Maya se aproximou e envolveu Sara em seus braços.

Então a porta se fechou e elas mergulharam na escuridão.

CAPÍTULO NOVE

O sol se pôs rapidamente no céu nublado enquanto o quadricóptero avançava para o norte para entregar sua encomenda, um determinado pai e agente da CIA, para o Starlight Motel em Nova Jersey.

Seu tempo estimado de chegada era de cinco minutos. Uma mensagem na tela piscou um aviso: *Prepare-se para o lançamento...* Ele olhou para o lado do cockpit e viu, bem abaixo, que pairava sobre um amplo parque industrial de armazéns quadrados e instalações de produção, em silêncio e no escuro, iluminados apenas pelos pontos das luzes alaranjadas da rua.

Ele abriu o zíper da bolsa preta em seu colo. Dentro, ele encontrou dois coldres e duas armas. Reid tirou a jaqueta com um pouco de dificuldade dentro do minúsculo cockpit e colocou o equipamento de ombro que continha uma Glock 22, padrão - não tinha nenhuma das travas de gatilho biométricas de alta tecnologia de Bixby, como tinha com a Glock 19. Ele vestiu a jaqueta e puxou a perna da calça jeans para prender o coldre de tornozelo que continha sua arma reserva preferida, a Ruger LC9. Era uma pistola compacta com um cano robusto, calibre de nove milímetros em um pente extra de nove balas, preso a apenas quatro centímetros da empunhadura.

Ele tinha uma mão na barra de rapel, pronto para desembarcar do drone tripulado assim que atingisse uma altitude e velocidade seguras. Ele estava prestes a tirar o fone de ouvido dos ouvidos quando a voz de Watson soou através do aparelho.

— Zero.

— Quase lá. Pouco menos de dois minutos...

— Acabamos de conseguir outra foto, Kent — Watson o interrompeu.

— Enviada para o telefone da sua filha.

Dedos gelados de pânico apertaram o coração de Reid.

— Delas?

— Sentadas em uma cama — confirmou Watson. — Parece que poderia ser o motel.

— O número de onde veio a foto, pode ser rastreado? — Reid perguntou esperançoso.

— Desculpe-me. Ele já se desfez do telefone.

Sua esperança se esvaiu. Rais era esperto, até agora ele havia enviado fotos apenas de onde estivera, não de onde estava. Se havia alguma chance

de o Agente Zero alcançá-lo, o assassino queria que isso acontecesse do jeito dele. Durante todo o percurso no quadricóptero, Reid ficou nervosamente otimista em relação à pista do motel, ansioso por terem conseguido acompanhar o jogo de Rais.

Mas se tinha uma foto... Então havia uma boa chance de eles já terem mudado a localização.

Não. Você não pode pensar assim. Ele quer que você o encontre. Ele escolheu um motel no meio do nada, especificamente por esse motivo. Ele está te provocando. Elas estão aqui. Elas têm que ser.

— Elas estavam bem? Elas pareciam... Elas estão machucadas...?

— Eles pareciam bem — disse Watson. — Tristes. Assustadas. Porém, bem.

A mensagem na tela mudou, piscando em vermelho: *Lançar. Lançar.*

Independentemente da foto ou de seus pensamentos, ele chegou. Ele tinha que ver por si mesmo.

— Preciso ir.

— Seja rápido — disse Watson. — Um dos meus homens está fazendo uma ligação dando uma pista falsa do motel, informando a semelhança na descrição de Rais e de suas filhas.

— Obrigado, John. — Reid puxou o fone de ouvido, certificou-se de que ele tinha um aperto firme na barra de rapel e saiu do quadricóptero.

A descida controlada de quinze metros até o chão foi mais rápida do que ele previra e tirou o seu fôlego. A emoção familiar, a adrenalina, percorreu suas veias enquanto o vento rugia em seus ouvidos. Ele dobrou os joelhos levemente ao se aproximar do chão e tocou o asfalto agachando.

Assim que ele soltou a barra de rapel, a linha voltou para o quadricóptero e o drone zumbiu para longe na noite, retornando para onde tinha vindo.

Reid olhou em volta rapidamente. Ele estava no estacionamento de um armazém do outro lado da rua do motel sujo, pouco iluminado por apenas algumas lâmpadas amarelas do lado de fora. Uma placa pintada à mão em frente à rua dizia que ele estava no lugar certo.

Ele examinou a esquerda e a direita enquanto atravessava a rua vazia. Estava quieto aqui, estranhamente quieto. Havia três carros no estacionamento, cada um espaçado ao longo da fileira de quartos à sua frente - e um deles era claramente o SUV branco que havia sido roubado do estacionamento de carros usados em Maryland.

Estava estacionado do lado de fora de um quarto com o número 9, em latão, na porta.

Não havia luzes acesas lá dentro; não parecia que alguém estava lá no momento. Mesmo assim, ele largou a bolsa do lado de fora da porta e ouviu atentamente por cerca de três segundos.

Ele não ouviu nada, então puxou a Glock do coldre de ombro e chutou a porta.

O batente estilhaçou facilmente quando a porta se abriu e Reid entrou, a arma apontada para a escuridão. No entanto, nada se moveu nas sombras. Ainda não havia sons, ninguém gritando de surpresa ou procurando por uma arma para se defender.

Sua mão esquerda procurou um interruptor de luz na parede e o ligou. O quarto 9 tinha um tapete laranja e papel de parede amarelo que se curvavam nos cantos. O quarto havia sido limpo recentemente, nos padrões de "limpeza" que pareciam ser usados no Starlight Motel. A cama fora arrumada às pressas e cheirava a desinfetante barato de aerossol.

Contudo, estava vazio. Seu coração se afundou. Não havia ninguém aqui - nada de Sara ou Maya ou do assassino que as havia levado.

Reid andou com cuidado, olhando pelo quarto. Perto da porta havia uma poltrona verde. O tecido da almofada do assento e das costas estava ligeiramente descolorido com a marca de alguém que havia se sentado lá recentemente. Ele se ajoelhou ao lado, delineando a forma da pessoa com as pontas dos dedos enluvadas.

Alguém ficou sentado aqui por horas. Cerca de um metro e oitenta de altura, oitenta quilos.

Era ele. Ele estava sentado aqui, próximo ao único ponto de entrada, perto da janela.

Reid enfiou a arma de volta no coldre e cuidadosamente retirou a colcha de cama. Os lençóis estavam manchados, eles não tinham sido trocados. Ele os inspecionou cautelosamente, levantando cada travesseiro por sua vez, tomando cuidado para não contaminar nenhuma evidência em potencial.

Ele encontrou dois cabelos loiros, longos fios sem raízes. Caíram naturalmente. Ele encontrou uma única mecha castanha da mesma maneira. *Elas estavam aqui, juntas, nesta cama, enquanto ele estava sentado e as observava. Mas, por quê?* Por que Rais as trouxe aqui? Por que eles pararam? Era outro truque no jogo de gato e rato do assassino, ou ele estava esperando por alguma coisa?

Talvez ele estivesse me esperando. Demorei muito para seguir as pistas. Agora eles se foram novamente.

Se Watson já tivesse telefonado para fazer a falsa denúncia, a polícia estaria no motel em minutos, e Strickland provavelmente já estava em um helicóptero. Ainda assim, Reid se recusou a sair sem algo para continuar, ou então tudo teria sido por nada, apenas mais um beco sem saída.

Ele correu para o escritório do motel.

O tapete era verde e áspero sob as botas, fazia lembrar grama sintética. O lugar fedia a fumaça de cigarro. Do outro lado do balcão, havia uma porta escura e, atrás dela, Reid podia ouvir algo tocando em volume baixo, um rádio ou uma televisão.

Ele tocou a campainha de serviço no balcão, uma campainha dissonante soando no escritório silencioso.

— Hmm. — Ele ouviu um grunhido suave da sala dos fundos, mas ninguém apareceu.

Reid tocou a campainha novamente três vezes em rápida sucessão.

— Tá certo, cara! Jesus — uma voz masculina. — Estou indo — um jovem saiu dos fundos. Ele parecia estar na casa dos vinte ou trinta anos; era difícil para Reid dizer, por causa de sua pele ruim e olhos avermelhados, que ele esfregou como se tivesse acabado de acordar de uma soneca. Havia uma pequena argola de prata em sua narina esquerda e seu cabelo loiro sujo estava preso em dreadlocks de aparência sarnenta.

Ele olhou para Reid por um longo momento, como se estivesse irritado com o próprio conceito de alguém ter entrado pela porta do escritório.

— Ah? O quê?

— Estou procurando por informações — disse Reid categoricamente. — Tinha um homem aqui recentemente, caucasiano, cerca de trinta anos, com duas adolescentes. Uma de cabelos castanhos e outra mais jovem, loira. Ele dirigia aquele SUV branco ali. Eles ficaram no quarto nove...

— Você é um policial? — o funcionário interrompeu.

Reid estava ficando rapidamente irritado.

— Não. Eu não sou policial. — Ele queria acrescentar que era o pai dessas duas garotas, mas conteve-se; não queria que esse funcionário o identificasse mais do que ele já podia.

— Olha, mano, eu não sei nada sobre garotas adolescentes — insistiu o funcionário. — O que as pessoas fazem aqui é assunto delas...

— Eu só quero saber quando ele esteve aqui. Se você viu as duas garotas. Eu quero o nome que o homem te deu. Quero saber se ele pagou em dinheiro ou cartão. Se for cartão, quero os últimos quatro dígitos do número. E quero saber se ele disse alguma coisa, ou se você ouviu alguma coisa, isso pode me dizer para onde ele foi depois daqui.

O funcionário olhou para ele por um longo momento e então soltou uma risada rouca e estridente.

— Amigo, olhe ao seu redor. Este não é o tipo de lugar que pede nomes ou cartões de crédito ou algo assim. Este é o tipo de lugar em que as pessoas alugam quartos por hora, se é que você me entende.

As narinas de Reid se alargaram. Ele já estava quase o farto dessa bobagem.

— Deve haver algo, qualquer coisa, você possa me dizer. Quando eles fizeram o check-in? Quando eles saíram? O que ele lhe disse?

O balconista lançou-lhe um olhar aguçado.

— Quanto vale para você? Por cinquenta dólares, eu direi o que você quer saber.

A fúria de Reid acendeu como uma bola de fogo quando ele alcançou o balcão, agarrou o jovem atendente pela camiseta e o puxou para frente, quase o erguendo do chão.

— Você *não* tem ideia do que está me impedindo de fazer — ele rosnou na cara do garoto. — Ou o quão longe vou para conseguir isso. Você vai me dizer o que eu quero saber ou estará se alimentando por um canudo num futuro próximo.

O recepcionista levantou as mãos, os olhos arregalados quando Reid o sacudiu.

— Tá certo, cara! Tá certo! Tem um registro embaixo do balcão... Deixe-me pegar e vou olhar. Vou te dizer quando eles estiveram aqui. Tudo bem?

Reid suspirou e soltou o rapaz. Ele tropeçou para trás, alisou a camiseta e depois pegou algo que não pôde ver embaixo do balcão.

— Um lugar como esse — o funcionário disse lentamente. — O tipo de pessoa que recebemos aqui... Eles valorizam sua privacidade, se é que você me entende. Eles não se importam muito com as pessoas bisbilhotando. — Ele deu dois passos lentos para trás, retirando o braço direito de baixo do balcão... Enquanto segurava a coronha marrom escura de uma espingarda de calibre 12.

Reid suspirou tristemente e balançou a cabeça.

— Você vai desejar não ter feito isso. O balconista estava desperdiçando seu tempo para proteger canalhas, como o Rais - não que ele soubesse no que Rais estava envolvido, mas outros tipos sórdidos, cafetões, traficantes e afins.

— Volte para a sua vizinhança de classe média, cara. — O cano da espingarda estava apontado para seu peito, mas o jovem estava trêmulo. Reid teve a impressão de que o garoto já havia usado a arma para ameaçar, mas nunca, de fato, atirou antes.

Não havia dúvida de que Reid tinha o saque mais rápido do que o funcionário; ele nem hesitaria em atirar nele, no ombro ou na perna, se isso significasse conseguir o que precisava. Entretanto, não queria dar um tiro. O som seria ouvido a 800 metros de distância no parque industrial. Pode assustar quem quer que sejam os hóspedes no motel - pode até levar alguém a ligar para a polícia e ele não precisa dessa atenção.

Em vez disso, ele adotou uma abordagem diferente.

— Você tem certeza que essa coisa está carregada? — ele perguntou.

O balconista olhou para a espingarda por um segundo incerto. Naquele momento, com o jovem desviando o olhar, Reid colocou a mão firmemente no balcão e saltou sobre ele facilmente. Ao mesmo tempo em que atacou com a perna direita e chutou a espingarda das mãos do balconista. Assim que seus pés tocaram o chão, ele se inclinou para frente e enfiou o cotovelo no nariz do garoto. Um suspiro agudo saiu da garganta do funcionário quando o sangue escorreu de ambas as suas narinas.

Então, apenas por via das dúvidas, Reid pegou um punhado de dreadlocks imundos e bateu o rosto do rapaz no balcão.

O funcionário caiu no tapete verde áspero, gemendo cuspindo sangue no chão pelo nariz e pelos dois lábios rachados. Ele gemeu e tentou se apoiar nas mãos e nos joelhos.

— Você... Oh, Deus... Você quebrou meu nariz, cara!

Reid pegou a espingarda.

— Essa é a menor das suas preocupações agora.

— Ele pressionou o cano nos dreadlocks loiros sujos.

O funcionário imediatamente caiu de bruços e choramingou.

— Não... Não me mate... Por favor, não... Por favor... Não me mate...

— Me dê seu telefone.

— Eu não... Eu não tenho um...

Reid se inclinou rapidamente deu um tapinha no jovem. Ele estava sendo honesto; não tinha telefone, mas tinha carteira. Reid abriu e conferiu a carteira de motorista.

— George — Reid riu. O balconista não se parecia muito com um George. — Você tem um carro aqui, George?

— Eu tenho, tenho uma moto suja, estacionei nos fundos...

— Bom o bastante. Vou te dizer o que vai acontecer, George. Eu vou pegar sua moto. Você, você vai sair daqui. Ou correr, se preferir. Você vai ao hospital dar um jeito no seu nariz. Você vai dizer a eles que levou um soco num bar. Você não vai dizer uma palavra sobre este lugar, ou uma palavra sobre mim. — Ele se inclinou e abaixou a voz. — Porque eu tenho um rádio da polícia, George. E se eu ouvir alguma menção, mesmo uma *palavra* sobre um homem que se encaixa na minha descrição, eu irei até o... — Ele verificou o documento de identificação novamente. — Apartamento 121B na Cedar Road e eu vou levar sua espingarda comigo. Você entendeu?

— Eu entendi, entendi... — o balconista chorou, sangue e saliva caindo de seus lábios. — Entendi, prometo que entendi.

— Agora, o homem com as meninas. Quando eles estiveram aqui?

— Tinha... Tinha um cara, como você disse, mas eu não vi garotas...

— Mas você viu um homem que se encaixava nessa descrição?

— Sim, sim. Ele estava sério. Mal disse uma palavra. Veio ontem à noite, depois do anoitecer, e pagou a estadia em dinheiro...

— Quando ele foi embora?

— Eu não sei! Em algum momento da noite. Deixou a porta aberta, se não fosse isso, eu não saberia que ele tinha ido...

Durante a noite? O coração de Reid afundou. Ele tinha expectativas, mas realmente não esperava encontrar as garotas no motel - contudo, ele pensou que estava se aproximando. Se eles tinham um dia de vantagem sobre ele... Poderiam estar em qualquer lugar.

Reid largou a carteira e deu um passo para trás, tirando o cano da espingarda da cabeça do garoto.

— Vai.

O funcionário pegou a carteira e correu pela porta escura, tropeçando uma vez e caindo em suas mãos antes de sair apressado noite adentro.

Reid ejetou os cartuchos da espingarda, quatro no total, e os enfiou no bolso do paletó. Na verdade, ele não levaria a arma consigo; era uma arma ilegal, em virtude de ter seu cano e a coronha raspados e, provavelmente,

não era registrada, mesmo antes de suas modificações. Ele limpou suas digitais da espingarda antes de recolocá-la embaixo do balcão.

Não precisava de mais problemas. Já tinha o suficiente.

A polícia chegaria a qualquer momento, mas ele não podia sair sem mais nada para continuar. Reid correu de volta para a porta quebrada do quarto 9 e procurou novamente, desta vez não se importando em não mover nada ou manusear com cuidado. Ele arrancou os travesseiros e lençóis da cama. Procurou debaixo da cama e da poltrona. Ele puxou as gavetas de cada mesa de cabeceira de má qualidade e do escritório, mas não encontrou nada além de uma Bíblia antiga com a lambada rasgada. Ele folheou as páginas e sacudiu, só por precaução.

Em todas as oportunidades até agora, Maya havia deixado algo para trás de propósito. Segundo o funcionário, as meninas passaram a maior parte da noite aqui.

Reid correu para o banheiro. Fedia fortemente a alvejante, enquanto ele verificava o chuveiro, a pia, a bancada com o espelho quebrado. Ele abriu o pequeno armário embaixo da pia e encontrou dois rolos de papel higiênico, uma lata de spray de purificador de ar e, curiosamente, uma caneta esferográfica azul.

Reid ligou a água quente na pia e no chuveiro e fechou a porta do banheiro minúsculo, deixando encher de vapor. Ele inspecionou o espelho na esperança de que Maya talvez tivesse escrito uma mensagem invisível que só apareceria com a condensação - mas não havia mensagem. Ainda nada?

Estou deixando passar algo. Ela deixou uma pista. Eu sei que ela deixou.

Sirenes tocavam a distância, o som chegando até ele pela porta aberta do quarto do motel. A polícia estava a caminho. Ele grunhiu em frustração e chutou o vaso sanitário com a bota, forte o suficiente para lascas a porcelana.

Ele olhou para baixo e piscou.

Eu deveria ter visto isso. Deveria saber.

No topo do vaso sanitário havia um único cabelo, castanho, longo, com uma raiz branca ainda presa. Ele caiu de joelhos e encontrou mais alguns espalhados no chão. Eles eram os cabelos de Maya, arrancados de sua cabeça de propósito - para lhe dar uma pista.

Ele levantou a tampa da caixa da privada.

Reid estendeu a mão e puxou o pedaço de tecido enrolado que estava preso na corrente da alavanca de descarga. Ele o desenrolou nos dedos, que começaram a tremer assim que reconheceu o padrão familiar de abacaxi.

Sara.

O pedaço era triangular; um bolso, ele percebeu, arrancado do pijama favorito dela.

Ele segurou o pedaço contra o rosto. Poderia ter sido sua imaginação, mas ainda cheirava como ela, como sua filhinha.

Ele virou o tecido para o outro lado, o lado todo branco, onde palavras estavam escritas em tinta azul.

— Não — ele sussurrou com voz rouca.

Porto de Nova Jersey. Dubrovnik.

Reid correu do banheiro o mais rápido que pôde.

Rais estava tentando tirar suas filhas do país... Isso, se ele já não o tivesse feito.

CAPÍTULO DEZ

Não, não, não... Quando Reid avançou pelo carpete laranja do quarto 9, parecia que suas pernas não podiam se mover rápido o suficiente, como se todos os músculos estivessem se esforçando para reagir a uma velocidade impossível. Ele tinha que chegar ao porto.

Agora ele compreendia. Os carros, a mudança de direção e até o assassinato da mulher no banheiro da parada de descanso - tudo isso confundiria as autoridades, faria Rais parecer desesperado e sinuoso, como se ele não soubesse o que estava fazendo.

Ele sabia muito bem o que estava fazendo. Estava levando as filhas de Reid para a Europa - e a partir daí, só Deus sabia onde. Com uma vantagem de onze horas, eles poderiam estar em qualquer lugar no mundo. Longe da jurisdição da polícia e dos federais. Longe dele...

Ele pegou sua bolsa sem parar e continuou correndo, paralelo à fila de quartos do motel em direção ao escritório no final. Ele mal ouviu as sirenes, nem percebeu o som estridente até que, subitamente, ficou iluminado pela luz dos faróis.

Três viaturas policiais gritaram no estreito lote do Starlight Motel. Reid piscou com a claridade quando os oficiais saíram delas, invisíveis por trás dos faróis brilhantes, gritando tantas advertências de uma vez que nenhuma delas era inteligível.

Ele não parou. Não podia parar agora. Reid correu para frente, dobrando a esquina do motel e indo por trás do prédio. Como George dissera, havia uma moto suja esperando, desbotada com o tempo e parecendo pior pelo desgaste.

Reid pulou sobre ela, jogando a bolsa firmemente sobre um ombro. Ele apertou a embreagem e deu partida no motor. A moto cuspiu uma vez e depois ganhou vida com um gemido agudo, forte e robusto embaixo dele. Apesar de seu aspecto, parecia que o funcionário cuidara decentemente das partes que importavam.

Os oficiais que o perseguiram viraram a esquina, seus passos rápidos abafados pelo barulho do motor da moto. Eles estenderam as mãos em aviso. Dois levaram as mãos até as armas.

Reid soltou a embreagem e girou o guidão esquerdo, acelerando completamente. A moto deu um pulo com tanta força que ele quase caiu, mas Reid se inclinou para ela no último momento e a moto suja saltou para

frente em direção aos policiais como um tiro, forçando-os a se dispersar e pular fora do caminho.

Ele mal diminuiu a velocidade ao chegar à rua, balançando a traseira da moto e estabilizando com o pé direito. Sobre o som forte do motor, ele ouviu outro som, fraco, mas reconhecível - a aproximação constante de um helicóptero. Uma rápida olhada por cima do ombro mostrou-lhe um Huey preto pousando no estacionamento do outro lado da rua em frente ao Starlight, o mesmo lote em que o quadricóptero o deixara.

O agente Strickland havia chegado, porém, Reid não perderia tempo esperando. Ele mudou de marcha e apertou o acelerador novamente, desta vez se segurando com segurança enquanto a moto avançava. Ele estava certo de que, pelo menos, uma das viaturas tentaria persegui-lo, mas não estava preocupado com isso - ele tinha uma vantagem sobre eles e a moto tinha pelo menos duzentos e cinquenta cilindradas e, apesar da falta de velocímetro, sabia que era capaz de a cento e sessenta, talvez cento e oitenta quilômetros por hora.

Também não tinha farol, e ele não tinha capacete, mas não podia deixar que isso o impedisse. Ele atravessou o parque industrial o mais rápido que pôde, o único veículo na estrada a essa hora da noite.

Ele conhecia o caminho para o Porto de Nova Jersey. Durante o dia, com o trânsito, pode levar quinze minutos para chegar lá. À noite, sem ninguém por perto, dez minutos. Na moto suja, com uma velocidade impetuosa de três dígitos, Reid chegou em cinco.

Mesmo assim, foram os cinco minutos mais longos de toda a sua vida. Todos os pensamentos horríveis que poderiam invadir sua mente, o fizeram - suas filhas contrabandeadas para fora do país. Nunca mais as ver. Nunca as encontrar. Destinos piores que a morte, para ele e para elas.

Não faz sentido. Rais quer que eu o encontre. Não quer?

O telefone descartável estava pesado e notório no bolso. Ele queria desesperadamente ligar para Watson, alertar a polícia, a CIA, o FBI e qualquer outro órgão possível sobre o Porto de Nova Jersey, ter um verdadeiro exército invadindo o porto e varrendo todos os cantos em busca de qualquer sinal de suas filhas.

O terminal marítimo do porto era um longo cais de movimentação de cargas em forma de U, no extremo sul da baía de Newark, com vista para a ponte de Bayonne. Ao norte, estavam Jersey City e o rio Hudson; à noroeste

era a ilha de Manhattan. Mas ao sudeste do porto ficava Lower Bay e, a partir daí, o Atlântico aberto.

Elas não estão lá fora, disse a si mesmo ao entrar no porto. *Elas estarão aqui. Vou encontrá-las.*

A moto suja passou pelo estacionamento dos trabalhadores das docas e seguiu em frente, descendo as longas filas de contêineres retangulares brilhantes até que o congestionamento de carga não lhe permitia mais acesso. Ele diminuiu a velocidade o suficiente para deitar a moto, saltou e correu a pé enquanto a moto continuava derrapando direto para o lado de um contêiner de aço.

O porto ainda estava vivo, apesar da hora; poderosas luzes fluorescentes nos postes iluminavam as docas, enquanto as equipes continuavam trabalhando no carregamento e descarregamento de navios por guindaste e empilhadeira. Um enorme navio de carga estava em um ancoradouro comparativamente pequeno, uma barca de carga sólida a granel quase tão grande quanto o navio de cruzeiro em que Reid havia estado apenas dois dias atrás. O navio de carga levava um número, aparentemente, impossível de contêineres, empilhados tão alto e profundo que era difícil dizer se as tripulações estavam trabalhando para carregá-lo ou descarregá-lo.

Enquanto corria em direção ao navio, às luzes brilhantes e aos trabalhadores das docas, ele puxou o telefone descartável e ligou para Watson. O telefone tocou quatro vezes antes de uma mensagem gravada lhe informar que uma caixa postal ainda não havia sido configurada para o número.

Ele cerrou os dentes e considerou, brevemente, jogar o telefone com raiva antes de colocá-lo de volta no bolso. Ele correu para os dois primeiros homens que viu. Ambos usavam capacetes e coletes amarelos brilhantes, um encostado a uma empilhadeira inativa enquanto o outro subia no banco da máquina. Reid enfiou a mão no paletó enquanto corria até eles e pegou a foto de suas filhas, a foto das férias com ele, na Flórida.

— Vocês viram essas garotas? — ele perguntou, acenando com a foto na cara deles.

Os dois homens confusos olharam um para o outro e depois de volta para ele.

— Aqui? — um deles perguntou. — Desculpe, colega, não vimos nenhuma garota.

Reid seguiu em frente, caminhando rapidamente entre as equipes enquanto trabalhavam. Quem não estivesse fazendo algo ativamente tinha a foto esfregada nos seus narizes.

— Você viu essas garotas? Por aqui, no porto? Alguma garota?

— Não.

— Nada.

— Não posso dizer que vi, amigo.

Reid quase gritou de frustração quando viu um trio de homens do lado de fora de um trailer branco, bebendo café em copos de isopor. Ele caminhou até eles.

— Estou procurando por duas adolescentes — disse ele, mostrando a foto. — Há motivos para acreditar que elas possam ter estado aqui. Algum de vocês as viu?

O maior do trio, um homem negro com a cabeça raspada, coçou o queixo e disse:

— Olhe em volta, cara. Este não é exatamente um lugar para crianças.

Reid respirou, tentando se acalmar.

— Elas não estavam... Elas não vieram aqui por acidente ou por escolha. Elas foram sequestradas. Estão desaparecidas.

O homem grande suspirou e balançou a cabeça.

— Merda. Eu realmente sinto muito por isso. Mas... Nós não vimos crianças por aqui. Se tivéssemos visto, nós diríamos. Inferno, provavelmente chamaríamos a polícia.

Reid saiu sem palavras, meio bravo e desesperado. Sua respiração acelerou; ele se sentiu um pouco tonto. O porto de carga parecia impossivelmente enorme, com centenas - provavelmente milhares - de contêineres, tambores, caixas de aço e caixas empilhadas ao redor dele. De repente, essas pilhas pareciam arranha-céus, dominando-o de cima.

Uma náusea leve tomou conta dele enquanto pensava: *E se elas estiverem em um desses agora? E se elas estiverem aqui, trancadas em algum lugar?* Poderia ter sido o jogo de Rais - esconder as meninas, forçá-lo a olhar para um lado, enquanto Rais adotava uma atitude diferente? Não fazia sentido para ele, mas tinha que reconhecer que não estava pensando direito.

Se elas estivessem aqui em algum lugar, ele não teria uma chance de encontrá-las. Ele era só um homem. Havia muitas coisas que Kent Steele

podia fazer, mas procurar sozinho por todo o porto industrial não estava entre elas.

Eu poderia chamar a polícia. Eu poderia até ligar para Riker. Ele já havia desafiado a CIA, adulterado evidências e infringido leis. Sem mencionar que ele estava, definitivamente, na lista negra de Riker - se ela soubesse que ele estava se intrometendo, Reid aterrissaria em uma cela, na melhor das hipóteses. Contudo a polícia já o pegara com seus faróis no Motel Starlight. Sem dúvida, sua imagem havia sido capturada por câmeras no painel das viaturas, o que significava que Strickland e a CIA saberiam, em minutos, que Kent Steele estava fazendo exatamente o que a agência não queria que ele fizesse.

Não importa agora, ele determinou. Qualquer que fosse seu destino, acabar na lista negra, ou preso, ou mesmo enviado a algum buraco esquecido por Deus, como a H-6, valeria a pena se isso significasse que suas garotas estavam seguras.

Ele puxou o telefone celular e o abriu, pronto para ligar para alguém, qualquer pessoa - mas o telefone tocou em sua mão. Ele respondeu imediatamente.

— Eu preciso de ajuda — disse ele desesperadamente. — Estou no Porto de Nova Jersey e não consigo encontrá-las, não sozinho...

— Kent! — a voz do outro lado da linha não era Watson, como ele esperava. Era doce, feminina e familiar. — Sou eu!

— Oh, Deus. Maria — ele disse o nome dela como um suspiro. Naquele momento, apesar de tudo, ouvir sua voz foi um alívio - talvez ínfimo, mas não menos bem-vindo. Ele sentiu um nó crescer novamente na garganta. — Maria, as meninas, elas se foram...

— Eu sei. Watson me enviou uma mensagem. Kent, eu sinto muito.

Ele respirou contra sua mão livre.

— Onde você está?

— Ucrânia — ela respondeu. — Desculpe-me por ter demorado tanto para entrar em contato com você. Não é fácil encontrar uma linha segura por aqui.

— Maria, foi ele. Eu *sei* que foi ele.

— Eu acredito em você — disse ela. — Mas a agência não. Eles ainda me deixam seguindo pistas falsas aqui...

— Por causa de Riker — disse ele com desdém.

— Isso não importa agora. O que importa é levar essas garotas de volta para você. O que está fazendo no Porto de Nova Jersey?

— Encontrei uma mensagem — informou ele. — Era da Maya, a letra dela. Dizia para vir aqui. Também dizia "Dubrovnik".

— Croácia — Maria disse calmamente. Ela ficou em silêncio por um momento. — Tá certo. Kent, farei o que puder para ajudá-lo. Encontrar Rais é a minha missão e não há nada mais importante para mim agora do que a segurança dessas garotas. Mas essa será a parte mais difícil. Está meouvindo?

— Sim. Estou ouvindo.

— Kent... Suas meninas já partiram.

Reid colocou um punho na boca quando um soluço borbulhou em sua garganta.

— Não — sua voz falhou atrás do punho fechado. — Elas não foram. Eles não partiram. — Você não sabe disso.

— Quanto tempo faz desde que elas foram levadas? Kent, quanto tempo?

— Humm — ele pensou muito, mas os números pareciam turvos e confusos. — Eu não... Eu não... — ele respirou fundo. — Trinta e duas horas, talvez. De trinta e duas a trinta e seis.

— Cert. — Maria fez uma pausa antes de continuar. — Rais é um psicopata, mas ele não é um idiota. Nós sabemos disso. Se ele queria as meninas fora do país, elas já estão fora do país.

Reid se inclinou contra um contêiner de carga e afundou lentamente contra ele, sentando-se no concreto.

— Como eu vou encontrá-las? — ele perguntou em voz baixa.

— Não é só você. Somos nós - todos nós. *Nós vamos* encontrá-las. Mas preciso que você pense claramente. Se o plano dele fosse o Porto de Nova Jersey, ele as colocaria em um barco, certo? Quanto tempo eles levariam para chegar a Dubrovnik?

Ele não respondeu. Em vez disso, ele pressionou os dedos contra os olhos fechados. *Talvez quando eu os abrir novamente, nada disso estará acontecendo.*

— Kent? — Maria disse severamente. — Quanto tempo?

Ele pensou por um momento.

— Hmm... Seis. Seis a sete dias. Não, oito. Eles teriam que viajar pelo Mediterrâneo. Oito dias.

— Certo. Até oito dias para chegar lá, e eles já estão no barco por um dia, no máximo. Então, alertamos a agência. Peça-lhes que encontrem os manifestos de carga de qualquer navio que esteja indo para Dubrovnik que tenham partido nas últimas doze horas. Envolveremos a Guarda Costeira. Colocamos você em um helicóptero, se precisarmos. Podemos parar esse barco muito antes de ele chegar à Europa.

— Sim. Tudo bem. Nós podemos pará-lo... — Reid enxugou os olhos e respirou fundo, calmamente. Ele sabia que Maria estava certa; suas meninas já tinham partido. Se o plano de Rais era tirá-las dos EUA, ele não deixaria Reid saber se havia algo que ele pudesse ter feito para evitá-lo.

— Eu vou ajudá-lo a encontrá-las da melhor maneira possível a partir daqui — Maria disse, sua voz forte, uniforme e reconfortante. — Primeiro precisamos enviar uma mensagem para Watson...

— Eu tentei ligar para ele. Ele não atendeu.

— Tudo bem, eu vou passar uma mensagem para ele — ela assegurou. — Deixe-o entrar em contato com a agência; ele tem recursos que podem mantê-lo fora disso. Você não passa uma década na CIA sem fazer alguns amigos.

E alguns inimigos, Reid pensou amargamente.

— Mantereí contato da melhor maneira possível — continuou ela. — Por enquanto, não vá longe demais.

— Não tenho mais para onde ir — replicou ironicamente, olhando a água escura de Lower Bay. Em algum lugar lá fora, talvez a centenas de quilômetros de distância, estavam suas filhinhas...

— Apenas fique escondido e fora de problemas por um curto tempo. Em breve entraremos em contato, prometo.

— Tudo bem. Obrigado, Maria. De verdade. — Reid encerrou a ligação e esfregou o rosto. Ele queria dizer mais - *não sei o que faria sem você* - e ele imediatamente se arrependeu de não ter dito. Conversar com ela não melhorou a real situação, nem o fez se sentir muito melhor com isso, mas ele sabia que ela faria tudo que estivesse ao seu alcance. E, como sempre, ela estava certa. Ele teve que se controlar, se recompor, pensar com clareza, manter o foco.

Mas primeiro, ele tinha que encontrar um lugar onde pudesse ficar fora dos olhos do público, mesmo que por pouco tempo... *Não*, Reid pensou. Ele estava afundado nisso e agora suas meninas estavam em alto mar. O tempo para subterfúgios havia passado. Ele tinha o número do escritório de

Cartwright em Langley; não era uma linha segura, porém, era mais do que provável que a CIA já estivesse bem ciente de que ele estava em busca do assassino. Ele não podia continuar confiando em pessoas como Watson, Mitch e Maria para esticar o pescoço para ele e suas filhas, não importa o quanto eles quisessem ajudar.

Ele abriu o telefone e discou o número de Cartwright.

— Ei, com licença — uma voz masculina assustou Reid antes que ele pudesse pressionar enviar. Ele olhou para cima e viu um homem mais velho vindo em sua direção, com cerca de cinquenta anos. Ele parecia um trabalhador, vestindo calças cáqui e uma camisa branca de botão. Ele tirou o capacete branco quando se aproximou e o colocou debaixo de um braço.

Reid fechou o telefone e se levantou do asfalto.

— Sou o supervisor local aqui — disse o homem. — Você precisa de alguma ajuda?

— Não. Não, eu estou... Estou bem. Ele estava, é claro, muito longe de estar "bem", mas disse mesmo assim, tentando evitar mais atenção.

— Tá certo. Escute, eu não posso deixar você por aqui assustando meus caras quando eles estão manuseando máquinas pesadas. Mas se precisar de algo, pode falar comigo.

Reid assentiu. Ele tentou manter a voz estável enquanto falava.

— Estou procurando por duas crianças. Elas foram sequestradas ontem e tenho motivos para acreditar que estiveram aqui... Que possam ter sido retiradas do país através deste porto.

O supervisor colocou a mão no quadril e balançou a cabeça tristemente.

— Sinto muito. De verdade. Mas ninguém viu crianças por aqui. Se tivessem visto, teriam relatado para mim. Agora, eu posso verificar com a equipe diurna, se quiser. Venha para o escritório. Eu tenho uma cafeteira e posso fazer uma ou duas ligações.

— Não, está tudo bem. — Reid tinha a sensação de que ninguém teria visto as meninas chegando ou partindo - e se tivessem visto, era improvável que dissessem. Havia, no entanto, outra maneira pela qual o supervisor poderia ajudar. — Você conhece os horários, certo? Chegadas e partidas? Pode me dizer o último barco que partiu do porto com destino à Croácia?

O supervisor franziu o cenho.

— Não servimos essa rota aqui — respondeu ele. — Temos barcos de cima a baixo da costa leste, muitos para o Reino Unido, até Gênova,

Palermo, Malta. Porém, nenhum de nossos navios está a caminho de Dubrovnik.

— Entendo — disse Reid. Sua frequência cardíaca acelerou. — Sabe... Pensando bem, uma xícara de café parece uma muito boa ideia. Você se importa? Pode acalmar um pouco os nervos.

— Claro. Vamos. — O supervisor acenou para Reid segui-lo de volta às docas e ao navio sendo descarregado.

Reid não estava interessado em café. Entretanto, ele estava muito interessado na escolha das palavras do supervisor, pois, não havia mencionado, nem uma vez, Dubrovnik.

CAPÍTULO ONZE

Estava uma escuridão total dentro do contêiner de carga. Mesmo com os dedos a poucos centímetros do rosto, Maya não conseguia ver nada. Ela se sentou de costas para uma parede de aço, joelhos dobrados em ambos os lados do corpo da irmã, que se sentava encostada nela. O outro braço de Maya estava enrolado protetoramente sobre o peito de Sara.

Para ela, até mesmo, pensar que aquela era uma situação ruim, era um grande eufemismo. O contêiner balançava levemente com o fluxo do barco no oceano; elas estavam fora do país, ainda nas mãos de Rais, mas agora em companhia potencialmente pior. Ela falhou em sua tentativa de afastar Sara com segurança.

Apesar de tudo isso, ainda estavam vivas e saudáveis. Ela se recusou a desistir da noção de que havia uma maneira de sair disso.

Sara tinha parado de chorar há algum tempo e se estabeleceu em um padrão rítmico de uma inalação fungada e uma respiração irregular, repetidamente. Maya a apertava gentilmente, mas sua irmã mais nova não respondia.

Maya sabia que havia outras garotas no contêiner com elas; ela teve apenas um vislumbre rápido delas quando as portas foram abertas e as duas foram empurradas para dentro. Elas eram como fantasmas assombrando o pequeno espaço. Na escuridão total e nas horas que se seguiram, Maya percebeu a presença delas de maneiras estranhas - os sussurros da respiração, a ocasional mudança ligeira de posição, os pelos nos braços de Maya formigando com a sensação de outro corpo estando perto dela. Mas as outras ocupantes do contêiner não disseram nada e mal se mexiam.

Então, em algum momento da viagem - Maya havia perdido completamente a noção do tempo na escuridão - alguém se mexeu e, embora ela não sentisse nada, um dos fantasmas no escuro deve ter esbarrado em Sara. Sua irmã mais nova recuou de repente, ofegando e se apertando mais contra Maya.

— Está tudo bem — ela sussurrou no ouvido de Sara. Ela repreendeu a si mesma novamente por dizer isso. Foi a única coisa que lhe veio à mente no momento, como um reflexo, continuar fazendo a promessa, obviamente falsa, de que qualquer coisa, sobre essa situação, estava bem. — Eu estou com você. — Ela abraçou a irmã mais perto si. — Temos que ser fortes agora, está bem? Mas não podemos desistir. Nós não vamos.

— Por favor — uma voz suave à direita de Maya falou baixinho, quase em um sussurro. — Por favor, não fale. Eles não gostam quando conversamos.

A voz era feminina e jovem, com um leve sotaque que sugeria que ela era do meio-oeste. A reação instintiva de Maya à voz foi um lampejo de raiva; agora não era hora de complacência. Era a hora do planejamento. No entanto, a menina parecia que já havia desistido e cedido.

Em vez disso, Maya engoliu sua raiva e disse:

— Eles não podem nos ouvir. — Ela tinha certeza de que o som dos motores do barco, a água batendo na proa e as paredes de aço do contêiner impossibilitariam ouvir suas vozes abafadas, desde que as mantivessem baixas.

— Mas se eles ouvirem... — a garota com sotaque do meio-oeste e com a voz assustada não terminou seu pensamento - e Maya ficou feliz por isso. Ela não queria saber o que essa pobre garota poderia ter visto, o que poderia ter sido feito com ela, e ela definitivamente não queria que Sara tivesse que ouvir.

— Eles não vão — ela insistiu. Então ela perguntou:

— Como... Como você chegou aqui?

O silêncio ensurdecador reinou na escuridão por vários longos momentos. Não parecia que alguém estava respirando, muito menos falando.

Então a voz trêmula da garota soou:

— Um emprego. Foi-me prometido um emprego.

Maya não respondeu. Ela mordeu o lábio, esperando a garota escolher se continuaria ou não. Apenas quando parecia que ficaria em silêncio, ela disse:

— Eu sou de Oklahoma. É onde minha... Minha família está — sua voz quebrou com a menção de sua família.

— Há quanto tempo? Quando você os viu pela última vez? — Maya perguntou.

A garota fungou.

— Não tenho certeza. Talvez... Cerca de nove meses, eu acho.

Uma onda de desespero por solidariedade ficou presa na garganta de Maya. Ela não tinha certeza se queria saber onde a garota foi mantida por nove meses ou que tipo de coisas ela tinha que fazer. Ela certamente não

perguntaria; podia ouvir a garota chorando silenciosamente, apenas alguns metros à sua direita.

— Eles escolhem você — uma nova voz falou, definitivamente jovem e feminina, porém, mais clara que a da garota do meio-oeste e mais profunda. *Nova Jersey*, pensou Maya. A voz da nova garota estava estável; não calma, mas firme. Ela não parecia tão chateada quanto soava brava. — Eu não sei como... Redes sociais, eu acho. Eles escolhem garotas que não têm uma vida boa em casa. Mulheres jovens que querem fugir ou querem algo melhor. Eles obtêm suas informações de contato - para mim, foi um email, prometendo um trabalho de modelo. Eles oferecem um bom dinheiro, a vida em uma cidade grande. A princípio, parece bom demais para ser verdade. Se você for esperta, consegue ver mais a fundo. Mas eles também são inteligentes. Pedem por fotos de rosto, formulários e referências. Criam sites falsos que parecem legítimos. Eles têm números de telefone e, quando você liga, pessoas amigáveis atendem. Americanos.

Ela pausou por um momento.

— Até lá, você mordeu a isca. Tudo o que parecia bom demais para ser verdade começa a fazer você se sentir especial. Você foi escolhida. Às vezes é para ser modelo ou atuar... Para mim, foi ser uma babá na casa de uma família rica. Eles escondem todos os sinais de perigo. Você sente que não pode deixar passar. Mas então, quando você chegar e eles a tiverem... No momento em que perceber o que realmente está acontecendo... — ela baixou a voz para um sussurro. — Eles já te têm nas mãos. Não há nada que possa fazer.

— Não — disse Maya de repente. A palavra escapou de sua boca num reflexo, como quando se coça uma coceira, mais alto do que ela pretendia. — Eu não acredito nisso. — Tudo o que a garota estava dizendo era realmente terrível e Maya não era estranha à ideia - ela tinha visto essas coisas no noticiário, tinha lido artigos sobre isso online. A maioria das pessoas tendia a pensar que isso não poderia acontecer com elas, com seus filhos, não nos Estados Unidos. No entanto, sim e com uma frequência angustiante.

Mas não era nisso que ela não acreditava. Ela se recusava a acreditar que não havia nada que elas pudessem fazer a respeito.

— Há pelo menos seis de nós — disse ela. — Talvez sete? E apenas três deles. — *Os dois estrangeiros e Rais*.

— Eles têm armas. A menina de Oklahoma sussurrou.

— Eu sei. E eles são cuidadosos. Porém, se há uma escolha entre deixá-los fazer o que querem conosco e revidar - prefiro lutar, mesmo que isso signifique que eu possa morrer.

Ela esperava inspirar as outras meninas, reunir coragem e criar um plano. Se todas trabalhassem juntas e atacassem no momento mais oportuno, usando algum tipo de sinal ou informação secreta, então talvez, apenas talvez elas pudessem...

— Não somos sete — era a garota de Jersey outra vez.

— Eu vi vocês — disse Maya. — Quando eles abriram o contêiner, por apenas um segundo, vi pelo menos quatro rostos, talvez cinco...

— Você viu rostos — retrucou a garota. — Elas estão aqui, fisicamente, mas há uma razão pela qual apenas duas de nós estamos falando. Elas foram drogadas. Estão vivas, talvez acordadas, mas não têm ideia do que está acontecendo. Do que está acontecendo com elas.

Pânico percorreu a espinha de Maya como um formigamento de eletricidade.

— Drogadas? — ela perguntou em um sussurro. — Por quê?

A menina suspirou.

— Para torná-las complacentes. As que choram muito alto, gritam ou vociferam, causam problemas para eles... Eles injetam com uma agulha e tudo parece um pesadelo. Em outras situações, eles as prendem a algo. É uma maneira de nos manter na linha.

Maya abraçou Sara mais perto de si. Ela já havia criado alguns problemas para as duas; se a vissem como uma ameaça em potencial, eles poderiam tentar drogá-la. Ela precisava ser capaz de revidar, manter a cabeça limpa. E Sara... Se isso acontecesse com Sara, como ela iria fugir?

— Tudo bem — disse Maya, pensando em voz alta. — Tudo bem, mesmo se houver apenas quatro de nós que possam agir, ainda assim poderíamos fazer alguma coisa. Poderíamos causar uma distração e fugir - todas nós em direções diferentes. Há apenas três deles; não podem perseguir todas nós, e apenas uma precisa fugir e alertar as autoridades.

Mais uma vez o silêncio tomou conta do contêiner. Maya sentiu-se enraivecer outra vez com a hesitação delas. Para ela não deveria ter havido nenhuma hesitação; era uma questão simples e clara. Elas precisavam fugir da maneira que fosse possível, ou pelo menos tentar.

— Vimos o que acontece — disse a garota de Jersey. — Quando você tenta escapar.

A garota de Oklahoma fungou e sussurrou uma palavra.

— Anita.

Maya não tinha certeza se queria saber - e muito menos se queria que Sara ouvisse - mas não conseguiu se conter.

— Quem é Anita?

— Quem *foi* Anita — replicou Jersey solenemente. — Ela era uma garota, uma jovem mulher, onde eles estavam nos mantendo. Era algum tipo de armazém. Não sei onde, nos trouxeram às cegas, com sacos sobre a cabeça.

A garota engoliu em seco e disse:

— Anita era forte, mais forte que nós. Ela tinha ideias, como você. Todo mundo estava com muito medo de tentar. Ela não. Ela esperou até que houvesse apenas um homem nos protegendo e, quando teve uma chance, Anita aproveitou. Ela o acertou com um soco. Quebrou o nariz dele. Então ela correu. Mas... Eles a alcançaram.

— O que eles fizeram? — A voz de Maya mal saiu como um sussurro. Ela passou um braço, suavemente, ao redor da cabeça de Sara, na tentativa de cobrir seus ouvidos.

— Eles... Eles tiraram partes dela.

— Do que você está falando? — Maya não conseguiu esconder o tremor de sua voz, porque já estava certa de que sabia o que elas queriam dizer antes de dizerem isso. — O que eles tiraram?

Oklahoma estava chorando baixinho novamente.

— Tudo. Eles tiraram tudo.

— E depois — disse a garota de Jersey. — Eles nos mostraram fotos. Eles tiraram fotos. Eles tiraram os rins dela. O fígado. O coração. Qualquer coisa que pudesse valer algo para alguém. Eles nos mostraram fotos e disseram: “É isso que acontecerá se vocês correrem”.

A garota de Oklahoma estava chorando agora. Maya queria alcançá-la, consolá-la, porém, se conteve e agarrou-se a Sara.

— Eles nos querem vivas — acrescentou Jersey —, mas a morte ainda é mais valiosa do que nada.

A respiração de Maya ficou superficial e lenta. Ela olhou para nada em particular - não que ela pudesse ver alguma coisa, mas seu olhar ficou turvo enquanto sua mente trabalhava. Tudo isso enquanto ela pensava que Rais era a ameaça; ele provou que estava disposto a matar para conseguir o que queria e até que estava disposto a machucá-las. Ela tinha certeza absoluta de

que ele teria cortado o dedo de Sara no cais, caso o estrangeiro não tivesse intervindo. Contudo, ele precisava das meninas se quisesse chegar ao pai delas. Se elas fossem deixadas nas mãos desses homens monstruosos, desses traficantes, elas não seriam mais importantes. Ela e Sara acabariam se tornando apenas outro rosto, outro corpo e quem os causasse problemas seria drogada ou pior.

Pareceu-lhe uma situação impossível, especialmente porque qualquer coisa que ela pudesse fazer ou tentar poderia atingir Sara.

Por mais que tentasse considerar uma saída, apenas um pensamento ficou em sua mente. Foi a única coisa que lhe sobreveio, o único resultado positivo possível.

Papai virá nos buscar.

— Eu também pensei nisso por um tempo — disse Jersey. Maya nem percebeu que tinha falado as palavras em voz alta. — Eu pensei que alguém viria. Tinham que vir. Eles me encontrariam, nos encontrariam. Mas ninguém apareceu. Ninguém faz ideia. E quanto mais longe chegarmos, mais longe eles estarão de nos encontrar novamente.

— Ele é diferente — contestou Maya calmamente. Ela sabia como isso deveria soar para elas, como uma espécie de falsa esperança, mas não conseguia explicar com precisão o motivo de seu pai ser diferente ou como ele as encontraria. — Ele pode fazer coisas. Encontrar pessoas. Ele é bom nisso. Ele virá.

— Acredite nisso o máximo que puder — falou Jersey em um sussurro. — É a única coisa que me ajudou a dormir.

Maya suspirou e recostou-se na parede do contêiner. O aço estava frio; já estava ficando mais frio há algum tempo, embora ainda estivesse quente e úmido dentro da pequena caixa. Sara estava quieta e silenciosa em seus braços. Ela não tinha dito uma palavra desde que foram colocadas lá e a preocupação de Maya de que ela tivesse ficado catatônica crescia.

De repente, Maya sentou-se ereta, franzindo a testa na escuridão. Estava silencioso; muito silencioso.

— Você está ouvindo isso? — ela perguntou em um sussurro.

— Não ouço nada — replicou Jersey.

— Exatamente. — Os motores haviam parado. O barco ainda estava balançando um pouco, mas não havia sensação de impulso para frente — Nós paramos. — Ela ouviu tão atentamente quanto pôde. Do lado de fora

do contêiner, ela podia ouvir os gritos abafados dos homens, mas não tinha ideia do que estavam dizendo ou se estavam falando inglês.

Deveria levar dias para chegar a Dubrovnik de barco, ela pensou. Embora não tivesse certeza de por quanto tempo estiveram no contêiner, não poderia ter passado mais do que uma questão de horas. *Onde estamos?*

De repente, uma corrente chocou pesadamente no teto de aço. Maya deu um pulo, assustada com o som, mas Sara não se mexeu. Então houve um gemido de metal rangendo, e a grande caixa de aço oscilou e balançou. Elas estavam no ar, sendo levantadas, provavelmente içadas por um guindaste, ela percebeu. Elas estavam sendo descarregadas do barco. *Estão nos colocando em um barco diferente?* Ela se perguntou, pensando na maneira como Rais havia trocado de veículo para iludir as autoridades.

Então elas desceram, foram abaixadas novamente e caíram no chão com um forte e chocante baque. Maya esperou, permanecendo imóvel na escuridão silenciosa. Não parecia outro barco; não havia balanço. Parecia um chão sólido.

Mais sons de metal batendo, quando alguém do outro lado removeu o cadeado. Com o tempo dentro do contêiner, Maya ficou desorientada; não percebeu que ela e Sara estavam sentadas a poucos centímetros da porta, até que um lado inteiro do recipiente se abriu e foi levantado por alguém do lado de fora.

A repentina inundação da luz do dia a cegou temporariamente. Ela levantou a mão, protegendo e apertando os olhos até os pontos se dissolverem de sua visão. Quando abaixou a mão novamente, ela respirou fundo.

A primeira coisa que viu foi o homem gordinho da doca parado ali, olhando zangado para ela. A segunda coisa que notou foi o cano da metralhadora preta que ele carregava em uma mão, uma alça segurava a arma por cima do ombro.

— Avião — ele disse ríspidamente em um inglês com sotaque. — Sem uma palavra. Andem. Não corram. Traga problemas para mim, eu trago mais problemas para vocês. — Ele deu um passo para o lado. Atrás dele, a uma distância de não mais de quinze metros, havia um avião, a porta traseira aberta com uma rampa abaixada.

Maya se levantou lentamente, puxando Sara com ela. Ela olhou nos olhos da irmã mais nova. Sara olhou de volta, mas seu olhar estava vazio e vítreo. Foi demais para ela. Ela parecia ter desligado mentalmente.

Maya a estimulou a andar quando saíram do contêiner. Elas foram imediatamente recebidas por uma rajada de ar frio quando uma brisa gelada soprou. Ela olhou para a esquerda e para a direita; estavam em outro terminal de carga, ao que parecia, mas este era uma cidade fantasma em algum lugar plano e congelado. O céu estava cinzento e havia uns três centímetros de neve no chão. Ela passou um braço em volta de sua irmã e o outro em volta de si mesma, enquanto caminhavam, de sandálias e pijamas finos, do contêiner para o avião que esperava.

Havia outros homens, mais deles agora. Se eles também estavam no barco ou vieram do avião, ela não tinha certeza, mas havia pelo menos cinco deles que ela podia ver, todos de aspecto sombrio e aparência perigosa. Estavam espaçados a até três ou quatro metros e meio entre o contêiner e o avião. Não tinha como saber. Sem lugar para ir. À direita estava o oceano, a doca e o barco em que haviam entrado; à esquerda praticamente não havia nada, um terminal de carga praticamente vazio, com um único edifício de concreto e espaço aberto e vazio.

Maya pensou no homem do Porto de Nova Jersey, aquele de capacete branco que havia aceitado dinheiro e virado as costas quando foram colocadas no barco. Provavelmente também havia pessoas aqui que aceitariam subornos para ignorar o que estava acontecendo bem na frente delas. O pensamento lhe trouxe lágrimas aos olhos, mas ela se recusou a deixá-las cair na frente desses homens.

Elas chegaram ao avião e subiram a rampa, para o porão de carga. O avião parecia velho, pouco mais que um cilindro grosso com uma cauda e uma hélice sob cada asa. A traseira era oca, com grossas tiras de lona penduradas no teto e nas paredes, mas sem carga.

Havia alguém esperando por elas, no entanto; um rosto desprezivelmente familiar. Rais estava sentado no outro extremo do porão de carga, no chão, recostando-se casualmente contra a parede interior curvada. Ele as observou com um leve aceno de cabeça quando entraram e gesticulou para que se sentassem à sua frente.

Maya colocou Sara no lugar e sentou-se ao seu lado. Sara olhava para o chão, a boca aberta levemente e a respiração superficial. Maya encarou Rais com uma careta indisfarçada. Ele encarou de volta passivamente.

As outras garotas foram carregadas rapidamente. Aquelas que podiam andar o fizeram; aquelas que não podiam, as meninas que foram drogadas,

foram meio carregadas e meio arrastadas para o avião. Maya não conseguia olhar para elas. Em vez disso, ela manteve o olhar para frente.

Alguém sentou ao seu lado, no lado oposto de Sara, e Maya arriscou um olhar rápido. A garota tinha cabelos escuros, era latina e, pelo menos, alguns anos mais velha que ela - ela supôs que era a garota a quem se referia em sua mente como Jersey. Ela notou o olho inchado da garota, marcas pretas e azuladas nos olhos e na bochecha. Em frente à Jersey estava uma garota de cabelos loiros lisos, as bochechas afiadas e angulares inchadas e vermelhas de tanto chorar. Oklahoma.

Mais importante do que apenas a aparência física era o comportamento - a cabeça baixa, evitando o contato visual com qualquer um dos traficantes de aparência rude, que estavam de pé sobre na frente das meninas encolhidas enquanto seguravam as tiras de lona penduradas no teto. As jovens haviam visto e experimentado coisas terríveis, isso estava claro. Coisas além da compreensão de Maya, apesar do que ela mesma havia experimentado nas últimas vinte e quatro horas.

Naquele momento, ela fez duas constatações. A primeira era que eles haviam viajado para o norte de barco, provavelmente além da fronteira com os EUA; o tempo frio lhe dizia isso. Estava quente dentro do avião de carga e fedia a combustível, mas pelo menos ela não morria de frio em sua camiseta e calça de pijama.

A segunda coisa que ela percebeu, por mais hesitante que estivesse ao admitir isso para si mesma, foi que ela estava desamparada nessa situação. Qualquer tentativa de fugir ou colocar Sara em segurança resultaria em atrocidades que ela nem imaginara poucas horas antes. Agora elas tinham apenas uma esperança, a esperança que Jersey lhe dissera para se agarrar o máximo que pudesse.

Seu pai dela tinha que vir buscá-las. Ou então elas já estavam mortas.

CAPÍTULO DOZE

O escritório do supervisor de turno no Porto de Nova Jersey era um reboque branco em blocos de concreto - provavelmente para que pudesse ser facilmente movido por guindaste, se necessário, pensou Reid. O homem de capacete branco subiu três escadas de madeira e abriu a porta, fechando-a novamente atrás deles. Não passou nem um pouco despercebido por ele que o supervisor girou o mecanismo de trava da maçaneta.

Reid concordou em acompanhá-lo sob o pretexto de um café e alguns telefonemas, mas isso estava longe de sua mente no momento. Este homem sabia alguma coisa, e Reid iria descobrir o que era.

— Como você prefere? — o supervisor perguntou. Ele atravessou o espaço curto até uma mesa estreita montada com uma máquina de café, copos de papel e creme em pó.

— Preto está bom. Obrigado. — Reid examinou rapidamente o escritório de ponta a ponta. Havia duas mesas, uma de cada lado e quatro cadeiras. O trailer inteiro tinha cerca de doze metros de comprimento por três de largura. Havia um banheiro pequeno e outro ponto de saída na parte traseira - sem dúvida trancado também - e a entrada principal estava nas costas de Reid.

Não é o ideal, pensou, mas é privado o suficiente para um interrogatório.

— Aqui está. — O supervisor colocou dois copos de papel na mesa de aço mais perto deles e sentou-se em uma cadeira giratória cinza atrás dela. — Sinto muito que você tenha que passar por isso. Que coisa, imagino. Quanto tempo você disse desde que suas garotas desapareceram, Sr....?

— Townsend — disse Reid —, mas você pode me chamar de Frank. — Ele se sentou na cadeira de metal do outro lado da mesa e tomou um gole do café. Estava morno e com um gosto horrível.

— Bem, Frank, eu sou Bill — o supervisor respondeu calorosamente. — Você quer... Falar sobre isso?

— Elas foram levadas de casa ontem, em Nova York — mentiu Reid.

— E o que faz você pensar que elas acabaram aqui? — Bill perguntou.

Reid encolheu os ombros.

— Apenas um palpite.

— Um palpite — repetiu Bill, cruzando as mãos sobre a mesa. — Não havia tipo... Uma pista? Ou algum tipo de evidência?

Ele está pescando, Reid pensou. Ele estava fazendo perguntas para ver o quanto Reid sabia, tentando parecer blasé.

— Não há pistas — respondeu a Bill. — Sem evidências. Eu apenas pensei que este seria um lugar provável para tirá-las do país.

Bill levantou uma sobrancelha. Não parecia que ele estava comprando a ideia.

— Você contou à polícia sobre esse seu palpite?

— Não. Não achei que eles acreditariam em mim.

— Compreendo. — Bill pegou um telefone celular do bolso e digitou uma mensagem. — Desculpe, apenas respondendo a uma mensagem da esposa. Então, Sr. Townsend, ninguém sabe que você está aqui?

— Além dos caras com quem conversei lá fora? Não. *Uma mensagem da esposa. Claro.*

Bill colocou o telefone de volta no bolso.

— Bem. Como eu disse, desculpe-me por isso ter acontecido, mas receio que não possamos ajudá-lo. Agora, se você se sentir inclinado a envolver a polícia, teremos o maior prazer em mostrar o que eles querem ver. Eles podiam abrir todos os contêineres, vasculhar todos os barcos. Mas você tem minha palavra de que não vão encontrar nenhuma garota.

Reid assentiu. Pelo menos, isso respondeu a uma pergunta - Maria estava certa. As meninas já haviam partido deste lugar. Ele manteve a voz o mais calma possível e disse:

— Eu entendo. Não acho que a intervenção policial seja necessária. — Ele enfiou a mão na jaqueta e tirou a foto dobrada delas. — Mas, por precaução, são elas aqui. — Ele virou a foto.

Bill tentou. Ele tentou muito não demonstrar uma reação e quase conseguiu. Contudo, Kent Steele era um agente treinado da CIA com anos de experiência em campo e interrogatório. Ele viu o pequeno tremor das sobrancelhas de Bill quando seus olhos se arregalaram impulsivamente. Ele viu a dilatação irreprimível de suas pupilas - um sinal claro de dissimulação.

— Certamente vou ficar de olho — prometeu Bill.

— Obrigado. — Reid dobrou a foto novamente. — Você tem filhos, Bill?

O supervisor balançou a cabeça.

— Não. Apenas nunca aconteceu para nós.

— Mas você as reconheceu.

Bill piscou para Reid, um sorriso confuso, mas educado nos lábios.

— Desculpe-me?

Reid colocou a foto de volta na jaqueta e, ao mesmo tempo, sua mão encontrou o punho da sua Glock 22. Ele puxou a arma para fora, sem mirar, mas mostrando.

— Você as reconheceu — ele disse novamente.

— Calma, calma... — Bill disse inquieto quando começou a se levantar.

— Fique sentado — Reid ordenou enquanto apontava a Glock. Bill afundou novamente em sua cadeira, olhos arregalados e com medo. — Você as viu, essas duas garotas. Dá pra perceber.

— Não, nunca, eu juro...

— Lá fora, você disse que nenhum dos seus barcos vai para Dubrovnik. Eu não mencionei Dubrovnik.

— O quê? — O rosto de Bill se contorceu em uma careta. — Bem, com certeza você disse...

— Eu não disse. — Ele abriu o carregador na Glock para colocar uma bala. — Diga-me o que você sabe, Bill.

O supervisor engoliu em seco e colocou as mãos sobre a mesa à sua frente.

— Escute, Frank, amigo, podemos conversar. Tudo bem? Mas não com uma arma na minha cara.

— Eu acho que isso ajuda as pessoas a serem honestas.

— Sim, tudo bem, mas pense sobre isso — implorou Bill. — Você dispara essa coisa aqui e há trinta caras por aí que vão ouvir. Todos virão correndo. A maioria deles é gente boa, gente inocente, homens de família. Você vai atirar neles? Você tem balas suficientes para isso? Pois, se não, ainda é você quem segura a arma e eles vão chutar seu maldito crânio.

Reid assentiu lentamente.

— Você tem um bom argumento, Bill. — Ele colocou a Glock no coldre. — Esse não é o caminho a seguir.

— Certo — Bill concordou com um suspiro de alívio. — Vamos conversar e...

Reid avançou de repente, estendendo a mão sobre a mesa e agarrando Bill pelos dois colarinhos. Ele levantou o homem da cadeira e o puxou por cima da mesa. O café derramou e a papelada voou quando ele trouxe o infeliz supervisor caindo no chão.

Antes que Bill pudesse se recuperar, muito menos gritar por ajuda, Reid pressionou o joelho na garganta do homem, cortando não apenas sua capacidade de falar, mas também o suprimento de ar.

Ele se inclinou para perto do rosto do supervisor.

— Ouça, Bill, e ouça bem — ele falou rapidamente, sua voz afiada com um rosnado. — Essas duas meninas na foto são minhas crianças. Minhas filhas. Minha família. Minha vida. Elas significam tudo para mim. Você não significa *nada* para mim. Eu deixaria você sangrando nesse chão se isso significasse ficar um passo mais perto delas. Se você acha que a ajuda está chegando, você está errado. Eu tenho duas armas, vinte e sete balas e duas mãos, e estou bastante confiante de que posso passar por você e qualquer outra pessoa que queira tentar ficar no meu caminho.

O rosto de Bill ficou vermelho escuro, sua circulação foi interrompida, enquanto um som molhado e sufocado escapou de seus lábios. Mas Reid não cedeu. Ainda não.

— Não há *nada* que não faria para alcançá-las. E confie em mim, eu fiz algumas coisas horríveis. Sabe de uma coisa. Eu acho que você as viu. Quando eu deixar meu joelho sair da sua garganta, você vai me contar tudo. Não vai gritar por ajuda ou tentar chamar a atenção, porque, então, será ainda pior para você. Como prova disso.

Reid agarrou a mão direita de Bill e, sem hesitar, sem pensar duas vezes, virou o dedo indicador do homem de lado. Ele se partiu facilmente com um *tak* maçante, como o estalo de um osso de galinha, saindo em um ângulo de noventa graus do resto de sua mão.

Bill tentou gritar, mas com o joelho de Reid firmemente em seu pescoço, tudo o que ele pôde fazer foi grunhir quando seu rosto ficou roxo.

Reid aliviou a pressão, apenas um pouco, apenas o suficiente para que Bill pudesse sugar um pouco de ar. A boca do homem se abriu como um peixe, e quando ele exalou, saiu como um gemido de dor.

— Você... Seu filho da puta... — ele ofegou.

Eles nunca aprendem da primeira vez.

— Deixe-me dizer uma coisa, Bill — Reid sibilou, inclinando-se perto do rosto de Bill. — Em todos os interrogatórios, sem exceção, sempre parece que o sujeito pensa que ele será a porca que não se quebra. Mas todos eles se quebram eventualmente. — Reid pressionou o joelho novamente e depois quebrou o dedo mindinho de Bill.

O supervisor fechou os olhos com força enquanto sua boca bocejava em um grito silencioso.

— Você tem mais oito, Bill. Sou um homem paciente, mas não tenho muito tempo.

Ele parou um pouco e Bill choramingou, a saliva pingando de seus lábios inchados e roxos.

— Elas estiveram aqui — disse ele com voz rouca. Ele vomitou e disse. — Elas estiveram aqui, hoje de manhã. Por volta das quatro. Em uma embarcação...

— O homem que estava com elas — disse Reid —, ele era americano, certo? Olhos verdes? Cabelo escuro? Ele tinha que confirmar que era Rais. Pelo menos então, talvez, ele e Maria pudessem convencer a agência da verdade. — Responda-me, Bill.

— Um deles era...

— Um deles. — Reid franziu a testa. — Do que está falando?

— Os outros eram... Os escravos... — Bill ofegou.

— Os escravos? Quem são os escravos?

— Eu não sei... Quem são eles. Eslovacos ou talvez tchecos. Eles têm um b-barco, um pequeno, com contêineres. Eles estão vazios. Todos, exceto um ou dois.

O pânico tomou conta do peito de Reid como um ataque cardíaco. Em quase um sussurro, ele perguntou:

— O que há nos contêineres, Bill?

Um soluço escapou da garganta do supervisor.

— Deus me ajude...

— Ele não está aqui, Bill. Eu estou — Reid agarrou um dedo não quebrado com força. — O que há nos contêineres?!

— ... P-pessoas.

— Crianças?

Bill fungou.

— Garotas. Sempre garotas.

O rosto de Reid afrouxou como em um derrame. Homens do Leste Europeu haviam levado suas filhinhas para o outro lado do oceano, e esse homem - esse *monstro* - os ajudou. A bola de raiva em seu peito explodiu e ele se perdeu de novo. Ele pressionou a garganta de Bill com um joelho quase forte o suficiente para esmagar a traqueia do homem e agarrou o dedo médio.

— Você deixou *traficantes*...

Ele quebrou o dedo.

— ... Levarem minhas filhas?

Ele quebrou outro.

— Por quê? Por dinheiro, Bill?

Ele agarrou o polegar do supervisor e o puxou de volta até tocar seu antebraço. O osso estalou e o músculo rasgou. A mão mutilada já estava inchada, quase o dobro do seu tamanho normal. Hematomas azul e pretos manchavam a pele nos pontos de ruptura.

Os olhos de Bill estavam arregalados o suficiente para caírem de sua cabeça, avermelhados e sem piscar. Mas ele não conseguiu emitir nenhum som, não com o joelho de Reid na garganta.

Apenas mate-o. Seria fácil. Só não se mexa por mais trinta segundos e ele estará morto. Ele não merece nada menos que isso.

Não. Eu não posso. Ainda não.

Ele saiu da garganta de Bill e o homem respirou fundo. Toda expiração veio com um gemido rouco.

— *Hnng... Hnng... Hnng...*

— Para onde eles foram? — Reid se posicionou para que Bill fosse forçado a olhar nos olhos dele. — Você sabia sobre Dubrovnik, mas disse que nenhum dos seus navios vai para lá. Então, para onde eles foram? Bill, para onde eles levaram minhas filhas?

— Eles... — suas palavras eram pouco mais do que choramingos coaxantes. — Eles vão me matar.

— Possivelmente sim. Mas eu não vou. Vou te deixar vivo. Vou quebrar o resto dos seus dedos, Bill. E se ainda não tiver as informações que desejo, eu vou quebrar seus braços e pernas. Mas vou deixar você vivo para conviver com o que fez. Olhar para seus próprios membros mutilados e desfigurados e ser lembrado do que você realmente é. — Ele pegou a outra mão de Bill para demonstrar que não estava blefando - e não estava. — Para onde eles foram?

— N-norte — o supervisor soluçou novamente, um soluço que ficou preso em sua garganta como uma tosse. — Há uma ilha perto da - *ai* - costa da Nova Escócia. H-há um depósito lá...

— Um depósito de carga? — Reid perguntou impaciente. — E eles fazem a mesma coisa que você faz? Ignoram o que esses homens fazem? Aceitam, dinheiro enquanto eles sequestram meninas? Jovens garotas?

Bill fechou os olhos com força, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto ele assentia.

Nova Escócia. Não faria sentido, ir para o norte apenas para ir para o leste; isso levaria muito mais que oito dias. A menos que...

— Nesse depósito de carga, elas são colocadas em um avião — Reid elaborou o pensamento em voz alta. — É só isso? Eles saem daqui de barco, pegam um avião e vão para Dubrovnik?

Bill acenou com a cabeça novamente, suas respirações saindo irregulares e ásperas.

Reid se deixou cair para trás e sentou no chão, esfregando o rosto. *Não é mais que nove a dez horas daqui para Nova Escócia de barco. Eles partiram às quatro da manhã. São nove da noite.*

Suas meninas estavam em um avião, naquele momento, indo para a Croácia. Os planos de Maria de usar a Guarda Costeira, a CIA, voando de helicóptero... Nada disso funcionaria. Não, agora.

— Mais uma pergunta, Bill, e terminamos aqui. O americano de olhos verdes - ele foi com eles? Ou ele ficou aqui?

— Ele... — Bill engasgou e vomitou uma vez. — Ele foi. E-entrou no barco. *Annggh...* Deixou o carro aqui.

Reid suspirou consternado. Rais havia levado as meninas para a Croácia com a intenção de que Reid seguisse - deixar a segurança dos Estados Unidos, deixar o que sabia, deixar para trás a polícia e a jurisdição.

Pois ele sabe que eu vou. Ele sabe que eu vou segui-lo.

Ele queria muito matar o homem deitado no chão diante dele, com o rosto roxo, vasos sanguíneos estourando nos olhos. Seria fácil, tinha um abridor de cartas em cima da mesa. Uma deslizada da ponta na artéria femoral da coxa e Bill, o supervisor, sangraria no chão do trailer por menos de um minuto. Seria *muito* fácil.

Ele queria que esse homem sofresse, vivesse com o que havia feito. Ele pegou a carteira de Bill do bolso e tirou a carteira de motorista.

— Eu vou ficar com isso — Reid disse a ele. — Você pode tentar correr, se esconder, mas será pego. Você será preso pelo que fez aqui. Passará o resto da vida na prisão - e caras como você, eles tendem a não se sair tão bem.

Bill só podia choramingar.

De repente, a maçaneta trancada do trailer sacudiu. Reid ergueu os olhos bruscamente quando alguém bateu com o punho pesado do outro lado.

— Bill! — uma voz masculina profunda. — Bill, você está bem aí?

Reid se levantou e separou as persianas de uma das pequenas janelas, apenas um pouco - mas ainda assim o suficiente para ver que nada menos que uma dúzia de trabalhadores estavam reunidos diretamente do lado de fora do escritório.

A mensagem. A mensagem que Bill enviou, supostamente para sua esposa; ele deve ter avisado seus homens.

— Abra ou vamos derrubar esta porta! — ameaçou outra voz.

Bill ergueu fracamente a cabeça e tentou pedir ajuda, mas sua voz era pouco mais que um coaxar rouco. Reid examinou suas opções; ele podia tentar a porta traseira, mas não tinha dúvida de que havia pessoas lá também. Em vez disso, ele sacou a arma.

Um momento depois, a porta se abriu, a fechadura se abriu facilmente com uma dúzia de homens grandes e zangados esperando do outro lado.

CAPÍTULO TREZE

O homem bem do lado de fora, aquele que chutou a porta, era o homem grande e careca com quem Reid havia falado anteriormente. Ele empurrou a porta estreita, os ombros arfando, o olhar zangado - e se deparou com o cano de uma pistola a um metro de seu rosto.

Reid estava com a Glock apontada, agarrando-a com as duas mãos. Ele não queria atirar em ninguém, mas não estava mentindo quando disse a Bill que nada, ninguém, ficaria entre ele e as meninas.

Por um momento, nenhum deles falou nada; eles simplesmente se olharam.

Por fim, o grande operário levantou as mãos devagar.

— Ei — ele disse —, ninguém precisa se machucar aqui, certo?

— Afastem-se — Reid ordenou. — Para trás.

O homem deu um passo atrás, descendo os três degraus de madeira que levavam ao trailer, tudo sem tirar os olhos de Reid ou da arma. Os trabalhadores atrás dele recuaram também, devagar. Reid observou com certa consternação que alguns deles empunhavam canos, chaves inglesas, pedaços de corrente - Bill estava certo. Eles cuidavam dos seus.

Eles simplesmente não sabem que os seus ajudam e favorecem o tráfico de pessoas.

Reid estava parado na porta do trailer, com a arma levantada, mas não apontada diretamente para nenhum deles. Ele reuniu uma voz clara e forte ao dizer:

— A maioria de vocês provavelmente é inocente nisso - talvez todos. Mas se vocês se mexerem, eu atiro.

O homem grande à frente da multidão que trabalhava nas docas franziu o cenho profundamente.

— Inocente? Do que está falando?

— Seu chefe, Bill, faz parte de uma quadrilha de tráfico — disse Reid.

— Ele estava ajudando um grupo de estrangeiros a tirar meninas sequestradas do país.

— Não. Sem chance. — O homem balançou a cabeça. — Eu conheço esse homem há dezesseis anos. Não acredito nisso.

Você ficaria surpreso em saber do que as pessoas são capazes. Ele não pôde deixar de pensar em sua falecida esposa, Kate, e suas filhas, sem saber de toda a sua carreira na CIA.

Reid sabia que não seria capaz de convencer esses homens da verdade - e não fazia sentido fazê-lo de qualquer maneira. Ele não precisava provar isso para eles; tinha que provar isso às autoridades. Mas ele tinha que sair vivo das docas.

Ele desceu o primeiro degrau de madeira, movendo a arma da esquerda para a direita enquanto os trabalhadores da doca se afastavam, dando pequenos passos para trás e se espalhando em um semicírculo. Eles estavam procurando uma abertura, uma oportunidade para desarmá-lo. E então...

— Jesus! — alguém gritou. Sem Reid bloqueando a porta, o interior do trailer era visível - assim como Bill, deitado no chão, o rosto roxo e uma mão mutilada e a respiração ofegante.

— Alguém chama a polícia! — outro membro da tripulação disse.

Reid desceu o último degrau e manteve o trailer nas costas, dando um passo paralelo a ele. Ele precisava voltar para o carro, para dar o fora dali. O homem grande na frente da multidão chegou atrás dele; alguém entregou uma chave inglesa, com quase um metro e meio de comprimento e pelo menos cinco quilos.

Isso esmagaria meu crânio em um golpe.

— Ninguém precisa morrer hoje à noite — ele lembrou o grupo. — Basta recuarem e eu vou embora...

Houve um movimento repentino em sua visão periférica. Um homem com um bigode balançou um pedaço de corrente, a mão, a cerca de um metro e oitenta de distância dele. Reid moveu seu corpo, tornando-se um alvo menor, quando a corrente passou assobiando por seu nariz e bateu violentamente no chão.

Sua reação foi toda instintiva. Alguém o atacou e ele devolveu a altura. Em meio segundo, a Glock estava levantada, embaixo do cotovelo, e ele disparou um único tiro.

O homem uivou e caiu quando levou a bala na coxa.

O som do tiro parecia incrivelmente alto no ar aberto da noite no porto de carga. O grandalhão levantou a chave inglesa, erguendo-a por cima do ombro como um taco de beisebol.

Reid girou para a esquerda e apontou a arma para a testa do homem antes que ele pudesse concluir.

— Não — ele disse com voz rouca.

O homem grande congelou, mas manteve a chave por cima do ombro, pronta para atacar. Dois outros correram para o amigo caído, que soltou um

suspiro entre os dentes enquanto segurava a coxa e gemia de dor.

Eu preciso sair daqui, agora. Ele poderia correr, correr para a moto suja que deixara para trás, mas seu joelho ainda não estava completamente curado desde que rasgara um tendão no mês anterior. Alguns desses homens pareciam estar em boa forma; ele não estava confiante de que poderia ser mais rápido. E se eles o alcançassem...

— Você tem filhos? — Reid perguntou ao homem grande na cabeceira da multidão. — Eu aposto que muitos de vocês têm. Coloquem-se no meu lugar. Minhas meninas desapareceram ontem. E, acreditando ou não, seu chefe, ele as viu. Ele as assistiu serem colocadas em um barco contra a vontade delas. O que vocês fariam?

— Não isso — disse o grandalhão sombriamente. — Não assim.

— Mas você faria alguma coisa. Você procuraria por eles. E se você soubesse que alguém os tivesse visto e não feito nada...

— Vamos pegá-lo, Leon! — um homem atrás do maior olhou para Reid enquanto falava com o líder do grupo. — Ele não pode atirar em todos nós!

— Eu posso tentar — prometeu Reid. — Porém, não quero fazer isso. Só quero ir embora.

A tensão no ar estalou como eletricidade entre eles. Reid reconhecia esse momento; o pavio estava aceso e apenas alguns segundos antes da detonação, antes que esses homens ficassem nervosos, ansiosos e fizessem algo impetuoso. Eles não ficariam afastados para sempre, e ele teria que fazer algumas escolhas muito difíceis.

O homem na liderança, Leon, ficou tenso. Os músculos de seus antebraços grossos destacaram-se em um alívio agudo quando ele apertou mais a chave inglesa, pronto para atacar.

Mas então - ele franziu a testa. Leon desviou o olhar da arma por apenas um segundo, inclinando a cabeça levemente como um cachorro ouvindo um barulho estranho.

Então Reid ouviu também. O som de um motor, ficando mais alto a cada segundo. Estava se aproximando rápido.

Os pneus cantaram atrás dele, e um instante depois os faróis altos se aproximaram, brilhantes e ofuscantes. Os trabalhadores piscaram e apertaram os olhos, os protegeram do brilho repentino de luz quando um carro esporte preto se aproximou, parando abruptamente logo atrás de Reid, tão perto que seu para-choque direito quase tocou sua coxa.

Por um breve momento, Reid pensou que era o Trans Am que ele deixara para trás na Virgínia; ele deu uma rápida olhada e viu que era um carro mais novo, um modelo recente. Então uma voz rouca o chamou pela janela aberta.

— Entre.

Ele não esperou para se perguntar o que estava acontecendo. Com a arma ainda apontada para Leon, Reid deu dois passos rápidos para trás e pulou no lado do passageiro. Seus pés mal deixaram o chão antes que o motorista desse marcha à ré.

Leon avançou, balançando a chave inglesa no alto. Ele pegou a parte da frente do capô do carro, a chave saindo e deixando uma marca considerável quando o veículo deu um pulo para trás.

O motorista grisalho girou o volante habilmente. A traseira do elegante carro esportivo balançou para fora, arrastando um pouco, e então ele o jogou enquanto ainda estava em movimento. O motorista apertou o acelerador e o carro decolou como um tiro, percorrendo a quase cem por hora pela estreita faixa de cargas.

Reid deu um suspiro pesado.

— Mais uma vez obrigado, Mitch.

— Hmm — o mecânico grunhiu em resposta.

É claro que Reid tinha perguntas, mas havia assuntos mais urgentes no momento. Ele colocou a Glock no coldre e abriu o telefone descartável enquanto fazia algumas contas mentais - as meninas tinham pouco mais de dezessete horas de vantagem sobre ele. Isso era tempo suficiente para o navio de carga chegar ao extremo sul da Nova Escócia e elas pegarem um avião dali para Dubrovnik, assumindo que era uma rota de voo direta. Com alguma sorte, o avião em que elas estavam ainda não havia pousado.

Ele discou o número de Watson. *Atenda desta vez. Atenda...*

A chamada foi atendida no meio do toque, mas Watson não disse nada.

— Sou eu — disse Reid rapidamente. — As meninas foram levadas de barco para a Nova Escócia, possivelmente uma das ilhas, e de lá para a Croácia. Precisamos entrar em contato com todos os depósitos de carga na província e manter todos os aviões em solo. Ligue para as autoridades de Dubrovnik, mande a polícia para o aeroporto para... — Reid parou. Ele não ouviu nada na outra linha, nem mesmo o som da respiração. — Alô? Watson, você está aí?

Houve um longo momento de silêncio antes que a mulher do outro lado da linha dissesse:

— O Agente Watson não está disponível no momento. Mas você pode falar comigo, Agente Steele.

CAPÍTULO QUATORZE

Reid congelou ao som severo da voz da diretora assistente.

— Riker — ele disse suavemente.

Ashleigh Riker suspirou irritada.

— Nós te dissemos, Zero. Nós avisamos para você não fazer e, de alguma forma você envolveu o Watson...

— Você entendeu errado. Ele não teve nada a ver com isso — mentiu Reid.

— Ele passou dos limites quando enviou pistas ao Agente Strickland através de seus próprios informantes — ela riu pelo telefone. — Eu deveria ter suspeitado que algo assim aconteceria.

Reid beliscou a ponta do nariz. Se Watson havia sido descoberto, ele não tinha mais um aliado dentro da agência; nenhuma tecnologia para obter fotos de satélite, nenhum método de rastreamento de pistas. Pior ainda, a agência tinha o número do telefone descartável - o que significava que, sem dúvida, o estavam rastreando naquele exato momento.

Então não faz sentido esconder nada deles.

— Tudo bem, me escute — disse Reid rapidamente —, Rais levou minhas garotas para fora do país. Ele fez algum tipo de acordo com um grupo de traficantes escravos...

— O assassino de novo — interrompeu Riker. — Tem evidências? Você o viu?

Reid grunhiu em frustração.

— Não. Mas eu sei que é ele...

— E o que você iria fazer? Enfrentar todo mundo sozinho? Você tentou isso uma vez antes e não funcionou tão bem para você... Ou para nós. Agora já foi e causou outra confusão...

— Eu não matei ninguém — disse Reid com força.

— Não, você apenas os machucou e aleijou — retrucou a diretora assistente, sardonicamente. — Nós conectamos os pontos aqui. Dois policiais foram abordados em Maryland, o recepcionista do hotel com o rosto quebrado, o supervisor de turno no Porto de Nova Jersey, um trabalhador das docas com um tiro na perna... Você está fora de controle, de novo...

Reid sentiu o calor subir em seu rosto, apesar do ar frio da janela aberta do passageiro.

— Estamos falando das minhas filhas aqui...

— Sim e nós dissemos *a você*. Isso não vem de mim, nem de Cartwright, nem mesmo do diretor Mullen. Isso vem do diretor de Inteligência Nacional. Eu diria que você foi renegado, mas você nunca foi totalmente restabelecido, por isso nem sei se *posso* renegá-lo. — Riker parou por um momento, sua voz ficando calma quando ela disse:

— Enfrente os fatos, Agente Steele. Você desafiou ordens. Foi desonesto. Violou leis e interferiu em uma investigação aberta. Agora você é um criminoso. É um vigilante considerado armado e muito perigoso. O FBI foi notificado, bem como departamentos de polícia em seis estados. Se tiver que alertar a Interpol, eu irei.

— Você não precisa tornar isso mais difícil do que já é — Reid implorou. — Podemos cooperar mutuamente. Eu já cheguei mais longe do que Strickland sozinho.

— Você tornou isso mais difícil para si mesmo — a voz dela estava fria. Não havia remorso. — Aqui está o que você vai fazer: Você vai parar agora e vai esperar onde está com esse número de telefone ativo até a chegada dos agentes. Eles o trarão de volta a Langley. Se fizer isso, talvez, apenas *talvez* evite a prisão.

Reid rangeu os dentes e olhou para Mitch, dirigindo estoicamente ao lado dele.

— Eu tenho outro acordo — disse ele.

Riker riu.

— Você não está em posição de fazer negócios, agente...

— Cale a boca e escute — ele retrucou. — Estou em um carro indo para o norte, para Nova Escócia. Vou dar a volta e dirigir de volta para Langley, mas apenas se você ouvir o que tenho a dizer.

A diretora assistente ficou em silêncio por um momento.

— Como posso confiar que você voltará?

— Porque ter minhas filhas em segurança é a coisa mais importante do mundo para mim agora. Não posso fazer nada sozinho com as informações que tenho. Você pode. A agência pode. Se fizer o que eu pedir e encontrá-las, eu volto.

— Diga.

— Minhas filhas foram colocadas em um navio de carga que seguia para o norte às quatro horas da manhã — explicou Reid rapidamente. — O destino era um depósito da Nova Escócia, possivelmente uma das ilhas

periféricas. Teria chegado lá horas atrás; não haveria como alcançá-lo agora, mas tenho a confirmação de que dali elas teriam sido colocadas em um avião e enviadas para Dubrovnik, na Croácia. Dependendo do tipo de avião, podem não ter chegado ainda. Podemos pesquisar manifestos de carga, padrões de voo, descobrir onde estão e quando chegarão ao destino. Podemos alertar as autoridades croatas e levar a polícia ao aeroporto. Se tivermos agentes na área, podemos levá-los até lá. Tudo o que podemos fazer, faça e eu voltarei. Mas precisamos nos mover *agora*.

— Tudo bem. Considere feito. — Riker estalou os dedos para alguém no fundo. — Porém, estou enviando um helicóptero para sua localização para buscá-lo. Se não vir seu rosto na próxima hora, não haverá juiz ou júri. Você entendeu? Não existe um processo devido para isso. Só tem um buraco.

— Entendido — Reid fechou o telefone, encerrando a ligação e jogou o aparelho pela janela aberta.

— Você realmente acha que ela vai fazer tudo isso? — perguntou Mitch. — Para encontrar duas crianças?

— Eu não sei. *Só espero que sim*. — Reid olhou pela janela. Mais cedo, Watson havia dito a ele que Cartwright era o responsável por ajudá-lo e fornecer suprimentos a Reid. *Onde ele estava nisso? O que ele está fazendo para me ajudar - para ajudar minhas garotas?*

— Para onde vamos? — Reid perguntou.

— Estou levando você para uma pista de pouso em Hatfield — resmungou Mitch. — Há um avião lá. Supondo que você ainda precise de um.

Ele assentiu com a cabeça.

— Não vou parar até ver o rosto delas. — Não importava o que ele dissesse a Riker, ele não estava disposto a confiar o destino de suas filhas nas mãos da diretora assistente - ou de qualquer outra pessoa. Ele já tinha chegado longe demais para isso. — Onde você escondeu a unidade de rastreamento?

Ele podia supor, apenas pela presença repentina de Mitch no Porto de Nova Jersey, que não era apenas o Trans Am que havia sido grampeado. Mitch o seguiu até aqui e, embora Reid não tivesse ideia de como ele chegou tão rápido - de helicóptero ou talvez até do mesmo tipo de drone que o deixou no motel -, o mecânico definitivamente ainda o seguia.

— Está na bolsa — resmungou Mitch. — Transponder de silicone costurado no tecido.

Reid riu. Maria estava certa de novo; ele realmente não podia confiar em ninguém nessa linha de trabalho.

— Deixe-me adivinhar, John disse que eu faria algo estúpido...

— Você fez. — Mitch manteve os olhos na estrada, sem o olhar, mal piscando. — Esses homens poderiam ter matado você lá atrás no cais.

E eu poderia ter matado alguns deles, Reid pensou. Ele examinou o homem ao volante - a barba grossa e rebelde; olhos pequenos e apertados; boné de beisebol puxado sobre seus cabelos e sobrancelha.

— A agência pode me rastrear com isso?

— Não, ao menos que eles tenham a frequência e saibam que é você.

Ele pensou por um momento. Ele tinha se livrado do celular porque a CIA agora tinha o número e poderia usá-lo para encontrar sua localização, mas também era sua única linha de comunicação com Maria.

— Você pode passar essa informação para a Johansson?

Mitch assentiu uma vez.

Então ele a conhece também.

— Quem você realmente é? — ele perguntou.

— Mecânico — respondeu Mitch simplesmente. — Amigo do John.

Claro, Reid pensou. *E eu sou apenas um professor de história*

— Você me conheceu. Antes do supressor de memória, você me conhecia, não é?

— Você me conhecia também.

— Mas... — Reid revirou o pensamento em sua mente como se estivesse sovando uma massa. Parecia claro que Mitch não era apenas um informante; ele era da CIA e Reid estava bastante certo de que tudo sobre sua identidade atual, da barba, do chapéu ao comportamento rude e grunhido e até mesmo seu nome, era apenas fachada para esconder sua verdadeira identidade.

Porque uma lembrança pode despertar em minha mente. Porque eu posso me lembrar.

— Mas você não quer que eu lembre — ele disse.

— É melhor deixar algumas coisas no passado — proferiu Mitch suavemente.

Reid queria continuar o assunto. Ele queria se lembrar do máximo que pudesse, mas sabia melhor. Afinal, ele seria honesto sobre sua identidade

com uma pessoa relativamente desconhecida? Especialmente se tal pessoa só queria ajudá-los?

Eles dirigiram para o sudoeste por mais dez minutos, indo dezesseis acima do limite de velocidade e viajando em silêncio. Finalmente, eles saíram da rodovia e desceram uma longa rua arborizada até chegarem a uma estrada de acesso e a uma placa para um lugar chamado Crosswind Airfield. Era composto por pouco mais que um prédio de escritórios, duas pistas estreitas e um hangar ao ar livre que abrigava cerca de uma dúzia de aeronaves pequenas.

As luzes estavam acesas, mas Reid não viu ninguém. Em vez de parar o carro perto do escritório, Mitch circulou-o, contornando a segunda pista atrás do prédio.

Reid ficou boquiaberto em surpresa. Lá, tinha um avião esperando, como Mitch havia dito, escondido da estrada pelo prédio de escritórios - mas não era qualquer avião.

— Esse é um Cessna Citation. — Parado diante deles estava um jato de classe executiva de nove milhões de dólares. *Envergadura de asa dezesseis metros, velocidade máxima de novecentos quilômetros por hora.*

— Hum-hum. — Mitch não parecia impressionado.

— E o piloto?

— Amigo meu — respondeu Mitch simplesmente.

— Um amigo — Reid murmurou. Isso não parecia certo, confiar cegamente em alguém que ele não conhecia e que se recusava a fornecer sua identidade. O Cessna, o drone, o Trans Am, Mitch observando suas costas, salvando-o três vezes de situações ruins - nada disso parecia certo. Todo instinto como agente lhe dizia para não entrar no avião.

— Você sabe que isso é perigoso — falou Reid. — Você sabe o tipo de problema que isso pode lhe trazer. Eu preciso saber por que você está fazendo tudo isso por mim.

— Como o John lhe disse — Mitch proferiu rispidamente —, não estou fazendo isso por você. Faço por aquelas meninas.

— Você está saindo da linha por isso. — Reid balançou a cabeça. — Você sente que você me deve algo, não é? Isso é algum tipo de reparação?

Mitch não disse nada em resposta.

— Tá certo. Então eu vou me virar por conta própria. — Ele não confiava o bastante para pôr sua fé em alguém que não poderia lhe dar uma resposta certa. Ele alcançou para o puxador da porta.

— Espera, Zero.

Reid pausou, sua mão na porta.

O mecânico retirou seu boné de beisebol e passou a mão no seu cabelo castanho desalinhado.

— Então... Não apenas dois anos atrás, mas também antes disso... Eu não era exatamente uma pessoa boa. Eu fiz algo estúpido. Afundei-me nisso. Não somente você salvou minha vida, mas cobriu para mim. Você conseguiu que eu ficasse fora da H-6.

Reid tentou evocar uma lembrança, mas nada lhe veio da explicação vaga de Mitch. Nenhuma nova lembrança despertou em seu cérebro.

— Eu nunca tive a chance de retribuir o favor, até agora. Mas quando John me contou sobre o supressor, eu não queria que você se lembrasse. — Mitch colocou o chapéu de volta e pigarreou. — Porque se você se lembrasse de quem eu era, nossa história, talvez não confiasse em mim. Poderia não aceitar minha ajuda.

Reid mordeu o lábio. Ele não sabia o que dizer ou nem pensar. Mitch estava admitindo que ele era um elemento não confiável do passado de Kent Steele, mas, ao mesmo tempo, provou ser benéfico e solidário. Como agente, seu instinto era desconfiar, evitar, mentir e enganar.

Como pai, ele estava grato além das palavras.

Ele alcançou em seu bolso o documento de identificação que guardara.

— Aqui. Esta é a carteira de motorista de William Johnson. Ele é o supervisor do grupo no Porto de Nova Jersey que tem aceitado suborno e tem permitido que um grupo de homens, os quais ele chama de "os eslavos", leve meninas para fora do país por navios de carga. Eu não confio nem um pouco na Riker. Você, pessoalmente, garanta que ele receberá o que lhe é devido e estaremos quites.

Mitch pegou a identificação e examinou.

— Eu vou.

— E o que você puder fazer para acompanhar as coisas na Nova Escócia, na Croácia...

— Nós vamos.

Reid assentiu.

— Obrigado, Mitch. — Ele apertou a mão do mecânico. — E tenha cuidado. Se a CIA souber que eu estou nisso, eles podem saber sobre o drone ou descobrir sobre o avião.

— Eu vou ficar bem — ele resmungou.

Reid pegou novamente o puxador da porta e a abriu. Quando ele desceu, um pensamento lhe ocorreu. As palavras de Mitch passaram por sua cabeça. *Não somente você salvou minha vida, mas você cobriu para mim. Eu nunca tive a chance de retribuir o favor; até agora.*

Ele se curvou e espiou dentro da cabine do carro.

— E o Watson? Qual é a posição dele sobre isso? Por que ele me ajudou? — Reid não poderia acreditar que era meramente a sugestão de Cartwright que incentivou Watson nessa ação.

Mitch não olhou para cima.

— Não cabe a mim dizer. Eu espero que você tenha a possibilidade de perguntá-lo você mesmo.

— Sim — ele murmurou. — Eu também. — Mais uma vez obrigado, Mitch. — Ele engatou a bolsa no ombro e seguiu para o Cessna que o esperava. Quando se aproximou, a rampa da entrada desceu e um homem estava parado na porta de formato oval - o piloto - Reid presumiu. Ele era branco, alto, com uma mandíbula quadrada, mas isso era tudo o que Reid podia dizer. Apesar da escuridão lá fora, ele usava óculos de aviador e um boné de beisebol preto.

Reid subiu as escadas e estendeu a mão.

— Obrigado por sua ajuda — disse ele. — Eu sou Reid...

O piloto deu um sorriso de boca fechada.

— Nada pessoal, mas quanto menos eu souber sobre você, melhor.

Reid assentiu.

— Entendido. Ele se sentou quando a rampa de entrada se fechou novamente e o piloto recuou para o cockpit. Em minutos, eles estavam no ar, o carro esportivo mal iluminado abaixo deles diminuindo a cada segundo.

Ele estava a caminho e tinha um longo voo pela frente para descobrir como iria atrair e matar o homem que levou suas garotas.

CAPÍTULO QUINZE

A viagem de avião a Dubrovnik foi torturante, mais de sete horas de ansiedade e pensamentos preocupantes e tortuosos. Reid tinha jogado o telefone descartável para que a agência não pudesse rastreá-lo e agora ele não tinha um método de comunicação externa. Tinha Wi-Fi no Cessna e um painel interno que podia acessar a Internet, mas ele não ousou tentar entrar em contato com ninguém - muito menos Maria, que ainda era considerada como em trabalho de campo, ou seu outro suposto aliado da CIA, o diretor adjunto Cartwright.

Por um breve período, ele pensou em Cartwright como alguém da agência em quem ele podia confiar. Mas onde estava ele agora? O que ele estava fazendo para ajudar as filhas de Reid? Ele enviara Watson, isso era verdade, mas apenas porque temia o que Kent Steele poderia fazer se deixado por conta própria.

Cartwright teve a oportunidade de mostrar suas verdadeiras cores, mas agora que a CIA sabia que o Agente Zero estava em movimento, o diretor adjunto não fez nada. Ele era um burocrata, nada mais. Ele era um intermediário jogando nos dois lados, mantendo-se seguro, Reid tinha certeza.

Ele não era melhor que Riker aos olhos de Reid. Ele teve a chance de mostrar uma estrutura moral e desistiu.

Reid tentou cochilar, usar o pouco de sono que podia no avião, contudo, não conseguia se sentir confortável e, toda vez que fechava os olhos, imagens horríveis fluíam em sua visão. Em vez disso, passou o tempo pensando, pensando demais, andando pelo corredor, jogando água fria no rosto no minúsculo banheiro e pensando um pouco mais.

Ele desejava desesperadamente saber o que estava acontecendo lá fora. Se Riker havia enviado um helicóptero, ela sabia que Reid não estava mais na posição em que eles o rastrearam. Ela ainda manteria sua parte do acordo?

Você realmente acha que ela vai fazer tudo isso? Essa tinha sido a pergunta de Mitch. Para encontrar duas crianças?

Quanto mais Reid pensava nessas palavras, mais angustiantes elas se tornavam. Crianças desapareciam todos os dias. Mulheres, homens, pessoas de todas as idades eram sequestradas, raptadas, até pior. *Até onde a CIA iria*

para ver duas garotas salvas, independentemente de quem elas fossem filhas?

Ele não sabia a resposta. Mas ele se sentia muito sozinho, mais do que nunca.

Havia uma coisa da qual ele tinha certeza. Rais não levava as meninas para a Croácia para iludir Reid; ele o estava atormentando, provocando, forçando-o a terrenos desconhecidos para que o assassino pudesse ter vantagem.

Reid teria que atraí-lo primeiro. Enviar um convite que ele não seria capaz de recusar. Ele tinha algumas ideias sobre como fazê-lo, porém, cada uma delas exigia que ele divulgasse a presença do Agente Zero - e isso poderia alertar a CIA sobre seu paradeiro.

Isso mal importava agora, ele decidiu. Ele tinha chegado tão longe. Não estava disposto a recuar ou fugir. *Deixe-os saber onde estou. Eu os conduzirei até lá.*

Por fim, ele não suportava ficar tão sozinho com seus pensamentos. Além disso, raciocinou, eles deveriam estar quase lá. Ele bateu duas vezes na porta do cockpit e ela destrancou do outro lado.

O piloto tirou o fone de ouvido.

— O tempo estimado de chegada é de, aproximadamente, trinta minutos.

Reid assentiu e gesticulou para o assento vazio do copiloto.

— Posso...?

— Claro. Apenas nada pessoal. Prefiro desculpas plausíveis sempre que possível.

— Sem problema. Reid sentou-se na cadeira, imaginando quem seria esse piloto que voaria um terço do mundo como um favor - ou, talvez mais apropriadamente, quem era Mitch para ser merecido esse favor.

Por um momento, ambos ficaram em silêncio, o piloto lidando com os comandos e Reid observando. Ele examinou o painel, os mostradores, as alavancas... E, apesar de sua posição, quase riu.

Eu sei pilotar este avião. Ele nunca tinha feito isso, ou pelo menos nenhuma lembrança surgiu dele voando antes, mas Reid tinha a sensação de controle nas mãos, colidindo com a turbulência, ajustando a altitude.

Um simulador. Apreendi a voar em um simulador. Ele fez uma anotação mental para arquivar essas informações para uso posterior. Pode ser útil.

— Alguma ideia do que está acontecendo lá em baixo? — Reid perguntou. — Em Dubrovnik?

O piloto balançou a cabeça sem olhar.

— Não.

Reid franziu a testa

— O controle de tráfego aéreo deveria ter dito algo se os aviões estivessem sendo revistados. — Se houvesse uma presença policial, como ele pedira a Riker, o piloto estaria ciente.

— Suponho que agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra — murmurou o piloto. Então, mais alto, ele disse:

— Não vou pousar em Dubrovnik.

— O quê? — Uma bola tensa de pânico se formou na garganta de Reid. — Mas é onde eu preciso estar. É para onde devemos ir...

— É para onde *você* deve ir — corrigiu o piloto. — E você vai. Minha rota de voo é para Montenegro, sob o pretexto de uma entrega de correio particular. Desembarcar em Dubrovnik seria muito suspeito para quem estivesse prestando atenção. Você vai ter que saltar.

— Saltar — repetiu Reid, atordoado. — Tipo...?

— Paraquedas — o piloto terminou. — Isso é um problema? Disseram-me que você é experiente.

Vou ter que pular de um avião. O nó na garganta de Reid parecia ter aumentado para o tamanho de uma tangerina. *Eu nunca fiz isso antes...*

Sim, você fez. Muitas vezes. Sentimentos, imagens passaram por sua mente. Mais uma vez, assim como a percepção de que ele poderia pilotar um avião, nenhuma memória específica voltou associada a ele - apenas o conhecimento de que ele poderia fazê-lo se necessário.

E ele precisava. Era pelas meninas. Ele lembrou a si mesmo - *o que for preciso.*

— Não — respondeu Reid. — Não é um problema.

— Bom — disse o piloto. — Posso levá-lo a um quilômetro e meio do aeroporto, mas não diretamente no espaço aéreo deles. Nossa trajetória nos levará ao norte de lá, sobre as montanhas. Disseram-me que você precisa encontrar o depósito de carga. É no extremo norte do aeroporto.

Reid assentiu, apenas ouvindo as palavras do piloto. Ele teria que pular de um avião.

— E quanto a você? — ele perguntou. — Você não vai longe com a porta aberta.

— Não é o meu primeiro rodeio — o piloto sorriu. — Vou diminuir a altitude, reduzir a velocidade e percorrer mais cem ou cento e doze quilômetros antes que eu precise reportar. Direi a eles que uma trava defeituosa forçou a porta a se abrir e vou fazer um pouso de emergência em Tivat. — Ele deu de ombros. — Nada demais.

— Claro. — *Não é grande coisa arriscar vidas e membros para que eu possa entrar na Croácia sem ser visto.* — Hmm... Obrigado. Por sua ajuda.

— Não mencione isso, Zero — disse o piloto casualmente, com as duas mãos no controle.

Reid estreitou os olhos. Ele suspeitava furtivamente que esse piloto pudesse ser outro remanescente de seu passado, alguém que ele não conseguia se lembrar - e talvez, como Mitch, alguém que não queria ser lembrado.

Você fez muitos inimigos, Cartwright havia lhe dito por telefone, logo depois que ele descobriu que suas filhas tinham desaparecido.

Aparentemente, ele fez alguns amigos, ou pelo menos aliados, também.

— O tempo estimado de chegada é de vinte e cinco — informou o piloto, recolocando o fone de ouvido. — Você deveria se preparar.

— Certo. — Ele se levantou do assento para se preparar para saltar de um avião.

*

Ele prendeu as tiras sobre os ombros e apertou o náilon em torno de cada coxa antes de prender o paraquedas sobre o peito. Ele prendeu a bolsa na cintura, arrancando uma das alças do tecido, passando-a por três presilhas e amarrando-a com força.

Ele estava tão pronto quanto poderia estar - pelo menos no sentido preparatório. Suas pernas estavam fracas e sua mente estava cambaleando com a perspectiva de saltar.

O piloto olhou por cima do ombro da porta aberta da cabine.

— Dois minutos — ele anunciou. — Depois de fazer o que você veio fazer aqui, poderá voltar bem?

— Eu vou encontrar jeito — respondeu Reid. — Supondo que não estarei morto ou na prisão.

O piloto assentiu solenemente, entendendo que Reid não estava brincando.

— Depois da minha parada em Tivat, estarei em Montenegro pelas próximas trinta e seis horas, mais ou menos. Se terminar aqui e chegar lá...

— Ele entregou a Reid um cartão branco com um número de telefone escrito à mão, mas sem nome. — Ligue.

— Obrigado. — Reid colocou o cartão no bolso.

— Eu tenho que garantir a segurança da cabine agora — disse o piloto. — Conte até sessenta e depois salte. Ele empurrou a porta do cockpit. Reid ouviu som da tranca do lado oposto.

Isso é loucura, ele disse a si mesmo.

Você pode fazer isso. Você já fez isso antes.

Isso não facilita as coisas.

Ele começou a contar em voz alta.

— Um, dois, três...

O altímetro no cockpit havia lhe dito que eles estavam a uma altitude de cruzeiro de cerca de doze mil pés.

— Onze, doze, treze...

A maioria dos paraquedas requer cerca de oitocentos a mil e duzentos pés de queda livre para serem abertos, sua mente lhe dizia.

— Vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco...

Nessa altura, sua taxa de queda será de 185 quilômetros por hora.

— Trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove...

A altura mínima de abertura segura é de cerca de dois mil pés.

— Quarenta e quatro, quarenta e cinco...

O que significa que você terá pouco menos de um minuto inteiro de queda livre.

Queda livre.

Isso é loucura.

— Sessenta! — Reid agarrou a borda da moldura da porta arredondada com uma mão e a alavanca vermelha com a outra. Ele hesitou.

Faça agora.

Você tem que ir agora.

Ele se forçou a puxar a alavanca para cima com um grunhido e empurrou para fora. A porta cedeu e estremeceu violentamente, deslizando paralelamente à carroceria do avião.

Reid rapidamente agarrou a moldura da porta com a outra mão, firmando-se enquanto uma torrente de vento intenso rasgava suas roupas, ameaçando puxá-lo para o nada.

Ele olhou por cima da borda. Lá embaixo, bem embaixo, havia a escuridão do oceano, as montanhas e uma vaga massa de luzes. A cidade

O terror tomou conta dele. Ele não podia fazer isso, não podia saltar de um avião se movendo a essa velocidade, a esta altura...

É por elas, a voz em sua cabeça o lembrou. *É pelas meninas*.

— As meninas. Sara. Maya — ele disse em voz alta, mas não conseguia ouvir sua própria voz. Ele imaginou os rostos delas - sorrindo, felizes, em casa. Entretanto, outro pensamento se intrometeu, a foto que Rais lhe enviara como provocação - tensas, aterrorizadas e angustiadas.

Ele soltou a moldura da porta e empurrou com força os calcanhares dos pés, caindo do avião a doze mil pés sobre a Croácia.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O vento soprava nos ouvidos de Reid com tanta intensidade que parecia que não havia som algum, nenhum som no mundo inteiro. Não havia sensação de queda, como ele tinha sentido antes de pular em um mergulho alto ou descer a primeira colina de uma montanha-russa; ele se sentia sem peso, como se estivesse imóvel, simplesmente flutuando no lugar.

Seu corpo respondeu instintivamente, sabendo exatamente o que fazer. Suas pernas estavam ligeiramente dobradas, os músculos relaxados; os braços estavam esticados, os cotovelos dobrados, as palmas das mãos estendidas na frente do rosto.

Não parecia que ele estava se aproximando do chão, mas sim que o chão estava se aproximando para encontrá-lo. Reid olhou para baixo e viu as luzes de Dubrovnik, as pistas amarelas do aeroporto, as sombras escuras das montanhas...

As montanhas. Conte até as montanhas.

Ele entrou em pânico quando percebeu que não estava contando e não fazia ideia de há quanto tempo estava caindo. *Relaxe. Você saberá quando.* Seu corpo angulou, buscando uma trajetória mais próxima do aeroporto de Dubrovnik.

Por vários segundos, ele se esqueceu, esqueceu todos os seus problemas quando foi suspenso em um limbo bizarro. Isso era algo que Reid Lawson jamais faria. Kent Steele tinha feito isso dezenas de vezes. No entanto, aqui estavam os dois, um único homem, simultaneamente, à vontade e ansioso.

Então, antes mesmo de sua mente registrar o pensamento, sua mão encontrou o cordão e o rasgou. O paraquedas subiu acima dele, diminuindo a velocidade de sua descida tão rapidamente que parecia que ele havia sido empurrado de volta para o ar.

Ele olhou para cima; felizmente, o paraquedas era preto. Com alguma sorte, ninguém notaria sua descida na encosta escura e inclinada mais próxima do aeroporto. Ele dobrou as pernas enquanto aterrissava na terra, correndo com o impacto. Ele, imediatamente, soltou o paraquedas do peito, o tirou e, então, agachou-se na escuridão com vista para o aeroporto.

Deveria ser pouco depois das nove horas, horário local, de acordo com sua melhor estimativa. O tempo estava ameno; poderia estar frio se o ar não estivesse tão parado. O aeroporto de Dubrovnik era bastante pequeno para os padrões internacionais. Um trecho de pista em forma de ferradura ficava

ao lado de um longo edifício industrial moderno, todos aninhados na base de montanhas baixas. O centro da cidade ficava mais perto da costa, a cerca de 20 quilômetros de distância.

Mas não era para onde Reid estava indo, pelo menos ainda não.

Em vez de ir em direção ao aeroporto, ele jogou a bolsa no ombro e desceu rapidamente a ladeira na outra direção, seguindo para um prédio cinza retangular no lado oposto da pista. Um avião amarelo e vermelho, estampado com o logotipo de uma transportadora internacional de mercadorias, estava parado na rampa da pista, enquanto uma tripulação trabalhava para descarregá-lo sob brilhantes luzes amarelas.

Ao se aproximar, ele examinou a pista e franziu a testa, consternado. Dois carros da polícia estavam no asfalto, com as luzes apagadas, com quatro policiais assistindo a tripulação descarregando o avião de carga. Ele esperava mais presença de seu acordo com Riker. Ele esperava barricadas, policiais, talvez cães, até a Interpol. Não havia nada disso.

Havia apenas duas respostas possíveis que ele conseguia conceber - ou Riker não havia alocado o tempo e os recursos prometidos a Dubrovnik e apenas havia avisado as autoridades croatas ou a polícia não havia encontrado nada. Se sua matemática estivesse certa e as meninas tivessem sido transportadas imediatamente de um barco para um avião na Nova Escócia, elas teriam chegado horas atrás - talvez antes mesmo antes de ele estar no ar, antes mesmo de falar com Riker.

E se fosse esse o caso, então Rais tinha uma vantagem de sete horas sobre ele. *Elas podem estar em qualquer lugar agora.* Ele teria que descobrir por si mesmo o que estava acontecendo, e não podia muito bem ir até a polícia na pista e perguntar se haviam encontrado alguma garota nos aviões de carga. Em vez disso, ele se manteve às sombras do prédio e entrou silenciosamente.

O terminal de carga era um edifício amplo, semelhante a um armazém, com teto alto e piso de concreto. O lugar estava mais do que meio vazio; a cidade não era exatamente um grande polo de cargas e havia apenas alguns funcionários circulando.

Ele caminhou até o primeiro homem que viu e perguntou:

— Inglês?

O homem croata franziu a testa e coçou o queixo.

— Sim — respondeu incerto.

— Gerente? — Para a carranca mais profunda do homem, ele disse:

— Supervisor? Chefe.

— Ah, chefe. Sim. — O homem apontou para um canto na parte de trás do depósito. — Por ali.

— Obrigado. — Reid passou correndo por ele em direção ao escritório dos fundos.

Apesar do quão frustrante e exasperante o longo voo tenha sido, havia um benefício estranho - toda a energia do nervosismo que tinha ficado dentro dele por tanto tempo tinha que ir a algum lugar, precisava ser exercida. Ele estava pronto para obter respostas. Depois de tantas horas sem fazer nada, Reid estava pronto para fazer qualquer coisa.

Ele abriu a porta de aço pintada de branco e entrou no pequeno escritório. O homem sentado atrás da mesa ergueu os olhos repentinamente da tela do computador. Ele era corpulento, com uma barba irregular pontilhada em cinza cobrindo o queixo bulboso. Ele usava um uniforme azul amassado e conseguiu parecer surpreso e irritado com a intrusão de Reid.

Ele perguntou algo em croata que Reid não entendeu.

— Inglês? — Ele abaixou a bolsa preta no chão e deu uma rápida olhada no escritório. Atrás da mesa tinha um gabinete de arquivos e uma única janela pequena com as persianas fechadas. Caso contrário, a sala era notavelmente ampla.

— Quem é você? — perguntou o homem. — O que você quer?

Reid fechou a porta.

— Os policiais lá fora. Tinham mais deles? Eles estavam aqui, fazendo perguntas?

Os olhos do homem se estreitaram.

— Eles não encontraram nada. Quem é você...?

Eles não encontraram nada

— Foi porque não havia nada para encontrar, ou porque já tinham partido? — Reid perguntou. Ao silêncio do supervisor, ele disse:

— Um avião chegou aqui da Nova Escócia hoje ainda hoje. Isso foi antes de a polícia chegar?

— Eu já respondi as perguntas deles — retrucou o homem, indignado.

— Então, a menos que você possa me dizer quem você é, eu vou lhe pedir para sair.

Reid balançou a cabeça.

— Vou precisar ver seus manifestos de voo.

— Esses documentos são confidenciais — argumentou. — Você é americano?

— Sim. — Reid não tinha tempo de discutir. Precisava de respostas. Ele agarrou a cadeira do convidado em frente à mesa do homem, quatro pernas de metal, e enfiou-a sob a maçaneta da porta, para que ninguém pudesse empurrá-la do outro lado.

Isso chamou a atenção do supervisor. Ele se levantou de repente, batendo papéis na mesa.

— O que você pensa que está fazendo, hein?

— Estou procurando uma coisa. — Reid puxou a Glock do coldre.

Os olhos do homem se arregalaram de medo.

— Não há dinheiro aqui — ele disse rapidamente. — Nada de valor...

— Eu discordo. A carga que estava naquele avião é muito valiosa. Agora preciso saber se o avião chegou aqui, quando chegou e para onde foi a carga.

O supervisor não respondeu, mas o canto da boca estremeceu. Suas mãos tremiam visivelmente.

— Eu não... Eu não sei do que você está falando...

Ele sabe.

Reid suspirou.

— Não tenho tempo a perder. Coloque as mãos bem abertas sobre a mesa. — Ele abriu o zíper da bolsa e vasculhou-a, certo de que Watson teria incluído o que precisava.

— O... o quê? — o homem gaguejou.

— Coloque. Suas mãos. Bem abertas. — Reid bateu duas vezes de leve na superfície de metal. — Bem aí. Ou eu vou atirar em você.

Tremendo, o homem colocou as mãos grossas sobre a mesa. Quando o fez, Reid encontrou o que procurava - uma faca tática preta de trinco. Ele abriu. A lâmina era atarracada e larga, em forma de pá, mas perversamente afiada. Seria adequado às suas necessidades.

— Mais uma vez — ele continuou calmamente. — Esse avião pousou aqui? Quando ele aterrissou? Para onde foi a carga?

O supervisor engoliu em seco. Suas mãos tremiam tanto que seu anel de casamento estalou contra a mesa de metal. O homem estava aterrorizado - mas não estava dizendo nada. *Ele tem medo de dizer.* Ele pensou em Bill, lá no Porto de Nova Jersey. *Eles vão me matar,* ele disse. Eles tinham medo do que os traficantes fariam com eles.

Agora eles terão medo de mim.

Em um movimento rápido, Reid bateu a lâmina, cortando com facilidade a palma carnuda da mão do supervisor até que a ponta roçasse contra o metal do outro lado.

O homem jogou a cabeça para trás e gritou enquanto tentava afastar a mão, mas Reid a segurou com força. Depois de alguns segundos, ele arrancou a faca ensanguentada e o supervisor caiu no chão, choramingando e segurando a mão torcida.

— Agora — prosseguiu Reid —, para onde eles levaram as meninas?

— Eu não... Eu não sei...

Alguém bateu pesadamente na porta do escritório do outro lado, tentando em vão abri-la. A cadeira encravada a manteve fechada.

— Marko! — uma voz gritou, seguida por uma linha frenética em croata.

— Marko! — Reid perguntou. — É esse o seu nome?

— S-sim... — o supervisor gaguejou.

— Você tem filhos, Marko? — Reid teve que falar sobre os gritos vindos do outro lado da porta.

Marko choramingou novamente e assentiu.

— Eu também. — Reid se ajoelhou e limpou o sangue da lâmina na camisa de Marko. — Duas garotas. Eles estavam naquele avião. Você quer que seus filhos cresçam sem pai?

— Não — ele soluçou. — Não, não.

— Então me diga uma coisa, Marko. Ou então você será inútil para mim.

Marko respirou fundo.

— E-eles pousaram aqui. Horas atrás, antes de a polícia chegar. Eles... Eles têm uma van esperando. As meninas entram nela. Ninguém vê nada. Ninguém fala.

— Para onde vai a van? — Reid estava ficando sem tempo. Os homens do lado de fora, sem dúvida, alertariam a polícia na pista de pouso.

— Eu não sei...

Reid pressionou a Glock contra a têmpora do homem, forte o suficiente para deixar um anel vermelho em sua pele.

— Eu não sei! — ele gritou.

Algo pesado bateu contra a porta. Uma voz rouca gritou em croata. Alguém estava tentando invadir e a porta não aguentaria para sempre.

Reid grunhiu.

— Você deve ter uma maneira de contatá-los.

— Não, eles sempre vêm até mim...

— Algo, Marko! Dê-me algo, ou eu mato você...

Os homens do outro lado da porta bateram novamente. A cadeira balançou um pouco. *Eu preciso de mais tempo.* Reid apontou a arma para o teto e atirou duas vezes. Marko gritou em choque com o som ensurdecedor. Os homens do lado de fora gritaram freneticamente, suas vozes ficando distantes enquanto se afastavam. *Pelo menos por enquanto*, Reid pensou.

— Minha paciência se esgotou, Marko. Adeus...

— Espere! — o supervisor gritou. — Espere, por favor, espere. Os... Os manifestos...

— O que têm eles? — Reid rosnou.

— Os manifestos da carga para seus voos. Os documentos afirmam que eles estão trazendo têxteis. Os olhos de Marko estavam bem fechados, esperando uma bala entrar em seu crânio.

— Têxteis? Como em tecido? Materiais?

— Sim. Sim. Sob o nome de uma empresa. Tkanina.

— Tkanina — repetiu Reid. — Isso é croata?

— Sim — Marko ofegou. — Significa apenas "pano". Provavelmente é falso. Eu nunca verifiquei. Eu não fiz perguntas.

Tkanina. Isso é um começo.

— Mais alguma coisa, Marko?

— Não, não. Juro que não sei mais do que isso.

Reid acreditou nele. A frente da camisa do homem estava escorregadia com o sangue da mão; a frente da calça estava encharcada de urina.

Houve gritos novamente do outro lado da porta. Reid se levantou, colocou a Glock no coldre e pegou sua bolsa.

— *Policija!* — alguém bradou. Então um comando em croata.

— Só mais uma coisa — disse Reid rapidamente, abrindo as persianas da pequena janela. — Os nomes e idades de seus filhos. Diga.

Marko fungou.

— Miroslav. Treze — ele choramingou. — Lana. Quinze.

— Uma garota — Reid riu. — Você tem uma garotinha. Você é nojento. — Ele abriu a janela e arriscou um olhar para a escuridão. O escritório estava de frente para a parte traseira do edifício; não havia nada lá fora, além da suave encosta das montanhas baixas.

Ele jogou a bolsa primeiro. Antes de sair, ele disse:

— Você vai contar tudo isso à polícia, Marko. Você vai admitir o que fez. Você os terá aqui, prontos para estourar o próximo avião e os escravos. E você vai para a cadeia pelo que fez. Porque eu não estarei longe. Eu estarei observando. Se você tentar fugir, ou avisar alguém, eu te encontro. Eu vou te matar, Marko. Entendido?

— Sim. Sim. Eu entendi. Sim. — O homem fungou e limpou o nariz com a mão boa.

Reid agarrou o peitoril da janela com as duas mãos. Seria um desafio, apertar-se através desta pequena passagem.

Contudo, antes que ele pudesse, algo pesado bateu contra a porta. A cadeira caiu e o batente se abriu, três policiais croatas zangados do outro lado.

CAPÍTULO DEZESSETE

A mão de Reid já estava dentro de sua jaqueta quando a porta se abriu. Ele arrancou a Glock e deu dois tiros em direção à porta.

Não tinha intenção de atirar em alguém que não merecesse. Reid mirou levemente para a esquerda antes de puxar o gatilho e as duas balas foram enterradas na parede. No entanto, teve o efeito desejado; os policiais e os trabalhadores aglomerados do lado de fora do pequeno escritório se esconderam, desaparecendo dali.

A distração deu-lhe os preciosos poucos segundos que precisava. Ele forçou a dúvida do momento anterior para fora de sua mente, enquanto se agachava e pulava, impulsionando com os pés e enfiando as mãos diretamente na frente dele em um mergulho de cisne. Seu corpo atravessou a janela estreita, mas ele sentiu os dedos dos pés prenderem-se ao peitoril quando aterrisou dolorosamente na calçada do lado de fora, caindo em uma rolagem desajeitada. Seu ombro latejava; isso deixaria um hematoma considerável mais tarde.

Ele pegou sua bolsa enquanto se levantava e começou a correr, paralelo entre o terminal de carga e as montanhas baixas atrás dele. Reid imediatamente se arrependeu de ter disparado os tiros; embora lhe desse o tempo necessário para escapar, havia acabado de autorizar a polícia a usar força letal contra ele. E ele tinha visto apenas três policiais, quando sabia que havia pelo menos quatro...

Assim que o pensamento passou por sua mente, alguém apareceu à sua frente, outro policial dobrando a esquina do prédio com a pistola de serviço sacada e apontada para baixo. Reid não parou nem diminuiu a velocidade; ele abaixou o ombro e bateu no policial a toda velocidade como um jogador defensivo de futebol americano.

— *Oomff!* — O oficial levou oitenta quilos de Agente Zero no diafragma. Por um momento o corpo inteiro do homem ficou fora do chão, sem peso e, então, ele caiu com força de costas no asfalto.

Reid saltou sobre ele sem desacelerar e correu para frente. Ele se manteve nas sombras, próximo da base das montanhas. Sirenes gritaram atrás dele quando os policiais pegaram seus carros. Ele precisava ganhar algum tempo, pelo menos o suficiente para encontrar um lugar para se esconder. Ele subiu a encosta suave da montanha por cerca de dez metros, arrancou a jaqueta e jogou-a na terra. Então, se afastou e continuou paralelo

à pista. Com alguma sorte, a polícia encontraria a jaqueta e presumiria que ele tinha corrido pelas colinas.

Reid correu até o asfalto terminar em campos escuros e planos, ocasionalmente dando uma olhada por cima do ombro para ver faróis e pisca-alertas à distância. Mas eles não estavam longe; eles viriam por esse caminho em breve. Depois de quase oitocentos metros de corrida, ele parou, recuperando o fôlego e agachando nas sombras do gramado. Ele abriu a bolsa e tirou uma muda de roupa. Substituiu a camiseta branca por uma verde-oliva, prendeu o coldre no ombro e depois vestiu um blazer marrom para substituir a jaqueta que dispensara. Mais fundo na bolsa, ele encontrou um boné de beisebol azul - *obrigado Watson*, ele pensou - e o colocou.

Ainda na grama e nas sombras, ele circulou ao redor do aeroporto, aproximando-se do leste. Mesmo sob a cobertura da escuridão, não estava muito interessado em ficar a pé, não enquanto a polícia o estivesse procurando. Ele não podia ter certeza de que o observaram decentemente, mas não queria correr o risco. Além disso, era uma caminhada de dezenove quilômetros até a cidade de Dubrovnik propriamente dita.

Quando chegou à estrada, caminhou um pouco além do acostamento, em direção à frente do aeroporto. Ele só tinha que chegar ao terminal de ônibus e de lá poderia pegar um transporte para a cidade. Ele esperava que a polícia concluísse que o criminoso com a arma não seria estúpido o suficiente para pegar um ônibus.

Estava a menos de vinte metros do terminal quando dois policiais saíram do aeroporto ao lado do ônibus que esperava. Reid xingou e rapidamente se inclinou contra uma placa de metal, tentando parecer casual.

Ele checkou por sua visão periférica. Um dos policiais uniformizados entrou no ônibus. O outro se manteve perto das portas, conversando com turistas. Provavelmente perguntando se tinham visto alguém que se encaixasse na descrição de Reid.

Se ele ficasse e esperasse sua chance de embarcar em um ônibus, eles poderiam encontrá-lo. O aeroporto não era grande e, apesar da popularidade de Dubrovnik como ponto turístico, não havia tantos visitantes nos meses mais frios. *Mas que escolha eu tenho? Não posso alugar um carro. Não posso andar sem arriscar ser visto...*

— Ei — um sedan cinza parou bem na sua frente. A janela do passageiro estava abaixada e o motorista se inclinou para se dirigir a Reid.
— Olá, meu amigo! Sim, você. Você é americano?

Reid percebeu que estava encostado na placa de um ponto de táxi. O carro cinza tinha duas palavras estampadas na porta em letras desbotadas, tanto em inglês quanto em croata (presumivelmente): Serviço de Táxi.

— Você precisa de carona? — O inglês do motorista não era bom, mas pelo menos ele falava.

— Sim. Preciso. — Reid jogou sua bolsa no carro e entrou no banco traseiro. — Dirija para Dubrovnik. Centro da cidade

— Tudo bem. — O táxi se afastou do meio-fio. Reid virou a cabeça enquanto passavam pelo ônibus e pelos policiais. Em menos de um minuto eles estavam fora do aeroporto e a caminho da cidade. — Você está sozinho, meu amigo? Onde está sua família?

— Vou encontrá-los — respondeu Reid de forma sucinta. O motorista tinha mais ou menos a idade dele, talvez um ou dois anos mais novo, com a barba por fazer e os olhos cansados. Mas ele sorria agradavelmente - tinha um turista americano no banco de trás, o que Reid entendeu que, provavelmente, significava que ele esperava uma boa gorjeta. — Eu só tenho dólares americanos. Isso é um problema?

— Sem problemas. Acontece muito com turistas. Esquecerem-se de trocar dinheiro. Falta de... De, uh... — Ele estalou os dedos como se isso fosse conjurar a palavra.

— Prospectiva? — Reid sugeriu.

— Sentido — disse o motorista.

Reid riu levemente. Ele notou uma pilha grossa de folhetos de viagem no bolso do encosto, anunciando coisas para fazer e lugares para ficar na cidade.

Um deles em particular chamou sua atenção.

— Onde você está se hospedado, amigo?

— Eu vou ficar aqui. — Reid passou o folheto para o motorista. Parecia um lugar bonito; a capa anunciava piscinas cristalinas e moradias modernas com vista para a costa do Mar Adriático.

— Oh — o motorista reagiu impressionado. — Villa Maya, hein? Tive a sensação de que você fosse um homem rico. Ele piscou através do espelho retrovisor.

Reid entendeu a dica. No bolso, ele ainda tinha o maço de dinheiro de emergência que tirara do armário antes de deixar a Virgínia. Ele tirou uma nota de cem dólares e passou para o motorista.

— Isto é para você — ele disse. — E fique com o troco. Mas temos que fazer uma parada primeiro.

— Parar onde?

— Estou procurando um lugar que acredito que seja em alguma parte da cidade. É uma empresa chamada Tkanina.

O motorista riu.

— Você sabe que isso significa “tecido”, né? Você está procurando um lugar chamado "Tecido"?

— Sim.

O motorista riu levemente de novo, mas ele digitou no GPS do telefone celular preso no painel. O táxi desviou um pouco na estrada, lembrando Reid de afivelar o cinto de segurança.

— Hmm — o motorista disse suavemente depois de um momento. — Que tal? Há um lugar chamado Tkanina em Dubrovnik. Do outro lado da cidade, mas não muito longe daqui. Você ainda quer ir

— Sim — Reid respondeu a ele.

— Você é quem manda.

Foram necessários apenas quatro minutos para chegar ao destino, localizado em uma pequena área comercial nos arredores de Dubrovnik. O endereço para onde foram era exatamente como Reid esperava; tijolo bege, discreto, sem sinais ou indicação do que poderia haver lá dentro.

— Desligue seus faróis. Estacione ali, no próximo lote — Reid instruiu. O táxi passou pelo prédio escuro e silencioso e parou no estacionamento de uma instalação adjacente. A placa sugeria que o local fabricava peças de bicicleta, mas estava deserto a essa hora da noite. — Abra o porta malas, por favor.

Reid saiu do carro e guardou sua bolsa preta. Então ele se virou e se ajoelhou ao lado da janela do lado do motorista.

— Estou deixando minha bolsa com você — disse ele. Quero que espere por mim. Não sei quanto tempo isso levará; pode demorar apenas alguns minutos. Pode demorar uma hora. Mas se esperar, tenho outra centena para você.

Os olhos do motorista se iluminaram.

— Claro, meu amigo. Eu espero aqui.

— Obrigado. — Reid se endireitou, mas outro pensamento lhe ocorreu. — E você pode ouvir barulhos.

— Barulhos? — O motorista levantou uma sobrancelha.

— Barulhos altos. Mas por favor. Fique e espere por mim.

O taxista sorriu quando reclinou o encosto do banco e cruzou os dedos atrás da cabeça, como se estivesse sentado em uma espreguiçadeira. — Meu amigo, estou relaxado. Vê? Eu fico. Eu espero.

— Obrigado. — Reid saiu do carro e atravessou o estacionamento escuro em direção ao edifício Tkanina, parecido com um cubo. A única luz do lado de fora estava colocada na frente, alguns metros acima da entrada de duas portas de aço, lançando um brilho pálido sobre a frente de várias vagas de estacionamento. Reid contornou a auréola da luz e inspecionou a fachada do edifício; não parecia haver câmeras e as janelas estavam muito altas nas paredes para ele dar uma olhada lá dentro.

Ele tentou as portas da frente. Estavam trancadas, naturalmente, porém, após uma rápida inspeção, ele determinou que poderia quebrar a tranca do lado de fora. Ele pegou a faca em forma de pá, ainda manchada com um pouco do sangue de Marko, e começou a trabalhar.

Demorou menos de um minuto para tirar a maçaneta da porta esquerda e puxar o ferrolho, mas pareceu demorar muito mais. Sua mente estava acelerada. Ele não esperava encontrar suas filhas aqui; os traficantes e Rais seriam estupendamente tolos em confiar esse tipo de informação a um cara fraco como Marko no terminal de carga. Mesmo assim, ele esperava encontrar algo - ou mais apropriadamente, *alguém* - dentro.

Ele entrou no prédio o mais silenciosamente que pôde e imediatamente puxou sua Glock 22. Levou alguns segundos para seus olhos se ajustarem à escuridão da loja... E quando o fez, seu rosto caiu em desapontamento abjeto.

As sombras caíram em fileiras e mais fileiras de estações de trabalho. Muitas delas estavam equipadas com máquinas de costura de nível industrial. Ao longo da parede oposta tinham amplos dispositivos com rolos enrolados em grandes faixas de tecido em várias cores.

É, de fato, uma fábrica têxtil. Ele esperava um prédio quase vazio, ou talvez uma fachada disfarçada, mas isso parecia ser um negócio de boa fé. Poderia estar sob posse dos traficantes como uma maneira de lavar seu dinheiro, ele pensou, ou talvez uma entidade de repasse, como os homens nos portos, pagos para falsificar a carga que entrava para levar as meninas para outros lugares do país.

Independentemente disso, ele tinha chegado tão longe e, definitivamente, iria dar uma olhada ao redor. Ele atravessou o chão da loja

com silêncio e cuidado, seu caminho iluminado apenas pela luz fraca da lua entrando pelas janelas embutidas nas paredes acima. No outro extremo do andar, ele encontrou entradas para alguns escritórios, destrancados e vazios.

Além deles, havia dois conjuntos de escadas. Uma era feita de aço e levava a outro nível parcial da planta. A segunda era de concreto e descia para a escuridão de um porão.

Reid ficou na base da escada de aço por um minuto inteiro, ouvindo atentamente. Ele não escutou nada além do sangue correndo em seus próprios ouvidos; sem pegadas, sem vozes, nada.

Ele desceu as escadas, desejando ter trazido uma lanterna.

No fundo, ele fechou os olhos por vários segundos para permitir que eles se ajustassem à escuridão mais rapidamente. Quando os abriu novamente, ele conseguiu ver as silhuetas fracas de mais máquinas, muitas delas - ele estava parado na beira de um nível subterrâneo da fábrica, um piso tão vasto e largo quanto o de cima. Mas estava incrivelmente escuro, escuro demais para percorrer. Ele segurou a Glock em uma mão enquanto a outra se atrapalhava ao longo da parede na esperança de encontrar um interruptor de luz.

Algo chamou sua atenção e ele olhou para cima. No canto do teto, havia um pequeno e único ponto vermelho de luz.

Reid apertou os olhos para observá-lo. A luz estava presa a uma caixa preta retangular. Uma câmera, ele percebeu, dirigida em um ângulo descendente.

Em direção à entrada.

Diretamente para ele.

Os pelos de sua nuca se arrepiaram quando ouviu passos arrastados na escuridão.

E então o tiroteio começou.

CAPÍTULO DEZOITO

Reid viu o cano brilhar um quarto de segundo antes de ouvir a torrente de tiros automáticos dividir a quietude do amplo porão. Ele se jogou no chão de concreto, aterrissando com força e lutando para ficar em uma posição sentada.

A explosão foi curta e pontuada pelo silêncio. Reid sentiu o ambiente e encostou as costas a uma máquina, segurando a Glock com força. Sua respiração era superficial e silenciosa enquanto ouvia atentamente.

Então uma voz veio, áspera, masculina e gutural.

— Vocês vão por ali! Vocês, por lá! — O homem não estava falando inglês, mas Reid o entendia da mesma forma. *Eslovaco*, ele pensou. *Eu sei eslovaco - e esses homens devem estar com os eslavos.*

Passos seguiram, quebrando em direções separadas. Reid fechou os olhos - eles estavam fazendo pouco por ele na escuridão total, de qualquer forma - e ouviu os passos, à distância, o ritmo.

— Ele nos disse que você poderia vir — o homem falou novamente, mas em inglês desta vez, e em voz alta, ambos em benefício de Reid. — Seu amigo americano.

Rais. Ele sabia que eu poderia encontrar este lugar.

— Ele disse que se viesse, você viria sozinho. — O homem caminhava firmemente, movendo-se pelo chão, aproximando-se da posição de Reid. — Isso é verdade, sim? Você está sozinho

À esquerda, vinte metros e se aproximando. Ele esticou o pescoço levemente. À direita, mais longe. Eles também não podem ver. Eles não sabem onde estou.

— Ele disse que se você nos encontrasse, não deveríamos matá-lo — continuou o homem. — Apenas para te assustar. Mas agora que você está aqui, acho que vamos matá-lo de qualquer maneira. Não podemos arriscar que conte a alguém o que você poderia ter encontrado.

O que eu poderia ter encontrado? Havia algo aqui, algo que os traficantes tinham medo que vazasse. *Vamos ao que interessa.* Reid ficou tenso quando o eslavo à sua esquerda se aproximou, avançando mais perto.

De repente, houve um som abafado, um clique pesado, e Reid ficou cego pela luz. Várias fileiras de poderosas luzes fluorescentes brilhavam no alto, ao mesmo tempo, transformando a pura escuridão em verdadeira luz

do dia. Reid protegeu os olhos com a repentina aspereza, fazendo uma careta quando o branco envolveu sua visão.

O eslavo estava se aproximando. A qualquer momento ele estaria perto dele. Reid ergueu a Glock cegamente na direção dos passos. *Espere. Espere...* Ele abriu os olhos levemente, apenas um milímetro, a tempo de ver uma silhueta passar pela máquina que ele estava se escondendo detrás.

Reid disparou instantaneamente dois tiros. Houve um ganido. A silhueta desapareceu de vista quando caiu. Uma arma caiu no chão.

Ele contornou o outro lado da máquina e se atreveu a abrir os olhos. Sua visão estava se ajustando; ele rapidamente verificou atrás de si, mas não havia ninguém lá. Reid prendeu a respiração, ouvindo. Não houve pegadas. Os outros homens estavam mantendo suas posições.

O homem do outro lado da máquina gemeu de dor. Reid não tinha certeza de onde o acertara, mas parecia que era o suficiente para tirá-lo de combate, pelo menos por enquanto.

Ele checou o ambiente. Estava parado em um corredor reto de máquinas com, cerca de, um metro e oitenta de largura, alinhadas em ambos os lados com o mesmo tipo de dispositivo, arranjadas lado a lado até o fim da fileira. O corredor era mais alto do que ele e quase tão estreito, com um grande cilindro redondo preso à frente, lembrava o cano de um revólver. Porém, em vez de balas, cada entalhe profundo continha um carretel de fios coloridos.

Máquinas de fiação. Eles fazem tecido aqui, no porão. De repente, Reid percebeu o que aquilo significava; eles não estavam importando tecido, mas sim falsificando os documentos de carga recebidos pelos traficantes.

— Jakub? — o homem que o provocou chamou. — Jakub — ele perguntou em eslovaco. — Você está vivo?

O homem ferido gemeu e disse:

— *Ano.* — Sim.

Os passos recomeçaram, mais devagar desta vez, e apenas um par, embora Reid soubesse que havia pelo menos outros dois homens no porão com ele. Ele se ajoelhou e rapidamente desamarrou as botas, puxou-as e rastejou pelo corredor de máquinas em suas meias.

— Jakub — o primeiro homem chamou novamente. — Você tem sua arma?

— Sim — o homem ferido sibilou.

— Você, fique aí. Observe a porta. Ele não sai.

Eles estavam assumindo que Reid não falava eslovaco, que eles poderiam formular um plano em sua língua estrangeira. Ele chegou ao fim da fileira e parou.

— Estou voltando — disse o homem. — Se você o vir...

Reid respirou fundo e virou a esquina com a Glock apontada. Jakub estava deitado no chão, no final da fileira, o sangue se destacando contra o concreto escuro enquanto ele balançava na direção da arma, alheio à aparição de Reid atrás dele.

O outro eslavo apareceu e Reid atirou duas vezes.

Seu primeiro tiro errou, mas o segundo atingiu o homem no ombro e girou seu corpo em noventa graus. Quando ele torceu, o eslavo levantou uma arma SMG preta com uma mão e apertou o gatilho.

Uma chuva de balas voou loucamente. Reid saltou para frente, se escondendo atrás da próxima fila de máquinas, mas não rápido o suficiente. Uma dor aguda cravou no seu bíceps direito; uma bala rasgou seu blazer e passou de raspão em seu braço.

Ele o inspecionou rapidamente e viu que sangrava muito, porém, era uma ferida bem superficial.

Passos rápidos ecoaram quando o eslavo, que levou um tiro no ombro, correu para longe.

— Michal — o homem gritou em eslovaco. — Ele tirou os sapatos. Tome cuidado!

Reid podia ouvir os passos do eslavo se afastando, indo em direção à fileira mais distante de máquinas, mas não conseguia ouvir nada do terceiro, o tal de Michal. Ou ele era esperto ou ansioso, talvez ambos.

Ele olhou por cima do ombro para garantir que ninguém estivesse atrás dele e notou algumas gotas de sangue vermelho brilhante no chão. O corte no braço havia deixado um rastro; seria fácil segui-lo, saber onde ele estava, mas ele não tinha ideia de onde poderia estar o terceiro homem.

Mesmo assim resolveu arriscar. Reid levantou a Glock e disparou dois tiros na parede.

Houve um barulho de botas, uma enxurrada de movimento da próxima fileira, seguida imediatamente por uma pequena rajada de tiros automáticos. Ele estava certo; o terceiro homem, Michal, estava nervoso e tinha um dedo coçando no gatilho.

Reid começou a correr e deslizou para frente sobre os calcanhares e os joelhos, como um batedor deslizando para a base, pelo corredor aberto de

máquinas. O eslavo estava de frente para ele e tinha uma submetralhadora apontada em sua direção - mas para cima, dirigida à altura do peito, enquanto Reid havia se abaixado. Antes que o homem pudesse reposicionar seu tiro, mesmo antes da surpresa ser registrada em seu rosto, Reid mirou e atirou novamente, apenas uma vez.

A cabeça de Michal sacudiu quando a bala atingiu sua testa. Ele caiu de costas, com os membros estirados.

— Michal? — o mais falador deles gritou.

Reid correu para verificar o corpo.

— Michal está morto — disse ele em eslovaco.

Um longo momento de silêncio se seguiu.

— Seu filho da puta! — o homem de repente gritou em sua língua nativa. — Eu vou te matar! — Seus passos se tornaram furiosos à, aparentemente, várias fileiras de distância da posição de Reid. Uma explosão de tiros soou; então mais pisadas e outra explosão.

O eslavo seguia corredor por corredor, pulverizando balas pelas fileiras de máquinas. Outra explosão rasgou o ar. Ele estava a, apenas, três ou quatro filas de distância.

Reid se ajoelhou rapidamente e soltou sua Ruger LC9.

Mais pisadas. Outra explosão, mais perto.

Ele se enroscou no espaço estreito entre duas das máquinas da melhor maneira possível.

Pisadas. Tiros. Um grito:

— Onde você está?!

Reid segurou a LC9 à sua esquerda. A Glock à sua direita. Seu braço queimava, o outro ombro latejava, mas ele mantinha cada uma o mais firme possível.

A arma virou a esquina primeiro, preta com um cano curto e grosso. Foi seguida por um braço, que apontou para o caminho das máquinas giratórias quando uma rajada de balas passou por ele. Um tiro perdido atingiu o cilindro à esquerda de Reid e ele esqueceu de respirar.

Então o homem mostrou-se, andando pelo corredor, olhando por toda a extensão...

Reid disparou a LC9. A bala atingiu a caixa torácica do eslavo e ele se dobrou com o impacto. Quando ele olhou para cima, fúria e dor nos olhos, Reid disparou um segundo tiro no pescoço do homem. Uma fina fonte de sangue jorrou da ferida. Por um momento, o eslavo tentou fracamente

levantar a arma novamente, a mão tremendo, mas ela caiu frouxamente ao seu lado antes que ele pudesse apontá-la. O homem caiu no chão.

Reid saiu de entre as duas máquinas e ficou parado por um momento, apenas ouvindo. Ele não ouviu mais passos; apenas os leves gemidos do primeiro homem em quem ele atirou. *Dois a menos. Falta um.*

— Jakub — ele chamou em eslovaco. — Seus amigos estão mortos. Abaixе sua arma e deslize-a para longe. Reid colocou a Ruger de volta no coldre do tornozelo, mas segurou a Glock, vasculhando os outros corredores enquanto se aproximava da posição do último eslavo.

— Como eu sei que você não vai me matar? — Jakub retrucou. Sua voz estava fraca. Ele, provavelmente, tinha perdido muito sangue.

— Eu não sei onde acertei em você — Reid rebateu. — Você já deve estar condenado. O quão rápido ou lento isso vai ser, depende de você. Ele fez uma pausa; Jakub estaria no corredor seguinte, o mais próximo da entrada. O eslavo parecia estar deliberando. Mas depois de um momento, ele ouviu o barulho de uma arma largada e depois o som dela deslizando.

Reid apareceu com a arma apontada para baixo. Ele piscou surpreso; Jakub era jovem, com cabelos compridos presos em um rabo de cavalo. *Ele não pode ter mais de vinte anos.* Reid teve que se lembrar de que jovem ou não, esse homem havia se alinhado aos traficantes. Ele havia feito coisas horríveis com pessoas inocentes - incluindo as próprias filhas de Reid.

O rosto de Jakub estava branco como um lençol. O garoto havia conseguido se colocar em uma posição sentada, de costas para uma máquina e as pernas abertas na frente dele, sobre uma poça crescente de seu próprio sangue. Uma mão manchada de vermelho estava pressionada sobre seu abdômen; Reid tinha atirado nele logo acima do umbigo.

— Você tem um telefone, Jakub? — Reid perguntou. — Uma maneira de entrar em contato com os outros?

— Quem? — Jakub perguntou, sua voz vacilante. — Quais deles?

Reid se ajoelhou.

— Aqueles com o americano de olhos verdes. Os que estão com minhas filhas.

Os olhos de Jakub se arregalaram em choque. Ele soltou um leve gemido.

— Sim — disse Reid. — Duas dessas garotas são minhas filhas. Todo mundo que você prejudicou ou ajudou a causar danos era filha de alguém. Esta é a sua expiação. Faça a ligação.

Com alguma dificuldade e vários gemidos de dor, Jakub conseguiu libertar um telefone celular do bolso. Ele espalhou sangue pela tela enquanto pressionava um botão.

Reid pegou o telefone dele, sem tirar os olhos do jovem eslavo. Após dois toques, uma voz áspera atendeu.

— *Čo?* — a voz estalou. O quê?

— Quero que você escute isso — disse Reid calmamente em eslovaco. Ele apertou o gatilho na Glock. O corpo de Jakub estremeceu uma vez e ficou imóvel. — Esse foi o som da morte de Jakub. Os outros dois também estão mortos. Coloque o americano no telefone.

A linha ficou silenciosa, um ligeiro assobio estático no ouvido de Reid.

Então uma voz veio à linha, um tom estranhamente calmo que fez sua pele arrepiar e seu estômago revirar de raiva.

— Kent. Steele — Rais enunciou cada sílaba como se tivesse provado algo delicioso. — Sabia que você viria. Sabia que você iria perseverar...

— Cale a boca — Reid explodiu. Ele não podia tolerar o som da voz do assassino. — Eu sei o que você quer e não tem nada a ver com elas. Então, vamos terminar isso. Você e eu. Hoje à noite.

— O que você tem em mente quando diz isso? — Rais parecia divertido.

— Eu vim sozinho. Você faça o mesmo - deixe seus novos “amigos” para trás. Mas traga as meninas. Eu quero vê-las, saber que estão seguras. Então vamos terminar isso.

— Trarei uma garota — disse o assassino simplesmente.

O corpo inteiro de Reid tremia em uma nova onda de fúria, seus dedos segurando o telefone com tanta força que parecia que poderia explodir em sua mão.

— Isso não é uma negociação, seu psicopata, elas são minhas *filhas*.

— E apesar disso, estou segurando todas as cartas, por assim dizer — interrompeu Rais calmamente. — Estou permitindo que você defina alguns termos. Mas tenho os meus próprios. Portanto, é sim uma negociação. Eu vou trazer uma garota. Você a verá. Saberá que ela está segura. Ela saberá a localização da outra garota. Se você ainda estiver vivo depois, ela pode lhe dizer. Se não estiver, eu as liberarei. O único uso delas para mim é chegar até você. Dou a minha palavra.

Reid balançou a cabeça. E ele não gostava disso. Não confiou nas palavras de Rais, nem por um segundo. Entretanto, como o assassino havia

ênfatizado, ele detinha o poder aqui. Ele estava com as meninas. Reid não tinha nada além de sua raiva e determinação - e sua vida, que era o que Rais mais queria.

— Tudo bem — Reid sibilou, seus dentes cerraram. — Villa Maya. É onde nos encontraremos. Uma hora. Estarei esperando. — Ele desligou e rapidamente verificou se havia alguma outra informação útil no telefone - histórico de GPS, contatos, qualquer coisa. Porém, era um celular descartável, nada de útil nele. Ele resmungou e jogou-o no chão ao lado do corpo de Jakub.

Então saiu, de volta por onde tinha vindo, subindo as escadas de concreto até o chão de entrada da fábrica. Ele tinha que se preparar. Mataria Rais e, dessa vez, garantiria que o homem não voltasse.

CAPÍTULO DEZENOVE

Por mais que Reid quisesse revistar o resto do edifício Tkanina, ele correu para a noite adentro. Ponderou que devia haver alguma evidência que os traficantes não queriam que fossem encontradas, ou então eles não teriam defendido o lugar com tanta veemência. Mas as meninas dele eram mais importantes agora. Isso era um trabalho para a polícia.

Ele correu para o estacionamento e ficou consternado, embora não totalmente chocado, pelo táxi cinza ter sumido. Sua mala, todo o equipamento que Watson havia recolhido para ele, estava no porta-malas. Ele gemeu de frustração e chutou uma pedra, fazendo-a deslizar pelo estacionamento.

Faróis brilharam de repente na esquina quando um motor rugiu. O sedan cinza parou subitamente ao lado dele.

O motorista o olhou. O homem estava obviamente abalado.

— Você estava certo, meu amigo — disse ele. — Barulhos altos. — Ele ouviu os tiros, Reid percebeu, e provavelmente escondeu o carro até vê-lo sair.

Ele entrou no banco de trás e o homem rapidamente dirigiu para longe.

— Obrigado por ficar. — Ele passou uma nota de cem dólares sobre o assento, como prometido.

— Você está em apuros? — o motorista perguntou.

— Não. Pelo menos não por enquanto. Mas alguém mais está... — Ele tirou o pente da Glock e verificou; ele tinha disparado onze tiros até agora. Dois da Ruger. Quatorze tiros sobrando das duas armas. *Mais do que suficiente para matar um homem.* — Eu preciso ir para Villa Maya agora. O mais rápido que puder.

— Tudo bem. — O motorista deixou o estacionamento e a zona comercial, indo rapidamente para Dubrovnik.

Reid afivelou o cinto de segurança e examinou suas opções. A CIA sem dúvida estava de olho no aeroporto de Dubrovnik; ele tinha certeza de que tinham ouvido o relato de um homem americano atirando na polícia. Strickland provavelmente estava a caminho da Croácia, contudo, Reid duvidava que ele já tivesse chegado. Mesmo que tivesse, suas ordens seriam de deter o Agente Zero à vista.

Ele não tinha como entrar em contato com Maria e não podia, muito bem, entrar em contato com a polícia croata sem ser preso. Ele considerou,

brevemente, contatar seu amigo na Interpol, o agente italiano Vicente Baraf, para notificá-lo da presença de Rais na Croácia. Contudo, Baraf era um agente cumpridor de protocolo e seu escritório gostaria de esclarecer a reivindicação junto à CIA, que só alertaria a Interpol sobre o, agora rebelde, Agente Zero, estar na Europa - e isso pressupondo que Riker já não o tivesse feito.

Simplificando, ele não tinha aliados - estava sozinho, exatamente como Rais queria.

Embora, ele pensou, *talvez haja uma pessoa*. Ele não gostou da ideia, mas precisava de algum tipo de segurança para as meninas... Caso falhasse contra o assassino da Amun.

— Posso usar seu telefone por um momento? — perguntou ao motorista. — Eu perdi o meu.

— Com certeza meu amigo. Ele passou um smartphone por cima do ombro para Reid. — Ligação local, sim?

— É — Reid murmurou. — Claro. — Ele discou o número para um escritório em Langley, o único número de contato que ele sabia de cor.

— Cartwright — respondeu a voz familiar, porém, atormentada.

— Sou eu.

— Zero! — o diretor adjunto exclamou. — Jesus, de onde você está ligando? Você está na Croácia...?

— Sim. Cartwright, é o Rais. Eu falei com ele no telefone. Ele está aqui. Cartwright ficou em silêncio por um longo momento.

— Você sabe o que isso significa, não é?

Reid fechou os olhos.

— Sim. — Ele entendeu que Cartwright não estava falando sobre Rais; ele estava se referindo a Reid ligando para uma linha não segura em Langley. Nos últimos cinco segundos, Reid havia essencialmente declarado que havia desafiado Riker, desafiando as ordens da CIA, deixado o país e assumido a liderança por conta própria. — Porém, é por um bom motivo. Eu confirmei que é ele. Você precisa retirar a Maria da Ucrânia. É a missão dela. Presumo que Strickland esteja a caminho; ele também precisa saber disso. Há uma empresa aqui em Dubrovnik chamada Tkanina. — Reid soletrou para Cartwright. — Eles são uma fachada para o tráfico de pessoas. E o supervisor do terminal de carga, Marko, também está envolvido.

— Pare com isso — disse Cartwright. Não era uma ordem; era um apelo. — Pare agora e talvez não seja tarde demais para você. Strickland

está a oitenta minutos daí. Eu posso enviar a Johansson em duas horas, no máximo. Espere por eles. Deixe que eles cuidem disso. Traga suas meninas de volta em segurança, volte para casa e eu vou ajudá-lo da maneira que puder.

— Mas você não pode fazer promessas. — Reid não tinha certeza se Cartwright estava sendo sincero em seu apelo ou apenas dizendo isso sabendo que, provavelmente, estava sendo gravado.

— Não — admitiu Cartwright —, não posso. Você já passou dos limites.

Então, o que é um pouco mais? Reid pensou. Ele não podia esperar que Strickland ou Johansson aparecessem. Ele não podia ficar à toa e deixar alguém mais salvar o dia. Além disso, se ele desse a Rais um pingo de razão para acreditar que ele não tinha vindo sozinho e não havia dado ao assassino o que ele queria, nunca mais veria suas filhas.

— Estou a caminho de encontrá-lo agora — disse Reid.

— Kent, essa é uma idéia monumentalmente ruim...

— Não posso esperar por eles. Não posso arriscar.

— Pelo menos nos diga onde você está indo — pediu Cartwright.

— Você saberá em breve. — Ele teria que terminar a ligação logo; se alguém estivesse ouvindo, seria capaz de rastrear o telefone do motorista de táxi. Mas antes disso, ele tinha mais uma pergunta. — O que aconteceu com Watson?

— Ele está detido no momento — respondeu Cartwright com um suspiro. — Aqui em Langley. Não depende de mim o que acontece aqui, mas não parece bom para ele.

Reid balançou a cabeça. John sabia o que estava fazendo, no que estava se metendo, mas isso não tornava as coisas certas. E o fato de que Cartwright poderia ter feito mais, que poderia estar o ajudando naquele exato momento, era absolutamente irritante.

— Farei o que puder por ele — prometeu o diretor adjunto. — Ele é meu agente. O mesmo vale para você...

— Não mais — Reid encerrou a ligação.

Ele sabia o que viria a seguir. Com a confirmação de que havia deixado o país, ele seria oficialmente renegado pela CIA. A Interpol e as autoridades croatas seriam notificadas. Qualquer um que pudesse ter sido um aliado agora seria um inimigo.

Não importa, ele pensou. As meninas eram o que importava. Pôr fim a Rais era o que importava. O que viria depois teria que esperar até que

houvesse um depois.

Ele desligou o celular, tirou a bateria e devolveu os dois ao motorista.

— É melhor deixar isso desligado por um tempo.

O motorista franziu a testa com preocupação quando olhou para Reid pelo espelho retrovisor.

— Meu amigo... Estou começando a pensar que você não está aqui para férias.

Reid não disse nada em resposta. Ele olhou pela janela quando o táxi atravessou as ruas em direção à costa, no centro de Dubrovnik. Era uma bela cidade repleta de história, estabelecida há mais de mil anos como capital da República de Ragusa. Era um dos destinos turísticos mais populares do Mar Adriático, não apenas por seu litoral encantador pontilhado por vilas com telhados laranjas, mas por suas famosas paredes de pedra que percorriam mais de um quilômetro e meio ao redor da cidade, nos lados terrestre e marítimo. As barreiras tinham mais de seis metros de espessura em alguns lugares, um complexo sistema de torres e torretas projetadas para proteger as pessoas de saqueadores. Hoje em dia elas atraem mais de um milhão de turistas por ano. Reid só as vira em fotos; mesmo agora, no táxi, ele não conseguia ter uma visão clara sob o céu noturno.

Uma cidade aparentemente inocente, Reid pensou. *Um lugar perfeito para os traficantes usarem como ponto*. As pessoas frequentemente se sentiam seguras visitando grandes cidades, estar em público, no meio da multidão; eles não pareciam considerar o quão fácil era de se perder nesses ambientes. Como é simples para um sequestrador raptar uma criança ou sequestrar uma mulher, mesmo em plena luz do dia, mesmo na frente de outras pessoas.

— Chegamos — anunciou o motorista quando o carro parou abruptamente do lado de fora de um muro baixo de pedra iluminado com arandelas alaranjadas que rodeavam o resort à beira-mar, Villa Maya.

Reid retirou mais uma nota de seu estoque.

— Você pegou um americano no aeroporto — disse ele ao motorista. — Este homem não falou nada, além de pedir para trazê-lo até aqui. Você não deu uma boa olhada nele. Supôs que ele era um turista e nada mais. Entendeu?

— Sim, entendi — o motorista pegou a nota estendida, mas Reid segurou-a com força.

— Eu preciso de mais um favor — disse ele. — Vocês têm telefones públicos aqui? Pode chegar até um?

O motorista franziu a testa, mas assentiu devagar.

— No aeroporto, sim.

— Bom. Quero que você espere 45 minutos e depois faça uma ligação dizendo que tem uma ameaça de bomba na Villa Maya. Entende o que quero dizer?

O motorista hesitou antes de perguntar:

— Vai ter uma... Bomba?

Reid negou com a cabeça.

— Não. Só não quero ninguém por perto para o que vai acontecer aqui. Se fizer o que eu pedir, ninguém se machucará.

O motorista mordeu o lábio antes de assentir lentamente.

— Sim. Eu farei o que você pede. — Ele puxou a nota novamente, mas Reid ainda não a soltou.

— É importante. Muito importante. — Finalmente, ele soltou a nota. — Muito obrigado pela sua ajuda. — Ele pegou a bolsa e saiu do carro. O táxi se afastou quase imediatamente, dirigindo - esperava Reid - de volta ao aeroporto até um telefone público.

Ele entrou em Villa Maya pelos portões abertos de ferro. Era um resort de luxo, grandes extensões de grama bem cuidada, pontilhada de árvores e casas particulares com muros de pedra. Perto do centro da propriedade havia uma estrutura maior, abrigando a recepção, portaria e serviços de limpeza. Reid vagueava casualmente, vasculhando a propriedade enquanto tentava parecer um turista.

Ele notou que o resort era escassamente povoado; os convidados que passeavam pelos terrenos eram poucos, e os que tinham eram principalmente mais velhos, quase exclusivamente uma multidão de mais de cinquenta anos. *O tipo de pessoa que não pode se mover muito rapidamente em uma situação de emergência.*

Reid tomou nota da treliça e das trepadeiras espalhadas por um lado do prédio de serviços aos clientes. A posição estratégica sobre a estrutura de dois andares. Atrás do prédio havia duas grandes piscinas de forma irregular, cada uma brilhando em luz azul. Ninguém estava nadando a essa hora da noite.

Ele percebeu que o assassino poderia chegar mais cedo e tentar também investigar o lugar. Era um terreno desconhecido para os dois e não havia

muitos lugares para se esconder. E, Reid não pôde deixar de perceber, era um lugar completamente bizarro para o confronto.

Alguém vai morrer aqui hoje à noite.

Ele caminhou rapidamente pelo perímetro, paralelo ao muro de pedra que cercava o resort. Havia outros três pontos de saída além da entrada da frente; duas eram entradas de serviço para a equipe, ambas fechadas e trancadas. A terceira era uma passarela com um portão de madeira vermelho.

Se eu fosse Rais... Se ele fosse Rais, e ele permanecesse fiel à sua palavra e trouxesse uma de suas filhas como prova de vida, ele a enviaria pela entrada da frente. Ela seria notável - mas também uma distração. Por outro lado, ele entraria por outro lugar para ganhar o elemento surpresa.

Reid precisava de um ponto de vista a partir do qual pudesse ver a entrada principal e a secundária - o que significava que ele precisava estar o mais alto possível. Ele pegou sua bolsa e correu de volta para o prédio de serviços aos clientes, jogando-a sobre um ombro e certificando-se de que a costa estava limpa antes de escalar de mão em mão pela treliça. Com pouco esforço e um pouco de dor, graças ao ombro dolorido e ao corte no bíceps esquerdo, onde uma bala o atingiu, ele conseguiu se erguer sobre o telhado plano do prédio.

Do alto da estrutura de cinco metros e meio, ele podia ver quase todo o terreno do resort, exceto as áreas banhadas pela sombra ou obscurecidas por árvores e vilas. Ele tinha uma linha de visão clara para a entrada da frente e o caminho pouco iluminado para o prédio de serviços aos clientes. Ele poderia ver qualquer pessoa se aproximando do centro do resort de qualquer direção. Reid notou, com alguma consternação, que não tinha uma visão perfeitamente clara do portão vermelho na parte traseira da propriedade; tinha uma árvore no caminho. Entretanto, podia ver diretamente à esquerda e à direita do portão e não encontraria um ponto de vista melhor do que o telhado plano.

Então, ele esperou, observando.

O plano de Reid era extremamente simples. Ele sabia que, se Rais fosse fiel à sua palavra, enviaria uma filha primeiro, enquanto entrava no resort em outro lugar. Ele tentaria provocar uma resposta emocional em Reid - afastando-o do esconderijo usando Sara ou Maya. Mas Reid permaneceria firme, permaneceria em sua posição elevada. Ele seria capaz de ver sua filha lá de cima... E também veria Rais chegando.

Sua segurança foi a ameaça de bomba que ele pediu ao motorista para reportar. Assim que o resort recebesse a ameaça, evacuariam seus convidados e chamariam a polícia. Ele esperava que, com a evacuação, nenhum dos convidados fosse pego em qualquer fogo cruzado em potencial. Ele sabia que estava arriscando ser preso, mas se isso significasse que, pelo menos, uma filha estava segura e sabia a localização da outra, valeria a pena.

O outro plano à prova de falhas, o mais descomplicado de todos, era a Glock na mão. Ele não estava se arriscando. Rais queria uma briga; ele queria vencer o Agente Zero em um combate corpo a corpo. Ele tinha algo a provar. Reid não tinha nada a provar para esse psicopata. A única coisa que importava era a segurança de suas filhas com o menor dano colateral possível.

Se tudo ocorresse conforme o planejado, uma de suas filhas apareceria. A ameaça da bomba seria feita. O lugar seria evacuado. Rais tentaria entrar no resort. Assim que ele visse Rais, Reid iria atirar nele - de maneira não letal, se ele pudesse exercer algum tipo de autocontrole - e depois obter a localização da outra filha. A polícia chegaria, mas a verdade poderia ser resolvida mais tarde. As autoridades poderiam encontrar a outra garota e, quando Maria chegasse à Croácia, ela o ajudaria.

Certamente não era perfeito, mas era simples.

Reid esperou. Cada minuto que passava parecia uma hora. Cada mudança das sombras chamava sua atenção enquanto as árvores balançavam com a brisa suave ou os convidados percorriam os caminhos a pé. Eles não tinham ideia do que estava prestes a acontecer.

O que ele não daria por um par de binóculos. Ou óculos para visão noturna Ou ambos.

Ele olhou o relógio. Se o taxista cumprisse sua promessa, ele ligaria para o resort com a ameaça de bomba em apenas alguns minutos. No entanto, não havia sinal de...

Uma silhueta apareceu no final da passarela mal iluminada. Reid apertou os olhos com força, sem saber se seus olhos estavam ou não pregando truques nele.

A figura era pequena, levemente emoldurada. Ela arrastou-se pelo caminho, mal iluminado pela luz de baixa voltagem que alinhava o caminho para o prédio e seu ponto de vista.

Ela tinha cabelos loiros. Uma camisa desbotada. Calças brancas, com algum tipo de padrão nelas...

Abacaxis. Ele estava certo disso.

Sara andou apática pelo caminho, arrastando os pés lentamente, a cabeça baixa, de modo que o queixo quase tocava seu peito. O coração de Reid se acelerou com o desejo de descer, correr para ela, abraçá-la perto de si e dizer-lhe que tudo ficaria bem.

Ele apertou ainda mais a Glock. Não poderia ir até ela. Ainda não.

Mas era ela, claramente ela, sua menininha dando um passo cauteloso para frente. Ela parecia aterrorizada. Reid mordeu o lábio para impedir que seus olhos lacrimejassem. Ele tinha que manter o foco, manter os olhos abertos. Era isso que Rais queria - que ele se distraísse para que o assassino pudesse cair sobre ele.

Isso não vai acontecer. Eu vou matá-lo.

Ele não podia ir até ela, nem sequer poderia chamá-la sem revelar sua posição. Teve que ficar parado, esperar até que houvesse outro sinal.

Ele não teve que esperar muito tempo, porque um momento depois, todo o inferno começou.

CAPÍTULO VINTE

Um som forte e estridente ecoou por todo o resort, agudo e ondulado. Reid estremeceu com o som; estava sendo emitido de um alto-falante não muito longe de onde ele estava esperando.

Ele soube imediatamente o que aquilo significava. A ameaça de bomba havia sido reportada.

A equipe do resort saiu apressada do prédio embaixo dele, enquanto os convidados deixavam suas vilas, confusos e com medo. Gritos de aviso em várias línguas encheram o ar, incluindo o inglês - ele pescou algumas frases entre o barulho, enquanto a equipe conduzia os hóspedes em direção à entrada da frente, assegurando-lhes que aquilo não era um treinamento; eles estavam evacuando, e todos deveriam proceder de maneira ordenada.

Ele olhou para frente do toldo novamente... Porém, Sara, aparentemente, desapareceu. *Para onde ela foi?* Reid rastejou freneticamente sobre o telhado, olhando por cada borda por algum sinal dela, e não viu nenhum; apenas os preocupados hóspedes do hotel correndo para a saída.

Talvez um membro bem-intencionado da equipe do hotel a tenha visto e a puxado para longe, ele pensou. Independentemente disso, ele a tinha visto, tinha certeza disso, e agora ela se fora. Ele não viu outra escolha; não a perderia novamente.

Reid subiu pela borda do prédio e desceu a treliça, largando os últimos três metros pulando e depois rolando. Ele manteve a pistola ao seu lado enquanto procurava por Sara. Ainda não havia sinal dela. Ele correu ao redor do prédio, em direção à parte traseira do serviço de hóspedes e às piscinas azuis.

Seus dedos agarraram a Glock com força. Ele estava ciente de que estava exposto agora. Se o assassino estivesse à espreita, ele teria a oportunidade de atacar Reid.

Onde ela está?

O alarme estridente continuou quando Reid apontou a pistola para frente. Mas ele não viu ninguém; os convidados e funcionários haviam evacuado.

Eu o assustei, ele percebeu. Rais deve ter sabido que Reid teria um plano, mas ele não deve ter previsto o barulho e a presença policial iminente. O assassino queria brigar, apenas os dois. Ele não queria uma

audiência e certamente não queria as autoridades. *Ele deve ter fugido quando ouviu o alarme.*

Por mais decepcionado que estivesse por não ter a chance de matar o assassino, havia assuntos mais urgentes para lidar. A polícia estaria lá em instantes. Ele teve que chegar a Sara e descobrir onde Maya estava sendo mantida. Rais pode tentar voltar atrás, encontrá-lo lá. Caso Sara pudesse ajudá-lo a convencer a polícia, então uma força inteira poderia ser alocada para salvar sua outra filha.

Reid contornou o prédio de serviços de hóspedes, tentando encontrar Sara. Os terrenos estavam vazios, mas ele manteve os olhos abertos para o caso de Rais ainda estar presente. Ele não viu nenhum movimento, ninguém mais, até chegar ao prédio novamente.

Ao se aproximar por trás, ele viu uma pequena figura parada na beira de uma das piscinas. Seu cabelo loiro estava banhado pela fraca luz azul enquanto ela olhava para a água.

— Sara! — ele chamou por ela. — Sara, meu Deus, você está bem...

Ela se encolheu quando ele tocou seu ombro. Ele se ajoelhou, os braços abertos, pronto para abraçar, acolher e levá-la para um lugar seguro...

Ela o olhou. Seus olhos estavam vermelhos e inchados de tanto chorar, as bochechas afiadas e as feições inteiramente estranhas.

Os braços de Reid caíram frouxamente ao lado do corpo. Sua boca se abriu, mas as palavras falharam.

— Sinto muito — a menina disse em um sussurro.

— Você não é... — A mente de Reid parecia ter entrado em curto-circuito. Essa garota não era Sara. Ela era mais velha, tinha pelo menos dezoito anos, mas era baixa e magra como a filha dele. E vestia as roupas dela.

— Sinto muito — a menina repetiu em um sussurro. — Ele... Ele me fez...

— Onde ela está? — Reid agarrou o ombro da garota, mais forte do que pretendia. Ela se afastou dele; ele havia esquecido por um momento que ainda estava segurando a Glock na outra mão. Rapidamente, ele a colocou no coldre. — Onde?

A garota balançou a cabeça.

— Eu não sei. Desculpe-me. Ele nos fez trocar de roupa. Disse para vir aqui, e manter meu rosto escondido... E lhe entregar isso. — Ela segurava algo para ele. Um pedaço de papel dobrado.

Seus dedos tremiam quando ele o abriu. Havia apenas três palavras escritas nele, com uma caligrafia forte e organizada. *Muralha*, dizia a nota. *Torre de Minceta*.

Reid amassou a nota enquanto fechava o punho. Rais nunca pretendia aparecer no resort. Não deixaria Reid escolher o local ou definir quaisquer termos. Ele ainda tinha suas duas filhas, e agora estava convencendo Reid a ir para onde ele o queria.

Sirenes tocavam além das paredes de pedra do resort.

— Vá — Reid disse à garota. — Vá até a polícia. Diga para ligarem para a embaixada americana. Diga a eles tudo o que você sabe. Entendido? Tudo o que sabe. Eles vão cuidar de você, ok?

A garota assentiu, as lágrimas brotando novamente em seus olhos.

— Sinto muito... — ela disse novamente.

— Vá — ele a empurrou gentilmente na direção da entrada do resort. Seus pés se arrastaram contra a calçada - seus pés nas sandálias de Sara. Nas roupas de sua filha. — Espere... — Ele limpou a garganta e forçou as lágrimas em potencial. — Elas estão... Quando você as viu pela última vez, elas estavam bem?

A garota assentiu.

— Mas não ficarão por muito tempo. Elas ainda acreditam... Acham que você as encontrará.

Eu vou encontrá-las. Ele assentiu para ela.

— Vá, depressa! — Ele deixou a nota amassada cair de sua mão para dentro da piscina enquanto a garota se apressava em direção à segurança. As sirenes estavam mais altas agora, logo depois do muro de pedra, misturando-se com o tom ainda estridente do alarme do resort.

Reid correu para o portão vermelho, a entrada traseira do local, e o empurrou tão rápido quanto suas pernas o levariam em direção às muralhas de Dubrovnik.

*

Villa Maya dava para a costa e o Mar Adriático ao sul, então Reid correu paralelo à costa por vários quarteirões. As grandes muralhas de pedra que se erguiam do mar protegiam a seção peninsular da cidade que se projetava para fora, onde os penhascos rochosos naturais não podiam alcançar. A Torre de Minceta, como a nota havia especificado, era o ponto mais alto da

muralha de frente para o mar, construída no século XV, a pedido do Papa Pio II, para se defender da ameaça turca.

Por mais que tentasse distrair sua mente com os fatos, a fúria de Reid só aumentou quando ele correu em longos passos em direção às fortificações de pedra. Rais deu sua palavra e depois o traiu.

O que eu esperava? Reid se repreendeu por ser tão ingênuo. Deveria ter previsto isso, deveria saber que o assassino o trairia.

A entrada para as paredes e a torre a frente estavam trancadas, fechadas para turistas após o anoitecer. Havia uma pequena casa de guarda, mas ninguém estava lá dentro. Ele verificou o perímetro; havia câmeras, mas isso era de pouca preocupação agora. Ele tirou o blazer e jogou-o por cima do ombro enquanto subia o portão. No topo, Reid colocou o blazer sobre o arame farpado e subiu por cima da cerca, caindo em segurança do outro lado, puxando o blazer com ele e vestindo-o novamente.

As muralhas eram como um corredor, com partições de cada lado alcançando logo além da sua cintura. Ele puxou a Glock enquanto subia uma escada de pedra, dois degraus por vez, verificando o canto antes de continuar. A iluminação era fraca, as paredes iluminadas apenas por luzes embutidas nos penhascos no, lado do terreno, brilhando para cima e projetando longas sombras ao longo de sua rota estreita. Ele tinha, aproximadamente, um espaço de um metro e meio de cada parapeito curto em ambos os lados - não havia muito espaço para mover-se, mas igualmente inadequado para um ataque surpresa vindo do assassino. Ainda assim, ele não pôde deixar de se sentir como um rato em um labirinto.

Seus olhos se ajustaram à luz da lua e às sombras enquanto seguia a trilha serpentina para cima, subindo o declive da encosta. Reid arriscou um olhar por cima da borda. Dezoito metros abaixo do penhasco havia um afloramento rochoso e afiado e, além dele, a água negra do Adriático.

As ameias irregulares da Torre de Minceta estavam logo à frente, totalmente iluminadas por holofotes brancos. Uma escada de pedra levava à entrada escura da torre em forma de castelo. A mandíbula de Reid se apertou com força quando ele se aproximou.

Ele está aqui. Rais havia escolhido um lugar onde ele poderia se defender, se necessário, um lugar onde ele tivesse a vantagem, onde Kent Steele teria que ir encontrá-lo. Ele estava plenamente consciente de que poderia estar entrando em uma armadilha.

A calçada estreita se alargou em uma varanda semicircular quando ele se aproximou da torre, as paredes de cada lado mais altas, quase três metros. Ninguém os veria do chão; eles seriam completamente obscurecidos pelos parapeitos e torre. *Era isso que ele queria. Apenas eu e ele.*

Sua garganta ficou seca enquanto examinava as escadas, a entrada escura e aberta, apertando os olhos para tentar ver algum sinal de vida no topo ou dentro da torre. Ele não podia ver nada - pelo menos não acima dele. Mas diante de si, na ampla varanda e entre os muros altos, havia um vago pedaço de sombra.

Ao se aproximar, viu que a forma era um corpo.

O homem estava deitado em posição fetal, de frente para a direção oposta. Reid se ajoelhou ao lado do corpo e o rolou gentilmente de costas. A camisa azul de um segurança estava manchada e pegajosa de sangue. A forma de um sorriso horrível fora cortada em seu pescoço, o branco de seus olhos ainda arregalados brilhando ao luar.

Um guarda, Reid argumentou. Alguém para garantir que os turistas fiquem fora das muralhas à noite. Desavisado e totalmente inocente em tudo isso.

Havia outro objeto, pequeno, prateado e oblongo, deitado perto da cabeça do homem morto. Quando Reid o alcançou, o objeto vibrou violentamente contra o chão de pedra, assustando-o.

Ele abriu o telefone e lentamente o colocou no ouvido.

— Olá, Agente Steele.

Um calafrio percorreu a espinha de Reid ao se levantar. Ele checou a torre ao seu redor, mas ainda não viu movimento.

— Você mentiu para mim — disse Reid suavemente. — Você deu sua palavra e voltou atrás...

— Sim — Rais interrompeu. — Um homem, que construiu uma vida com mentiras e assassinatos, descumpriu sua palavra para outro homem, que construiu uma vida com mentiras e assassinatos.

— Não. Eu tenho uma vida Uma vida real. E no centro há duas meninas que não têm nada a ver com isso. Elas são apenas crianças. Deixe-as ir. Venha lidar comigo. É isso que você quer, certo?

— Jogue sua arma no mar — ordenou o assassino.

Reid sibilou um escárnio pelo nariz. Rais estava definitivamente na torre; ele estava observando Reid naquele exato momento.

— Ou o quê? Você vai atirar em mim? — Ele sabia que não era o que Rais queria.

— Não fui totalmente falso à minha palavra — disse o assassino. — Eu trouxe uma garota. Ela está na torre comigo.

Os batimentos cardíacos de Reid dobraram de ritmo. Seu primeiro instinto foi correr, correr para a torre, encontrar sua filha e matar o assassino.

— Ela tem uma faca na garganta — continuou Rais. — Se você a quer de volta viva, jogue sua arma no mar. Se quiser que o sangue dela escorra por essas escadas de pedra, faça o que está pensando. Continue com sua arma. Corra para a torre. Mas eu vou matá-la.

— Não — disse Reid rapidamente. — Isso é entre e eu. Não tem nada a ver com ela...

— Ela é um instrumento — respondeu Rais calmamente. — O objetivo dela era trazê-lo a esse ponto. A vida dela agora não significa nada para mim. Você tem uma escolha, Agente Steele. Mantenha sua arma, corra para torre e me mate - mas ela estará morta a essa altura. Você poderia salvar uma filha. Troque uma vida pela garantia da outra. Ou jogue sua arma, e talvez você salve as duas.

— Prove que ela está viva — exigiu Reid. Sua voz soou mais fraca do que pretendia. Rais estava com a vantagem em todos os sentidos. — Quero ouvir a voz dela.

Rais riu.

— Você não tem vantagem para fazer demandas. Vou lhe dar três segundos para tomar sua decisão.

Reid não hesitou. Ao contrário das palavras do assassino, não havia escolha. Ele nunca se arriscaria a sacrificar nenhuma das meninas. Ele jogou a Glock por cima do muro e no Mar Adriático.

— Deixe-me vê-la — insistiu. — Pelo menos ouvi-la...

— A outra arma — disse Rais. — A do seu tornozelo. Acredito que você prefere a Ruger.

Reid cerrou os dentes com tanta força que sentiu que eles poderiam quebrar, porém obedeceu, puxando a LC9 e lançando-a ao mar junto da Glock.

— E agora a bolsa.

Reid quase se esqueceu da pequena mochila preta ao lado do corpo do guarda. Com raiva, fervilhando, ele recuou e jogou a bolsa pela alça, por

cima do muro e para dentro do esquecimento.

— Eu fiz o que você pediu — ele rosnou no telefone. — Agora você tem que me dar alguma coisa, qualquer coisa... Alô? Alô?! — Rais havia encerrado a ligação. Reid jogou o telefone furioso, fazendo-o deslizar sobre as pedras, e virou-se para correr em direção à torre.

Contudo, antes que ele pudesse dar dois passos, uma silhueta apareceu na porta escura da Torre de Minceta. A figura desceu lentamente as escadas, banhada pelo brilho branco dos holofotes. Ele parecia diferente desde a última vez que se viram, mas a única coisa em que Reid podia se concentrar eram seus selvagens olhos verdes, brilhando como esmeraldas brilhantes. Seu rosto estava impassível, mas seus olhos estavam sorrindo profundamente.

— Não. — Reid negou com a cabeça. — Não, você a traga para fora. Você a traz aqui para que eu possa ver... — Ele parou quando a realidade o atingiu.

Estúpido. Seu sangue correu frio. *Eu fui tão estúpido. Elas não estão aqui.* Rais tinha blefado. Nenhuma das garotas estava nas muralhas. O assassino veio sozinho. Suas mãos tremiam de raiva e remorso em igual medida.

Rais parou na escada, olhando para Reid com algo que quase se aproximou de pena.

— Agente Steele. Suas filhas *nunca* estiveram aqui.

CAPÍTULO VINTE E UM

O pânico tomou conta do peito de Reid com tanta força que ele recuou um passo, firmando-se contra a onda de náusea que ameaçava tomar conta dele.

— O quê? — Ele se ouviu sussurrar.

— Suas filhas nunca estiveram aqui na Croácia — repetiu o assassino. — Sua menina mais velha é muito inteligente. Eu pensei que ela poderia encontrar uma maneira de deixar algo para você. Então, me certifiquei de que ela ouvisse "Dubrovnik". Encontrei a mensagem dela para você no motel. — Um sorriso brincou nos lábios de Rais. Ele estava gostando disso, gostando do choque de Reid e da total descrença. — Ela trouxe você aqui para mim. Eu pensei que você poderia descobrir isso antes de pousarmos, então havia um segundo avião na Nova Escócia. Partiu dez minutos antes de suas filhas chegarem lá, em direção a Dubrovnik. Contudo, o avião em que suas filhas estavam nunca chegou aqui. Assim, as autoridades não encontraram nada.

Reid balançou a cabeça lentamente, recusando-se a acreditar.

— Mas o depósito de carga... A fábrica têxtil...

— Oh, os traficantes usam esse lugar — disse Rais casualmente. — Mas, a meu pedido, eles desembarcaram em outro local. Eles são um grupo inescrupuloso que queriam ser da Amun no passado. Não foi difícil convencê-los de que a Amun ainda estava funcionando em segredo e que eles poderiam ser bem-vindos ao grupo. — Ele riu. — Pelo que ouvi, você cuidou de vários membros deles. Dois coelhos com uma cajadada, como eles dizem. Talvez, se você sobreviver, se vencer esta noite, ainda consiga encontrá-las.

O lábio inferior de Reid tremeu quando uma nova onda de horror caiu sobre ele.

— Você... — ele lutou para formar as palavras. — Você deu minhas filhas... Para eles?

Rais franziu o cenho.

— É claro. Não consegue ver? Não somente eu não vou lhe dizer onde elas estão, como eu também não sei onde elas estão. O que importa é que você está aqui, comigo. Eu destruí sua família. Agora vou destruir você.

A bile subiu na garganta de Reid. Suas pernas ficaram fracas. Ele sabia que esse homem era um psicopata, um assassino e até um monstro - mas

havia subestimado o quão longe uma pessoa estava disposta a ir por uma crença, aparentemente, insana. Reid acreditara que a mensagem de Maya lhe dava uma vantagem; que ele estava se aproximando delas. Entretanto, ele estava apenas sendo atraído para uma armadilha.

Suas garotas poderiam estar em qualquer lugar. Encontrá-las agora seria uma tarefa intransponível de se realizar sozinho. Ele teria que entrar em contato com a agência e se entregar. O que for preciso.

Mas primeiro ele teria que lidar com esse animal, caso contrário, o fantasma da Amun continuaria a assombrá-lo até os confins da terra.

Apenas solte, cutucou a voz em sua cabeça. *Solte a ira. Seja o homem que você sabe que é.* Sua vida não tinha sido construída sobre mentiras e assassinatos, mas isso foi tudo o que Rais conseguiu entender. E por causa disso, Reid sempre poderia ter a vantagem. Ele não deixaria sua raiva controlá-lo cegamente.

Ele limpou a garganta e manteve a sua voz sem vacilar enquanto dizia:

— Há um problema no seu plano. — No canto, ele olhou para o corpo do segurança. — Você não destruiu nada. Ainda não. Minha família ainda está lá fora e eu ainda estou respirando.

O sorriso do assassino afrouxou, arrastando a boca em uma careta.

— Você não ama nada nem ninguém — continuou Reid. — Sua vingança e suas crenças alimentam suas ações. Elas motivam e guiam você para um fim sem sentido. Mas aqui está a verdade, Rais. Você não significa nada para mim. Você é apenas mais um insurgente, parte do trabalho. Minhas filhas podem ter sido instrumentos para seus fins, mas para mim, elas são os fins. Eles são tudo o que importa. Não vou perder meu tempo com você. Eu vou encontrar minhas filhas agora.

Com o coração disparado, Reid se virou e se afastou, notando e saboreando a expressão de espanto absoluto no rosto geralmente passivo de Rais.

— Não — o assassino murmurou.

Reid contou seus passos.

— Não — Rais rosnou. — Eu cheguei longe demais! Você *não* vai me dar as costas!

Ele ouviu passos batendo nas escadas de pedra. Chegando atrás dele, rapidamente. Ele contou. É claro que sabia que não podia simplesmente se afastar de Rais - mas fazer o assassino acreditar que sim, provocando-o e

diminuindo sua crença, era seu blefe. Ele sabia, por experiência própria, como a raiva cega gera descuido.

Tudo o que ele precisava era de um momento de descuido. Uma fração de segundo de negligência, a menor janela de oportunidade.

Reid deu mais um passo e agachou-se no joelho direito. Ele balançou os quadris e balançou o corpo, trazendo a perna esquerda para cima e para trás em um chute violento.

Quando Rais correu para atacar furiosamente por trás, o calcanhar de Reid se conectou com o lado do rosto do assassino. Ele sentiu o forte impacto na panturrilha, ressoando até o quadril. A cabeça de Rais torceu primeiro, seus ombros tremendo loucamente e seu corpo seguindo. Ele caiu silenciosamente em um amontoado de pedras.

Reid não esperou para inspecionar os danos ou mesmo para ver se Rais ainda estava consciente. Ele rolou e ficou de joelhos ao lado do corpo do guarda. Ele não esperava uma arma, mas no cinto do homem havia outro artifício - um fino cassetete de couro, com cerca de quinze centímetros de comprimento, uma das extremidades curvando-se em forma de cauda de castor e pesando muito com um disco de chumbo. Um golpe bem colocado poderia quebrar um crânio como um melão.

Reid levantou-se rapidamente e girou, recuando com o artifício envolto em couro - mas um braço disparou para frente e parou seu antebraço. Reid piscou confuso. Ele colocou quase todo o seu peso corporal naquele chute, mas Rais estava de pé, seus lábios rosnando à luz da lua. A metade esquerda do rosto do assassino estava roxa e levemente disforme; ele certamente teve uma fratura orbital, mas se recuperou como se nada tivesse acontecido.

Ele torceu violentamente o braço de Reid para um lado. A sensação familiar dos reflexos de Kent Steele lampejou e ele pulou, os dois pés deixando o ar enquanto ele cambaleava com o braço torcido para evitar que se quebrasse. Então ele se inclinou para frente, dobrando o braço quando o cotovelo se bateu no lado quebrado do rosto de Rais.

O assassino recuou dois passos, mas não mostrou reação de dor ou ferimento.

Como? Reid se perguntou frustrado. *Como ele pode receber pancadas como essa e continuar como se nada tivesse acontecido?*

— Curioso, não é. — Rais sorriu e limpou o sangue da bochecha.

— Nervos danificados, cortesia de muitos encontros precedentes - incluindo os nossos. Não é que não seja inconveniente, mas,

ocasionalmente é bem útil.

Nervos danificados. O conhecimento de Reid do sistema nervoso era, evidentemente, limitado, mas se Rais poderia continuar levando golpes como aquele sem sentir, Reid teria que mudar sua estratégia. Durante seu último encontro em Sion, ele esfaqueou o assassino meia-dúzia de vezes nas costas e no peito - ele poderia somente esperar que os nervos inoperantes não se estendessem a outras partes de seu corpo.

Rais enfiou a mão na jaqueta e tirou uma faca de caça perversamente curva, com a lâmina afiada e brilhando à luz da lua. Reid deu um passo instintivo para trás e apertou ainda mais o cassetete.

— Esta faca matou o velho — disse Rais. — E estive na garganta da sua filha. No entanto, tive a sensação de que não foi a primeira vez que ela teve uma lâmina colocada contra o pescoço. Admira-me como chegou até aqui e ainda não consegue manter aqueles perto de você a salvo de...

Reid saltou para frente, sua raiva escaldante aumentando, tirando o melhor si. Ele balançou o cassetete para cima, mas num movimento muito aberto; Rais contornou para um lado e evitou-o facilmente. Porém, Reid não desistiu. Ele balançou a arma cheia de chumbo rapidamente para frente e para trás, arqueando e chegando perto, mas perdendo por frações de centímetros a cada vez.

Uma pequena voz no fundo de sua mente gritou um aviso, dizendo que o assassino estava entrando em sua cabeça, mas ele a ignorou. A imagem da lâmina cintilante nas gargantas de suas filhas era demais para mantê-lo pensando direito. Ele nem percebeu que estava gritando de maneira ininteligível, grunhindo mais alto de frustração a cada vez que errava por pouco. Rais dançou para a esquerda e para a direita, esperando uma abertura, uma oportunidade.

Espere. Observe ele. Ele está mantendo a cabeça virada. Reid fingiu um balanço e saltou dois passos para trás, respirando com dificuldade. O assassino parecia levemente sem fôlego também, mas ainda exibia um sorriso malicioso - virado levemente para a esquerda.

Ele está mantendo seu olho direito em mim. Reid entendeu imediatamente. O chute direto no rosto deve ter descolado sua retina ou causado certo dano ao olho esquerdo de Rais. O assassino tinha que manter a cabeça virada para ver Reid atacar daquele lado.

Ele circulou lentamente, como um tubarão, contornando a esquerda. Ao fazê-lo, Rais deu um passo à direita, mantendo a cabeça inclinada ainda

mais do que deveria. Por alguns segundos eles se circularam, cada um esperando o outro fazer um movimento.

Fique à sua esquerda. Reid se moveu de forma constante, recusando-se a fazer a jogada. Sua raiva ainda era palpável, latejando no peito, cada membro doendo para agir, mas seu cérebro enviou sinais forçando-os a se segurar. Espere. Observe. E então...

Uma sombra de agitação passou pelo rosto do assassino. Rais passou pela direita e Reid se afastou - mas era uma isca falsa. Em vez de deslizar para fora, Rais jogou a faca na mão esquerda e apontou para frente. Reid tentou contrariar seu peso para o outro lado rápido o suficiente para evitá-lo, mas o impulso veio mais rápido.

A faca perfurou seu abdômen apenas a um dedo do lado direito do umbigo. Ele se virou antes que a ponta curvada penetrasse mais de três ou cinco centímetros, mas ainda era o suficiente para enviar uma dor escaldante por todo o tronco.

Ele recuou alguns metros, dando pequenos passos rápidos, enquanto examinava a ferida com as pontas dos dedos. Ele se recusou a tirar os olhos do assassino, mas Rais se manteve firme, aparentemente gostando de tirar sangue dele.

É superficial. Seus dedos voltaram escorregadios e pegajosos. *Sangrando muito, mas superficialmente. A parede abdominal e as camadas subcutâneas têm mais de dois centímetros e meio de espessura. Ele não perfurou nada.* Reid não sabia se isso era verdade ou se era algo que sua mente estava treinada para dizer a si mesmo para continuar - mas isso pouco importava no momento. Esta era uma luta até a morte.

Rais se aproximou lentamente, a faca solta em suas garras. A ponta sangrenta estava apontada para o coração de Reid.

Ele vai lutar sujo. Você tem que lutar sujo também. As palavras que ele dissera uma vez a Maya passaram por sua mente: *Não lute justo. Você faz o que precisa fazer.* Ele tinha que fazer isso agora ou nunca mais veria ou falaria com suas filhas novamente.

Mova-se ao redor dele. Force-o a virar a cabeça.

Reid largou o cassete. O artefato caiu na pedra com um baque pesado. A dor no abdômen estava deixando seus membros fracos, o que tornaria seus golpes lentos. Além disso, ele não precisava disso para o que estava planejando.

Rais fez uma pausa, erguendo uma sobrancelha com o movimento. Ele manteve a faca de caça frouxa, segurando-a apenas com as pontas dos dedos. Reid leu a linguagem corporal; o assassino tentaria dar um golpe em uma parte macia do seu corpo. Provavelmente a garganta. Se ele tivesse sucesso, seria o fim do duelo. Não haveria volta disso.

Ele cerrou os dentes e deixou Rais se aproximar um pouco. Então avançou e fingiu ir para a direita. Rais virou a cabeça, acompanhando o movimento com a ponta da faca - e Reid se agachou, saltou do pé, voltou para a esquerda e entrou no ponto cego do assassino. Ele esticou o cotovelo quando cruzou a frente e o enfiou no plexo solar de Rais. O homem mais jovem soltou um suspiro surpreso quando se dobrou, dando a Reid os preciosos dois segundos que ele precisava para afundar os ombros e tirar o blazer marrom.

Enquanto deslizava pelo comprimento de seus antebraços, ele agarrou as pontas das duas mangas e girou atrás de Rais, envolvendo o blazer no corpo do assassino e puxando-o para cima. O treinamento de vários anos voltou à perfeição em sua memória muscular - ele estava usando a *kusari-fundo*, uma técnica japonesa que utilizava uma corrente, corda ou, neste caso, um blazer.

Ele forçou os dois braços de Rais no ar em um ângulo estranho e torceu as mangas ao redor de sua garganta, e depois as juntou na nuca. Reid virou o corpo e caiu de joelhos, ao mesmo tempo puxando as mangas recolhidas por cima do ombro, com todo o peso no arremesso.

O corpo inteiro de Rais saiu do chão com um suspiro agudo de choque. Por um momento ele ficou leve, a cabeça no ombro de Reid e as pernas retas no ar.

Então ele desabou, deitado de bruços e com a face no chão. A batida maçante da carne contra a pedra foi acompanhada por um estalo agudo de osso quando algo em seu corpo cedeu à superfície inflexível.

Respirando com dificuldade, Reid pegou a faca de caça - ou tentou. Uma mão agarrou seu pulso e puxou, fazendo-o tropeçar para recuperar o equilíbrio. Rais torceu e chutou Reid em um golpe que normalmente teria simplesmente resvalado por ele, se não fosse por sua trajetória. Seu pé pousou diretamente sobre o ferimento abdominal causado pela faca.

Ele cambaleou novamente e gritou de dor quando Rais se levantou e sacudiu os ombros para se livrar do emaranhado do blazer. O assassino se

abaixou, agarrando o ar com os dois dedos estendidos, como se estivesse jogando uma bola de boliche.

Ambos os dedos entraram na ferida aberta de Reid.

A boca do agente se abriu em um grito amplo e silencioso. Nenhum som saiu; sua respiração ficou presa na garganta com a dor inexorável. O indicador e o dedo médio de Rais cavaram mais fundo nele, mantendo-se firme como aço. Reid passou as duas mãos pelo braço do assassino, tentando em vão se libertar, mas seus membros rapidamente foram drenados de toda a sua força.

Rais inclinou-se para ele, empurrando para frente, seu rosto sangrento e cheio de polpa, a apenas centímetros do de Reid. Seus selvagens olhos verdes eram inflexíveis, seus dentes cerraram e os lábios se afastaram em um rosnado.

Reid pegou a garganta, o rosto de Rais, qualquer coisa para detê-lo, porém, ele não tinha mais energia em suas mãos. Tudo o que restou foi a dor, irradiando de seu peito para todas as partes de seu corpo.

Em resposta, Rais jogou o crânio para frente com uma poderosa cabeçada. Reid não pôde se afastar, então, em vez disso, ele virou a cabeça e o golpe aterrisou solidamente em sua bochecha e mandíbula, tombando a cabeça para trás e cambaleando. Ele mal sentiu o punho que se conectou um momento depois com o lado do seu rosto.

É isso. A última coisa que ele veria era o rosto sangrento desse fanático maníaco rosnando. Não as meninas dele. Não haveria como salvá-las agora. Ele tinha falhado.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Rais grunhiu e empurrou para frente outra vez, emitindo uma onda de choque fresca através do corpo de Reid. Ele arfou enquanto pisava para trás em uma tentativa vã de aliviar a pressão.

Seu calcanhar direito tocou em algo no chão atrás dele. Ele não se atreveu a olhar para trás, mas sabia o que era. O corpo do segurança.

Seu pé estava contra ele e Rais não sabia, seus dentes à mostra e olhos selvagens sem piscar.

Reid cuidadosamente levantou o pé e deu um passo para trás, esperando que ele se afastasse o suficiente para evitar o corpo. Quando ele se moveu, Rais se moveu junto, para frente, mantendo seu aperto de ferro na facada.

Reid evitou o corpo.

Rais não.

O rosnado do assassino derreteu quando seu pé empurrou contra o guarda caído. Ele tropeçou para frente. Seu aperto em Reid se soltou quando suas mãos dispararam para se segurar. Reid pulou para o lado quando Rais caiu para frente, tropeçando no corpo que ele havia deixado lá.

Tudo doía, e ele ainda tinha apenas um pinga de força, mas estava livre. Ele tinha poucas chances de fugir de Rais agora. Em vez disso, correu dolorosamente em direção ao único santuário que podia ver: ele subiu com as mãos e os pés pelas escadas de pedra da Torre de Minceta.

Quando alcançou a entrada escura, olhou por cima do ombro e viu Rais se levantando. O assassino demorou a se pôr de pé. Ele também estava ferido; o golpe do ombro deve ter pelo menos machucado e, com alguma sorte, quebrado algo que o prejudicaria.

Apenas a alguns metros além da porta dentro da torre estava uma escuridão total, estranhamente acolhedora, a pedra fria ao toque sob suas mãos. Reid apalpava ao longo do chão e da parede arredondada, avançando alguns centímetros de cada vez, arrastando meio corpo quase inútil. Ele ofegava de dor a cada respiração e se amaldiçoava mentalmente por isso; ele seria um alvo fácil de localizar na escuridão se não pudesse ficar calado.

Atrás dele, veio um suspiro ofegante quando Rais alcançou o topo da escada. Um vislumbre da porta mostrou a silhueta do assassino, apoiando-se fortemente na perna direita e segurando uma mão sobre as costelas.

Ainda assim, Rais sibilou uma risada silenciosa.

— Você passou tanto tempo... Vindo até mim. — Suas frases foram pontuadas com uma aspereza dolorosa por entre os dentes cerrados. — Mas agora, você corre *de* mim.

Reid mordeu o interior da bochecha e respirou fundo para ficar quieto, continuando a percorrer a Torre de Minceta. A fortaleza medieval estava vazia por dentro, apenas paredes e escadas de pedra, que resistiram ao tempo e ao turismo. Ele chegou a uma esquina arredondada e contornou-a, estendendo os dois braços a uma velocidade quase total para se encontrar num pequeno corredor.

— Uma estação de trem na Dinamarca... A pista de gelo em Sion... Por duas vezes você não me matou... E eu a você... Não haverá uma terceira. — Sua voz estava se aproximando agora; Rais estava se movendo mais rápido que Reid.

Enquanto se puxava pelo corredor, o relevo de pedra começou a tomar forma diante de seus olhos. Eles estavam se adaptando à escuridão - não, na verdade tinha uma fonte de luz em algum lugar próximo, fraca, mas presente. Ele se levantou e se arrastou para frente, tentando acelerar o passo.

— Veja o que foi necessário para você chegar até mim. — Mais perto ainda. Rais alcançou o corredor. — O que eu tive que fazer. Tomar o que há de mais precioso para você neste mundo.

O corredor se abriu; à esquerda de Reid, ele podia ver o contorno fraco de uma estreita escada de pedra que levava para cima, a abertura no topo iluminada pela luz azulada da lua. *O topo da torre.*

Os passos trêmulos de Rais cessaram. Reid fez uma pausa também, prendendo a respiração no silêncio absoluto da torre.

— Você quer saber como eu as encontrei? — sua voz baixou para um sussurro. — Você sabe como eu conheci você, Reid Lawson?

Um tremor involuntário percorreu a espinha de Reid à menção de seu nome, seu nome real. Desde que descobrira que as meninas tinham desaparecido, ele não tinha parado tempo o suficiente para considerar como o assassino da Amun tinha encontrado sua casa em Alexandria. Tinha suposto que era um infiltrado da CIA, como o diretor anterior Steve Bolton, que tinha fornecido a informação a Rais.

Cada instinto lhe dizia para continuar se movendo, para escalar as escadas. Alcançar o topo da torre. Garantir a vantagem. As escadas estreitas dariam uma posição defensável, mesmo em seu estado. No entanto, ele não

podia se mover, e não por falta de força. Ele estava, incontrolavelmente, compelido a ouvi-lo.

— Foi sua esposa.

Agachado na sombra da escada, Reid congelou, certo de que ele ouviu as palavras.

— Kate Lawson.

Não. Não havia como. Kate não sabia sobre mim. Sobre o meu passado.

— Você não acredita em mim — disse Rais calmamente. — Ela trabalhava no museu. Departamento de restaurações.

Reid estremeceu, subitamente sentindo muito, muito frio.

— Na época... Eu não sabia quem ela era.

Não. Uma visão de Kate dançou através de sua consciência.

Sorrindo feliz. Viva. Faça-o parar.

— Eu não sabia o... Catalisador isso que poderia ser.

As pernas de Reid de repente pareciam fracas. Ele caiu de joelhos na pedra.

— Nem sequer sabia o nome dela. Tudo que eu tinha era uma foto e um local.

— Pare — Reid sibilou para a escuridão. — Você está mentindo.

Rais riu.

— Não, Kent Steele. Agente Zero. Reid Lawson. Quem quer que você realmente seja. — Ele pausou por um momento. — A Amun me enviou para matar sua esposa.

— Não é verdade — ele gemeu. — Não é. — Porém, mesmo ao dizer isso, uma dor de cabeça girou na frente de seu crânio, e uma nova memória surgiu em sua mente - não importa o quanto ele desejasse irremediavelmente que isso não acontecesse.

Você está na prisão secreta, designação H-6. A tropa das Forças Especiais posicionada lá chama isso de Inferno Seis. Você acredita que o Sheik Mustafar sabe mais do que está dizendo, mas as táticas de interrogatório estão se mostrando infrutíferas.

Então - tem uma ligação para você. É o diretor adjunto Cartwright. Seu chefe.

Ele não mede palavras.

Sua esposa, Kate, morreu.

— Você... — Reid gaguejou.

Um policial local respondeu ao chamado. O relatório oficial era de que ela sofrera um derrame repentino e devastador. Mas você sabe melhor.

Aconteceu quando ela estava saindo do trabalho, caminhando para o carro.

Paralisia repentina do diafragma que levou à insuficiência respiratória.

Ela simplesmente parou de respirar.

— Deus, não...

Eles chegaram até ela. Seu alvo, a organização que você conhecia apenas como a Fraternidade naquela época... Eles haviam enviado alguém para os EUA, apenas para ela.

Para enviar-lhe uma mensagem. Você estava chegando perto demais.

De repente, um dilúvio de memórias fragmentadas lhe sobreveio simultaneamente: A autópsia de Kate revelou que ela havia ingerido um alto nível de TTX - tetrodotoxina, um veneno poderoso que causa paralisia respiratória. Sua esposa havia morrido sozinha na calçada, parecendo ter se engasgado com nada.

Quase imediatamente, a CIA invadiu o banco de dados e alterou os registros para mostrar uma embolia que causou um derrame isquêmico repentino. A mentira que Reid Lawson tinha acreditado ser genuína pelos últimos dois anos.

A mesma mentira que ele tinha dito a suas filhas. Aos pais da sua esposa. A irmã dela.

No entanto, Kent Steele sabia a verdade, e a tinha mantido enterrada, reprimida, empurrada bem no fundo.

Sua mente preenche as lacunas, Maria tinha-lhe dito uma vez sobre o supressor da memória. Seu cérebro compõe os detalhes para você.

Ele havia se convencido da mentira, porque a dor de perdê-la já era demais. Contudo, o assassinato de sua esposa tinha sido culpa dele.

O agente Kent Steele sabia disso até então. Enlouquecido de tristeza, ele havia provocado uma onda de assassinatos pela Europa e pelo Oriente Médio, deixando um rastro de corpos em seu caminho. Ele torturou qualquer um que pudesse ter informações. Prometeu a eles anistia por informações e depois os matou de qualquer maneira.

A agência tentou chamá-lo de volta. Ele os ignorou.

De joelhos no chão de pedra fria da Torre de Minceta, Reid soltou um soluço que fervia de dentro dele e escapava de seus lábios rachados.

Ele ouviu passos arrastados na escuridão. Isto é o que aquele assassino quer, ele percebeu vagamente. Rais realmente destruiu sua família; não quando ele levou as meninas, mas dois anos antes. *Ele esteve esperando, aguardando seu tempo para me lembrar da verdade. Esperando que eu estivesse no meu momento mais fraco.*

Ele não teria essa satisfação.

Uma fúria selvagem se ascendeu nele. Ele queria despedaçar esse homem, rasgá-lo membro por membro. Assistir o brilho morrer em seus olhos. Esse assassino - *esse monstro* - levou o presente mais precioso que já havia recebido em sua vida, o que ele nunca sentiu que merecia totalmente. A mãe de suas filhas. O maior amor de sua vida.

Agoora ele compreendia. Os rumores de sua fúria que ele não conseguia compreender, as alegações de ferocidade que ele anteriormente não conseguia entender... Ele entendia tudo agora. Com um grito primitivo, ele avançou na direção dos passos arrastados, mantendo a cabeça baixa e os braços estendidos a sua frente. Ainda havia dor, dor no abdômen, rosto e membros, mas ela enfraqueceu em comparação com a nova angústia em seu coração.

Reid golpeou o assassino em sua costela quebrada com um ombro e Rais gritou, contudo, Reid não parou por aí. Ele levou o ataque cruel adiante, até que os dois homens bateram agonizadamente em uma parede de pedra do corredor. As cores nadavam na visão de Reid quando os dois caíram no chão em uma pilha de rochas, porém, novamente ele empurrou os limites físicos para o lado enquanto tateava o ar até que suas mãos encontraram a garganta de Rais.

Ele apertou com toda a força que pôde reunir. Abaixo dele, Rais soltou um suspiro sufocado quando seus dedos agarraram os braços de Reid, seu rosto, seu pescoço. Ele se inclinou para frente, empurrando o peso do corpo para dentro do estrangulamento, grunhidos animais da garganta de Reid se misturando com os gemidos agonizantes do assassino de sua esposa.

Ele iria esmagar a traqueia desse homem, e então ouviria o som melífluo dele sufocando até a morte.

Reid mal percebeu que as mãos haviam caído do seu rosto antes que um objeto sólido atingisse o lado da sua cabeça com tanta força que um branco ofuscante brilhou diante de seus olhos como um raio. Atordado, ele afrouxou o aperto e se afastou um pouco - o suficiente para Rais sair de baixo dele e se afastar com as mãos e os joelhos.

A cabeça de Reid latejava. Sua visão ficou turva e seus dedos se molharam ao tocar a têmpora. *Uma pedra solta*, ele concluiu. *Era muito duro para ter sido um punho*. A confusão diminuiu o suficiente para que ele conseguisse ver Rais subindo as escadas de pedra, banhadas pela luz azul do luar, em direção ao topo da torre com a respiração ofegante e pesada.

— Não — ele rosnou. — Você não vai fugir de mim. — Reid se levantou com um gemido doloroso e cambaleou atrás do assassino. Ele apoiou a maior parte do peso de seu corpo no corrimão de ferro, de cor preta, quando se forçou a subir passo a passo.

Rais alcançou o topo da torre, mas não estava em lugar nenhum. *Ele está à espreita*, Reid pensou, lembrando-se de que o assassino estava armado com uma pedra. Ele não se importava. Ele iria até o fim, de uma forma ou de outra. No topo da escada, ele atravessou a porta aberta e saiu na luz da lua - e imediatamente cambaleou para trás novamente quando um punho desceu contra si, um pedaço considerável de pedra dentro dele.

A pedra errou seu crânio por frações de centímetros e, em vez disso, passou por cima do seu ombro. Reid respondeu da mesma forma, torcendo seu corpo para a esquerda e dando um soco sólido no nariz de Rais. O nariz se achatou sob seu punho e o assassino caiu para trás.

O topo da Torre de Minceta era um amplo telhado circular de pedra cercado por parapeitos com fendas. Normalmente, servia como um dos pontos de observação mais populares de Dubrovnik, se não de toda a Croácia, mas nessa noite serviria apenas como local da morte de um dos dois homens que lutavam com seus últimos respingos de força no topo da fortaleza à beira-mar.

Reid se ajoelhou ao lado de Rais antes que ele pudesse se recuperar e plantou um joelho firmemente na garganta do assassino, como havia feito antes com o supervisor do Porto de Nova Jersey. Ele se apoiou na perna, observando o rosto de Rais ficar vermelho e depois roxo, seus olhos verdes arregalados olhando para o céu noturno. Em menos de um minuto, terminaria.

Não apenas para ele. Não apenas para mim. Para Kate. Para minhas filhas...

Minhas filhas.

Não havia acabado. Não terminaria. As meninas ainda estavam lá fora, e mesmo quando isso terminasse, ele ainda teria que encontrá-las. Ele

não podia simplesmente confiar que a CIA ou a Interpol as localizariam. Ele precisava de algo para continuar.

Por mais que quisesse acabar com a vida de Rais naquele momento, o homem ainda tinha pelo menos uma informação para lhe dar. Ele tirou o joelho da garganta do assassino e se inclinou para perto de seu rosto roxo, machucado e quebrado.

— Diga-me onde elas pousaram — disse calmamente. — Minhas garotas. Para onde foram levadas?

Rais respondeu com um suspiro molhado. Um cuspe sangrento irrompeu de seus lábios.

Reid levantou a cabeça do assassino com as duas mãos e bateu com força nas pedras. Rais fez uma careta de agonia, com os olhos fechados.

— Onde? — Ele bateu a cabeça do assassino novamente, desta vez com mais força. — Onde?!

Os lábios rachados de Rais se moveram quando ele chiou, tentando formar palavras.

— Eslo... Va...

— Eslováquia? Qual cidade? — Reid exigiu. — Kosice? Bratislava?

Rais ofegou enquanto tentava respirar novamente.

Exasperado, Reid bateu a cabeça mais uma vez, deixando um respingo vermelho e redondo contra as pedras.

— Dê-me alguma coisa. — Rosnou entre dentes. — Como você os contata? Onde estão sediados? Sua morte pode ser lenta e horrível. Ou eu posso partir seu crânio rapidamente. — Ele se inclinou mais perto, sibilando no ouvido do assassino. — Você levou minhas filhas. Você matou minha esposa, seu filho da puta. Você me deve algo.

— Eu... Eu fiz...

— Fez o quê? O que você fez? — As mãos de Reid tremiam de raiva. — O que você fez com elas?!

— Não. — Rais murmurou. Ele alcançou com uma mão trêmula e agarrou o ombro de Reid, usando-o para se puxar lentamente para uma posição sentada.

O rosto do assassino estava uma bagunça sangrenta, com o nariz torto e quebrado, um olho inchado a pouco mais que uma meia-lua. A parte de trás e o lado da cabeça estavam escorregadios; seu crânio estava quebrado. Ele não era mais uma ameaça. Ele já era um homem morto. Como Reid havia ameaçado, era apenas uma questão de tempo.

— Não... — sua voz estava coaxada, rouca e cada respiração vinha com um assobio crepitante de sua garganta danificada. — Eu não... Matei ela.

Reid zombou e empurrou sua mão violentamente.

— Você matou. Você me disse que sim.

— Eu fui mandado. — Ele Tossiu e cuspiu um bocado de sangue na pedra. — Mas alg... Alguém... Chegou lá primeiro.

— Não. — Reid se levantou, de pé sobre o assassino, os punhos cerrados ao lado do corpo. — Você fez isso. Eu me lembro agora. Tetrodoxina. Você a envenenou.

Rais balançou a cabeça devagar.

— Quem... Me dera. Teria... Cortado a garganta dela. Mas... Eu não... Envenenei.

Ele olhou para Reid e encontrou seu olhar com seu único olho bom. Não havia engano discernível por trás dele. Reid desviou o olhar, recusando-se a acreditar. Ele está mentindo. Depois de tudo o que ele disse e fez... *Depois de todas as vidas que ele tirou e as tentativas contra a minha, eu sei que ele diria qualquer coisa.*

Mas então... Rais tinha que saber, tinha que sentir que ele já estava morto. Kent Steele venceu. O assassino era inútil e estava quebrado. Reid pressionou os dedos nas têmporas e se forçou a pensar, para tentar evocar uma lembrança de Rais, ou de qualquer pessoa da Amun, usando um veneno como TTX.

Nenhuma lembrança lhe veio.

Não é o estilo dele. Ele mata com armas, facas e mãos nuas.

Reid sibilou outro escárnio antes de se voltar para Rais. Ele pegou dois punhados da jaqueta preta do homem e o colocou de pé. Rais gemeu tortuosamente com o movimento repentino, mas Reid não se importou. Ele estava furioso, confuso e completamente enlouquecido por sua memória falível. As mentiras. O engano. A morte

— Então quem? — Ele balançou Rais como uma boneca mole em suas mãos. — Se não foi você, então quem foi? —

Rais gemeu novamente. Suas pernas tremiam embaixo dele, ameaçando ceder. Uma mão ensanguentada estendeu a mão e apertou o punho esquerdo de Reid. O assassino se inclinou para frente, sua cabeça quase pousando no ombro de Reid.

— Você não sabe?! — Reid quase gritou.

— Sim. — Ele tossiu sangue na frente da camisa de Reid. — Foi... A CIA.

Antes que Reid pudesse reagir, antes que ele pudesse respirar fundo, Rais empurrou os dois pés com força contra as pedras embaixo deles, seu peso total apoiado em Reid. Eles caíram para trás juntos, atingindo a partição entre os parapeitos na altura da cintura.

Ainda agarrados um ao outro, os dois homens caíram de ponta a ponta da Torre de Minceta, caindo seis metros na escuridão silenciosa até a pedra implacável abaixo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Maya segurou Sara perto si, um braço em volta dos ombros de sua irmã mais nova enquanto a van branca de carga retumbava por uma estrada. À direita, estava a garota de pele marrom com o olho inchado do avião, a que ela chamava de Jersey. Em frente a ela, sentadas no chão, havia outras três garotas. Uma delas olhava para nada em particular no chão, nunca, nem uma vez, erguendo o olhar ou tentando se comunicar.

As outras duas estavam claramente drogadas, com os olhos pouco abertos ou nem isso, as cabeças balançando apaticamente a cada solavanco na estrada.

Depois que o avião da Nova Escócia pousou e a porta traseira se abriu, as meninas foram imediatamente conduzidas para a traseira de duas vans em espera. Havia seis homens ao todo, cheirando a fumaça de cigarro e carregando algum tipo de arma, pistolas e submetralhadoras, e eles dividiram as meninas em dois grupos.

Felizmente, eles mantiveram Sara e Maya juntas. Quanto tempo isso duraria, ela não sabia.

Assim que saiu do avião, Maya roubou olhares para a esquerda e direita. Onde quer que estivessem, era noite e não havia mais ninguém na pista. Um terminal de carga solitário ficava a certa distância à esquerda do avião; à direita, apenas a escuridão pontilhada com luzes da pista.

Então a coisa mais desconcertante aconteceu: Rais, que as havia acompanhado no avião, se separou do grupo e simplesmente se afastou. Ele não disse uma palavra - nem sequer olhou para elas, nem uma vez, enquanto caminhava pelo asfalto escuro.

Ele simplesmente saiu e as meninas foram colocadas na van.

O coração de Maya disparou com pânico, enquanto sua mente se agitava com possibilidades. Demorou alguns minutos para entender, mas ela conseguiu fazer algumas suposições do motivo do abandono de Rais. O primeiro, e mais avassalador, era que elas provavelmente não haviam desembarcado em Dubrovnik. Embora ela não tivesse como ter certeza, estava quase certa que a Croácia era uma distração para tirar as autoridades e o pai delas da rota.

A segunda coisa que ela supôs, sem grande alarme, era que elas haviam cumprido sua utilidade para o assassino e ele agora as estava entregando para esses traficantes eslavos. Elas não eram mais especiais; seus nomes e

relações não significavam nada para esses homens. Elas eram apenas mais dois rostos para que eles fizessem o que quer que tenham planejado para as meninas na van.

A última coisa que ela percebeu foi que o pai delas estava indo para uma armadilha, montada por Rais. Isso se baseou não apenas em suas duas primeiras constatações, mas também no que ela testemunhou quando chegou à van. Os traficantes obrigaram Sara a trocar de roupa com a loira do avião, a que Maya pensava ser Oklahoma. Eles fizeram isso, Oklahoma tremendo de medo do desconhecido e Sara se movendo devagar, mecanicamente e apática.

Sara ainda estava em estupor, em algum estado de catatonia que Maya não conseguia quebrar.

A loira foi levada na mesma direção em que Rais seguiu. Maya sabia muito bem o que aquilo significava; embora alguns anos mais velha, ela tinha a mesma altura e estrutura física que Sara. Em suas roupas, sob a cobertura da escuridão, Oklahoma poderia se passar por sua irmãzinha.

Então as portas da van se fecharam e os dois veículos se afastaram.

A única luz na cabine traseira entrava pelo para-brisa; não havia janelas na traseira da van. Os assentos tinham sido removidos, então as seis meninas sentaram no chão, encolhidas três de cada lado. Maya notou enquanto seus olhos se ajustavam à penumbra que as travas internas haviam sido removidas; não havia como abrir as portas de sua posição. Uma grade de aço tinha sido soldada entre os bancos traseiro e dianteiro, onde um homem dirigia e outro sentava no banco do passageiro.

Eles estavam dirigindo por horas; Maya não sabia exatamente por quanto tempo, mas suas pernas estavam com câimbras por ficarem sentadas na mesma posição por um período de tempo tão longo. Ainda assim, ela tinha esperança, contra todas as expectativas, de que elas nunca chegassem ao seu destino, porque ela só podia imaginar parcialmente o que as esperava.

De repente, a van saltou sobre um buraco na estrada. A menina sentada transversalmente a frente de Maya, uma das duas que tinha sido obviamente drogada, caiu para frente. Ela nem mesmo tentou parar a si mesma, ao ponto que sua cabeça bateu contra assoalho de metal da camionete.

Maya a alcançou instintivamente para ajudá-la, tocando o ombro dela - e então tirando a mão imediatamente.

A pele da menina estava fria como gelo. Quando a van passou sob o brilho alaranjado de uma luz da rua, Maya teve um vislumbre de seu rosto. Ambos os lábios estavam azuis.

Maya puxou os joelhos contra o peito e puxou Sara com mais força, estremecendo da cabeça aos pés. Ela não conseguia desviar o olhar da garota sem vida; era apenas por uma pequena misericórdia que seus olhos estavam fechados.

Dedos mornos tocaram em seu braço e ela saltou outra vez.

— Ei — Jersey, a menina ao lado dela, falou em um sussurro. — Está tudo bem.

Maya sacudiu a cabeça enquanto lágrimas frescas jorraram de seus olhos. Ela não tinha se repreendido várias vezes por dizer a mesma coisa a Sara?

— Não está — ela sussurrou de volta. — Não está. Nada disso está bem.

Jersey mordeu o lábio por um momento, olhando para a garota no chão.

— Pelo menos assim — disse ela — eles não podem mais machucá-la.

Maya enxugou os olhos, finalmente se forçando a olhar em outra direção. Era uma perspectiva terrivelmente sombria - embora fosse verdadeira.

— Para onde eles estão nos levando? — ela perguntou.

Jersey balançou a cabeça.

— Eu não sei. Porém, tem algo que você precisa saber. — Ela olhou além de Maya, para a garota mais jovem aninhada contra ela. — Eles nunca nos colocam em grupos como este, a menos que estejam nos mudando de localidade. Quando chegarmos aonde quer que estejamos indo... Há uma boa chance de que eles...

O homem no banco do passageiro bateu com raiva na grade de aço com dois nós dos dedos e as repreendeu duramente em sua língua estrangeira. Maya não precisava conhecer sua língua para saber que ele as estava ameaçando em silêncio.

Jersey ficou quieta, mas Maya já sabia o que ia dizer. *Eles vão nos separar. Eles vão tirar Sara de mim.* Ela disse a si mesma que não podia deixar isso acontecer, mas já sabia que havia pouco que pudesse fazer a respeito.

Ela encostou a cabeça na irmã e tocou a testa de Sara. Com a voz mais baixa possível, ela disse:

— Eu sei que você está aí. Eu sei que você pode ver e ouvir tudo o que está acontecendo. Não acho que sua mente queira admitir ou processar o que está acontecendo, mas... Mas você precisa, Sara.

Era hora de enfrentar esses fatos difíceis. Rais estava atrás do pai delas e usaria outra garota como isca enquanto elas eram levadas para outro lugar, possivelmente para outro país. Esses traficantes estavam operando em nível internacional; eram profissionais cuidadosos que haviam feito isso antes, ainda não tinham sido detidos e o fariam novamente.

Para elas, Maya e sua irmã, haveria apenas uma coisa esperando por elas do outro lado dessa jornada - e ela estava aos seus pés, com a pele fria e os lábios azuis. Esse era o fim de seu caminho se não fizessem algo a respeito, mesmo que algo significasse o mesmo fim.

— Você tem que ser forte — Maya insistiu com a irmã em voz baixa. — Você tem que sair disso. No segundo em que você ver algo que parece uma oportunidade, precisa aproveitá-la. Lute com tudo o que você tem. Se você puder correr, corra como se sua vida dependesse disso. Porque... Porque sim, Sara. |Sua vida depende disso.

Ela olhou para o rosto da irmã, esperando qualquer sinal de vida atrás dos olhos dela. E havia um - uma única lágrima rolou por sua bochecha e derramou sobre a camiseta rosa que ela havia trocado com Oklahoma.

Os lábios de Sara se moveram, apenas um pouco, sem som, ou tão pouco som que Maya não pôde ouvir. Ela esticou o pescoço para que sua orelha estivesse ao lado da boca de Sara.

E ela ouviu:

— Quero ir para casa. —

Maya fechou os olhos com força e se esforçou para não chorar. Não enquanto ela dizia à irmã que precisava ser forte.

— Eu também, amendoinzinho. Escute-me, por favor. Seja forte. Pense no papai. Pense na mamãe. Pense no que precisar, para se lembrar de que esse não é o fim...

Os freios da van gritaram em sinal de protesto quando ela freou. Os dois homens saíram e, um momento depois, Maya pôde ouvi-los conversando com outras pessoas fora do veículo. Então as portas traseiras se abriram e um feixe de lanterna intensamente brilhante caiu sobre elas. Maya protegeu os olhos até que a luz se afastou, deixando apenas as silhuetas de quatro homens.

Um dos homens levantou um braço, apontando e falando bruscamente em um idioma eslavo. De repente, os braços estavam chegando dentro da van, tentando afastar Sara dela.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Reid andou pela escuridão, impossivelmente lento. Talvez não estivesse nem se mexendo - ele não tinha membros. Estava separado de seu corpo, em algum lugar em um abismo sombrio. Ou em lugar nenhum. Não havia som, nem cor. Nenhum sentimento.

— Kent?

Uma voz. Não muito longe. Ele olhou ao redor - isso se houvesse mesmo um "redor" para olhar. Era uma mulher. Parecia quase...

Kate? Ele tentou chamá-la, mas não tinha voz.

— Jesus, Kent...

Veio a voz novamente. *Kate!* Ele estava certo disso.

Uma luz branca brilhante brilhou acima dele. Ele não conseguia olhar diretamente para ela, mas sabia o que era.

— Fique comigo, Kent!

Kate. A luz era um farol. Ela estava o chamando para casa.

Não, ele percebeu - não poderia ser. Kate não conhecia Kent. Ela conhecia Reid. O marido, pai de suas filhas. Cúmplice de seu assassinato.

A luz se apagou. Então: lábios quentes junto aos seus. Um perfume. Floral. Lavanda.

Em seguida: a dor. Dor por toda parte, voltando ao seu coração, irradiando para os membros, através do crânio. Tão repentina como um derrame, tão fácil quanto contar uma mentira, ele tinha um corpo novamente. Sabia disso por causa da dor.

Reid virou a cabeça, tossiu, provou sangue. Estava escuro do lado de fora. Pontos teimosos e brilhantes em sua visão impediam que enxergasse, mas quando eles se dissiparam lentamente, ele começou a se lembrar. A Torre de Minceta pairava sobre ele - e outra forma. Uma mulher. Cabelos loiros. Olhos cinzentos e preocupados.

Maria. Ele tentou dizer, mas só tossiu violentamente outra vez.

— Você quase me matou de susto — disse ela em um suspiro profundo.

— Não tente se mexer até que eu possa descobrir o que você fez a si mesmo.

Ele não fez isso consigo mesmo. Estava deitado na base da fortaleza medieval. Ele caiu - não, foi empurrado, junto com...

Reid ignorou o aviso de Maria e rolou para a direita, fora do objeto macio embaixo dele e sobre a pedra fria. Ele virou a cabeça; O único olho

verde aberto de Rais retornou seu olhar. A parte de trás da cabeça dele estava aberta, o conteúdo derramado em uma auréola sangrenta.

Se Reid pudesse rir, ele o teria feito. *Ele amorteceu minha queda.* O homem que acreditava ser seu destino matar Kent Steele, sem querer, salvou sua vida.

Ele se sentou devagar com um longo gemido. Tudo doeu. Ele balançou cada dedo, flexionou os braços e as pernas. Nada parecia quebrado. Ele enxugou os olhos turvos e olhou para Maria. Ela estava realmente lá, ajoelhada ao lado dele, parecendo aterrorizada e aliviada ao mesmo tempo. Em uma mão havia uma pequena varinha branca - uma lanterna. A luz branca que ele tinha visto. Não era um farol; ela checara as pupilas dele em busca de um sinal de vida.

Ele tinha mil perguntas, mas elas teriam que esperar.

— Me ajude — ele murmurou, oferecendo-lhe uma mão.

Ela franziu a testa.

— Kent... Acho que você caiu da torre. Consegue ficar de pé?

— Só há uma maneira de descobrir.

Ela riu e ajudou a colocá-lo de pé. Ele gemeu novamente. *Não vou chegar longe neste estado*, pensou irritado. Mas suas pernas aguentavam, trêmulas como estavam.

— Ouça, se você pode se mover, então devemos ir — disse Maria rapidamente. — O rádio daquele segurança morto estava recebendo um chamado agora pouco. Não vai demorar até que alguém venha procurá-lo.

Reid assentiu.

— Sim. Nós devemos ir. — Ele se abaixou e agarrou a perna esquerda de Rais.

— O que diabos você está fazendo? — ela insistiu.

Ele puxou, mas não tinha força suficiente para chegar a lugar algum.

— Kent! — Maria gritou. — O que você pensa que está fazendo?

— Jogando o corpo dele no Mar Adriático — murmurou. No momento, ele não estava em pleno uso de suas faculdades mentais para explicar completamente, mas sabia que era o que precisava fazer antes que pudesse ir embora. Esse monstro de rosto humano foi atrás de sua esposa, de suas filhas e dele. Duas vezes ele foi deixado para morrer e retornou. Mesmo agora, com o crânio aberto e o cérebro derramado na muralha de Dubrovnik, Reid não daria nenhuma chance.

Você não está pensando direito. Você teve uma concussão.

Eu não ligo. Vou fazer isso.

Ele apertou os olhos com força. Essas palavras foram ditas em voz alta ou em sua cabeça? Não tinha certeza. Ele se virou para Maria.

— Você pode me ajudar e fazemos isso rapidamente, ou pode me ver fazendo isso com dificuldade.

— Meu Deus — ela murmurou. Porém, então ela agarrou a outra perna e juntos eles arrastaram o cadáver de Rais cerca de seis metros ao longo da muralha, onde a barreira entre pedra e mar subia apenas alguns metros de altura. Eles jogaram seus restos mortais nas muralhas e depois o lançaram sobre o muro.

Reid se inclinou para assistir Rais passar pelos refletores e rebater uma vez no afloramento rochoso escorregadio logo abaixo. Ele observou o mar escuro engolir o corpo, puxando-o para fora com a maré.

— Tudo bem agora — disse Maria suavemente. — Vamos. — Ela o apoiou sob um braço e juntos eles se moveram o mais rápido possível para longe da torre, longe das muralhas. Estavam quase no portão quando avistaram um feixe de luz de lanterna balançando e mergulharam nas sombras quando um guarda croata passou por eles, conversando no rádio. Quando ele passou, eles se moveram novamente, para fora do portão destrancado e para um cupê branco que Maria deixou esperando nas proximidades.

Ela o ajudou a sentar no banco do passageiro primeiro e depois se afastou rapidamente da costa, em direção ao centro da cidade.

— Para onde vamos? — ele perguntou, sua voz fraca e vacilante.

— Algum lugar seguro — respondeu Maria simplesmente.

Reid sacudiu a cabeça.

— Elas ainda estão por aí em algum lugar. Eu preciso... Preciso encontrá-las.

— Eu sei — disse Maria calmamente. — Mas você está em péssimo estado. Você precisa pelo menos de uns curativos. Não pode continuar assim. Descanse um pouco, mesmo que por pouco tempo.

— Elas podem não ter um "pouco tempo". — Reid olhou pela janela.

Após alguns minutos silenciosos, Maria perguntou:

— Você quer me contar o que aconteceu?

— Ele me enganou — Reid admitiu. — Ele sabia que eu viria. — Embora a dor em seu corpo ainda estivesse presente e pulsante, sua cabeça

estava clara, não mais nadando na névoa da quase inconsciência. — Você sabia sobre ela?

Maria balançou a cabeça.

— Quem?

— Kate.

Ela suspirou tristemente.

— Oh, Kent. Você se lembra?

— Agora eu lembro. Mas não graças a você. Você sabia?

A expressão dela estava empaticamente triste.

— Sim — admitiu em um sussurro. — Sinto muito. Simplesmente não... Não parecia algo que você precisava lidar agora. Você já disse isso antes: às vezes a ignorância pode realmente ser uma bênção.

— Bênção — ele zombou alto. — Essa não era uma decisão para você tomar. Eu merecia saber. Mais importante, eu merecia ouvir isso de alguém em quem confio. Não... *Dele*.

— Você tem razão. E eu sinto muito por esconder isso de você. Não é muita defesa, mas é a única que tenho... O assassinato dela foi o que causou sua fúria antes. Você ficou obcecado. Não ouvia ninguém, nem mesmo eu. Ficou violento e frio. Quando te vi novamente, naquela fonte em Roma, e você mencionou um surto, decidi não lhe contar a verdade por medo de voltar àquela versão de Kent. — Ela pausou por um longo momento. — Talvez a ignorância não seja uma bênção. Às vezes é apenas... Imparcial.

Ele olhou pela janela novamente. Não queria olhar para ela - não por causa de sua raiva, mas porque se ele visse o rosto de Maria, teria que admitir que ela poderia estar certa.

— Você sabe quem fez isso? — Reid perguntou abertamente.

Maria franziu a testa.

— Bem... Sim. Kent, foi o Rais. Ele envenenou a Kate...

— Não foi ele. Ele mesmo me disse isso, pouco antes de cairmos da torre. Ele foi enviado para matá-la, mas alguém a alcançou primeiro.

— Você honestamente não acredita nisso, não é?

Reid assentiu.

— Eu acredito. Ele queria ser o único a fazê-lo. Ele gostaria de receber o crédito por me machucar assim. Mas, no fim, apesar de quão completamente distorcido seu senso de crença e moral possa ser, ele não poderia aceitar a responsabilidade por isso. Ele não tinha nada a ganhar admitindo o assassinato.

— Eu odeio dizer isso, mas, estranhamente, faz sentido. — Maria virou o carro na direção das vilas alaranjadas e brancas da Cidade Velha de Dubrovnik, mantendo o limite de velocidade e vigiando o espelho retrovisor. — Então... Ele sabia quem foi?

— Ele alegou que sim. — *CIA*. Essas foram as últimas palavras de Rais. Reid acreditava que o assassino não tinha realmente sido o assassino de sua esposa - mas ele não tinha certeza se colocar a culpa na agência foi genuíno ou uma provocação final. *Mas com certeza vou descobrir.*

— Você vai me dizer...? — Maria cutucou.

Reid virou-se para ela.

— Minhas filhas nunca chegaram a Dubrovnik; Rais as entregou aos traficantes na Eslováquia. Elas podem estar em qualquer lugar agora. Não consigo encontrá-las sozinhas. Preciso de ajuda e não tenho certeza de que possa ser a agência. Eu realmente quero confiar em você. Acho que talvez eu *precise* confiar em você, ou então eu poderia ficar louco. Então, preciso saber se você fará essa escolha.

— A escolha entre você ou a agência?

— Entre mim — disse Reid — e todos os outros. Qualquer outra pessoa

— É você — disse ela sem hesitar. — Sempre será.

— Obrigado — ele murmurou. Independentemente do que aconteceu com Kate e quem poderia saber disso, ele precisava da ajuda de Maria para ter alguma chance de encontrar as meninas. Ela já esteve lá por ele antes e estava lá por ele agora.

Maria guiou o cupê branco para fora da estrada e entrou no estacionamento de um posto de gasolina. Ela parou ao lado do prédio, do lado de fora da porta do banheiro masculino e estacionou o carro.

— O que é isso? — Reid perguntou. — O que estamos fazendo aqui?

— Você não vai a lugar nenhum até se limpar — explicou Maria. — Me dê um segundo. — Ela saiu do carro, abriu a porta do banheiro e verificou se estava tudo limpo antes de voltar para o lado de Reid.

— Espere — ele protestou quando ela abriu a porta do carro. — Você não ouviu o que eu acabei de dizer sobre as meninas? Temos que ir. Temos que seguir a pista...

Maria balançou a cabeça.

— Kent, você está coberto de sangue. Foi esfaqueado. Você caiu da droga de uma torre! Eu o conheço o suficiente para saber que um hospital está fora de questão, mas há um kit de campo no porta-malas. Pelo menos,

deixe-me limpar seus ferimentos da melhor maneira possível. Então, eu prometo que iremos. Juntos.

Ele teve que admitir que ela estava certa. Ele não estava em condições de sair correndo novamente. Além disso, eles teriam que garantir um transporte melhor do que um cupê branco para chegar à Eslováquia. Ainda assim, agora que o suplício de Rais havia terminado e seu foco estava de volta nas garotas, seu coração se partiu novamente ao pensar nelas sozinhas nas mãos dos traficantes.

— Ei. Vamos lá — Maria o chamou gentilmente. Ela o ajudou a sair do carro e pegou uma mala preta do porta-malas. Então, enquanto ela o apoiava sob um ombro, eles entraram no banheiro e Maria trancou a porta atrás deles. O banheiro era pequeno, duas cabines e um mictório, com azulejos brancos e surpreendentemente limpos. — Sente-se — ela ordenou enquanto abaixava a tampa do primeiro vaso.

Ele fez o que foi mandado, aliviando-se com um gemido. Maria se ajoelhou diante dele no ladrilho, abriu a bolsa e puxou vários acessórios de primeiros socorros.

— Você deveria ter esperado por mim — observou ela. — Eu estava a caminho.

— Não pude. Rais mentiu, me disse que estava com as meninas. Deus, ele... — Reid riu zombando. — Ele até enviou outra garota que parecia a Sara, provavelmente uma vítima de tráfico de pessoas, para me desequilibrar. Talvez eu não estivesse usando minha cabeça. Mas não pude arriscar. Como me encontrou?

— Tinha um transponder na sua bolsa. — Ela pegou um par de tesouras médicas e cortou cuidadosamente a camiseta ensanguentada. — Mitch me deu a frequência para rastreá-lo. O sinal acabou, mas eu tinha as últimas coordenadas conhecidas. E você ainda estava lá. Inclina-se um pouco para trás. Isso vai doer.

Reid estremeceu por entre os dentes enquanto ela limpava o sangue ao redor do pequeno ferimento de faca no abdômen. Ele segurou a barra de aço presa à parede da cabine e prendeu a respiração quando ela beliscou as bordas de sua ferida e aplicou um curativo líquido na pele para mantê-la fechada. Então ela pressionou um curativo sobre o local da ferida, e ele soltou um suspiro aliviado.

— Porém, tem algo que você precisa saber. — Ela abriu uma compressa de álcool e enxugou o sangue seco em seu rosto. — Strickland está aqui, na

Croácia.

Reid quase se esqueceu do agente Strickland, a suposta resposta da CIA às meninas sequestradas.

— Bom. Talvez ele possa ajudar, se conseguirmos passar informações para ele. Trabalhar em duas frentes...

— Não, Kent. Ele está aqui por você. As ordens dele são de te encontrar e prendê-lo... Usando todos os meios necessários.

Reid olhou de volta com perplexidade.

— Para me encontrar? Mas... E as minhas garotas?

Maria desviou o olhar.

— Desde a pista sobre Dubrovnik, a agência passou o caso à Interpol.

— Não — Reid sacudiu a cabeça. — Não, eles não têm investimento pessoal, não têm a pele em jogo. Eles provavelmente estão lidando com casos de mil pessoas desaparecidas por dia...

— Kent, você atirou em policiais. Eles também sabem sobre as filmagens na fábrica têxtil. Eles estão assumindo que a bomba no resort foi você...

— Não era uma bomba — argumentou ele. — Era uma *ameaça* de bomba...

— E agora eles vão encontrar um guarda de segurança morto e o cérebro de Rais espalhado por todas as paredes — continuou ela. — Você é considerado um justiceiro armado e altamente perigoso. Você não foi apenas renegado, mas é a maior prioridade no momento. Os técnicos estão escaneando ondas de rádio, frequências policiais, aplicativos de mensagens e mídias sociais para encontrar qualquer sinal possível seu.

— E o Cartwright? — ele perguntou. Ele sabia que era um tiro no escuro, mas tinha que haver alguém ao seu lado, alguém lá fora procurando por suas meninas. — Se eu pudesse falar com ele em uma linha segura, explicar o que aconteceu, ele poderia fazer alguma coisa...

— E até onde você acha que ele vai dar a cara à tapa, o que pode significar colocar a carreira dele em risco?

Ele suspirou. Maria estava certa. Cartwright seria de pouca ajuda; mesmo que quisesse, teria que convencer os seus superiores de que Kent Steele não era uma ameaça.

E alguns desses superiores já podem me querer morto pelo que sei.

— E quanto a você? — ele perguntou. — Rais era sua missão. Você poderia dizer a eles que veio aqui, ouviu uma perturbação nas muralhas.

Encontrou Rais morto...

— Kent...

— Então sua missão acabou, você pode procurar pelas minhas garotas...

— Kent! — Maria praticamente gritou. Ele ficou em silêncio quando ela colocou a mão em seu joelho. — Sinto muito. Isso não vai funcionar.

Ele olhou para ela, seus olhos encontrando os dela, vibrantes e cinzentos. Então ele riu amargamente, porque percebeu o que ela queria dizer. A CIA também tinha mudado sua missão.

— Porque você foi enviada aqui para me prender também.

Ela assentiu.

— Obviamente não vou fazer isso. Mas, é verdade. Você é minha missão agora. — Ela remexeu na mochila preta novamente e tirou uma camiseta nova para ele. — Eu vim preparada. Imaginei que você poderia precisar de uma muda de roupa. Tem uma jaqueta aqui também.

Reid pegou a camisa, mas não a vestiu. Em vez disso, recostou-se no vaso sanitário e enterrou o rosto nas duas mãos. Era tudo o que ele podia fazer para não zombar da situação. Ele não podia entrar em contato com a CIA. Não podia entrar em contato com nenhum amigo da Interpol por medo de ser denunciado. Tinha dois agentes de campo designados para ir atrás dele - um dos quais estava tratando suas feridas.

Ele veio até aqui e, até, matou Rais e a única recompensa que recebera foi que mal podia se mover por conta própria.

Ele sentiu as mãos de Maria em seus braços, deslizando ao redor dele, abraçando-o. Ele sentiu os dedos quentes dela na parte de trás do pescoço, no ombro e respirou o perfume dela.

— Eu cheguei tão longe — sussurrou. — De qualquer forma, estou mais longe do que estava antes. Não tenho ideia de como chegar até elas, Maria. A única pista que eu tinha era Tkanina, e não posso voltar lá se a agência já sabe.

— Kent — ela disse suavemente em seu ouvido. — Vamos dar um jeito.

— E cada momento que passamos encontrando um jeito é outro momento que elas poderiam ser... — Ele parou, não querendo dizer isso. — Você sabe o que esses traficantes fazem. Eles drogam meninas. Eles estupram. Eles as vendem para pessoas que farão ainda pior que isso. — Ele enxugou os olhos nas costas da mão. — Elas são crianças. Eles são as *minhas* crianças. E eu... Eu não posso chegar até elas.

Ele olhou para Maria, mas ela olhou para longe pensativa. Depois de um longo momento, ele perguntou:

— O quê? O que foi?

Maria fechou os olhos e suspirou.

— Eu vou fazer uma ligação. Acho... Acho que talvez eu conheça alguém que possa ajudar.

Reid franziu a testa. Quem quer que Maria fosse contatar, não parecia alguém com quem ela estivesse interessada em falar. Ela se levantou do chão e pegou um telefone celular da bolsa preta.

— *Dobryy vechir* — disse ela ao telefone. — *Tse ye Calendula. Meni potribna informatsiya.* — Boa noite. É a Calendula. Preciso de informações.

Reid piscou em choque e confusão. Ele entendeu cada palavra que ela disse... Porque ele também falava russo fluentemente. E "Calendula" parecia muito com um codinome, como o nome Marigold, que ela usava na CIA.

Um sentimento horrível surgiu quando ele a encarou. Quem estava do outro lado da linha não era a CIA, nem a Interpol. Em termos claros, ela mencionou os traficantes escravos. Ela disse ao estrangeiro na linha sobre Tkanina, sobre o depósito de carga na Nova Escócia e sobre a Eslováquia.

Reid bebeu cada palavra. *Não, ele percebeu, não é russo. É ucraniano. As palavras são semelhantes, mas a gramática é diferente. Mais simples.* Maria estava falando ucraniano. *Por que ucraniano?*

— Para o informante — disse ela calmamente, evitando o olhar dele. Ela ouviu a pessoa do outro lado por um momento. Ela olhou para ele e naquele instante Reid soube. Seu olhar triste de uma fração de segundo contou tudo.

Reid levantou-se lentamente da tampa do vaso sanitário, trêmulo nas pernas quando Maria encerrou a ligação.

— Quem era? — ele exigiu imediatamente.

— Não é o que você pensa...

— Quem era Maria? — ele perguntou novamente mais alto.

— Era um informante.

— Não. Os informantes não coletam informações não relatadas sobre traficantes de seres humanos...

— Eu tenho uma pista — disse a ele.

— Eu não acredito nisso. — Ele sentiu seu rosto ficar quente quando apontou para ela. — Maria... Você é uma agente dupla?

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— Não — Maria insistiu. — Era um amigo no Serviço de Inteligência Estrangeira...

— Então agora não era um informante? — Reid riu. — Você disse a eles que era "para o informante". Eu me lembro de todas as palavras. Não era um informante. *Eu sou* o informante. Do quê?

Maria suspirou brevemente.

— Kent, há muito mais acontecendo aqui do que você entende.

Reid tentou olhá-la nos olhos, mas ela não encontrou seu olhar. Ele estava frustrado e desesperado, para não mencionar fisicamente exausto e dolorido em todas as partes.

Suas meninas são a prioridade, ele lembrou a si mesmo. *Você precisa ir, mesmo que isso signifique ir sozinho*.

— Vou pegar o carro — disse ele. — Dê-me a pista — Ele vestiu a camiseta e a jaqueta marrom que ela trouxera e depois estendeu a mão para pegar as chaves.

— Eu vou com você...

— Você não vai — ele rebateu abruptamente. — Se quer que eu acredite que posso confiar em você, então não vai me seguir. Se fizer isso, eu saberei de que lado você está.

— Do seu — ela insistiu. — Haja o que houver.

— Por favor, me dê as chaves.

Maria olhou por um momento, como se quisesse que ele mudasse de ideia, mas ele balançou a cabeça. Ela passou para ele o chaveiro sem palavras. Então ela enfiou a mão novamente em sua bolsa preta, desta vez pegando um pequeno bloco de notas e uma caneta. Ela anotou um nome e um número, arrancou o papel e entregou a ele.

— O que é isso? — ele perguntou, examinando-o.

— É o nome de um hotel em Bratislava — respondeu ela. — É um local conhecido por sua... Clientela.

Reid zombou levemente, sentindo o calor subir em seu rosto novamente.

— Você tem um "contato" com esse tipo de fonte sobre os traficantes e eles não fizeram nada com isso?

— A Eslováquia faz parte da União Europeia. Meu... Contato não pode se mover contra eles. Está fora da jurisdição deles...

— Não, mas eles podem espioná-los — respondeu Reid.

— Não é exatamente isso que você e eu fazemos?

— Isso é diferente. Nós agimos

— Nós tentamos — disse Maria. — Mas você não pode salvar a todos.

— Eu não tenho tempo para ficar aqui e discutir minúcias com você. Estou indo. — Ele deu dois passos doloridos em direção à porta do banheiro antes que ela o chamasse novamente.

— Espere. Pelo menos pegue a bolsa de campo. — Ela pegou a bolsa e entregou a ele. — Tem remédios. Analgésicos...

— Epinefrina? — ele perguntou.

Maria piscou para ele.

— Você não pode estar falando sério. — Ao olhar dele, ela assentiu. — Sim. Três doses.

Ele pegou a bolsa.

— Transponder? Alguma maneira de me rastrear?

— Claro que não — respondeu ela. — Era o meu kit. Eu não permitiria isso.

Ele abriu a porta.

— Tem um telefone aí também — ela falou pelas costas dele. — Um descartável. O número do Mitch está salvo. Você levaria dez horas para dirigir até Bratislava. Ligue para ele. Ele poderia arranjar algo mais rápido.

Ele hesitou por um momento; Por mais estranho que fosse, ele percebeu, de repente, que sua raiva por ela se devia mais por ela mentir para ele do que possivelmente ser uma agente dupla.

Mas mentir não faz parte do trabalho?

— Obrigado — ele murmurou. Então ele a deixou lá, de pé na porta aberta de um banheiro croata, enquanto subia cautelosamente no banco do motorista do cupê branco e ligava o motor.

Ele o deixou ocioso por um momento, pensando. Não tinha parado tempo o suficiente para processar tudo o que havia acontecido na última hora, mais ou menos - o resort, a briga com Rais e agora o que quer que fosse isso com a Maria.

E você não tem tempo para isso agora.

Ele colocou o cupê em movimento e saiu do estacionamento do posto de gasolina. Assim que voltou às ruas da Cidade Velha, abriu o zíper da bolsa de campo e procurou o celular descartável. Uma rolagem rápida pelos contatos mostrava apenas dois números: um "M" e outro "C."

Cartwright? Ele pensou. *Não pode ser. Maria estava em uma missão. Ela não precisaria entrar em contato com ele dessa maneira.* Mesmo que fosse o diretor adjunto, ele não estava disposto a arriscar ligar e ter seu sinal traçado. Em vez disso, ele ligou para o número "M".

— Você o encontrou? — a voz disse imediatamente.

Reid franziu a testa. Não parecia nada com o mecânico áspero que ele conhecera na Virgínia.

— Mitch?

— Zero — ele ficou em silêncio por um momento. — Sou eu.

Eu estava certo. O mecânico disfarçara não apenas sua aparência, mas também sua voz, intencionalmente impedindo Reid de se lembrar dele.

— Preciso de uma carona. Estou na Cidade Velha de Dubrovnik e preciso chegar a Bratislava.

— E Maria...? — perguntou Mitch.

— Deixe-a para trás — respondeu simples.

Mitch pausou novamente. Então ele disse:

— Eu tenho um helicóptero por perto. Mas nenhum piloto.

Reid lembrou-se de apenas alguns dias atrás, quando um helicóptero o levou, juntamente com outros quatro, pelo Mar Mediterrâneo em direção a um navio de cruzeiro para impedir o surto de varíola alterada. Ele assistiu o piloto e percebeu que sabia voar.

— Isso não deve ser nenhum problema.

*

Setenta minutos depois, Reid pousou um helicóptero de assistência médica retirado de serviço num campo de golfe eslovaco de nove buracos. Seu palpite estava correto; suas mãos manusearam os controles sem problemas, trabalhando com os pedais cíclicos e anti torque em um concerto quase perfeito, o conhecimento de voo voltando a ele inteiramente naquele momento.

Ele desligou o helicóptero e saiu com um gemido. Ainda sofria muito da luta com Rais, mas também teve tempo de sobra para pensar em seu voo da Croácia para Bratislava. E, embora seus pensamentos fossem bastante confusos e complexos, camadas de problemas sobre problemas, que eventualmente exigiriam resolução, ele chegou a duas conclusões.

A primeira era a que ele já havia estabelecido: iria recuperar suas filhas com segurança, custe o que custar. A segunda era que ele quebraria todos os crânios que se colocassem entre ele e elas, não importa quem fosse ou de que lado dissessem estar. Não havia lados, não mais; havia apenas certo e errado.

Eles acham que viram uma fúria. Eu vou dar-lhes uma fúria.

Era pouco depois da meia-noite, horário local, quando ele pousou o helicóptero na grama verde de um campo de golfe anexado a um hotel cinco estrelas, no elegante bairro da capital eslovaca, mais conhecida por seu comércio e turismo do que por sua rica história. Bratislava era uma das menores capitais da Europa, mas a maior cidade da Eslováquia, com castelos ainda em pé, localizados ao longo do rio Danúbio.

O hotel que procurava chamava-se District, uma elegante acomodação de luxo a poucos quarteirões de onde tinha pousado. Não havia ninguém no campo de golfe a essa hora da noite, mas as pessoas sem dúvida o tinham visto voando baixo no céu. A maioria pode não pensar duas vezes ao ver um helicóptero médico no alto - mas haveria mais do que algumas perguntas quando ele fosse encontrado na parte lisa do campo.

Ele pegou o kit de campo e correu na direção do District. Enquanto caminhava, tentando ignorar a sensação nos membros doloridos, ele abriu o zíper da bolsa e vasculhou-a. Como Maria havia prometido, havia um frasco laranja de prescrição sem rótulo, mas contendo um punhado de comprimidos que ele reconheceu como hidrocodona. Ele enfiou o frasco no bolso; não tomaria analgésicos agora, não quando precisava manter a cabeça limpa, mas se sentia melhor por tê-los.

Também na bolsa, encontrou as três doses de epinefrina, tubos estreitos com agulhas grossas embrulhadas em plástico. Esses, ele enfiou no bolso de trás. Ele também pegou o curativo líquido, caso a ferida se abrisse.

Não parecia haver mais nada que lhe fosse útil no kit médico, então ele largou o resto da bolsa em uma lixeira num canto - junto com o celular descartável que Maria havia lhe dado. Ele não queria ser rastreado, nem pela agência nem por ela e, no momento, não confiava que ela não tentaria segui-lo.

Então, ele caminhou a meia quadra restante até o District.

O hotel cinco estrelas tinha duas vezes mais altura do que largura, aparecendo grande e vaidoso sobre os vizinhos, o exterior alternando em listras prateadas e pretas até o topo, dezesseis andares acima. Ele diminuiu a

velocidade quando se aproximou da entrada de vidro giratório. Só conseguia imaginar como iria olhar para a clientela e a equipe de alto perfil lá dentro - seu rosto machucado, sem bagagem e vestindo jeans com pequenas manchas de sangue neles.

Ele passou pela entrada e contornou o prédio até encontrar um pequeno compartimento de carga para entregas, por uma rua lateral da avenida principal. Ao lado da porta do compartimento da garagem havia outra entrada, uma porta de aço com um pequeno botão ao lado. Ele apertou e, de dentro, houve um zumbido alto e raivoso.

Reid apertou uma segunda vez e esperou. Alguns momentos depois, a porta se abriu apenas alguns centímetros, enquanto um jovem carregador confuso olhava para ele.

— *Môžem ti pomôct’?* — o carregador perguntou em eslovaco. Posso lhe ajudar?

— *Tak toúto.* — Reid avançou, abrindo a porta com o cotovelo enquanto o outro braço serpenteava ao redor do pescoço do carregador, cortando tanto sua capacidade de gritar quanto o suprimento de sangue para seu cérebro.

Sinto muito. Reid verificou esquerda e direita enquanto colocava o jovem para dormir. Não havia mais ninguém na baía de carregamento, não tão tarde da noite. Em segundos, o jovem em seus braços estava inconsciente. Reid cuidadosamente o abaixou no chão e pegou seu crachá de identificação.

Então, foi em busca de um jeito de subir.

Dezesseis. Esse era o número que Maria havia escrito no papel, abaixo do nome do hotel. Não era um número de quarto; era um andar. O andar de cima, a suíte da cobertura, que - em um lugar como esse - geralmente só era acessível por quem tinha uma chave.

Ou pelo elevador de carga exclusivo para funcionários. Não foi difícil encontrar a caixa dupla de aço que o levaria ao seu destino. Ele passou o cartão-chave do carregador por um sensor e as portas se abriram para ele.

Ele apertou o botão da cobertura e puxou uma das doses de epinefrina do bolso de trás. Enquanto o elevador roncava, ele retirou o plástico e tirou a tampa do tubo, expondo a agulha curta.

Reid não conseguia se lembrar de ter feito isso antes, mas o conhecimento surgiu em sua mente como uma peneira aberta. *Uma injeção intramuscular na coxa lateral resulta em um efeito mais rápido e em um*

aumento mais acelerado dos níveis sanguíneos. Ele abaixou o jeans o suficiente para expor a parte externa de cima da coxa.

Você não pode estar falando sério, dissera Maria. Mas ele estava falando sério. Ele iria obter algumas respostas e, para fazer isso, tinha que ser capaz de se mover.

Uma EpiPen comum, do tipo que as pessoas carregavam em caso de picadas de abelhas ou alergias alimentares, administrava uma dose de 0.3 miligramas de epinefrina. As injeções dos kits de campo da CIA produziam uma dose máxima de dez vezes mais que três miligramas de epinefrina sintética, o composto químico que a maioria das pessoas conhecia simplesmente como adrenalina.

Ele respirou fundo e depois enfiou a agulha na coxa.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

No começo, nada aconteceu. O elevador continuou subindo em direção à cobertura, subindo passando o oitavo andar, o nono, o décimo... Reid largou a agulha no chão e afivelou as calças, preocupado que talvez houvesse algo errado.

Seu batimento cardíaco triplicou seu ritmo em um milissegundo. Ele esticou uma mão para se firmar contra a parede do elevador de carga quando todos os músculos de seu corpo se contraíram, relaxaram e depois explodiram novamente. Sua visão ficou embaçada por um momento, enquanto as pupilas dilataram até o dobro do tamanho e depois voltaram ao foco, mais nítidas do que antes.

Ele ofegou. Suor escorria por sua testa. Seu batimento cardíaco acelerado batia em seus ouvidos como uma chaleira. Os dedos tremeram involuntariamente. A dor ainda estava lá, mas era distante, como uma lembrança ou a manifestação física de um déjà vu.

De repente, o elevador estava se movendo muito lento, demasiado lento. Ele podia escalar o poço do elevador mais rápido que isso. Ele tinha que se mover, *agora*, para sair dessa caixa de aço. A epinefrina alta duraria apenas alguns minutos.

Por fim, as portas do elevador se abriram e ele saiu instantaneamente, examinando a esquerda e a direita. Ele sentiu como se pudesse ver tudo com uma única olhada; estava em uma cozinha, na suíte da cobertura. O elevador de carga estava disfarçado de um amplo armário de carvalho, ligeiramente recuado na parede. Mas isso não lhe interessava, nem a cozinha. Não havia ninguém aqui.

Sons - a voz profunda de um homem vindo de outra sala. Reid entrou rapidamente na sala de jantar, atravessou a planta aberta do andar até uma sala de estar, adjacente à qual havia um quarto.

Pouco poderia tê-lo preparado para o que encontrou lá.

Ele captou tudo de uma vez, seu olhar flutuando pelo quarto amplo como um beija-flor e reunindo cada visão individual como um mosaico hediondo.

Três garotas em vários estados de nudez. Uma no chão. Drogada ou inconsciente. Pelo menos uma delas claramente... Jesus, ela não podia ser muito mais velha que Maya. Uma adolescente.

Um homem, na cama, com cueca boxer de seda. Gordo. Peludo. Quarenta e cinco anos ou mais. Corrente de ouro. Bigode grosso com uma crista de cabelo preto. Surpreso em me ver. Obviamente rico. Parece o tipo de cara que consegue o que quer - não importa como.

Ele viu tudo em um instante enquanto atravessava o limiar da sala. Todos os músculos e sentidos estavam refinados; ele podia sentir o cheiro da colônia do homem, misturada com o odor do corpo. O hálito dele... Uvas. Vinho tinto. Havia outro perfume, que ele não podia identificar.

Era um feromônio. Era medo. *Essas garotas estão aterrorizadas. Temendo por suas vidas.*

O tempo que Reid reuniu todas as informações sensoriais da sala foi o mesmo tempo que o gordo de cueca se recuperou da surpresa, tempo suficiente para gritar com ele em eslovaco.

— Quem é você?! — o homem exigiu indignado. — O que está fazendo...

Em resposta, Reid caminhou até a cama em dois passos rápidos. Enquanto o homem gordo tentava desesperadamente se afastar, Reid agarrou a borda do lençol - *algodão egípcio, contagem de dois mil fios* - e puxou-o para cima e para fora. O homem gritou quando caiu da extremidade da cama king-size, aterrissando em uma pilha de membros peludos.

Reid jogou o lençol para as duas meninas assustadas que correram para o canto.

— Cubram-se — disse em eslovaco. — E fiquem quietas. Não se mexam. — Então, por via das dúvidas, ele repetiu em inglês. Ele não podia ter certeza de que eram eslovacas.

— Socorro! — o homem gordo gritou. Em vez de tentar ficar de pé, ele gritou do chão. — Ajudem-me!

Uma porta se abriu em outro lugar da cobertura. O homem gordo não estava sozinho. Reid girou nos calcanhares e saiu para encontrar qualquer nova ameaça que estivesse presente. Sua mão agarrou qualquer arma que pudesse encontrar ao seu alcance - a gaveta de uma cômoda - e a puxou sem perder o passo até o salão.

Dois homens. Ternos pretos. Não são traficantes - são guarda-costas.

Os dois homens correram para a suíte pela porta da frente. Eles estavam armados; cada um tinha a mão dentro do paletó, indo até os coldres de

ombro. Reid jogou a gaveta contra o que estava mais próximo dele e atingiu o homem na cara antes que ele pudesse levantar a mão para detê-la.

O segundo guarda-costas tinha a arma livre, mirando - *uma Walther PPK silenciosa*, observou Reid. *Mas a trava ainda estava acionada. Amador.* Ele colocou um pé em uma requintada mesa de café de mármore e saltou no ar em direção ao guarda, balançando um pé para dar um golpe esmagador no lado da cabeça do homem. Ele bateu na parede e caiu no chão.

Clique. Reid ouviu o estalo de uma trava e, imediatamente, se agachou quando dois tiros silenciosos voaram sobre sua cabeça. O primeiro guarda soltou a arma. O sangue escorria do nariz e dos lábios, que rosnavam, enquanto ele tentava acompanhar o movimento com o cano.

Reid se abaixou e rolou na diagonal para o guarda e surgiu diretamente ao lado dele, quase ombro a ombro. Enquanto o homem tentava manusear a arma, Reid golpeou seu antebraço com a mão esticada, forçando-o a soltar a arma e, em seguida, deu uma rajada de socos curtos, porém, poderosos contra seu torso. O guarda atordoado tropeçou para trás. Reid agarrou o rosto do homem com uma palma e o ajudou o resto do caminho, balançando a cabeça para fora da borda da mesa de mármore.

Ele rapidamente checkou duas vezes para garantir que nenhum dos homens estava se movendo - eles não estavam - antes de pegar as duas pistolas. Um delas ele enfiou na parte de trás da calça.

A outra que ele trouxe de volta para o quarto.

— Atenda! — o homem gordo gritou em um telefone celular, agachado parcialmente atrás da cama. — Atenda!

Reid mirou com cuidado e atirou uma vez. A PPK com silenciador disparou e o celular voou para longe da orelha do homem, junto com a metade superior do seu dedo médio. Ele gritou e agarrou a mão sangrando. Uma das garotas gritou.

— Acalmem-se — ele disse a elas em inglês. — Coloquem suas roupas. Eu não vou machucar vocês. — Voltando ao homem abastado de cueca, ele acrescentou:

— Eu *vou* machucar você. Levante-se.

O homem gordo ficou no seu lugar no chão, uma mão em volta da ferida.

— Você não tem ideia do que fez. — Ele grunhiu de dor. — Você sabe quem eu sou?

Reid se inclinou para frente, perigosamente perto do rosto inchado do homem.

— Você sabe quem *eu* sou? — ele perguntou em voz baixa.

— N-não — ele gaguejou. — Eu nunca te vi antes na minha vida.

— Isso mesmo. Você não viu. — Reid olhou por cima do ombro. Uma das meninas estava se vestindo enquanto a outra estava ajudando a terceira do chão. Ele jogou para eles o cartão-chave do carregador. — Isso deixará vocês descerem pelo elevador de carga na cozinha. Peguem e vão diretamente para a polícia. Não parem por nada nem ninguém. — Ele sabia que poderia haver alguma informação a ser obtida das meninas, mas duvidava que fosse muita. Além disso, para elas, ele era um assaltante com uma arma. O trio aterrorizado provavelmente tinha lidado com o suficiente nessa vida.

A informação que ele realmente queria estava à sua frente.

— Vá para a cama — ordenou.

O homem gordo zombou.

— Você será um homem morto se me tocar.

Reid suspirou e disparou em dois dedos dos pés do homem.

O homem lamentou e rolou para o lado. Atrás dele, uma das meninas reprimiu um grito e saiu correndo da sala. A outra garota pegou sua amiga o melhor que pôde e a arrastou até a porta.

O homem gordo choramingou, se contorcendo no chão. Reid se inclinou novamente, agora que eles estavam sozinhos na sala, e falou suavemente.

— Você será um homem morto se não me disser o que eu quero saber. Se o fizer, pode sair daqui com o resto dos dedos das mãos e dos pés.

— Seu tolo — o homem ofegou. — Eu sou...

— Eu não me importo com quem você é — Reid interrompeu. — Eu não ligo para quanto dinheiro você tenha, ou em que tipo de poder ou influência você acredita. Só me preocupo com uma coisa: minhas filhas.

O olhar do homem gordo encontrou o dele, olhos arregalados e medrosos.

— Sim. Isso mesmo. Os homens que lhe forneceram essas meninas estão com minhas filhas. Ambas. Adolescentes. — Um barulho chegou aos seus ouvidos; Reid levantou a pistola e, sem tirar os olhos do homem nu diante dele, atirou duas vezes na porta aberta. O guarda-costas que ele chutou na cabeça levou as duas balas no peito. Ele caiu para frente no

carpete. — Não tenho certeza do que mais preciso fazer para provar que estou falando sério. Mas posso ser criativo.

O homem no chão ofegou outra respiração e depois outra - *não*, Reid percebeu. *Ele está rindo*. O homem gordo estava rindo entre respirações sibilantes e doloridas.

— Tem algo engraçado nisso? — Reid exigiu.

— Sim — o homem murmurou. — Você... Seu idiota. Você acabou de assassinar um membro do *Slovenská Informačná Služba*.

O quê? Reid hesitou. *SIS?* Se esse homem estava dizendo a verdade, então o guarda-costas não era apenas um guarda-costas, mas um agente do Serviço de Informações da Eslováquia - a versão da CIA de seu país.

— Você está mentindo — ele desafiou.

— Não — disse o homem. — eu sou Filip Varga, o representante eslovaco da Comissão Europeia.

Reid sentou-se pesadamente na beira da cama. A epinefrina estava começando a desaparecer, a dor e o cansaço rastejando de volta para seus membros em dobro.

Pior ainda, o homem no chão com três dígitos faltando era um dos vinte e oito membros do corpo diretivo de toda a União Europeia.

E pior ainda, Reid havia lhe dito que ele era pai de duas meninas traficadas. Se a CIA ou a Interpol soubessem disso – e, sem dúvida, o fariam - saberiam que ele agrediu uma das autoridades de mais alto escalão da Europa, com abaixo de um presidente ou de um primeiro-ministro.

— Filip. — Reid se levantou da cama e atravessou a parede oposta, onde um espelho comprido pendia de uma moldura preta ornamentada. — Eu não tenho muito tempo. E preciso de informações. Isso não termina com você; você é apenas uma atração na estrada. — Ele bateu um cotovelo, quebrando o vidro. — Eu me afundei bastante nisso. Não há como parar agora. — Reid vasculhou pelo vidro quebrado no chão e pegou um fragmento estreito entre os dedos.

— O que... O que você vai fazer? — Varga perguntou em alarme.

Reid esfregou o rosto enquanto se aproximava do homem no chão. Ele estava tão cansado, dolorido, arruinado. Ele ainda tinha duas doses de adrenalina, mas não podia arriscar outra tão cedo; poderia causar um ataque cardíaco em si mesmo.

— Eu vou fazer uma pergunta — respondeu Reid. — Se você disser a verdade, farei outra, até que eu esteja satisfeito. Se você mentir - e eu vou

saber se mentir - vou cortar seu rosto.

Varga empalideceu, a cor drenando de suas bochechas.

— Você não ousaria — disse ele em um sussurro horrorizado. — Você sabe quem eu sou, o que isso pode significar para você...

Reid sacudiu o pedaço de vidro com um golpe sem entusiasmo, mas ainda o suficiente para raspar a pele da testa de Varga. O corte juntou-se imediatamente com sangue quando uma mão gordinha correu para senti-lo, manchando de vermelho seu rosto.

— Eu ousaria — afirmou Reid. — Não importa quem você seja. Você é um estuprador e um pedófilo. Aqui está minha primeira pergunta: Quero saber como você os contata.

Varga enxugou a testa novamente.

— Há um número de telefone...

— Qual número?

— Estava... Estava no meu celular. Você atirou nele.

Reid gemeu. Sua exaustão o estava deixando irritado.

— E se você perder o seu telefone?

— Está em minha casa, do outro lado de Bratislava. Escrito em um pedaço de papel no meu cofre.

Ele não tinha tempo para isso. Além disso, poderia ter problemas, uma tentativa de Varga escapar.

— Próxima pergunta. Como eles trazem as meninas para você? Eles as trazem aqui, ou vocês se encontram em outro lugar?

— Aqui — disse Varga sem fôlego. — Sempre aqui. Na cobertura. Eles as trazem aqui em cima...

— Você espera que eu acredite que traficantes de seres humanos mandam meninas menores de idade através do saguão de um hotel cinco estrelas? Reid estava ficando irritado, irritado com sua própria dor e sua falta de respostas. O fragmento de vidro tremia em seus dedos, a centímetros do rosto de Varga.

— Sim — ele chorou. — Pense nisso, pense em qualquer hotel do mundo — falou rapidamente, como se estivesse implorando por sua vida. — Um homem entra com algumas garotas. Bem vestido. Bem comportado. Quietos. Condescendentes. Você pensaria duas vezes? Eles fazem coisas com elas. Dão drogas a elas. Ameaçam. Às vezes... Às vezes as batem. Para mantê-las na linha.

A cada descrição horrível, uma imagem brilhava na mente de Reid de alguma atrocidade acontecendo com suas próprias filhas. Ele agarrou o rosto de Varga com uma mão, segurando-o pelo queixo e pressionou o pedaço de vidro na bochecha.

— Filip — disse perigosamente. — Para mim parece que você sabe mais do que o cliente normal deveria saber sobre esses homens e o que eles fazem.

— P-por favor...

Reid pressionou o vidro, desenhando uma gota de sangue. Ele teve que firmar a própria mão para não rasgar um corte espesso no rosto de Varga.

— Um homem como você, na posição em que está, seria de grande ajuda para esses traficantes. Não seria?

— E-e-eu... — O peito de Varga arfava enquanto ele hiperventilava.

— Eles são eslovacos? — Reid exigiu. Ele pressionou mais forte o fragmento.

— Sim! Sim. A maioria. Alguns são, são búlgaros. Croatas...

— E você os ajuda? Com o quê - forjando manifestos de voos? Cruzar fronteiras? E, em troca, você consegue o que quer quando quer?

Varga gritou quando o vidro afiado perfurou um buraco em sua bochecha.

— Sim — ele choramingou. — Eu os ajudo. Às vezes...

— Dê-me algo que eu possa usar ou cortarei a carne do seu rosto. — Apesar da dor e exasperação, a mão de Reid parou de tremer. Ele estava totalmente preparado para cumprir sua ameaça. — Onde eles operam?

— Em todos os lugares. — Varga fez uma careta. — Todos...

— Onde eles estão sediados?! — Reid gritou. — Eles devem estar sediados em algum lugar. Devem manter as meninas em algum lugar. Onde, Varga?

— Por favor, por favor... — Varga implorou enquanto um filete de sangue corria por seu rosto. — Eu não sei. Eu não sei. Eles operam por todo o lado, em vários países. Nenhum lugar específico.

— Isso não me ajuda — Reid rosnou. Os traficantes tinham que ter uma base de operações. Eles tinham que ter, ou então suas garotas ainda poderiam estar em qualquer lugar. — Dê-me algo, ou...

Ele não ouviu nada sobre o som dos gemidos de Varga, e mal teve um vislumbre de movimento em sua visão periférica antes que o outro agente

do SIS saltasse em direção à cama, pegando a pistola que Reid havia deixado lá.

A mão de Reid disparou, varreu a pistola da cama e caiu no chão meio segundo antes que as mãos do agente batessem em nada além de algodão egípcio. Ele pulou de novo, desta vez no chão para recuperar a PPK. Reid pulou também, saltando de sua posição agachada sobre Varga e caindo em cima do agente do SIS.

Quando a mão do homem alcançou a arma, Reid jogou o pedaço de vidro nas costas da mão dele. O agente gritou e rolou, jogando Reid para o lado e longe de si. Ele pegou a pistola com a outra mão e virou para atirar...

Reid soltou a segunda arma, guardada na parte de trás do jeans. Ele disparou apenas uma vez, um *golpe* silencioso na testa do agente do SIS. A cabeça do homem recuou, um buraco do tamanho de nove milímetros espumando sangue entre os olhos. Seu corpo caiu para frente no tapete.

— Socorro, estou sendo atacado! — Ele ouviu Varga dizer freneticamente. O homem gordo alcançou o telefone do hotel na mesa de cabeceira. — Cobertura... Por favor, venham rapidamente...

Reid não teve escolha. Ele apontou a arma novamente e disparou dois tiros.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Ambas as balas encontraram seu destino, mas não em Filip Varga. Reid deu os dois tiros no telefone na mesa de cabeceira.

Ele já havia matado dois agentes do SIS - *agentes que teriam me matado* - ele argumentou; *agentes que sabiam muito bem o que estava acontecendo aqui e permitiam que isso acontecesse* - mas ele não estava disposto a matar um oficial global, mesmo que fosse um monstro. Varga enfrentaria um tribunal pelo que havia feito.

Mas ele tinha feito a ligação e Reid precisava sair dali. Ele se levantou dolorosamente do chão e guardou a arma na calça jeans novamente.

— Eu sei seu nome e seu rosto — alertou ao político. — Isso está longe de acabar. — Então ele fugiu do quarto, deixando Varga mutilado e sangrando no chão.

Ele parou na sala de estar. Tinha entregado o cartão-chave do elevador de carga às garotas e não podia exatamente descer o elevador da cobertura. Alguém estaria subindo, ou esperando por ele no final.

Eu poderia me posicionar aqui. Lutar para sair. Não, ele disse a si mesmo. Isso seria suicídio...

— Por aqui! — uma voz feminina chamou em ucraniano.

Reid se virou. Na porta da cozinha havia uma garota de cabelos ruivos - uma das três que ele libertara de Varga. Aparentemente, a mais nova delas.

Aquela que o lembrava de Maya.

— O que está fazendo... — ele sibilou. — Eu disse para você sair...

Ela mostrou o cartão e fez um sinal para ele segui-la. Ele correu para a cozinha atrás da garota enquanto ela abria as portas do elevador de carga.

Enquanto desciam para o nível principal, Reid se inclinou pesadamente contra uma parede com um braço.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Eu vou ficar bem. Porque ficou para trás?

— Mande as outras embora — disse ela. — Mas eu ouvi o que você disse. Você é pai de duas meninas que foram sequestradas?

— Sim — ele admitiu em voz baixa.

Então, curiosamente, a garota colocou os dois braços em volta da cintura e o abraçou. Foi breve, mas trazia lembranças tão poderosas de abraçar uma de suas próprias filhas que Reid prendeu a respiração e mordeu o lábio para afastar a onda emocional que se abateu sobre ele.

— Obrigada — disse ela, calma.

— Você é ucraniana? — ele perguntou.

Ela negou com a cabeça.

— Moldava. Mas tenho estado aqui desde os treze anos. Depois fui vendida aos escravos.

Vendida? Meu Deus. Ela era - ainda é- apenas uma criança.

— Existe alguma coisa que você possa...

As portas do elevador se abriram e Reid se viu frente a frente com um homem muito surpreso e muito corpulento do outro lado. Ele usava um blazer vermelho e tinha os ombros de um jogador de futebol americano da faculdade. *Segurança do hotel*, Reid percebeu sombriamente.

— Pare... — o homem levantou a mão em aviso.

Reid meio que saltou e meio tropeçou para frente, enfiando um cotovelo no peito do guarda. Quando o homem grunhiu e se curvou, Reid ergueu-se, batendo com um joelho na testa dele com tanta força que o guarda caiu no chão de azulejos e deslizou inconsciente.

Reid cambaleou e caiu de joelhos com o esforço. A garota agarrou seu ombro e o ajudou a se levantar. Juntos, eles correram para o compartimento de carga, saindo do hotel pela mesma porta em que ele havia entrado pela primeira vez.

Do lado de fora, a frente estava limpa, mas ele podia ouvir as sirenes se aproximando de longe. Ele colocou o braço em volta dos ombros da garota enquanto eles saíam na avenida e andavam rapidamente pela calçada.

— Ria como eu tivesse te contado uma piada — disse Reid em voz baixa em ucraniano. A garota jogou a cabeça para trás e riu na hora em que dois carros da polícia se aproximaram, as luzes azuis piscando.

Ele se forçou a sorrir. Parecia algo estranho e alheio em seu rosto. Ele não conseguia se lembrar da última vez que sorriu genuinamente.

Os carros da polícia passaram por eles e pararam do lado de fora do hotel, enquanto os dois continuavam andando.

— Obrigado — agradeceu Reid. — Qual é o seu nome?

— Maya.

— Desculpa, o quê? — Reid piscou.

— Eu disse Aiya.

— Oh. — O agente balançou a cabeça. Ele conhecia o nome; era hebraico para "pássaro", mas por um momento ele realmente pensou que ela tinha dito... — Aiya, quero que você vá direto para a polícia. Encontre as

outras duas garotas. Peça para contatarem a Interpol. Eles estão trabalhando para encontrar os homens que sequestraram vocês. Mas primeiro, preciso saber se há algo que você possa me dizer sobre esses traficantes.

— Não há muito — Aiya admitiu com pesar. — Eles não usam seus nomes reais na nossa frente. Falam apenas em eslovaco. Quando eles nos levam a lugares como este, é no escuro ou com os olhos vendados, então não podemos saber onde estamos ou para onde estamos indo. — Ela estremeceu; provavelmente não do frio, Reid percebeu. — Eles são... Cuidadosos.

Ele suspirou. A experiência penosa com Varga rendeu poucos frutos, e agora parecia que ele chegara a outro beco sem saída.

— Pode haver uma coisa — continuou Aiya. — Uma cidade pequena, a nordeste daqui, se chama Staremesto. Você conhece?

— Não, mas eu consigo encontrar. O que tem em Staremesto?

— Era onde eu estava antes de ser vendida. Encontre um clube chamado Macicka. Pergunte por Matej.

Macicka. Reid conhecia o termo em eslovaco, significava "gatinho" ou, dependendo de para quem ele perguntasse, uma palavra muito mais vulgar.

— Quem é Matej?

— O cara que me vendeu — Aiya disse. — Ele era o responsável por mim.

— Responsável? Essa foi a palavra em ucraniano que Aiya usou, ou pelo menos a tradução que ele conhecia... *Oh.* Ele percebeu o que ela quis dizer. *Ele era o cafetão dela. Jesus... Uma prostituta aos treze anos.* Reid mal conseguia imaginar.

— Finja ser um americano rico — continuou ela. — Diga a ele que Veronika enviou você. Ele vai te encontrar.

— E Veronika é...?

— Ninguém — respondeu ela com um encolher de ombros. — É um código para o tipo de coisa que o deixará sozinho com ele. Matej saberá como se encontrar com os traficantes. Só que... Você pode ter que se certificar de que ele não tenha como avisá-los.

Ele entendeu a implicação e se certificaria muito bem que Matej não pudesse avisar os traficantes. Quem prostitui adolescentes merece o que estava chegando a eles.

Ele tirou o braço dos ombros dela.

— Obrigado, Aiya. Agora vá e não pare para ninguém.

— Posso saber seu nome primeiro? Ela perguntou.

O agente negou com a cabeça.

— Receio que não. Isso pode dificultar as coisas para você.

— Entendo. Adeus... E desejo-lhe sorte em encontrar suas filhas. —
Aiya se virou e correu pela calçada.

Ele a observou ir até que ela desapareceu na esquina. Então, ele perguntou a um casal que passava como poderia chegar a Staremesto. Eles lhe deram instruções e ele agradeceu o mais gentilmente possível. Depois, andou três quarteirões adiante, apenas para colocar alguma distância entre ele e o District e encontrou uma garagem ao lado de outro hotel.

Ele tinha certeza de que Filip Varga denunciaria o americano que invadira seu quarto de hotel e o agredira, mas duvidava que o político mencionasse que ele procurava suas filhas sequestradas por traficantes de seres humanos. O trio de meninas o ligaria a problemas suficientes. Mesmo assim, Reid prometeu a si mesmo que ligaria para seu amigo na Interpol, o Agente Vicente Baraf, e se certificaria de que estava ciente das transgressões de Varga.

Entretanto, isso teria que esperar.

O jovem casal lhe dissera que eram 45 minutos de carro até Staremesto. Reid apostou que poderia chegar lá na metade do tempo.

Eu só preciso de um veículo. Algo rápido.

CAPÍTULO VINTE E OITO

— Não — Maya gritou da traseira do furgão branco sem janelas quando os homens escravos alcançaram sua irmã. Ela se empurrou na frente de Sara, com os braços esticados, os pés plantados, tentando qualquer coisa para impedir que eles as afastassem, que as separassem.

Braços poderosos a agarraram e a puxaram da van. Ela tentou resistir, mas eles eram fortes, muito mais fortes do que ela. Eles a puxaram facilmente pelas portas traseiras abertas e a jogaram no chão. Ela caiu com as mãos e os joelhos sobre cascalhos.

Quando Maya se virou novamente, viu outro homem eslavo agarrando Sara, envolvendo-a em um abraço de urso e puxando-a para fora da van. Sara não gritou ou clamou, mas havia algum sinal de vida nela enquanto lutava contra o aperto dele, as pernas chutando, o rosto vermelho e os dentes cerrados. Mas o homem a segurou com os braços presos ao lado de seu corpo e suas tentativas de se libertar foram inúteis.

É isso, Maya disse a si mesma. *Esta é a única oportunidade que você terá.* Ela pulou, se levantando de suas mãos e pés, e correu para o eslavo mais próximo, aquele que a jogou no chão. Ela bateu nele com força, com as duas mãos e o desequilibrou para dentro da van. Então ela se virou e chutou o pé, atingindo outro traficante na virilha.

Ele fez uma careta e, em seguida, respondeu com um soco no rosto dela.

Maya foi novamente forçada ao chão, com a bochecha ardendo e estrelas piscando em sua visão. *Levante-se.* Suas pernas estavam fracas. *Você não pode falhar agora. Ou você nunca mais a verá.*

Ela ouviu um grito primitivo atrás dela - não de dor ou angústia, mas de raiva. Quando ela se virou novamente, Jersey havia pulado nas costas do traficante eslavo. A garota latina tinha os dois braços em volta do pescoço dele, puxando com todas as suas forças quando sons estrangulados deixavam os lábios dele.

Maya queria se levantar, ajudá-la, lutar, mas algo pressionou a parte de trás de seu crânio. Duro, implacável, inconfundível.

O homem eslavo estendeu a mão atrás dele e agarrou Jersey pelos ombros. Ele torceu o corpo e jogou a garota no cascalho. Ela caiu de costas ao lado de Maya.

— Garota estúpida — chiou o homem atrás dela. Maya fechou os olhos. Ela falhou. Ela esperou que uma bala acabasse com sua vida.

Mas então a pressão do cano da arma diminuiu. Ela se atreveu a olhar por cima do ombro. O homem se elevou sobre ela, parecendo ser impossivelmente alto, com olhos profundos e uma barbicha de pelos grosseiros. Ele tinha uma submetralhadora na mão, mas não estava apontada para Maya.

— Não! — ela gritou novamente, mas seu grito foi abafado por uma breve explosão da arma.

O corpo de Jersey sacudiu uma vez no cascalho e ficou imóvel.

Maya congelou, respirando com dificuldade enquanto sua visão instantaneamente se embaçava. Essa garota passou seus últimos momentos de vida tentando ajudar sua irmã, uma completa estranha para ela. *Eu nem sequer sabia o nome dela.*

Lágrimas corriam livremente por suas bochechas enquanto ela olhava para a irmã, pendendo frouxa nas garras dos escravos, as pernas balançando inutilmente. Ela parou de lutar, apenas olhando em choque o corpo no chão.

Então o homem atrás de Maya a agarrou bruscamente por um punhado de cabelos. Ela gritou de surpresa e dor quando ele a puxou para seus pés, gritando para seus companheiros em sua língua estrangeira. O escravo segurando Sara saiu com ela ainda em seus braços.

A realidade horrível parecia finalmente lhe atingir. Sara se contorceu novamente, pernas chutando as coxas e canelas do homem, gritando por sua irmã.

— Maya! — ela gritou. — Maya!

Maya se contorceu, tentando desesperadamente se libertar, mas ela foi mantida firme.

O que posso fazer? Pensou em um pânico angustiante. O que posso fazer? O que papai faria?

Nenhuma resposta veio a ela quando o homem carregou Sara em direção ao compartimento aberto de um vagão à espera.

Foi só então que Maya percebeu o ambiente. Havia um trem, mas não era uma estação. Não havia plataforma; apenas cascalho sob seus pés. *Um terminal de trem de carga*, ela percebeu.

Guarde os detalhes, sua mente lhe disse. *É tudo o que você pode fazer.*

Seu olhar voou para a esquerda e para a direita enquanto o escravo mantinha a cabeça parada. Não havia sinais, pelo menos nenhum que ela pudesse ver. Havia vagões, vários deles, a maioria de cor sólida e alguns com logotipos e palavras, mas em um idioma estrangeiro.

Espere. Ela viu uma palavra que reconheceu. Warszawa. Polônês para Varsóvia. O vagão veio de Varsóvia ou vai para lá? Estamos na Polônia? Não importava. Era alguma coisa.

Ela só podia assistir enquanto os escravos empurravam sua irmã para o compartimento aberto, seguidos pelas outras duas garotas que estavam na van com elas. *Vagão vermelho. Dois abaixo do de Warszawa. Bem ali - um número, vinte e três, estampado na lateral em amarelo.*

Então os escravos fecharam a porta do vagão, dando a Maya um último vislumbre do rosto frenético e assustado de sua irmã.

Enquanto ela estava lá no mesmo lugar, tremendo, ela sentiu uma forte pontada no braço. Ela se encolheu e tentou se afastar, mas o homem empurrou o êmbolo na parte traseira da seringa.

Ela estava sendo drogada.

Ele arrancou a agulha da pele dela e agarrou seus cabelos, puxando-a para trás. Ela deu passos desajeitados para acompanhar, ofegando enquanto ele a arrastava através de um conjunto de trilhos para outro trem à espera. Um segundo traficante seguiu, e juntos eles a levantaram e a forçaram a entrar na porta aberta de um vagão.

Então eles fecharam a porta atrás dela.

Maya tremeu da cabeça aos pés, quase hiperventilando. Ela não sabia quanto tempo tinha antes de a droga surtir efeito e a tornar tão inútil quanto as garotas que vira no avião e na van, mas não poderia ser mais do que alguns minutos.

E ela precisava escrever uma mensagem.

Ela tirou um de seus chinelos pretos. As tiras de náilon se encontravam no meio e eram presas por um pequeno clipe de metal. Ela mal podia enxergar dentro do vagão, mas procurou o clipe e puxou o mais forte que pôde. Ele se soltou do sapato e deslizou pelas tiras de náilon. Ela pegou o pequeno pedaço de metal enrolado com os dedos, sentindo-o afundar na carne do polegar. Estava afiado; afiado o suficiente para o que ela precisava.

Uma onda de tontura tomou conta dela, mas Maya balançou a cabeça, forçando-se a ficar alerta por mais um minuto. Ela se sentou no chão do vagão, puxou uma perna da calça do pijama e pressionou o clipe de metal na pele da panturrilha.

Com cuidado, e sem poder ver o que estava fazendo, ela traçou a letra "V" com o canto afiado do clipe de metal. Dentes trincados contra a dor e lutando contra a sonolência que ameaçava consumi-la, ela esculpiu um "E."

Lentamente, ela escreveu sua mensagem: *V-E-R-M-E-L-H-O. 2-3. P-O-L-O...* O clipe de metal caiu de seus dedos quando seus músculos relaxaram contra sua vontade e ela caiu na inconsciência.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Reid diminuiu a velocidade da motocicleta quando se aproximou do Macicka Club, mas ele não parou. Ele seguiu para outro quarteirão e virou um beco, guardando a moto esportiva, vermelha e preta, entre uma coleção de latas de lixo de metal. Ele separou os fios da ignição e recolocou a placa de plástico e depois caminhou rapidamente de volta para o clube.

Depois de ligar a moto que encontrara em uma garagem de Bratislava, levou apenas vinte minutos para chegar a Staremesto. Ele parou tempo o suficiente para pedir orientações para o caixa de uma loja de conveniência 24 horas que estava por trás de um vidro de proteção grosso e depois outros cinco minutos para encontrar o clube.

Enquanto Bratislava era uma cidade rica em história, cultura e arquitetura, Staremesto era como seu escoamento. Parecia que os piores bairros da capital haviam se separado e desviado para o norte; seus prédios estavam degradados e em ruínas, janelas quebradas, nenhuma folha de grama a ser vista e as poucas árvores que conseguiam sair da terra rachada lutavam para sobreviver.

O Macicka Club era um prédio de tijolos rachados, sem janelas; a única indicação do que poderia estar lá dentro era um letreiro rosa iluminado por neon em um formato que se assemelhava grosseiramente com o rosto de um gato. Parecia que uma criança havia torcido o tubo de vidro. Reid empurrou a pesada porta da frente e foi imediatamente atacado por música eletrônica alta, a batida pulsando em seus ouvidos.

Ele examinou a espelunca da esquerda para a direita quando entrou. Cada lâmpada em todo o lugar estava vermelha, lançando um brilho misterioso e lisonjeiro sobre o que Reid tinha certeza de que era um estabelecimento desprezível. O bar se estendia ao longo da parede leste. No centro do único espaço amplo havia uma plataforma circular, com cerca de um metro e meio de altura, com um poste dourado que alcançava até o teto. Girando lentamente ao redor, estava uma mulher morena de topless, balançando em círculos preguiçosos, prendendo-se pelos braços e uma perna.

Reid contou dezessete clientes no clube, sem incluir o barman e a dançarina. Mas ninguém olhou para ele quando entrou; era quase uma hora da manhã e a maioria estava bêbada demais para existir fora do microcosmo da mulher de seios nus.

Ele caminhou até o bar e bateu duas vezes no topo de madeira áspero.

— O quê? — o barman perguntou ríspidamente em eslovaco.

— Matej — respondeu Reid.

O barman estreitou os olhos.

— Por quê?

— Veronika me enviou.

— Mostre-me.

Reid não tinha certeza do que o homem queria que fosse mostrado, mas podia adivinhar. Ele enfiou a mão no bolso e tirou as poucas notas que lhe restavam, todas as centenas, e as entregou ao barman.

O homem assentiu uma vez e gesticulou para Reid segui-lo. Ele liderou o caminho para uma porta preta na parte de trás do bar e depois desceu um conjunto de degraus de madeira que rangiam. No fundo, havia um pequeno porão com paredes de blocos de concreto, uma pequena mesa redonda e dois homens jogando cartas.

O barman voltou a subir as escadas sem palavras, deixando Reid parado lá com os dois homens. Ele olhou para eles; um era mais velho, com quarenta e poucos anos, bem calvo e um pouco gordinho. Ele usava apenas uma camiseta branca e jeans. O segundo homem à sua frente era jovem, trinta anos, no máximo, com a cabeça raspada e olheiras sob os olhos. Ele usava um agasalho azul e uma corrente de ouro no pescoço.

Nenhum dos homens falou com ele, nem sequer olharam para ele, enquanto terminavam sua mão de pôquer. Reid ficou lá em silêncio, com as mãos cruzadas na frente do corpo. Além da mesa de cartas havia outra porta escura e do outro lado vinham sons. Grunhidos. Arfadas. Risadas.

Sem dúvida, alguém estava apreciando as “mercadorias” de Matej, Reid pensou sombriamente.

Depois de um minuto inteiro, o homem mais jovem olhou para Reid.

— Eu sou Matej. O que você quer? — ele perguntou em eslovaco.

Reid piscou.

— Ahh... Desculpe-me. Inglês? — ele perguntou, fingindo ignorância.

O jovem riu irritado.

— O que você quer? — ele perguntou em um inglês cheio de sotaque.

— Veronika me enviou.

Matej deu de ombros.

— E daí?

— Então... Certo. Claro. — Reid novamente mostrou suas notas dobradas.

Matej os esticou as mãos para pegá-las, mas Reid rapidamente as puxou de volta.

— Eu quero ver primeiro.

O jovem suspirou pelo nariz, as narinas dilatadas. Ele se virou para o seu parceiro gordinho e disse em eslovaco:

— Porra de americanos. Quase não valem o dinheiro.

— Quase. — Seu parceiro riu.

Matej fingiu um sorriso largo.

— Por aqui, *senhor*. — Ele liderou o caminho através da porta escura. Do outro lado, havia um corredor e, à direita, havia uma fileira de divisórias de péssima qualidade, feitas de painéis de madeira e lençóis pendurados. Atrás deles, Reid podia ouvir barulhos que faziam sua pele arrepiar.

O jovem eslovaco o levou ao último dos quatro estandes da fila. Ele afastou o lençol em forma de cortina com um floreio exagerado e disse:

— Posso apresentá-lo a Hanna.

O local atrás do lençol quase deixou Reid fisicamente doente. O estande mal era grande o suficiente para acomodar o colchão de solteiro que estava no chão de concreto. No topo, havia uma garota com cabelos loiros tingidos, ficando castanho nas raízes. Seus olhos estavam semicerrados quando ela olhou para Reid; ela parecia exausta ou drogada, ou ambos. Sua barriga estava coberta por um lençol sujo, mas suas pernas e ombros nus sugeriam que ela estava nua por baixo.

Ela não devia ter mais de dezoito anos, e isso sendo generoso.

— Trinta minutos — disse Matej. — Por cem dólares americanos.

Reid pigarreou.

— Quantos anos ela tem?

— Faz diferença? — Matej riu. — Não se preocupe. Ela é jovem o suficiente.

— Jovem o suficiente para quê?

— Você disse que Veronika lhe enviou. Você sabe o que isso significa, não é?

Reid resistiu ao desejo de partir o crânio do homem e respondeu:

— Sim. — *Agora eu sei*. — Mas eu errei. Eu quis dizer Aiya.

— O quê? — Matej franziu o cenho quando se virou para olhar para Reid.

— Aiya me enviou. — Ele cabeceou para frente, batendo a parte superior do crânio no rosto de Matej. O jovem cambaleou para trás, o sangue explodindo pelo nariz ao colidir com a frágil partição de painéis de madeira. Ela cedeu facilmente, desmoronando na próxima, criando um efeito dominó de tábuas e lençóis em cascata ao redor de garotas e clientes surpresos. Gritos e berros encheram o porão quando Reid saiu do estande.

O homem gordinho de regata branca pulou com tanta força que derrubou sua cadeira dobrável de metal.

— Mas que diabos...? — ele exigiu em eslovaco enquanto avançava pela porta escura.

Reid pegou a pistola silenciosa e disparou duas vezes. Sua mira estava instável; um tiro foi amplo e atingiu nada além de concreto. O outro foi parar no ombro do homem. Ele uivou e caiu, agarrando sua ferida.

Um cliente se contorceu debaixo das cabines desabadas engatinhando com os cotovelos e joelhos, tentando fugir. Reid plantou uma bota nas suas costas e o forçou a cair no chão. Ao fazê-lo, um segundo homem tentou fugir, puxando as calças para cima enquanto o fazia.

Reid mirou novamente, com mais cuidado desta vez, e disparou um tiro na coxa do cliente. Ele girou e bateu no chão antes mesmo de chegar à porta.

— Você vai ficar — disse ao homem debaixo da bota. — Ajude essas meninas e depois sente no chão, ou eu vou atirar em você. — Ele ergueu a bota e o cliente obediente se apressou em encontrar uma prostituta embaixo do bordel improvisado e destruído.

Reid rapidamente verificou sua arma. Apenas quatro tiros restantes. Ele esticou o pescoço, tentando ouvir qualquer sinal do andar de cima, mas não conseguia ouvir nada sobre os suspiros de dor e gritos confusos no porão. Ele duvidava que alguém lá em cima tivesse ouvido alguma coisa atrás da porta preta e ao som da música pulsante.

Na cabine mais distante, Hanna ergueu os joelhos no canto quando Matej rolou sobre sua própria barriga, o sangue escorrendo pelo queixo. Ele cuspiu dois dentes e gemeu.

Reid agarrou o jovem por uma perna da calça, arrastou-o para fora da cabine e o chutou nas costas.

— Aiya — disse ele, sua voz um rosnado baixo. — Uma garota que você vendeu no ano passado. Uma garota que você prostituiu quando ela tinha apenas treze anos. Lembra-se dela?

— S-sim. Matej murmurou.

— Eu preciso encontrar os homens para quem você a vendeu.

— Eu não... Eu não sei...

Reid pressionou a silenciosa Walther PPK no antebraço de Matej e apertou o gatilho. Matej gritou; duas das meninas gritaram com ele. Um dos clientes tentou subir até a porta engatinhando.

Reid atirou nele, no bumbum. O homem uivou e parou de se mover.

— O próximo a se mover leva um na testa — ele os avisou. Ele voltou sua atenção para Matej. — Diga-me como encontrá-los.

Ele teve que esperar vários segundos enquanto o jovem respirava sibilado e dolorido.

— Eu não... Sei... Eu ligo... Eles...

— Onde está o número? No seu celular? — Reid procurou no bolso do agasalho azul e tirou um smartphone. — Qual o nome?

— M-Mirko.

Ele percorreu os contatos para confirmar que havia um Mirko.

— Esse é um nome real ou um apelido?

— Eu não sei...

— Onde eles operam? Eles devem ter uma base, um lugar central...

— Eu sempre os encontro — resmungou Matej. — Sempre um... Lugar diferente.

Reid riu. Ele havia descoberto o jogo de Matej.

— Você é cafetão de menores de idade aqui. E quando elas ficam "velhas" demais para sua clientela, você as vende para esses escravos? É isso?

— Por favor...

— Matej, se você tiver outras informações sobre esses homens, seria um bom momento para me dizer. É a única coisa que vai salvar sua vida.

— Eu não tenho... Por favor...

Reid colocou a pistola na testa de Matej e atirou nele uma vez. Ao se levantar, percebeu que duas das garotas e um dos clientes estavam soluçando incontrolavelmente. Tremendo. *Eles acham que eu vou matá-los.*

No último estande da fila, a loira Hanna ainda estava sentada no canto, os joelhos dobrados até o peito.

— Você pode me entender? — perguntou em inglês.

— Sim — ela respondeu calmamente. Ela não estava chorando, mas olhava para o chão e não diretamente para ele.

— Estou indo embora — ele disse a ela. — Quero que você espere um minuto e depois pegue o telefone do outro homem. Chame a polícia. Não deixe esses homens partirem. Entendido?

— Sim — ela disse novamente.

Ele queria dizer mais. Queria dizer à garota que elas estavam seguras agora, que tudo ficaria bem e que elas poderiam voltar para seus países, casas e famílias. Porém, mesmo que Hanna não estivesse chorando, ele percebeu que ela estava com medo dele.

Em vez disso, ele saiu do estande e voltou para a escada de madeira. Ao longo do caminho, ele parou ao lado do homem gordinho deitado no chão, ofegando de dor e segurando o ombro ferido. Reid apontou a pistola para ele e o homem choramingou.

Apenas uma bala restante. A polícia estará aqui em breve e ele não vale a pena. Reid zombou e subiu as escadas, saindo do porão novamente pela porta preta.

O barman sorriu quando Reid passou e o chamou.

— Acabou tão rápido? — ele provocou.

Sem quebrar o passo, Reid disparou sua última bala no estômago do barman. O homem ganiu e caiu contra uma prateleira de garrafas de bebidas, várias das quais foram esmagadas no chão. A dançarina gritou horrorizada. Vários clientes bêbados olharam em volta atordoados, imaginando o que estava acontecendo.

Reid não sentiu remorso. Foi um tiro não letal; levaria horas do barman sangrando do ferimento e ele merecia por ser cúmplice das atividades de Metaj.

Ele saiu do clube e seguiu noite adentro.

Três carros da polícia e mais dois sem identificação esperavam por ele lá fora.

CAPÍTULO TRINTA

Reid não esperou por ordens de parar ou colocar as mãos para cima. Em vez disso, ele largou a pistola sem munição e recuou, grunhindo de dor enquanto voltava para o clube Macicka.

Vários dos clientes estavam agora, confusos, tentando entender o que havia acontecido, com seus cérebros marinados em álcool. Reid os ignorou, passando por eles em direção à parte traseira do edifício. Tinha que haver uma porta dos fundos. Ele encontrou uma, uma entrada para uma pequena despensa de bebidas baratas que terminava em uma porta de segurança sem janelas que tinha que dar para fora do prédio.

Ele a empurrou para dar de cara com o cano de um Colt Python prateado.

Reid parou e congelou, as mãos levemente erguidas. Então ele olhou além do cano e respirou fundo.

— Baraf?

O homem segurando a arma não ficou tão surpreso em vê-lo. O agente da Interpol, Vicente Baraf, manteve o revólver apontado entre os olhos de Reid.

— Por favor, não se mexa, Agente Steele.

Eu preciso. Reid desviou, circulando o agente para que estivesse de costas para o beco e sua rota de fuga.

— Ou o que, Vicente? — ele desafiou Baraf. Eles haviam participado, não de uma, mas de duas missões potencialmente salvadoras do mundo juntos.

— Você foi longe demais, Kent. Eu preciso que você venha comigo.

— Você sabe o que está acontecendo — arguiu Reid. — Você sabe que minhas filhas estão lá fora. Eu tenho uma pista. Preciso segui-la...

— Dê a pista para nós — insistiu Baraf. — Para mim. Você tem a minha palavra, vou levá-la até os confins da terra, mas você não pode continuar assim...

Reid sacudiu a cabeça.

— Preciso ir.

— Não se mexa, agente!

— Você vai atirar em mim? — Reid olhou nos olhos dele e sabia a resposta. Ele se virou lentamente para ficar longe de Baraf. — Então terá

que ser pelas costas. Porque eu estou indo. — Ele deu um passo. — Cinco segundos — disse Reid.

Atrás dele, Baraf suspirou profundamente.

— Tudo bem. Cinco segundos.

Reid não esperou. Ele começou a correr.

— *Merda!* — Baraf xingou. A última coisa que Reid ouviu foi o agente se comunicando pelo rádio. — O suspeito está a pé, atrás do prédio. Usem força não letal...

Obrigado, Baraf. Ele virou a esquina e continuou correndo - ou tentou. Suas pernas não queriam manter o mesmo ritmo que seu cérebro insistia. Ele olhou para baixo e viu uma mancha vermelha em sua camiseta; o ferimento de sua facada se abriu, pelo menos um pouco, e estava sangrando novamente.

Reid teve que fazer uma pausa, encostado em uma parede de tijolos. Por mais que quisesse correr, ele simplesmente não podia. Não em seu estado.

Ele puxou um tubo embrulhado em plástico do bolso de trás. Sabia que era uma má ideia logo após a última, mas tinha pouca escolha. Ele a abriu, tirou a tampa e bateu a agulha de epinefrina no braço.

Gritos ecoaram atrás dele, não muito longe. Ele se forçou a continuar correndo, a se mover até que a adrenalina bateu. Ele estava quase no esconderijo da motocicleta quando seu batimento cardíaco saltou da primeira para a quinta marcha em um instante.

Ele ofegou audivelmente e se apoiou contra uma lata de lixo. Cada músculo de seu corpo enrijeceu; a dor em seus membros se dissipou, mas ele sentiu como se seu coração pudesse explodir. Porém, ele mal podia se preocupar com isso agora. Eram apenas alguns minutos antes que a droga acabasse.

Ele correu a toda velocidade pelo resto do caminho até a moto, arrancando a placa da ignição e jogando-a para o lado. Os dois fios faiscaram em sua mão quando ele os torceu, mas ele mal sentiu. A motocicleta rugiu de volta a vida, o motor robusto e rosnando.

Quase ao mesmo tempo, faróis estrondosos apareceram na entrada do beco, envolvendo-o de luz e acompanhado pelo giroflex azul. Carros de polícia. Veio uma voz em inglês do sistema de som - "Pare, ou usaremos força", mas Reid ignorou. Ele pulou na moto, girou o pneu traseiro cento e oitenta graus e acionou o acelerador enquanto se apressava em direção aos carros que aguardavam.

Os dois oficiais que esperavam no final do beco gritaram em pânico e saltaram para o lado quando Reid veio rugindo na direção deles. Ele deslizou a moto para o lado, batendo o pneu traseiro contra um dos carros da polícia e acelerou novamente. A motocicleta disparou para frente como um raio, indo a quase cem em segundos.

Havia poucos pedestres nas ruas de Staremesto a essa hora da noite e, ainda menos, carros; Reid tinha a estrada praticamente para si quando acelerou completamente, a quase cento e cinquenta. Por cima do ombro, ele viu as luzes azuis das viaturas policiais o perseguindo, mas eles tinham poucas chances de alcançá-lo.

De repente, havia faróis à frente quando um carro virou a esquina, vindo diretamente em sua direção. A viatura acendeu as luzes e acelerou, como se estivesse jogando um jogo perigoso. Reid se inclinou para frente, os dedos se apertando contra o guidão. A adrenalina correu por suas veias; ele estava no controle total de todos os pequenos movimentos, todas as correções fracionárias.

Ele estava a menos de quinze metros da viatura que se aproximava quando girou a bicicleta para a direita e contornou-a, chegando a dois centímetros de tirar o espelho retrovisor.

Seu coração batia forte no peito; sangue correu em seus ouvidos. *Quem alertou a Interpol?* Ele se perguntou. Não poderia ter sido ninguém no clube; a polícia poderia ter chegado rápido, mas não os agentes. Não, eles deviam estar no caminho antes de ele chegar a Staremesto.

Então ele se deu conta - a garota, Aiya. Se ela dissesse às autoridades o mesmo que disse a Reid sobre Matej, teria sido fácil juntar dois e dois e perceber que esse era seu próximo destino. Ele não podia estar bravo com ela; ela não o conhecia, não sabia que ele era da CIA. Ou costumava ser. Para ela, ele era apenas um homem, um estranho e não podia culpá-la por querer ter certeza de que os criminosos fossem levados à justiça.

Ainda mais curioso, porém, foi o surgimento repentino do agente Baraf. Parecia estranho que, em uma agência que operasse em cento e noventa e dois países, a totalidade das Nações Unidas, o único agente italiano que ele conhecia pessoalmente aparecesse nos subúrbios do Leste Europeu.

A menos que ele tenha vindo por mim, Reid pensou.

Ele diminuiu a velocidade da moto para setenta e chutou o pneu traseiro, firmando-se com uma bota arrastando-se pelo asfalto enquanto a

motocicleta deslizava para a esquerda, dando uma volta. Então ele girou o acelerador novamente e seguiu para frente.

Menos de dois quarteirões à frente, um par de viaturas brancas subitamente entraram no cruzamento, faróis e giroflex desligados. Eles criaram um bloqueio, para-choques contra para-choques, perpendicular à estrada.

— *Merda!* — Reid não teve espaço para parar. Ele chutou o pneu traseiro novamente, mas não deu a volta; em vez disso, ele trouxe a moto para uma derrapagem lateral, colocando-a lentamente na estrada até que estivesse quase de lado. Ele girou uma perna para que estivesse em um lado da moto. Ao mesmo tempo, faíscas voaram atrás dele quando o corpo da motocicleta bateu no asfalto, derrapando pela pista a cem quilômetros por hora.

Os policiais saíram de seus carros, sacaram as armas - e então ficaram espantados com a moto voando na direção deles de lado, com o motociclista em cima dela.

Definitivamente vou sentir isso mais tarde, ele pensou tristemente. No instante em que a motocicleta bateu no bloqueio de carros da polícia, Reid pulou. Com a inércia da bicicleta derrapando, ele saltou sobre os carros e sobre as cabeças dos policiais agachados...

Seus antebraços atingiram a pista primeiro, a cabeça dobrada o mais perto possível do peito, enquanto ele se arremessava. Ele sentiu o impacto contra seus braços, ombros, costas, enquanto rolava, se levantando e correndo.

Havia uma dor nas suas costas inteiras. Quando a adrenalina desaparecesse, ele *definitivamente* sentiria isso.

Ele esperava ouvir o barulho dos pneus enquanto os carros da polícia o perseguiam. Em vez disso, ele estremeceu com o forte som de tiros. *O que aconteceu com o "não letal"?! Ele serpenteou enquanto balas voavam por ele. Esquina. Beco.* Ele se virou, continuou correndo, esperando poder despistá-los a pé...

De repente, faróis piscaram, poderosas luzes tão brilhantes que ele teve que levantar a mão para proteger os olhos enquanto derrapava até parar, sua respiração rápida e superficial. Um carro bloqueou seu caminho. Ele não tinha para onde ir; ele não podia simplesmente se virar e encarar os dois policiais que estavam atirando nele.

— Entre!

Reid piscou.

— Maria?

— Vamos! — ela insistiu. Ele não podia vê-la por trás das luzes, mas era definitivamente ela. Ele ponderou brevemente entre a cruz e a espada e então correu para frente e pulou no lado do passageiro do carro.

Ela imediatamente se moveu e pisou no acelerador. O muscle car preto turbo rugiu de acordo e decolou em direção à entrada do beco.

— Você me seguiu — disse ele, ofegando. — Eu te disse o que isso significaria para mim se você o fizesse.

— Essa é uma maneira estranha de dizer “obrigado, Maria, por salvar minha bunda”. — Ela manteve as duas mãos no volante, olhando para frente enquanto saíam do beco. Eles destruíram a frente de uma das viaturas da polícia que se aproximava, que tentava interromper o caminho deles, e continuaram em frente como se nada tivesse acontecido.

— Você sabe para onde está indo?

— Não — ela admitiu enquanto girava o volante bruscamente, fazendo o carro derrapar na esquina seguinte. — Não conheço esta cidade. Mas se pudermos despistá-los e encontrar o caminho de volta para a estrada, podemos... Oh, droga. — Ela olhou no espelho retrovisor.

Reid se virou em seu assento. O carro da polícia estava atrás deles e acompanhado por outros dois carros. *Interpol*, ele pensou. Eles o alcançaram enquanto tentava fugir a pé.

— Você está bem? — ela perguntou.

Reid nem percebeu que estava batendo freneticamente no console central com os dedos da mão esquerda.

— Por agora. Mas em um minuto ou dois não estarei. — Para o olhar confuso dela, Reid acrescentou:

— Eu usei a injeção.

— Jesus — ela murmurou. — Quantas?

— Duas — confessou. — No intervalo de cerca de uma hora.

— Kent! — ela repreendeu. — Você vai se dar um ataque cardíaco...

— Cuidado! — ele gritou quando um sedan preto entrou na frente deles, tentando bloquear o caminho. Maria girou o volante. Reid agarrou a maçaneta por cima da janela quando o carro deslizou para o lado e depois para trás, girando cento e oitenta graus. Ela desviou e pisou no acelerador novamente, indo direto para os veículos que os perseguiam.

Como esperado, eles pararam, criando outro bloqueio do outro lado da estrada. Maria pisou no freio e o carro preto parou dois terços do caminho até eles. Reid olhou rapidamente para a esquerda e para a direita; não havia becos nem encruzilhadas para escapar entre os dois obstáculos.

Eles foram encurralados.

— Maria — ele disse. — Este é um dos carros do Mitch?

— Sim... — ela percebeu o que ele estava perguntando. — Você acha que essas janelas são à prova de balas?

— Estou disposto a arriscar se você estiver.

Ela colocou a mão no câmbio. Ele colocou a dele sobre a dela - não em um gesto romântico ou de solidariedade, mas para detê-la.

— Espere. Por que está fazendo isso?

Maria olhou bem nos olhos dele.

— Estou fazendo isso por você. Por suas filhas.

Ele não podia ver nenhuma falsidade por trás do olhar dela. Ela era uma agente treinada da CIA - entre outras coisas, aparentemente -, mas no momento Reid acreditou nela. Ele tirou a mão da dela e ela se mexeu, apertou a embreagem e o carro avançou em direção à barricada de veículos.

Reid apertou o cinto de segurança um segundo antes que a extremidade dianteira do muscle car se espatifasse na extremidade dianteira de um carro da Interpol e na traseira de uma viatura policial, empurrando os dois para frente. Mas não o suficiente para passar.

Maria xingou, mudou de posição e acelerou novamente. O poderoso motor rugiu e os pneus giraram, empurrando os carros para o lado. O cheiro de borracha queimada encheu o veículo.

Tiros de pistola entraram no motor. Reid cobriu a cabeça com as mãos enquanto balas atingiam as janelas e o para-brisa. O vidro rachou, mas segurou.

Obrigado, Mitch, ele pensou mais uma vez.

Maria passou para a quinta e o muscle car atravessou a brecha. O som de metal raspando gritou de cada lado deles quando dispararam para frente novamente.

Reid olhou para trás e notou com consternação que dois dos carros já estavam em perseguição novamente. *Eles não vão desistir*. A dor voltava a seus membros quando a epinefrina perdeu o efeito. Ele estava certo; ele definitivamente sentiu as consequências de sua façanha ousada.

— Eu preciso saber quem você é — disse ele rapidamente.

— O que, *agora*? — Maria perguntou incrédula. Ela reduziu a marcha e girou em uma curva apertada.

— Sim, agora. Eu disse isso antes - quero confiar em você. Talvez eu *precise* disso. Mas primeiro preciso saber de que lado você está. — Um odor ardente emanava das saídas de ar.

— Não há lados, Kent — insistiu Maria. — Isso não é sobre a CIA ou o FIS. De qualquer forma, estou do meu próprio lado... — Ela se aproximou novamente e subiu uma rua lateral, evitando por pouco uma van que passava.

— O que é que isso quer dizer — ele perguntou. Os dois carros atrás deles giraram na curva, mantendo o ritmo. — Você está jogando com duas agências para sua causa própria? Como sei que você não está brincando comigo também?

Ela riu.

— Meu trabalho agora é, ou prendê-lo, ou recrutá-lo. Obviamente não vou fazer nada disso. Pense nisso, Kent. Nós não somos tão diferentes. De que lado você está?

— Estou no meu próprio... — ele parou. Reid quase deu a mesma resposta que ela.

— Nessas últimas operações, desde que voltou, já se sentiu como se fosse da CIA de novo? — ela perguntou rapidamente. — Ou está olhando por sobre os ombros, se perguntando em quem pode confiar, se pode confiar em alguém?

Ele olhou para as mãos. Ela estava certa. Ele não se sentia como parte da CIA e recentemente se viu duvidando das palavras e intenções de todos.

Mas Maria era diferente. Ela tinha mostrado mais do que palavras e intenções para ele; ela tinha agido. Ela mostrou suas cores verdadeiras de maneiras que arriscavam sua própria segurança e bem-estar.

Maria virou de novo, ou tentou. As engrenagens trituraram horivelmente e o cheiro ardente aumentou.

— Merda — ela murmurou. — Acho que estragamos nossa transmissão. Não podemos continuar assim. Precisamos despistá-los por tempo suficiente para fugir a pé, encontrar um lugar para nos escondermos.

Ela estava certa. Eles não podiam continuar assim e ele certamente não podia ir muito longe a pé. A dor no abdômen voltou com vingança; sua ferida se abriu novamente, a julgar pela mancha de sangue em sua camisa.

Ele esvaziou os bolsos no console central - o frasco de analgésicos, o curativo líquido, a última dose de adrenalina, o dinheiro e o telefone de Metaj.

— O que está fazendo? — ela perguntou.

Ele abriu a tampa do frasco de comprimidos e engoliu dois a seco.

— Se houver alguma chance de consertar isso, você manterá essas coisas seguras para mim.

— Kent, o que você...

— Este telefone é de um cafetão aqui em Staremesto chamado Metaj. — Reid levantou a camisa e apertou as bordas ensanguentadas de sua ferida junto com um gemido. — Ele vende meninas para os traficantes. Tem um número... Nele tem o número de alguém chamado Mirko. Ele é o contato. — Ele aplicou o curativo líquido. — Se algo acontecer comigo, se eu não conseguir sair disso, prometa que você o seguirá. Prometa que você as encontrará.

Ambos saltaram em seus assentos quando algo embaixo do capô explodiu. Fumaça subia debaixo dela.

— Não... — ela advertiu.

— Eles me querem. Vá para algum lugar seguro. — Ele abriu a porta e pulou para fora do carro em movimento, batendo no asfalto dolorosamente e rolando várias vezes.

CAPÍTULO TRINTA E UM

— Oito — o interrogador bateu uma pasta de papel pardo na mesa em frente à Reid. — Oito mortos. Vários mais feridos. — Ele tirou o paletó preto e o pendurou no encosto de uma cadeira de plástico azul, mas não se sentou. Em vez disso, ele caminhou pelo comprimento da mesa de aço, aparafusada no chão, entre eles.

O homem era da Interpol, com cerca de cinquenta anos de idade, os cabelos escuros ficando grisalhos e pés de galinha nos cantos dos olhos. A julgar pelo seu sotaque, Reid podia assumir que ele era francês, embora falasse em inglês.

— Oito corpos encontrados em dois países, três cidades, em apenas algumas horas. Todas as testemunhas desses crimes afirmam que um homem americano adequado à sua descrição os cometeu. — O interrogador se inclinou para frente na mesa, com os dedos espalmados, olhou nos olhos de Reid.

Reid olhou de volta passivamente e não disse nada.

Depois de pular do carro, ele se levantou no meio da estrada e ficou no caminho de um dos carros que se aproximavam. O veículo parou a poucos metros de atingi-lo; era um carro não identificado da Interpol. O segundo carro, um carro da polícia, passou por ele, perseguindo Maria.

Quando os agentes da Interpol apontaram suas armas para ele e Reid colocou as mãos no ar em sinal de rendição, o carro preto derrapou para o lado. A viatura derrapou e atingiu o lado do outro carro, ferindo o motorista. A última vez que viu Maria foi um lampejo de cabelo loiro quando ela escapou pelo lado do passageiro do carro danificado, fugindo noite adentro.

Ele não tinha ideia do que poderia ter acontecido com ela desde então, mas esperava que ela tivesse sido capaz de fugir. Ela era a única chance que ele tinha agora de encontrar suas filhas.

Infelizmente, Baraf não estava entre seus captores, pelo menos não que Reid pudesse ver. Eles o colocaram algemado e o levaram 45 minutos de volta a Bratislava, ao escritório regional da Interpol na Eslováquia, onde ele foi algemado a um arco na mesa de aço. Dificilmente uma palavra foi dita a ele até chegar à sala quadrada de interrogatório, sendo examinado pelo interrogador francês.

— Você não tem passaporte, não tem identificação alguma, nada — continuou o interrogador. — Entramos em contato com a embaixada dos

EUA e seu governo. Enviamos a eles sua foto e as acusações pendentes contra você. Eles afirmam não saber nada sobre sua identidade. Você entende o que isso significa?

Reid simplesmente olhou, mantendo a boca fechada e os olhos no homem, contudo, ele entendia. Isso significava que a CIA o havia renegado oficialmente, que os Estados Unidos, seu país de origem, fingiriam ignorância a toda e qualquer atividade sua.

Isso significava que ele seria julgado em um tribunal eslovaco. E então, durante o tempo dele ou quando isso terminasse - se é que terminaria - ele provavelmente seria julgado também na Croácia. Isso significava que, se ele não conseguisse encontrar uma maneira de escapar disso, poderia muito bem passar o resto de seus dias nas prisões europeias.

— Nós encontraremos as evidências necessárias ligando você a esses crimes — informou o interrogador, retomando seu ritmo. — Mas você pode facilitar isso para todos, inclusive para si mesmo, dizendo quem você é. Por que você fez as coisas que fez?

Reid acompanhou o movimento do homem de um lado para o outro em frente à mesa. Ele estava desesperado, gritando internamente; suas garotas ainda estavam lá fora, potencialmente se afastando a cada minuto. Seu próprio futuro era tão sombrio. No entanto, ele manteve a compostura, olhando de volta para o interrogador e sem pronunciar uma única palavra. Os dois comprimidos de hidrocodona que ele havia tomado antes de pular para fora do carro ajudaram a impedir que as mãos tremessem e o suor escorresse pela sua testa. Ele estava certo de que a Interpol poderia - e iria - encontrar evidências contra ele, na forma de seus cabelos, sangue e impressões digitais nas cenas.

Ainda assim, ele não disse nada.

— Tudo bem — o interrogador disse finalmente. Ele foi treinado para não perder a compostura, mas Reid poderia dizer que o homem estava ficando frustrado por seu silêncio. — Você pode ter sua maneira. Eu estou certo que o governo da Eslováquia teria pouco problema em adicionar uma acusação de obstrução de justiça a sua lista, já impressionante.

Alguém bateu na porta do quarto minúsculo. O interrogador a abriu e falou baixo por um momento com quem estava do outro lado; Reid não podia vê-los de onde estava, nem podia ouvir suas palavras abafadas. O interrogador saiu, fechando a porta atrás de si, deixando Reid sozinho.

Ele se mexeu desconfortavelmente em seu assento e suspirou. *Você não pode deixar isso acontecer.* No entanto, não havia como sair dessa. Ele fora algemado a uma mesa aparafusada ao chão... Mesmo se não estivesse, o que ele poderia fazer? Lutar para sair da sede da Interpol, enquanto estava desarmado, ferido e parcialmente drogado com analgésicos?

Reid olhou para a câmera no canto da sala, encarando a lente. Eles já conheciam o rosto dele e, se descobriam ou não sua verdadeira identidade, era discutível. Ele chegou ao fim de sua linha, porém, suas filhas ainda precisavam de ajuda. Se ele não pudesse ajudar, alguém teria que fazê-lo.

Ele fechou os olhos e suspirou.

— Meu nome é Reid Lawson — disse ele na sala vazia. Ele sabia que todas as palavras estavam sendo gravadas, que alguém estava ouvindo. — Dois dias atrás, minhas filhas foram levadas de nossa casa por um terrorista conhecido e entregues a uma organização de tráfico de seres humanos que opera aqui na Eslováquia...

Reid abriu os olhos e parou, franzindo a testa em confusão. A pequena luz vermelha ao lado da lente da câmera tremeluzia.

Um momento depois, a porta de aço se abriu novamente e um rosto familiar entrou na sala - embora não parecesse agradável nem feliz em vê-lo.

Vicente Baraf se sentou lentamente na cadeira oposta a Reid. Ele usava um terno de cor creme e seu cabelo escuro estava liso penteado para trás.

Ele abriu a pasta antes de falar; dentro, havia fotos da cena do crime, fotos dos mortos das instalações de Tkanina. Ele virou para o próximo; era de um dos agentes do SIS mortos da cobertura.

— A câmera está desligada — murmurou Baraf. — Assim como o gravador de áudio. Eu os convenci a me dar cinco minutos com você. Tenho um histórico notável de criar um relacionamento positivo com criminosos.

Reid piscou surpreso.

— Você não contou a eles...?

— Da nossa história? Que eu te conheço? — Baraf sacudiu a cabeça. — Não.

O olhar de Reid voou ao redor da sala. As paredes eram sólidas; não havia vidro bidirecional e, se o equipamento de áudio e visual estivesse realmente desligado, eles poderiam conversar livremente. Ainda assim, Reid manteve a voz baixa.

— Por favor, me escute — ele implorou. — O que lhe disseram não é necessariamente toda a verdade...

— Dez homens — interrompeu Baraf. — Sua ocupação é de missões secretas, entretanto, você abertamente matou dez homens. Independentemente do que me disseram, como espera que eu, ou alguém mais, o ajude quando você deixa tantos cadáveres para trás?

— Todos eles mereceram o que receberam — disse Reid com firmeza. — Todos eram traficantes, cafetões ou cúmplices...

— Essa não é uma decisão para você tomar! — Baraf sibilou. — Você não é juiz ou júri! É apenas um carrasco indiscriminado! — Ele respirou, se acalmando. — Você matou dois agentes do SIS, Kent. Você mutilou um membro da Comissão Europeia.

— Filip Varga está envolvido nisso! — Reid disse em um sussurro duro. — Ele ajuda e incentiva os traficantes. Ele admitiu para mim.

— E ainda não há evidências.

— As meninas — respondeu Reid. — As três garotas da cobertura do District. Elas foram à polícia, certo?

— Sim, três meninas foram à polícia — confirmou Baraf. — Elas relataram que foram traficadas, forçadas à prostituição. Porém, não disseram nada sobre Varga ou sobre o hotel.

Ele não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Porque elas estão assustadas! — insistiu ele. — Foram ameaçadas, espancadas, *estupradas* por pessoas como ele. Pessoas em posições de poder. Aposto que elas não apontariam os traficantes em uma fileira de suspeitos por medo da repercussão. — Ele se inclinou para frente, a corrente de suas algemas sacudindo. — Por favor, acredite em mim. Você sabe que não tenho motivos para mentir sobre isso.

Baraf assentiu lentamente.

— Eu sei que não tem. E eu acredito em você. Mas você não tem provas, e eu preciso de mais do que apenas sua palavra. Eu poderia investigar, construir um caso, mas isso levaria tempo. Alguém como Varga iria cobrir seus rastros. Ele poderia criar muitos problemas, atrasar o processo por meses, até anos...

— Onde ele está agora? — Reid exigiu.

— No hospital, sendo tratado por suas feridas. Mas ele já divulgou um comunicado à imprensa. Alegando que um americano invadiu a cobertura, atirou em seus agentes do SIS e ameaçou matá-lo. Ele afirma que foi por

motivação política. Uma vez que ele for libertado, realizará uma conferência de imprensa e tenho certeza de que as pessoas ficarão do lado dele.

— E a Comissão Europeia? — Reid perguntou. — Eles poderiam abrir uma investigação sobre ele. Eu posso me apresentar, divulgar minha identidade, minha afiliação...

— Kent — disse Baraf calmamente —, neste momento você não tem afiliação. Você foi renegado não apenas por sua agência, mas por seu governo. — Ele cruzou as mãos sobre a mesa entre eles. — Recebemos notícias minutos atrás de que alguém da embaixada dos EUA está vindo para buscá-lo. Eu acho que você sabe o que isso significa.

O coração de Reid afundou. *Strickland*, ele pensou amargamente. O Agente Zero era a nova missão de Strickland, segundo Maria; a CIA o estava enviando para levar Kent Steele aos Estados Unidos. O que quer que os eslovacos tivessem planejado para esse criminoso americano desconhecido, provavelmente seria bastante confortável em comparação com o buraco em que a agência poderia jogá-lo.

— Mas eles não têm jurisdição aqui — argumentou Reid.

— Não — concordou Baraf — Contudo, sob as leis antiterrorismo das Nações Unidas, você pode ser repatriado até ser julgado perante o Tribunal Penal Internacional.

Reid hesitou; o TPI era um tribunal intergovernamental com sede na Holanda que julgava criminosos acusados de crimes contra a humanidade, crimes de guerra e terrorismo internacional.

Mas ele também sabia que isso nunca chegaria tão longe. Uma vez que estivesse nas mãos de Strickland, ele desapareceria. Era provável que nunca mais visse os EUA outra vez; apenas o interior de um buraco na terra em uma das prisões secretas da CIA.

Ele apreciava o que Baraf havia feito - não apenas deixando-o correr em Staremosto, mas mantendo-se quieto sobre sua identidade – entretanto, não havia mais nada que o agente italiano pudesse fazer por ele. Ele foi longe demais e essa seria a última vez que eles se veriam.

Reid fechou os olhos e suspirou.

— Se isso for o fim para mim — ele disse calmamente —, eu quero que você me prometa duas coisas. Não apenas como amigo, mas como agente. Como alguém que acredita na justiça.

Baraf não disse nada, mas levantou uma sobrancelha e assentiu uma vez.

— Primeiro, me prometa que vai investigar Varga. Encontrar... — Sua mente disparou. — Encontrar as datas de suas estadias na cobertura no District. Encontre as imagens de segurança a partir dessas datas. Fale com a garota chamada Aiya. Diga a ela que você falou comigo...

— Isso ainda não será suficiente para alguém em sua posição.

— Tente. — Reid bateu a mão na mesa. — Minhas filhas foram levadas porque pessoas como ele usam seu poder para conseguir o que querem, quando querem, independentemente das consequências. Se não posso fazer nada, espero que alguém que chamo de amigo acredite em mim.

— Eu farei — Baraf prometeu em voz baixa. — Irei tentar. A segunda coisa?

— Minhas meninas — disse ele. — Os nomes delas são Sara e Maya Lawson, elas têm catorze e dezesseis anos. Foram trazidas para cá em um avião de carga com destino a Bratislava. Não sei onde elas estão, mas foram capturadas por traficantes eslovacos.

— Vou garantir que meu escritório tenha todas essas informações

— Não, Baraf. Estou pedindo a *você*. Pessoalmente. Eu quero que você aceite isso. Ninguém mais.

A porta da sala de interrogatório se abriu antes que Baraf pudesse fazer sua promessa. Ambos olharam para o agente francês, o interrogador, parado na porta.

— O oficial americano está aqui para levá-lo à embaixada — informou em francês. Reid entendeu cada palavra, mas não deixou transparecer.

Baraf assentiu. Ele se levantou e puxou um par de algemas do cinto. Ele prendeu o segundo par nos pulsos de Reid antes de destravar o primeiro e, em seguida, o dirigiu pelo ombro em direção à porta para escoltá-lo para as mãos da CIA. Eles andaram por um corredor que terminava em uma segunda porta grossa de aço. Um guarda atrás do vidro reforçado destravou a porta.

— Obrigado, agente. — Do outro lado da porta, Maria Johansson estava de pé com os braços cruzados, parecendo severa. — Eu vou levá-lo daqui.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Baraf e Reid olharam para ela, perplexos. Nenhum dos outros três agentes da Interpol na sala com eles, incluindo o interrogador francês, tinha a menor consciência de que algo estava errado. Reid se esforçou para não indicar nenhuma surpresa, mas ela não era, de modo algum, quem ele esperava aparecer.

Ele lançou um olhar para Baraf. O agente italiano conhecia Maria muito bem, tendo ajudado os dois a parar, não apenas a Amun de bombardear o Fórum Econômico na Suíça, mas também garantir o mortal vírus da varíola não se espalhasse no Mar Mediterrâneo. Havia pouca dúvida de que Baraf sabia muito bem o que sua presença significava.

Mas ele vai dizer alguma coisa?

Baraf voltou o olhar. Suas narinas se alargaram por um momento. Então ele se voltou para Maria e estendeu a mão.

— Agente Vicente Baraf, Interpol.

— Maria Johansson, CIA. — Ela exibiu suas credenciais. — Estou aqui em nome da embaixada para transferir o prisioneiro. Meu escritório já deve ter esclarecido isso com você? — Ela levantou uma sobrancelha para Baraf interrogativamente.

Reid entendeu o que ela estava fazendo; forçando o agente da Interpol a tomar uma decisão. Quebre a lei e ajude um amigo, ou prenda os dois.

A garganta de Baraf se flexionou em um gole.

— Sim — disse ele depois de um momento. — Seu diretor ligou.

Reid soltou um pequeno suspiro de alívio quando Maria o pegou pelo ombro.

— Obrigada, agentes. Estaremos em total cooperação com seu escritório em relação à investigação das acusações deste homem e solicitaremos ao TPI que analise seu caso.

Ela virou Reid.

— Ande — ela ordenou. — Rápido — acrescentou em um sussurro. Ele começou a descer o corredor branco com Maria em seus calcanhares.

— Espere! — o interrogador francês os chamou. Reid congelou. *Eles sabem que algo está errado com isso.* — Você vai escoltar esse homem sozinho? O protocolo padrão é para enviarmos um carro com você.

Maria fez uma pausa. O olhar dela voou do francês para Baraf. O agente italiano não conseguiu fazer nada além de encolher os ombros e murmurar:

— É... Protocolo.

Ela se virou para o agente francês e estreitou os olhos.

— Qual o seu nome?

— É Bisset — respondeu ele, surpreendido com a intensidade repentina dela. — Agente Bisset.

— Você não me acha capaz de escoltar um homem algemado a dez minutos do centro? — ela perguntou acusadoramente.

— Bem, eu... É claro... É apenas... — o interrogador gaguejou.

— É porque eu sou uma mulher? — Maria disse com hostilidade indevida. — Você é um machista, Agente Bisset?

— Não seja ridícula! — Bisset disse defensivamente, piscando rapidamente entre ela e Baraf.

— Agora eu sou ridícula? — Maria zombou. — Eu vou levar esse homem para a embaixada. Você, siga se acha que deve. Só saiba que vou conversar com seu supervisor sobre sua atitude em relação ao sexo oposto.

— Eu... Eu não quis dizer... — Bisset desistiu com um suspiro de incredulidade quando Maria pegou Reid novamente pelo ombro e marchou com ele pelo corredor. Reid poderia ter rido da situação - poderia, se ele não percebesse o que significava para Maria aparecer em um escritório da Interpol e interceptar um suspeito de assassinato.

Assim que saíram do prédio e no estacionamento, ele girou para ela e sussurrou:

— O que você está fazendo aqui? Por que fez isso?

— O quer dizer com por quê? — ela perguntou, surpresa. — Para você não passa o resto da sua vida na Hell Six, é por isso que...

O agente negou com a cabeça.

— Quero dizer, você deu a eles seu nome verdadeiro. Você mostrou suas credenciais da CIA. A agência saberá em alguns minutos e você estará com a mesma quantidade de problemas que eu...

— Kent — ela o interrompeu. — Quem você acha que me enviou aqui?

Ele piscou. Não tinha pensado nisso, mas não havia como Maria entrar em um escritório regional da Interpol, exibir um distintivo e ter permissão para levar um prisioneiro.

— Alguém autorizou isso — ele murmurou.

— Eu te disse antes; você é minha missão agora. Eu devo te prender. — Ela apontou para as algemas. — Parece que eu fiz isso.

— Quem? — insistiu ele. — Quem colocou você nisso?

Ela não precisava dizer. Ele sabia pelo olhar aguçado dela quem fez a ligação. *Cartwright*.

— Ele conhece a nossa história — disse Reid. — Não pode acreditar que você vai me entregar.

— Talvez ele acredite, talvez não — disse Maria rapidamente. — Talvez ele não queira vê-lo em um lugar como a H-6. Talvez ele não confie que uma prisão do Leste Europeu possa conter o Agente Zero. Porém, nada disso importa agora, porque não fui a única que recebeu ordens para vir aqui. Temos que ir. — Ela se virou e marchou por uma fileira do estacionamento de concreto.

Reid correu atrás dela, as algemas ainda sacudindo em torno de seus pulsos.

— Para onde vamos?

— Bem — ela disse sem fôlego, sem interromper o passo —, em alguns minutos vou dizer que Kent Steele conseguiu habilmente me iludir. Eles enviarão Strickland atrás de você, então teremos que trocar de carro. Então vamos atrás das suas garotas - nós três. — Ela parou ao lado de um sedan azul de quatro portas e apertou um botão no comando para destrancar as portas.

— Três? — ele perguntou, uma sobrancelha levantada. Reid abriu a porta do carro e espiou dentro do veículo. Sentado no banco de trás estava um rosto jovem e familiar emoldurado por cabelos ruivos.

— Aiya — disse ele com total surpresa.

A garota da Moldávia que tinha sido traficada acenou para ele do assento traseiro do carro azul.

— Olá novamente — disse ela calmamente em ucraniano.

Ele se virou para Maria.

— O que é ela está...

— Entre! — Maria sibilou. — E se abaixe.

Reid deslizou no assento do passageiro e se abaixou. Um momento depois, um SUV preto passou lentamente por eles, dirigindo-se para a entrada do escritório da Interpol de onde haviam acabado de sair. Ele se sentou um pouco, apenas o suficiente para espiar por cima da borda da janela. O SUV estacionou a apenas quatro vagas deles e um homem saiu do carro.

Ele parecia jovem, com uns vinte e poucos anos, um corte degradê no estilo militar e um pescoço grosso. Seus braços musculosos testavam os

limites de uma camiseta de rayon preta e ele não fez nenhuma tentativa de esconder a Glock no coldre no quadril.

O jovem agente parou no estacionamento e olhou em volta. Reid se abaixou novamente quando seu olhar varreu o sedan azul. Ele não precisou perguntar; já sabia quem ele era.

— Tudo limpo — informou Maria. Reid sentou-se novamente quando ela começou a dirigir e seguiu para fora do estacionamento. — Era ele — confirmou ela à pergunta não feita. — Strickland.

— Ele parece jovem — observou Reid.

— Ele é jovem. Você tem quase uma década a mais que ele. — Maria sorriu, mas o sorriso sumiu rapidamente. — Pelo que ouvi, ele é um ex-Ranger. Duro como aço e leal ao extremo. Praticamente um escoteiro. Não é como alguns de nós. — Ela jogou algo no colo dele; as chaves das algemas.

— Obrigado — ele murmurou enquanto soltava as algemas. — Você quer me dizer o que ela está fazendo aqui? — Ele apontou o polegar para o banco de trás e a menina sentada nele.

— Quando você foi preso, liguei pedindo um favor — disse Maria. — Meu, "contato", ligou para o traficante pelo telefone que você pegou, Mirko. — Ela olhou para Reid e notou sua óbvia desaprovação. — Eu tive que fazer — explicou ela. — A ligação tinha que vir de um homem ou eles saberiam que algo estava errado.

Ela tinha razão, ele admitiu para si mesmo, mas ainda não explicava a presença de Aiya... Então a compreensão o atingiu e ele grunhiu.

— Maria. Você está planejando usá-la como *isca*?

— Marcamos um encontro — disse ela rapidamente, enquanto navegava pelas ruas do centro da cidade. — Eles estão esperando por seu cafetão morto, Metaj. Não podemos muito bem aparecer sem uma garota. Aiya aqui é uma prostituta estrangeira sem identificação e sem família conhecida. Tudo o que eu precisava fazer era exibir um distintivo falso da Interpol e a polícia de Bratislava a entregou com prazer.

Reid sacudiu a cabeça.

— Isso parece errado. — Ele se virou e disse em ucraniano:

— Ela te disse quem somos? O que estamos fazendo?

— Claro que sim — Maria murmurou.

Aiya assentiu.

— Sim — ela confirmou. — E eu quero ajudar.

— Você não me deve nada — Reid disse a ela. E ele falava sério.

— Eu acredito que devo — a garota disse simplesmente, olhando pela janela.

Reid virou-se, olhando para frente novamente. Em inglês, ele perguntou:

— Onde e quando?

— Cerca de trinta minutos ao norte daqui, dentro de uma hora — disse Maria.

— Localização.

— Eles escolheram. Nos deram coordenadas. O melhor que posso dizer é que é uma ponte no meio do nada.

— Tudo bem. — Ele pensou por um momento. — Então vamos precisar trocar de carro e cortar meu cabelo.

— Por quê?

— Porque eles estão esperando Metaj — respondeu ele. — A localização deles é remota e escura. Eu preciso pelo menos parecer com ele o suficiente para conseguirmos derrubá-los.

Ela assentiu.

— Algo mais?

— Armas.

— Porta luvas Junto com o resto das suas coisas.

Ele torceu a trava e encontrou os itens que pediu para ela guardar - os analgésicos, a injeção de adrenalina, seu dinheiro. Havia também uma pequena pistola esperando por ele, uma Ruger LC9. Ele a girou em suas mãos, seu peso familiar e confortável.

Nada como ele e Maria, trabalhando juntos, bem como em uma missão.

Reid teve que se lembrar mais uma vez de que ele não tinha certeza de onde estavam, de como ele se sentia. Por um lado, ele queria desesperadamente confiar nela. Por outro, ela o traiu, por mais de uma vez. Ela falhou em contar a verdade sobre Kate. Ela era, de alguma forma, uma agente dupla - talvez um tipo bizarro de agente tripla.

A verdade simples e irrefutável era que ele não a conhecia, não totalmente, não o suficiente para colocar a vida dele e de suas filhas em suas mãos. No entanto, a outra posição, muito mais vulnerável em sua mente, era que a situação era melhor quando ela estava ao seu lado. Não apenas melhor; parecia *certo*.

Maria entrou no estacionamento de uma farmácia que ficava aberta a noite toda e estacionou antes de apontar um jipe da cor da ferrugem.

— Dois coelhos, uma cajadada — disse ela. — Eu vou pegar o carro se você conseguir a máquina de cortar cabelos.

Ele assentiu e saiu do carro, enfiando a LC9 na parte de trás da calça jeans enquanto entrava para se preparar para o encontro com os traficantes de pessoas que estavam com suas filhas.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Reid sentou-se no banco de trás do jipe enquanto Aiya passava lentamente a máquina de cortar cabelos por sua cabeça, conectada à abertura auxiliar no console central, enquanto Maria dirigia. Ele não tinha cortado há várias semanas; mechas grossas de cabelos escuros caíam generosamente no chão do carro enquanto se dirigiam ao ponto de encontro que os traficantes lhes haviam dado.

Estranho, ele pensou enquanto observava o cabelo cortado cair pelos ombros. Ele não pôde deixar de pensar nisso como uma evidência potencial - não muito diferente dos fios que sua própria filha arrancou de sua cabeça e deixou para trás para a investigação forense.

Estou indo, Maya. Nada, nem ninguém, vai me parar agora.

— Pronto — Aiya murmurou enquanto escovava os cabelos da parte de trás do pescoço dele. — Acho que ficou bom.

Reid passou a mão sobre a cabeça, cortado em cerca de seis milímetros. Ele sabia que na verdade não se parecia com Metaj, mas tinha uma altura e porte semelhantes, cabelos cortados curtos e uma barba um pouco crescida no queixo. Se estivesse escuro o suficiente, ele poderia pelo menos parecer o cafetão morto, o suficiente para impedir qualquer sinal de alarme entre os traficantes.

— Precisamos revisar o plano novamente? — ele perguntou em ucraniano, para o benefício de Aiya.

— Não — a menina disse calmamente. — Eu entendo.

— Tudo claro — Maria confirmou. — Além disso, estamos quase no ponto de encontro. — Ela seguiu por mais um quilômetro e meio ou mais, serpenteando pelo interior da Eslováquia em uma estrada estreita de duas faixas cercada por árvores. Então, desligou os faróis e parou no acostamento.

— Tudo bem — disse ela — Acho que este é um lugar tão bom quanto qualquer outro.

Reid passou para ela uma caixa triangular preta, do comprimento do seu antebraço. Ele não sabia onde Maria havia conseguido, mas era um dos itens que eles haviam transferido do sedan azul para o jipe. O estojo era de plástico duro e moldado na forma de uma coroa táctica; dentro do corpo oco estavam as peças de um rifle sniper dobrável, calibre 22 e

semiautomático com um carregador de seis balas, do tipo que o pessoal das operações especiais carregava.

— Você ficará bem? — Maria perguntou quando ele lhe entregou o estojo.

Ele assentiu com a cabeça.

— Seis minutos — ele a lembrou.

Ela saiu do jipe e deixou a porta do lado do motorista aberta quando Reid saiu e deu a volta. Ele observou a silhueta de Maria desaparecer na linha das árvores escuras e depois sentou atrás do volante.

O plano deles era bastante simples. O encontro com os traficantes aconteceria em seis minutos e, de acordo com o GPS, seria realizado em uma pequena ponte a cerca de 400 metros da localização atual. Seis minutos foram suficientes para Maria caminhar para o norte a pé pela floresta e encontrar um bom ponto de visualização. Reid e Aiya se encontrariam com os traficantes apenas por tempo suficiente para que Reid determinasse a identidade daquele chamado Mirko. Eles haviam elaborado um gesto sutil para Reid identificá-lo para Maria; uma vez que visse o sinal, ela mataria todos os camaradas que Mirko trouxesse consigo. Na confusão de um atirador escondido, Reid incapacitaria Mirko e eles o forçariam, da pior maneira possível, a divulgar qualquer informação que ele tivesse sobre o local para onde levaram as meninas traficadas.

Ele olhou pelo retrovisor, para a garota moldava no banco de trás. A única tarefa dela no plano era manter a cabeça baixa enquanto se encontravam com os traficantes; com um pouco de sorte, eles não a reconheceriam como uma das garotas que haviam escapado da cobertura de Varga. Reid tinha um palpite de que os traficantes não se lembrariam tão bem dos rostos. As meninas que eles traficavam eram como produtos para eles, pouco mais que escravas.

— Ainda há tempo — disse Reid calmamente em ucraniano. — Você não precisa fazer isso. — Por mais que apreciasse sua ajuda, ele não se sentia bem em usar a garota como isca.

— Eu quero fazer isso — sua voz tremeu um pouco. — Na maior parte da minha vida, fiz pouco que pudesse ser chamado de nobre ou... Ou até mesmo bom. Esta é a minha última oportunidade

— Você não tem nada a provar... — Reid começou.

— Eu tenho que provar para mim mesma — disse ela simplesmente.

Ele balançou a cabeça e colocou o jipe em movimento, seguindo de volta para a estrada e indo na direção do ponto de encontro. As informações de Maria diziam que ele só precisava seguir a estrada rural a uma curta distância e terminaria na ponte.

Depois de algumas centenas de metros, as árvores minguaram em ambos os lados da estrada e deram lugar a uma ampla área do que poderia ter sido terra agrícola. Os campos cresciam altos e selvagens com grama amarela; o local não era cultivado há algum tempo, abandonado e perdido por negligência. Reid olhou de soslaio ao brilho dos faróis quando viu uma casa de fazenda em ruínas à frente, uma estrutura de tábuas cinza com teto pontiagudo.

Então a estrada se curvou levemente e, de repente, a casa da fazenda estava diretamente no caminho deles, como se fosse construída bem no centro do pavimento. Reid mordeu o lábio e seu batimento cardíaco acelerou quando ele percebeu o que estava olhando.

O ponto de encontro era uma ponte coberta.

Ela media não mais de dez metros sobre um fino afluente que, provavelmente, desaguava no Danúbio. Todo o comprimento da ponte estava alojado em uma estrutura simples de madeira que, à distância, parecia como se fosse uma casa de fazenda. Mas não; os traficantes escolheram cobertura para o encontro.

Maria não terá um ponto de vantagem.

Do lado de dentro da ponte coberta, Reid podia ver um par de faróis, mas eles não estavam se aproximando; o veículo estava parado. *Eles já estão aqui.*

— O que faremos? — Aiya sussurrou atrás dele. Pelo espelho retrovisor, ele podia ver o grande e amedrontado branco dos olhos dela.

— Não podemos parar agora — disse ele. — E não podemos dar a volta. Eles já nos viram chegar. Ele diminuiu a aproximação deles, indo lentamente em direção à ponte enquanto sua mente corria para um plano alternativo. — Aiya, eu quero que você fique no carro. Eu cuido disso.

— Não — contradisse ela com firmeza. — Eles saberão que algo está errado se não me virem.

— Vou dizer a eles que quero o dinheiro primeiro...

— Não vai funcionar — argumentou Aiya. — Esses homens não barganham. Você deve se lembrar, eles são monstros; garotas como eu não são pessoas para elas. Somos um recurso, uma moeda a ser negociada. O

comércio deve ser feito ou não haverá acordo. Ela parou por um momento antes de acrescentar:

— Metaj não era um deles. Ele era apenas um vendedor. Eles não teriam hesitado em matá-lo se um acordo não desse certo e ele sabia disso. Agir de maneira diferente colocaria em risco sua própria vida.

Reid prendeu a respiração enquanto os pneus dianteiros do jipe rolavam na ponte e na escuridão das treliças de madeira acima. Ele parou o carro. A menos de seis metros deles estavam os faróis do outro carro. Ele mal conseguia ver detalhes, além das duas luzes brilhantes; a julgar pela altura, o veículo era uma caminhonete ou um SUV.

Os faróis piscaram uma vez. Reid fez o mesmo, desligando-os e ligando novamente. Houve um movimento na escuridão por trás dos faróis opostos e, depois, silhuetas quando os traficantes saíram e ficaram na frente do carro, esperando.

Três deles. Pelo menos isso eu posso ver. Possivelmente o quarto ainda está no carro. Seu coração batia forte no peito, a pressão do sangue correndo nos ouvidos. Normalmente, ele tinha poucas dúvidas sobre enfrentar um trio de criminosos, mesmo de uma só vez, mas seu corpo estava além de dolorido. A dor havia criado um lar aparentemente permanente em seus membros doloridos. Ainda havia uma dose de adrenalina no bolso do paletó, mas ele não queria usá-la. Pode ser que precise mais tarde, para tirar as meninas de onde quer que elas estejam.

Contudo, isso não lhe fará nenhum bem se você estiver morto.

Ele virou a cabeça levemente e disse a Aiya:

— Assim que começar a atirar, quero que você se esconda atrás do carro, ok?

— Sim — ela disse em um sussurro. Ele podia dizer que ela estava petrificada - já estava antes e o plano em colapso rápido apenas piorou as coisas.

— Eu prometo, Aiya. Eu *não* vou deixar que eles a levem novamente. Ele abriu a porta e saiu do jipe, circulando ao lado dela. Ele abriu a porta e sussurrou:

— Desculpe-me. — Então ele a agarrou bruscamente pelo braço e a arrastou para fora do carro.

Aiya gritou. Se ela estava atuando sua parte ou genuinamente surpresa, Reid não sabia dizer, mas dificilmente era hora de pensar a respeito. Ele a

agarrou com firmeza quando eles se posicionaram na frente do carro, meras formas na luz dos faróis.

Por um momento, nenhum dos lados falou. Reid examinou as três silhuetas; os dois de cada lado do carro tinham saliências escuras e de formato estranho, logo acima dos quadris. *Metralhadoras*, ele percebeu *penduradas em uma alça de ombro*. O homem no centro era alto e de ombros largos, e tinha os dois braços cruzados sobre o peito expansivo.

— Mirko — disse Reid, finalmente. Ele fez o possível para fingir o sotaque eslovaco e o comportamento rude que ouvira de Metaj.

O homem grande parado entre os faróis descruzou os braços e avançou, lentamente, até Reid que pôde ver seus olhos escuros e profundos, a sombra angular de uma barba no rosto.

Mirko jogou algo no ar que aterrissou aos pés de Reid. Ele se inclinou para pegá-lo; era um clipe de dinheiro prateado e dobrado, tinham oitocentos euros. Ele quase zombou em voz alta. *A vida de uma jovem mulher vale menos de mil dólares para eles*. Ele não tinha remorso por ter matado o cafetão, mas, de repente, desejou poder tê-lo matado duas vezes.

Ainda segurando o braço de Aiya com a mão esquerda, Reid deu um passo em direção ao traficante eslovaco. Seu olhar voou para a esquerda e direita; nenhum dos acompanhantes estava com as mãos nas armas. Se ele fosse rápido o suficiente, ele poderia puxar a Ruger e matá-los e, depois, mirá-la contra Mirko. Ele só teria que esperar que não houvesse mais ninguém esperando dentro do veículo, nenhum ás na manga...

— Isso é suficiente — anunciou Mirko baixo em eslovaco, levantando uma mão. — Apenas a garota. Eu quero ver o rosto dela.

Reid olhou para Aiya, que manteve a cabeça baixa, conforme as instruções. Sua franja ruiva pairava sobre os olhos, encobrendo suas feições. Se ela teve alguma reação à demanda de Mirko, não demonstrou.

— Por quê? — Reid exigiu. — De que importa?

Mirko riu sem humor.

— Porque, amigo, você não é o Metaj. Metaj está morto.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Reid congelou, apesar de seu coração dobrar o ritmo. Aiya não olhou nem se mexeu; então ele lembrou que ela não falava a língua dos traficantes. Ela não tinha ideia do que havia sido dito.

— Você nos acha estúpidos? — Mirko perguntou. Os dois homens eslovacos atrás dele ergueram suas armas com um aperto casual, na altura dos quadris, os canos apontados para Reid. — Como uma organização como a nossa sobreviveria se não mantivéssemos nossos olhos e ouvidos abertos? Sabemos dos assassinatos em Macicka. Sabemos que três de nossas meninas escaparam do District.

Por mais que ele quisesse pegar sua arma, Reid não se atreveu a se mover. Uma única explosão de qualquer uma das metralhadoras contra eles, acabaria com Aiya e ele, instantaneamente.

— A princípio, pensamos que você poderia ser policial — continuou Mirko. — Nós não iríamos vir. Mas então um “amigo” em comum ligou.

Varga, Reid percebeu amargamente. O político corrupto deve ter avisado os traficantes sobre o americano que o atacou na cobertura.

— Foi você quem matou nossos homens em Tkanina? — Mirko perguntou.

— Sim — Reid levantou a cabeça e admitiu em voz alta. — Sim.

— E o outro americano? O da Amun? Ele está vivo?

Reid estreitou os olhos. Ele lembrou o que Rais havia lhe dito sobre os traficantes; eles ajudaram o assassino a atravessar o oceano com as meninas porque esperavam se tornar parte da Amun.

Mirko deve estar entre os que ajudaram Rais... O que significava que o eslovaco havia ajudado no sequestro de suas filhas.

— Não — Reid disse a ele. — Eu o matei e joguei seu corpo no mar.

Mirko assentiu lentamente.

— Essas são notícias infelizes para nós — ele suspirou. — Nós vamos matar vocês dois. Isso pode ser rápido ou lento. Nós podemos matar você primeiro, ou podemos matar a garota na frente dos seus olhos. Tudo isso depende de você. — O eslovaco grande se aproximou e disse:

— Quero saber quem você é e preciso que me diga quem mais sabe o que você sabe.

Reid parou instintivamente na frente de Aiya.

— Ninguém mais sabe. Sou só eu.

Mirko zombou.

— Eu não acredito em você! Você chegou longe demais para ter feito tudo isso sozinho. Ele se virou para seus dois compatriotas. — Pegue os dois. Obteremos nossas respostas em algum lugar um pouco mais privado.

Os dois eslovacos armados avançaram, as submetralhadoras levantadas.

Reid sentiu uma pressão nas costas. Aiya estava pegando a LC9 que ele havia guardado lá.

— Não — ele sussurrou. Ela não respondeu, a não ser puxar a pequena pistola da calça dele. Ele não podia culpá-la por querer se proteger; ele prometeu protegê-la, mantê-la fora das mãos desses homens e parecia estar falhando. Mesmo assim, ele teve que pensar rápido, ou as ações impetuosas da garota poderiam significar o fim de ambos.

— Espere! — ele chamou Mirko. — Vou te dizer o que você quer saber.

Mirko levantou a mão e os dois homens fizeram uma pausa.

— Meu nome é agente Kent Steele — disse Reid rapidamente em eslovaco. — Da Agência Central de Inteligência Americana. Tudo o que aconteceu fez parte de uma operação da Interpol e da CIA para derrubar sua organização. Eu não vim aqui sozinho; vocês estão cercados e se você se mover contra nós, meus homens abrirão fogo.

Mirko estreitou os olhos para Reid. Então o rosto do grande eslovaco se torceu em um sorriso largo.

— Que história boa — disse. — Mas não é verdade. Eles não teriam esperado tanto tempo para se mover contra nós.

— Tem certeza? — Reid apontou para Mirko com dois dedos, o indicador e o meio, o polegar reto no ar como a forma de uma arma.

O sinal

— Eu tenho plena certeza...

Um estalo agudo ecoou na ponte coberta quando o eslovaco da esquerda deu um pulo uma vez e caiu para frente, um belo buraco na parte de trás da cabeça. O outro eslovaco girou, xingando e borrifando uma fuzilada de balas passando pelo veículo e saindo pela noite.

Reid girou para a direita quando Aiya levantou a Ruger e disparou várias balas ensurdecedoras da minúscula arma, matando o segundo atirador.

Mirko agachou-se na frente do caminhão, perplexo enquanto puxava uma pistola pesada solta do paletó. Reid avançou, fechando o pequeno espaço em segundos - mas não antes do eslovaco disparar um único tiro

estrondoso. Reid contornou para a direita, Mirko errou o tiro por alguns metros. Ele partiu para um golpe com um joelho apontado para o rosto de Mirko e acertou em cheio. A cabeça do traficante se virou e bateu na grade do SUV.

Reid agarrou a pistola na tentativa de desvencilhá-la das garras de Mirko, mas o homem maior segurou firme, empurrando contra a resistência. Reid agarrou-o com a segunda mão, com a intenção de tirar a arma dele. O punho grande de Mirko levantou-se e bateu com o lado da cabeça. Reid grunhiu e caiu para o lado. Ao fazê-lo, ele chutou um pé para cima e no pulso do eslovaco. A arma voou de suas garras.

Mirko rosnou e rolou sobre ele, envolvendo as duas mãos carnudas em volta da garganta de Reid.

Por que ninguém está atirando?! Ele pensou desesperadamente. O grande eslovaco era forte - mais forte do que ele, principalmente com os ferimentos - e também tinha uma vantagem significativa de peso. Reid teria que confiar em táticas para sobreviver.

Em vez de tentar afastar as mãos de Mirko da garganta, ele enrolou os dedos do meio para dentro, pressionando com força o pedaço carnudo e macio entre o polegar e o indicador de cada mão. Havia um ponto de pressão ali, intensamente doloroso que forçou a abertura das mãos.

Mirko rangeu os dentes quando seu aperto enfraqueceu, tentando em vão estrangular o americano até a morte. Reid puxou os dedos fracos do pescoço e os soltou. Uma mão levantou e enganchou um dedo no entalhe supraesternal, a depressão rasa onde as clavículas se encontram. Ele pressionou com força, para dentro e para baixo; a pele era maleável e flexível e seu dedo prendeu a cartilagem enquanto ele puxava.

Mirko gritou de dor; Reid sabia em primeira mão que era uma sensação extremamente desagradável, queimando as terminações nervosas ao longo das costelas e das costas. Quando o corpo do eslovaco avançou, o cotovelo de Reid subiu e golpeou com força o osso do nariz e entre os olhos. Ele rolou o corpo, derrubando Mirko de costas quando Reid cambaleou de pé, procurando a pistola perdida.

Mirko cambaleou, arranhando o ar e encontrando apoio na grade do SUV. Reid avistou a arma e avançou para ela, porém, Mirko deu um salto e passou um braço pesado em volta do pescoço, capturando Reid em um estrangulamento. Ele tentou dobrar o queixo, levantar um braço a tempo, mas não conseguia se mover rápido o suficiente. Mirko sibilou em seu

ouvido enquanto ele apertava, cortando seu suprimento de ar. Reid ficou mole, esperando arrastar o eslovaco para o chão com ele, mas Mirko não teve nenhum problema em segurá-lo no ar enquanto ele lentamente espremia a vida dele.

Outro tiro disparou; estridente e quebrando o ar. *Uma vinte e dois*, Reid sabia. O aperto de Mirko se apertou por um momento enquanto ele gemia e depois afrouxou. Os dois caíram na ponte - Mirko ao seu lado, ofegando, e Reid nas mãos e nos joelhos, arfando.

— Você está bem? — Maria ajoelhou-se em uma posição de tiro ao lado do SUV dos traficantes, o fuzil tático preto ainda no ombro.

— Sim... — Reid disse sem fôlego. — Você verificou o carro? —

Ela assentiu e se levantou.

— Não há mais ninguém... — Seu olhar se levantou e seu rosto caiu. — Oh, não. Kent.

Ele seguiu o olhar dela e uma respiração desanimada escapou de seus pulmões. Aiya estava de costas, iluminada pelos faróis do jipe, as pernas se contorcendo como se tentasse afastar um agressor invisível.

Reid se levantou e cambaleou para ela, deslizando de joelhos ao lado dela. Seu coração ainda estava batendo, mas cada pulso bombeava sangue pelo buraco no peito. O único tiro de Mirko errou seu alvo, ou assim ele pensara. Mas não tinha sido planejado para ele. O eslovaco estava apontando para a maior ameaça, a garota com a arma.

— Aiya! Aiya! — Reid pressionou as duas mãos sobre a ferida para estancar o fluxo sanguíneo. — Apenas espere, ok? Nós vamos levá-la para um hospital. Você ficará bem... — Sangue se acumulou ao redor de suas mãos enquanto ele dizia isso. Nem percebeu que estava falando inglês; a menina não tinha ideia do que ele estava dizendo.

Os dedos dela encontraram as mangas da jaqueta de Reid, agarrando-se a ele como se isso pudesse salvar sua vida.

— Encontre-as — disse Aiya em ucraniano, com a voz trêmula. — Cuide delas.

— Eu prometo que vou, apenas espere... — O sangue não estava parando. Parte dele sabia que não pararia. — Maria? — ele gritou. — Preciso de ajuda! Maria...

As mãos de Aiya se afastaram de sua jaqueta. Um suspiro final deixou sua garganta. A cabeça de Reid caiu para frente, o queixo quase tocando o peito. Ele não a protegera deles. Ele falhou, assim como falhou em

encontrar suas próprias garotas. Tudo o que viu foi o sangue - sangue nas mãos, sangue manchando a blusa dela. Sangue na ponte, sua poça lentamente avançando em direção à pistola Lorcín de nove milímetros prata e preta que ele havia tirado de Mirko.

Ele a pegou e levantou-se.

— Kent... — Maria avisou quando ele caminhou até o eslovaco.

Reid virou a arma. Atirar nele era bondade demais; ele iria esmurrar o crânio de Mirko.

Mirko estava de lado, com os olhos fechados e os dentes cerrados, fazendo uma careta pela bala que Maria havia alojado nas costas dele.

— Kent! — Maria gritou. Ela largou o rifle de precisão e ficou de pé quando ele levantou a Lorcín, pronto para estourar a testa de Mirko. Ela parou seu braço e ficou entre ele e o eslovaco caído. — Não — ela disse severamente. — Precisamos de informações! Esse era o objetivo disso!

Ele tentou se soltar, mas ela era forte.

— Me solte.

— Pense nas suas meninas — disse Maria, uma mão segurando o braço para trás e a outra no peito. — Sara e Maya. Elas ainda estão lá. Este homem pode saber para onde elas estão sendo levadas. Deixe-me cuidar disso. — Ela tocou seu queixo e o forçou a olhar em seus olhos cinzentos. — Vou falar com ele. Vá cuidar de Aiya e do jipe.

Reid abaixou lentamente a mão e a pistola.

— Tudo bem — murmurou. — Mas quando você terminar, eu vou matá-lo.

— Vá — Maria ordenou novamente. Ela abaixou a mão do peito dele e puxou um canivete borboleta prateado.

Reid colocou a Lorcín na parte traseira de suas calças de brim e virou-se, andando lentamente de volta para o corpo de Aiya e o jipe. Atrás dele, Maria fez exigências em eslovaco. Mirko gritou. Porém, ele mal registrou isso.

O que tinha acontecido nos últimos dois dias tinha sido, certamente, uma provação horrível para suas filhas - uma que estava em continuidade nesse exato momento. Ele não podia imaginar o que estaria acontecendo com elas. O simples pensamento disso fez seu sangue ferver e causou arrepios na espinha ao mesmo tempo. Mas para uma garota como Aiya, o horror havia sido a maior parte de sua vida. Acontecia todos os dias, em

todos os cantos do mundo, mesmo nos lugares em que ninguém acreditava que tais coisas pudessem acontecer.

Não estava certo e não era justo. Ela merecia a chance que nunca teria agora.

Os gritos de Mirko subiram uma oitava quando Reid se curvou e cuidadosamente ergueu o corpo da garota. Ele a deslizou gentilmente no banco de trás do jipe. No porta-malas havia uma bolsa de náilon laranja, um kit de emergência e dentro havia três sinalizadores. Ele pegou um, o perclorato de potássio e magnésio acendendo em uma chama vermelha sibilante. Ele assistiu por um momento, a intensa luz dançando em seus olhos e o cheiro enchendo suas narinas.

Então ele o largou no banco de trás do jipe. Os cachos de cabelo que Aiya cortou de sua cabeça se iluminaram primeiro e depois o tapete. O vinil dos assentos derreteu e a espuma embaixo pegou fogo.

Ele fechou a porta do jipe antes que o fogo atingisse o corpo de Aiya. A pira funerária improvisada era muito menos do que ela merecia, mas ele não estava disposto a deixar o corpo dela deitado na ponte para as autoridades encontrarem.

Os gritos dolorosos e primitivos de Mirko haviam se tornado pouco mais que ruído de fundo até então, quando Reid se inclinou para recuperar a LC9 de onde Aiya a deixara cair. Ele verificou as balas; quatro tiros restantes no pente de nove balas. Ela havia disparado cinco delas contra os eslovacos.

Por precaução, ele recuperou as duas metralhadoras dos escravos caídos. Ambos eram modelos Agram 2000, uma arma fabricada na Croácia, baseada na Beretta M12. *Um ponto oito quilogramas. Sistema de alimentação de vinte e duas balas com uma Parabellum de nove milímetros.*

Maria se levantou, o peito arfando e as mãos combinando com as dele - manchadas de vermelho. Mirko se contorceu no chão, choramingando como um animal ferido. Reid nem olhou para ele, muito menos sentiu algum tipo de remorso ou sentimento de arrependimento.

— Terminou? — ele perguntou.

Ela assentiu.

— Entendido.

Ele deu dois tiros da Lorcin em Mirko. Os choramingos do eslovaco ficaram, imediatamente, silenciosos.

— Você dirige. — Ele sentou no assento do passageiro do SUV dos traficantes, enquanto Maria guardou o rifle sniper preto e se dirigiu para trás do volante. Ele estava esgotado, com dor, sangrando, irritado - mas sua determinação não tinha mudado um pinga. Na verdade, a morte de Aiya deu a ele um renovado senso de dever.

As palavras de Baraf passaram por sua mente. *Você não é juiz ou júri*, dissera o agente da Interpol. *É apenas um carrasco indiscriminado*.

Mas Baraf estava errado. Ele estabelecia discriminações, implacavelmente. Ele não apenas encontraria suas garotas. Ele encontraria todos os autores da captura delas e mataria cada um deles, se fosse necessário.

O SUV era um modelo mais novo, com GPS no painel. Maria passou os dedos na tela sensível ao toque por um momento enquanto dizia:

— As meninas estão vivas. Elas desembarcaram na Eslováquia e foram levadas para o norte, através da fronteira.

— Norte? — Reid franziu a testa. — Para a Polônia?

Maria balançou a cabeça enquanto recuava o SUV de baixo da ponte coberta. O jipe além deles estava em chamas, as chamas lambendo as janelas.

— República Tcheca — ela corrigiu. Ela endireitou o veículo e acelerou, o poderoso motor rugindo sob o capô. — Você confia em mim agora?

— Não — respondeu Reid com sinceridade. Então ele acrescentou: — Mas tudo o que temos que resolver pode esperar. Não confio em você, mas... Acredito que queira ajudar. — Quaisquer que fossem as motivações dela para chegar tão longe com ele, por desafiar a CIA e a Interpol e se juntar a ele em sua caçada, ficaria claro eventualmente. O que importava era resgatar suas meninas, independentemente do incentivo por trás disso.

Se Maria tinha algo a dizer a respeito, ela segurou a língua.

— Eu larguei meu telefone para que a agência não pudesse rastreá-lo — ela disse. — Mas isso também significa que não posso entrar em contato com Mitch.

— Então, precisamos encontrar algo mais rápido que isso — apontou Reid.

Maria assentiu.

— Então, precisamos roubar um helicóptero.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

A luz queimou seus olhos quando Maya recuperou a consciência lentamente, apertando os olhos através da névoa lamacenta que era seu cérebro quando as drogas com as quais ela fora injetada começaram a perder o efeito. As percepções sensoriais a atingiram lentamente, como se estivessem em fila única, esperando sua vez de serem reconhecidas.

Ela sabia que estava balançando um pouco. Um som constante ressoou debaixo dela - *cha-chunk, cha-chunk, cha-chunk...* O trem. Ela ainda estava no trem. Mas havia luzes. Estava escuro no vagão quando ela foi fechada dentro dele.

Ela estava deitada em algo macio. Uma cama? Ela se atreveu a abrir os olhos, lentamente, enquanto se sentava e gemia. Uma dor de cabeça bateu em seu crânio enquanto ela examinava seu ambiente com espanto.

Ela tinha sido movida de lugar, isso estava claro; ela estava em uma pequena cabine, deitada em uma cama com teto baixo. Uma cama de beliche. Ao lado dela, havia uma janela, a cortina fechada. Do outro lado havia uma porta de correr, uma segunda cortina sobre o vidro.

Um vagão-leito, Maya percebeu. Ela nunca esteve em um antes, mas já os tinha visto em filmes. Este era moderno e simples, de paredes brancas, limpo, com lâmpadas brancas nos soquetes. De alguma forma, ela foi levada do trem de carga para um vagão de passageiros. *Mas o que isso significa?*

Ela flexionou a dormência dos dedos das mãos e pés antes de tentar se levantar. Suas pernas estavam trêmulas, os joelhos como geleia. Maya se firmou no parapeito do beliche por um momento enquanto recuperava a compostura.

A dor formigou na panturrilha esquerda quando o fluxo sanguíneo normal retornou, aumentando a sensação de queimação. Uma pequena quantidade de sangue escuro manchava a perna da calça de pijama de flanela.

Sara, lembrou-se urgentemente. *Ela foi colocada em um trem diferente.* Maya puxou o cordão da cortina sobre a janela. Ainda estava escuro lá fora, impossivelmente; ela não podia ver mais do que alguns metros além do vidro, apenas as silhuetas das árvores passando enquanto o trem avançava pelo que parecia ser um campo.

Ela tentou a trava, mas a janela não cedeu.

Maya empurrou o mais forte que pôde, gemendo de frustração com a estrutura teimosa. Ela olhou em volta desesperadamente procurando algo para quebrar o vidro. Ela tinha que sair deste trem, encontrar ajuda, chegar a Sara.

A porta do compartimento se abriu atrás dela.

Maya girou, achatando as costas contra a parede e a janela opostas quando um homem entrou na cabine. Ele fechou a porta novamente atrás dele antes de se virar para ela.

O homem sorriu. Ele era baixo, não mais alto um metro e setenta, com uma cabeça careca e óculos de aro prateado. Ele usava uma jaqueta de tecido de lã e uma gravata e, na mão, segurava um copo de isopor.

Ele sorriu com os lábios finos enquanto dizia:

— Ah, que bom. Você está acordada.

Maya não disse nada em troca, respirando rapidamente pelo nariz. O homem falava inglês, mas ele tinha um sotaque agudo - alemão, ela pensou. Talvez austríaco.

— Eu queria esperar por você — continuou ele. O sorriso dele nunca diminuiu, mas para ela não era nem um pouco amigável. — Como está a tua cabeça?

— Quem é você? — Maya perguntou. Sua língua estava grossa e seca, as palavras malformadas.

— Acho melhor se você não souber meu nome. Eu certamente não quero saber o seu. — O homem riu como se tivesse contado uma piada. — Suponho que se você deve me chamar de algo, pode me chamar de... Klaus. — Ele estendeu a xícara branca de isopor. — Aqui. Para você.

Maya balançou a cabeça rapidamente. Ela não beberia nada de nenhum estranho, não importa o quão ameaçador ele tentasse ser.

— É apenas água — ele prometeu. Ainda assim, ela não se mexeu. Esse homem, o suposto Klaus, colocou o copo em uma pequena mesa perto da porta. — Vou deixar aqui, para quando você estiver pronta. — Ele afrouxou a gravata amarrada na garganta. — Antes de começarmos, quero fazer algumas perguntas.

Começar? O pulso de Maya disparou. *Começar o que?* Ela já sabia a resposta, mas sua mente se recusou a admitir isso.

— Devo insistir que você seja honesta comigo — disse Klaus. Ele se moveu lentamente para o beliche e sentou-se na cama. Maya se encolheu no canto mais distante do compartimento. — Você é bastante tímida. Como um

ratinho. — Ele sorriu novamente com isso. — O que eu estava dizendo? Ah, sim. Esta é uma viagem de trem bastante cara para mim, e devo garantir que o que estou pagando seja preciso. Primeira pergunta: Você é americana?

Maya mordeu o lábio inferior, sem dizer nada.

Klaus suspirou desapontado.

— Querida, do lado de fora deste compartimento está um homem com bolsos. E em um desses bolsos está outra seringa, esperando lá, apenas por você. Pessoalmente, eu preferiria muito que isso não acontecesse. Concorda?

Ela engoliu em seco, sentindo como se pudesse sufocar. Ela certamente não queria ser drogada novamente - especialmente agora, presa neste compartimento com aquele homem horrível.

— Sim — ela respondeu calmamente. Sua voz falhou quando ela disse:

— Eu sou americana.

— Bom — ele riu disso. — Segunda questão: Qual sua idade?

Um soluço ameaçou borbulhar em sua garganta, mas ela o conteve.

— De... Dezesseis — ela disse.

Os olhos do homem brilhavam. Seu comportamento aparentemente desarmante, sua atitude casual e, o pior de tudo, suas intenções eram absolutamente horríveis - talvez mais do que os assassinos eslovacos.

— Muito bom. Minha pergunta final: Você é virgem, não é?

Maya ofegou instintivamente. Ela não tinha ideia de como os traficantes saberiam disso - a menos que eles estivessem fazendo uma suposição, ou apenas dizendo a esse homem, claramente seu cliente, que ela era.

Lágrimas se formaram em seus olhos. Se ela se recusasse a contar a ele, seria drogada novamente e não queria pensar no que poderia lhe acontecer se estivesse inconsciente. Se ela dissesse a ele, esse monstro provavelmente conseguiria o que queria.

Mas, ela percebeu, havia uma terceira opção - uma que poderia tirá-la dessa situação.

Maya reuniu uma voz tão clara quanto pôde.

— Não — ela mentiu. — Não sou.

Klaus estalou a língua enquanto balançava a cabeça.

— Bem — disse ele. — Então terei que pedir que você me dê licença por um momento. — Ele se levantou da cama e deslizou a porta do compartimento para o lado.

Maya ficou em seu canto, pressionada com força contra a parede branca, desejando poder desaparecer nela. Ela ouviu o homem falando com alguém no corredor, na língua severa dos traficantes do Leste Europeu. Uma voz áspera respondeu.

Ele não me quer agora, ela disse a si mesma. *Ele vai me deixar em paz. Eu não sou o que ele quer.*

As vozes do lado de fora cresceram em uma discussão.

Ele vai me deixar em paz.

Então, eles se acalmaram e o homem de óculos voltou ao compartimento. Ele fechou a porta atrás de si. Todos os músculos do corpo de Maya ficaram tensos.

— Peço desculpas — disse ele enquanto tirava a jaqueta de tecido de lã. — Eu precisava renegociar meu preço. — Klaus tirou a gravata do pescoço.

A respiração de Maya veio em goles irregulares. *Não*, ela pensou. *Não vou deixar isso acontecer.*

— Eu vou lutar — ela prometeu. Sua voz falhou quando ela disse isso. — Eu vou gritar. Eu não vou deixar você fazer isso.

Klaus sorriu largamente quando tirou os óculos de aro de prata e os colocou ao lado do copo de água.

— Minha querida... Estou contando com isso.

Ele avançou, as mãos estendidas. Maya gritou e colocou os dois braços na defensiva. O homem agarrou seus braços e a puxou do canto, girando-a e jogando-a de costas na cama pequena.

Ela agitou os braços e as pernas, os olhos fechados com força, enquanto Klaus subia em cima dela. Alguns de seus golpes acertaram, mas seus membros ainda estavam fracos devido às drogas e ricochetearam inofensivamente. Klaus pressionou seu peso sobre ela, forçando suas pernas a ficarem imóveis. As mãos dele lutaram para manter as dela firmes.

— Sim — ele sibilou. — Resista. Lute...

Maya abriu os olhos para ver o homem olhando para ela, um brilho maníaco em seus olhos. Um poço de horror solidificou em seu estômago; ele estava *gostando* disso. Ele queria que ela lutasse contra ele. Ele queria que ela tentasse e ele queria dominar.

Ela soltou uma mão do aperto dele e a ergueu novamente, dando-lhe um tapa forte no rosto. Ele grunhiu com o golpe. Seus lábios se abriram em um sorriso malicioso quando ele lambeu uma gota de sangue do canto da boca.

Então ele revidou, dando um tapa na bochecha de Maya com força suficiente para forçar sua cabeça para o lado. Ela estremeceu. Apesar de sua estatura relativamente pequena, ele era mais forte do que ela. Ele forçou seus braços acima da cabeça, cruzou os pulsos e os segurou com uma mão.

Maya lutou contra seu aperto, tentando soltar uma mão, tirar uma perna debaixo dele.

A outra mão de Klaus forçou sua camisa, expondo seu estômago.

— Eu acho que você estava mentindo — ele murmurou. — Acho que você é *exatamente* o que estou procurando. Nós vamos descobrir, não vamos? — Ele enfiou um polegar na cintura da calça de pijama.

Pare! Maya gritou internamente. Mas não era uma ordem dirigida ao estuprador. Cada instinto a estava levando a lutar, a resistir, a se soltar dele - mas sua mente estava dizendo ao corpo para parar.

Não lute. É o que ele quer. Foi por isso que ele esperou você acordar. Por isso ele não queria que você fosse drogada

Klaus ajustou o peso do corpo, lutando para mantê-la quieta e empurrar as calças para baixo da cintura. O terror e o pânico do momento exigiram que ela fosse combativa, contudo, Maya se forçou a relaxar os músculos. Ela deixou a tensão correr pelos ombros, braços e pulsos. Ela parou de tentar chutar as pernas para fora. A cabeça dela pendeu para o lado do travesseiro, encarando a parede branca.

O homem segurou os pulsos dela com força, mas ele fez uma pausa, olhando para ela.

— O que é isso? — ele rosnou. — O que está fazendo?

— Meu nome é Maya Lawson — disse ela, rápida e silenciosamente. — Nasci em Fairfax, no estado da Virginia...

— Cale a boca! — Klaus sibilou. — Você está estragando tudo!

— Meus pais são Reid e Katherine Lawson. Eu tenho uma irmã mais nova, Sara, de catorze anos...

Seu agressor deu um tapa no rosto dela com força, mas Maya mordeu a língua para não gritar. Ela não lhe daria satisfação.

— Lute de volta! — ele gritou na cara dela. Ele a golpeou novamente com a palma da mão aberta. O lado de seu rosto doía. Ela sentiu sangue quente nos lábios. Porém, ela se recusou a lutar, recusou-se a ceder a qualquer coisa que esse selvagem quisesse.

Maya virou a cabeça para olhar para ele.

— Eu sou filha de alguém — ela disse, sem piscar. — Irmã de alguém. Uma criança...

Klaus grunhiu em fúria enquanto passava um punho fechado pela bochecha dela. Ela ofegou de dor, mas não gemeu ou gritou. Ele saiu zangado dela e abriu a porta do compartimento, pisando indignado no corredor.

Maya sentou-se rapidamente e apertou os joelhos no peito. Ela tocou o lado do rosto; estava macio e dolorido, mas nada parecia quebrado.

Ela limpou o sangue dos lábios quando um eslavo de traços sombrios subitamente encheu a porta. Como os outros, ele tinha uma submetralhadora em uma alça por cima do ombro. Maya congelou; ela não pôde deixar de lembrar a história de Anita do contêiner do navio de carga. A garota que tentou revidar e falhou. Lembrou-se de Jersey, morta no cascalho de um país estrangeiro a milhares de quilômetros de casa.

Se esse era o seu destino, que assim seja, ela decidiu. Ela não sucumbiria a alguém como sua quase tentativa de estupro.

O eslavo gritou com ela, suas palavras estranhas, enquanto avançava para o compartimento. Ele a agarrou por um braço e a puxou para seus pés, berrando o tempo todo.

Maya viu uma chance e a aproveitou. Ela avançou e colocou as duas mãos na submetralhadora, afastando-a do eslavo. A alça esticou ao redor do ombro dele.

O homem estendeu as duas mãos e a empurrou violentamente. Maya girou para trás. Sua cabeça bateu na janela com força e ela caiu no chão do compartimento. Estrelas nadavam em sua visão.

Ela sentiu a pontada distinta de uma agulha afundando em seu braço. Ela estava sendo drogada novamente.

Então a porta do compartimento se fechou. Ela estava sozinha. Ela havia escapado de Klaus, pelo menos por enquanto, mas não tinha ideia do que poderia acontecer enquanto estivesse inconsciente. Ela pode ser movida novamente. Ou talvez algo muito pior, algo mais sinistro - outra pessoa, alguém que não se importava se ela estava acordada ou não.

Maya ficou de pé antes que as drogas fizessem efeito. Sua cabeça latejava dolorosamente e ela quase tropeçou quando puxou a cortina novamente sobre a janela. O vidro havia rachado onde sua cabeça o atingira. Ela bateu no painel com um punho, esperando que desse certo, que pudesse abri-lo e escapar. Vidro quebrado e saltar de um trem em

movimento eram preferíveis ao relativo desconhecido do que poderia esperar por ela no vagão-leito.

O vidro não cedeu e a força foi drenada de seus braços. Ela caiu de joelhos.

Antes de perder a consciência, ela pensou ter ouvido gritos do lado de fora de seu compartimento. Então um som estranho, abafado, como se estivesse à distância... *Um tambor?* Ela pensou. *Não, claro que não.* Parecia um tiroteio. Mas antes que ela pudesse discernir, Maya caiu de lado e voltou para a escuridão.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Reid subiu a cerca de arame e pendurou a jaqueta sobre o arame farpado no topo. Maria seguiu o exemplo, jogando a jaqueta de volta para ele antes de se pôr de pé num estacionamento de Bratislava.

Havia câmeras, ele sabia, e provavelmente alarmes. Mas ele estava muito além de se preocupar com o fato de seu rosto ser visto.

Eles correram pelo estacionamento, passando por carros, caminhões e motocicletas, em direção ao helicóptero vermelho e branco, que Reid pousara no relvado perto do hotel District.

— Você pode voar isso, certo? — ele perguntou.

— Claro — respondeu Maria. Ela abriu a porta e subiu no cockpit. Reid permaneceu no chão, a pistola Lorcin em uma mão e uma SMG Agram na outra.

Houve um grito vindo de perto e o movimento de um fecho de lanterna quando um policial da Bratislava falou rapidamente em seu rádio. Reid disparou dois tiros da pistola, errando deliberadamente, e o oficial pulou para se esconder.

O estacionamento ficava do outro lado da rua da delegacia. Ele sabia que outros estariam ali em breve.

Os rotores do helicóptero zuniram para a vida, girando lentamente e ganhando velocidade enquanto vários policiais saíam das portas da delegacia, correndo em direção ao estacionamento. Reid disparou várias balas da Agram pela cerca, sobre suas cabeças. Eles se abaixaram e se cobriram ou se esconderam atrás de carros.

Ele abriu a porta lateral do helicóptero AW109 e subiu, prendendo a Lorcin em seu jeans e segurou-se em uma alça branca presa no teto. Quando os patins subiram do asfalto, ele atirou novamente, intencionalmente puxando sua mira. Em seguida, ele fechou a porta enquanto as balas das pistolas dos oficiais batiam na lateral do helicóptero.

Maria manobrou o manche e inclinou-se para a direita, ganhando altitude enquanto controlava o helicóptero para trás de um prédio e para longe da linha de tiro da polícia. Reid pulou sobre o assento e se juntou a ela na cabine com um gemido doloroso. Ele colocou um fone sobre os ouvidos.

— Você está bem? — Maria perguntou.

Ele assentiu com a cabeça.

— Nós estamos? Algum dano?

— Não parece ter. — Ela puxou o manche e o helicóptero subiu acima do horizonte de Bratislava. Ela manteve as luzes e os faróis apagados, voando no escuro enquanto seguiam para o noroeste.

— Você sabe... — Ele fez uma pausa, sem saber como articular o que estava sentindo. — Essas câmeras no estacionamento, provavelmente, capturaram imagens do seu rosto.

— Eu sei.

Reid não disse mais nada a respeito. Maria já havia mostrado a ele, mais de uma vez, que ela não estava necessariamente do lado da CIA, porém, ao flagrantemente invadir o estacionamento e roubar o helicóptero, ela também estava jogando todas as cartas a eles.

— Quanto tempo? — ele perguntou.

— Na velocidade máxima, menos de uma hora para chegar a Sněžka — ela respondeu. O traficante, Mirko, sob extrema pressão do canivete borboleta de Maria, havia dito a ela que as garotas americanas, em questão, haviam sido colocadas em um trem de carga de nove vagões indo para a República Tcheca, em um conjunto remoto de trilhos que serpenteavam pela cordilheira de Krkonoše e passava pelo pico mais alto, Sněžka. Entretanto, Reid sabia que, mesmo com essa informação...

— Vamos precisar de uma maneira de encontrar uma localização mais precisa — disse Maria. — Caso contrário, estaremos voando sobre uma montanha, procurando trens.

— Eu sei — Reid assentiu. Ele não gostou, mas havia um jeito. — Eu tenho uma ideia sobre isso.

*

— Tem certeza que você quer fazer isso? — Maria perguntou.

— Você tem um jeito melhor? — ele perguntou. Eles estavam na fronteira noroeste, fora da Eslováquia e se dirigiam para a região montanhosa da República Tcheca. Logo depois de entrar no novo espaço aéreo, uma voz veio ao rádio, primeiro pedindo que se identificassem e depois ameaçando forçá-los a pousar. Maria desligou o rádio; eles sabiam que abater o helicóptero seria o último recurso e, quando fosse considerado seriamente, eles já teriam chegado ao seu destino.

Porém, primeiro, eles precisavam de um destino.

Maria balançou a cabeça. Ela não tinha nenhuma ideia melhor para localizar o trem com as meninas de Reid. Ela ligou o rádio novamente e disse em eslovaco:

— Meu nome é Agente Maria Johansson, da Agência Central de Inteligência Americana. Câmbio.

Houve uma pausa antes do controlador do rádio do outro lado dizer alguma coisa. O homem falava em tcheco, mas os dois idiomas eram mutuamente inteligíveis o suficiente para que cada um entendesse o outro.

— Agente Johansson, você pousará o helicóptero no próximo local disponível. Vou retransmitir as coordenadas...

— Negativo — Maria interrompeu. — Este voo faz parte de uma operação sancionada pela Interpol e pela CIA. Se quiser que eu pouse este helicóptero, você primeiro me encaminhará ao meu diretor adjunto em Langley, Virgínia. — Ela deu o número, o que ela e Reid sabiam de cor, ao controlador. — Esta é uma situação de emergência. Ele lhe dará a autorização necessária. Câmbio.

O controlador zombou audivelmente no fone de ouvido.

— Um momento — ele disse secamente, e então houve apenas silêncio. Reid e Maria trocaram um olhar e esperaram.

Um minuto inteiro se passou e depois outro antes que alguém falasse no fone de ouvido novamente. Quando o fizeram, a voz falou em inglês e não parecia nem um pouco satisfeito.

— Este é o diretor adjunto Shawn Cartwright da CIA. Identifique-se.

— É a Johansson, senhor.

— Johansson — Cartwright rosnou. — O que diabos você está...

— Ela não está sozinha — acrescentou Reid.

Cartwright deu um suspiro pesado.

— Vocês dois estão com uma quantidade insuperável de problemas — ele disse, sua voz baixa. O número que Maria havia dado ao controlador era a linha principal de Cartwright; independentemente de onde ele realmente estivesse, eles sabiam que ele estava, sem dúvidas, sendo monitorado. — Pouse o helicóptero e me dê sua localização...

— Não posso fazer isso — disse Reid. — Nós sabemos onde as meninas estão. Estamos a caminho. Mas precisamos de ajuda...

— Não estou em posição de ajudá-lo — insistiu Cartwright. — Você foi renegado. Você violou leis. Você matou... Eu perdi a noção de quantos. Pouse o helicóptero e espere o agente Strickland e a Interpol chegarem.

— Nós dois sabemos que não vamos fazer isso — respondeu Reid. — Você pode nos ajudar. Você pode ser aquele a acabar com isso. — Com os recursos de Cartwright da CIA, eles poderiam obter as informações necessárias em questão de minutos - mas apenas se ele estivesse disposto a fazê-lo. — Estamos procurando um trem de carga de propriedade da Czech Railways, com nove vagões, atualmente em algum lugar no desfiladeiro Sněžka, na República Tcheca ou perto dali.

— Zero, eu não vou...

— Como você disse — Reid persistiu — Eu fui renegado, o que significa que você não é meu chefe agora. Estou perguntando como amigo.

— Podemos alertar as autoridades tchecas — disse Cartwright. — Faça com que eles parem o trem e façam buscas, encontrem suas filhas...

— Isso não vai funcionar. Assim que souberem que a polícia está com eles, eles podem fazer algo com as meninas — disse Reid rapidamente. — Movê-las de lugar novamente, ou... Ou se livrar delas.

Cartwright gemeu através do fone de ouvido.

— Eu poderia perder meu emprego, Kent. Arruinar toda a minha carreira. Talvez pior...

— E minhas duas filhas adolescentes podem ser estupradas — Reid retrucou. Ele se surpreendeu com suas palavras; foi a primeira vez que ele reconheceu, em voz alta, as atrocidades que suas garotas poderiam estar enfrentando naquele momento. — Ou espancadas. Ou mortas. Elas são apenas crianças, Cartwright. E não estou falando apenas das minhas filhas, mas de qualquer uma que esses traficantes sequestraram. Nenhuma delas merece isso. E esses homens, eles merecem tudo o que lhes sobrevirá.

O diretor adjunto ficou em silêncio por um momento. Reid assumiu um alto nível moral, apelou para suas emoções; Cartwright não tinha como recusar.

Ao menos era o que ele pensava.

— Sinto muito, Zero. — Por um momento, Cartwright pareceu genuinamente arrependido. — Você foi desonesto. Não posso ajudá-lo agora. — A linha ficou em silêncio.

— Cartwright? Alô? — Não houve resposta. Reid puxou o fone de ouvido e o jogou furiosamente no chão do helicóptero.

Agora ele via a verdade inegável - o diretor adjunto era um burocrata, nada mais. Ele acreditava na imagem e no protocolo, não no bem-estar das pessoas. Não na segurança de uma nação ou mesmo do mundo. E,

certamente, não na segurança de duas crianças perdidas em algum lugar do Leste Europeu. Cartwright era um intermediário que atuava nos dois lados, dizendo a seus agentes que eram aqueles com os mais altos salários que estavam fazendo os movimentos errados, ao mesmo tempo em que se curvava aos superiores para avançar em sua carreira.

Ele não era melhor que Riker aos olhos de Reid. Ele teve a chance de mostrar uma estrutura moral e desistiu.

Reid voltou a colocar o fone de ouvido enquanto Maria voava para o norte, em direção às montanhas de Krkonoše.

— Nós vamos encontrá-las — prometeu. — Juntos. Mesmo que tenhamos que voar por toda essa montanha. Nós vamos encontrá-las.

— E se elas não estiverem aqui? — Reid argumentou. — E se já passaram da montanha? E se estiverem na Polônia? E se Mirko mentiu para nós?

Maria não disse nada enquanto Reid olhava para o para-brisa, examinando a escuridão abaixo em busca de luzes que pudessem ser um trem.

O controlador tcheco voltou pelo fone.

— Sua agência negou a liberação do seu voo. Pouse o helicóptero — ele avisou —, ou abriremos fogo. Essa é a sua última...

A linha estalou com estática, como um sinal perdido - e então outra voz veio.

— Agente Marigold?

Reid e Maria trocaram um olhar e esperaram. A voz parecia jovem, masculina e decididamente americana.

— Afirmativo — disse ela. — Identifique-se.

— Meu nome é... Bem, não importa qual seja o meu nome — disse o jovem rapidamente. — Eu tenho as coordenadas para o seu trem desaparecido. — Ele rapidamente recitou uma série de números e depois os repetiu. — Entendeu?

— Sim — disse Maria, atônita. — Entendido.

— Bom. — Antes que qualquer um deles pudesse dizer mais alguma coisa, a linha estalou novamente e o controlador tcheco, que parecia irritado, voltou.

Maria desligou o rádio.

— Você acha que...?

Ela não conseguiu terminar sua fala. Era óbvio; Cartwright mandou um técnico da CIA rastrear o trem e hackear a frequência de rádio tcheca por tempo suficiente para passar a mensagem. Se isso significava que o diretor-adjunto mudou de ideia ou estava apenas dando um show para qualquer bisbilhoteiro, não importava.

Eles tinham um local e, embora o trem continuasse a avançar constantemente, eles chegariam em minutos.

Reid continuou enquanto Maria os inclinava para a esquerda, perdendo altitude e se aproximando da iminente montanha de Sněžka, a nordeste. Ele fez uma verificação rápida de armas; tinham quatro balas na Ruger. Seis na Lorcin. Cada uma das Agram SMGs tinha pelo menos metade da capacidade. Ele jogou a alça de uma submetralhadora no peito e deixou a outra para Maria.

O nariz do helicóptero abaixou quando eles perderam mais altura. Reid esticou o pescoço e sentiu uma onda de esperança. Na escuridão da montanha abaixo, ele viu uma série de luzes. Da altura deles, parecia uma minhoca pontilhada, mal se movendo enquanto o helicóptero corria em sua direção. Mas não havia dúvida; era um trem.

— Ali! Estou vendo! — ele gritou no fone de ouvido.

Maria assentiu e ajustou o rotor de cauda para se alinhar com a direção do trem.

— Vou chegar à frente e descer nos trilhos. Vamos forçá-los a parar e depois revistar...

— Não — respondeu Reid. — Precisamos de todo o elemento de surpresa. — Ele estava muito perto para ariscar deixar que algo mais acontecesse com suas meninas agora. — Desça o mais baixo que puder. — Ele pulou sobre o assento para a traseira da cabine, agarrou a alça no teto e abriu a porta.

— Kent! — Maria gritou no fone de ouvido. — Você não está exatamente no melhor estado para pular em trens em movimento.

Ele resistiu à vontade de dizer a ela que, mais cedo naquela mesma noite, saltara de um avião. Em vez disso, ele se inclinou sobre a escuridão enquanto desciam, o vento frio soprava em seu rosto, ele contou os vagões do trem. Tinha nove, exatamente como Mirko havia dito - o motor, cinco vagões de carga e, curiosamente, no centro do trem, três vagões de passageiros.

Ele franziu a testa. O único momento em que os vagões de passageiros seriam acoplados a um trem de carga era se fossem novos ou sendo transportados para outro trem. Seja qual for o caso, eles não carregariam passageiros ativamente... *A menos que os traficantes os usem*, ele pensou.

— Há uma lanterna na coronha do rifle — Maria disse a ele. — Você pode precisar.

— Obrigado. — Ele pegou a lanterna preta e prendeu-a com as duas pistolas na calça jeans o melhor que pôde. O helicóptero mergulhou novamente; eles não estavam a mais de trinta metros acima do trem. Perto, mas não perto o suficiente.

Reid enfiou a mão na jaqueta e tirou o embrulho de plástico de lá. Ele rasgou a injeção de adrenalina e abriu a tampa da agulha. Era a última, mas com alguns minutos de adrenalina, munições suficientes e um pouco de sorte, ele não precisaria de outra.

— Eu vou entrar pela parte traseira — disse Reid no fone de ouvido. — Dê-me alguns minutos para dar uma margem de manobra antes de parar o trem. Com você começando pela parte dianteira, nos encontraremos em algum lugar no meio.

— Entendido.

— E Maria? — Ele ainda não tinha certeza de como se sentia sobre ela, mas sabia que algo precisava ser dito. — Caso esse seja o fim para mim, eu só quero dizer...

— Guarde para depois — ela interrompeu. — Você e eu não nos despedimos. Nem agora, nem nunca. O que quiser dizer pode esperar até depois.

Ele assentiu com a cabeça.

— Tá certo. Então, que tal apenas um "obrigado"?

— Isso eu vou aceitar — disse ela simplesmente. — Quatro metros e meio.

Reid olhou por cima do limite do helicóptero enquanto o trem se aproximava mais. *Quase lá*. Ele tirou o fone de ouvido e jogou-o na cabine atrás dele.

Então ele segurou a injeção de epinefrina e enfiou a agulha grossa na parte superior da coxa.

O helicóptero desceu, balançando um pouco, enquanto Reid media sua altura. Era difícil dizer no escuro, mas parecia que os patins do helicóptero estavam a uns cinco a dez metros do topo do trem de carga.

Ele respirou fundo quando a sensação familiar de adrenalina aumentou através de seu corpo. Seu pulso triplicou; seus músculos contraíram. A dor escorreu de seus membros.

Reid exalou e saltou do helicóptero.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Reid observou seus próprios pés quando caiu. Foi uma sensação estranha, cair sobre algo que estava se movendo abaixo dele. O trem avançava enquanto ele descia na sua direção; por um breve momento, parecia que erraria completamente, como se o último vagão de carga saísse debaixo antes de ele aterrissar.

Então seus pés encontraram uma superfície sólida, mas instável.

Ele cambaleou, julgando mal o balanço de um trem de carga literalmente em movimento e seus pés voaram sob ele. Reid caiu de costas e enrolou, mas não tinha pista para pousar. Suas mãos dispararam, agarrando qualquer coisa que pudessem encontrar - o degrau mais alto de uma escada enferrujada na parte traseira do vagão. A metade inferior de seu corpo girou sobre nada, mas ele se segurou.

Algo prateado e preto passou por sua cabeça e se voou para longe do vagão, noite adentro. A Lorcín, que se soltou de suas calças quando ele pousou. Ele gemeu e rapidamente puxou-se de volta para o teto do vagão.

No topo, havia uma escotilha quadrada com cerca de sessenta centímetros de largura. Ele se esforçou para abrir a tranca, com os dentes cerrados, mas finalmente ela cedeu com um barulho pesado. Reid preparou a lanterna e a Ruger, e então abriu a escotilha de aço. Não havia movimento abaixo dele que pudesse discernir; nenhum som. Ele apontou a luz para dentro do buraco escuro. Havia algo lá... Ele se abaixou e se atreveu a enfiar a cabeça.

O último vagão de carga do trem era um vagão de verdade, cheio de caixas de algo desconhecido. Ele apontou a lanterna para dentro, mas não viu pessoas, nem rostos.

O pânico tomou conta dele. *E se for o trem errado?* Apesar da ajuda de Cartwright, ainda era inteiramente possível que Mirko tivesse mentido para eles.

Ele se levantou. A adrenalina não duraria para sempre e ele precisava limpar a área o máximo que pudesse antes que Maria parasse o trem. Reid começou a correr e pulou sobre o acoplamento para o próximo carro, aterrissando trêmulo. Ambos os braços dispararam para se firmar e, então, ele correu para a próxima escotilha. Depois de uma luta semelhante para abri-la, ele preparou a lanterna e a Ruger e caiu pela abertura, os braços cruzados sobre o peito.

Ele caiu com um baque dentro do vagão e imediatamente ouviu um grito surpreso. Ele se agachou, levantando a luz e a pistola, varrendo o feixe de luz por três rostos.

Duas jovens estavam amontoadas no canto oposto, abraçadas e olhando de soslaio para a luz dele. Seus rostos estavam brancos como giz, exceto pelos hematomas roxos aparentes em suas peles. Uma terceira garota estava sentada de costas para a parede do carro, as pernas abertas na frente dela. Seus olhos estavam fechados e sua cabeça balançava suavemente com o ritmo do trem em movimento.

Reid não sabia dizer se ela estava viva ou morta.

Além das três garotas, o vagão estava vazio. Depois de varrer todos os cantos com a lanterna, ele voltou para as duas no canto.

— Inglês? — ele perguntou urgentemente. — Falam inglês?

— *N-nyet* — gaguejou uma loira.

Russo. Ele sabia russo.

— Eu sou um... Policial americano — disse ele rapidamente na língua nativa dela. — O trem vai parar em breve. Vocês estarão seguras. Mas têm que ficar quietas e em silêncio.

Lágrimas brotaram dos olhos delas com a noção de estarem em segurança, sendo libertadas do trem infernal.

— Mas eu preciso saber — ele perguntou. — Há outras garotas neste trem?

— Sim — a loira confirmou. — Eu vi outras. Às vezes o trem para por apenas um minuto ou dois. Homens embarcam. Homens desembarcam. Às vezes somos levadas para os... Os... — Ela parecia ter problemas para encontrar o termo certo. — Os vagões com as camas.

— O vagão de passageiros? As meninas são levadas para os vagões de passageiros? — Ele enfiou a LC9 de volta na calça jeans. — Lembre-se do que eu disse. Fiquem quietas e silenciosas, não importa o que aconteça. Ele pulou, agarrando a borda da escotilha acima e puxando-se de volta para o topo do trem e para o vento frio.

Por que eles levam meninas para lá? Ele se perguntou, embora no fundo de sua mente soubesse a resposta. Ainda havia mais um vagão de carga entre ele e os três vagões de passageiros e mais três vagões de carga além deles antes do motor. Uma vez que Maria parasse o trem, ela agiria da frente. Ele tinha que continuar.

Reid olhou para o céu. *Mas onde está Maria?* Ele perdera de vista o helicóptero; de fato, ele não podia nem ouvir.

Mas ele podia ver a sombra enorme da montanha, impondo-se impossivelmente grande diretamente em frente ao trem veloz. *Os trilhos não circulam Sněžka*, ele percebeu sombriamente. *Eles passam por dentro. A passagem da montanha é subterrânea.*

O trem avançou em direção à boca negra de um túnel subterrâneo. Reid disparou para frente, pulando o próximo acoplamento e continuando ao longo do comprimento do terceiro vagão. Ele não teve tempo de tentar abrir a escotilha superior, nem de verificar o interior. Uma parede de pedra correu em sua direção quando os primeiros vagões do trem entraram no túnel.

Ele prendeu a respiração e pulou, abaixando a cabeça e os braços enquanto caía entre os vagões. A pedra voou sobre sua cabeça, tão perto que ele sentiu uma brisa em seu couro cabeludo recém-raspado. Então ele pousou, segurando-se pela cintura no parapeito da pequena sacada do trem.

Ele grunhiu quando o ar foi expelido de seus pulmões, mas se conteve. Meio segundo depois, um salto ligeiramente calculado e o topo de pedra do túnel tiraria sua cabeça dos ombros.

Reid puxou-se para a pequena varanda de aço atrás do vagão de passageiro, pairando sobre o acoplamento, e respirou fundo. Ele não tinha ideia de quanto tempo fazia desde que tomara a injeção de adrenalina; dois minutos? Possivelmente menos? De qualquer maneira, logo perderia o efeito.

Ele ergueu a Agram, com o dedo no gatilho e colocou a outra mão na porta de correr do vagão. Ele não sabia o que poderia estar esperando do outro lado; a pequena janela estava coberta.

Ele abriu a porta e entrou no corredor brilhante.

A menos de um metro e meio dele, um homem girou em surpresa. Ele tinha um cigarro apagado nos lábios, um isqueiro de plástico a meio caminho da boca e uma SMG pendurada em uma tira. O cigarro caiu quando o homem procurou sua arma.

Reid disparou uma rajada curta e cortou o eslavo. Das cabines de dormir à sua esquerda, vinham berros e gritos de medo e choque - e não apenas mulheres. Seu estômago se apertou quando ele se forçou a perceber o que os traficantes estavam fazendo com os carros de passageiros.

Mas ele não acreditou, não quis acreditar, até que viu por si mesmo.

Ele abriu a porta da primeira cabine de dormir e ficou boquiaberto. No beliche de duas camas havia uma menina, o rosto vermelho, as lágrimas riscando o rosto. Em cima dela estava um homem pequeno, careca, de óculos redondos e prateados, as calças empurradas para baixo dos quadris.

Os dois ficaram paralisados em alarme com o som dos tiros - mas a mão do homem ainda estava firmemente em volta da garganta da garota.

Uma nova raiva tomou conta de Reid quando ele agarrou o homenzinho pela nuca e o puxou para trás. O estuprador de óculos uivou quando foi jogado para fora da cabana e em uma pilha no corredor.

— Espere, espere! — ele gritou. — Por favor, não me machuque. — Seu inglês tinha um sotaque forte - austríaco, Reid adivinhou. — Eu tenho dinheiro. Muito dinheiro...

Reid puxou a Ruger e atirou nele uma vez na testa.

A garota na cabine não era Sara. Mas ela não poderia ser muito mais velha.

— Inglês? — Reid perguntou a ela.

Ela assentiu com fervor, os olhos arregalados de terror.

— Esconda-se debaixo da cama e fique lá. — A garota não precisou ser informada duas vezes; ela saiu do beliche e deslizou para baixo dele.

Quando Reid voltou ao corredor, ele viu um flash de movimento e ouviu outra porta da cabine fechar. Ele caminhou até ela e a abriu, a LC9 apontada para o nariz de um homem gordo, tremendo da cabeça aos pés, vestindo apenas uma camiseta branca e uma cueca.

— Saia. — Reid gesticulou com a arma. O homem levantou as mãos e choramingou um pouco quando saiu da cabine. Reid olhou além dele; a jovem mulher na cama não era uma de suas filhas. Mas ela estava inconsciente, deitada de costas com os membros abertos.

— Por favor, não atire em mim — o homem gordo implorou.

Reid levantou uma sobrancelha.

— Você é americano?

— Sim... E-e eu tenho filhos, dois...

— Eu também — ele levantou a Ruger. — E eu gostaria de mantê-las a salvo de pessoas como você...

Antes que ele pudesse disparar, a porta do carro de passageiros foi aberta, homens do outro lado gritando em eslovaco. Reid se abaixou e se protegeu em seus braços quando uma saraivada de tiros automáticos atravessou o corredor e atingiu o homem gordo. Reid girou e se jogou no

vagão-leito, caindo no chão de costas. Ele levantou a Agram, respirando com dificuldade, esperando que os eslovacos o encontrassem.

O braço da mulher inconsciente balançou perto de seu rosto. Uma poça de sangue se espalhou para a porta da cabine enquanto passos constantes soavam no corredor adiante. Havia três deles, ele supôs pelo som de suas botas. E ele era um alvo fácil.

— Saia — um deles chamou bruscamente em eslovaco. — E não vamos matar você.

Ele não tinha saída; o único ponto de saída era a janela estreita da cabine, e ele não seria capaz de abri-la e sair com segurança antes que eles o alcançassem. Reid ficou no chão, de costas, a arma apontada para a porta. Se ele tivesse sorte, eles mirariam alto, para a altura do peito, e ele conseguiria derrubá-los - mas provavelmente apenas um, talvez dois, antes que percebessem sua posição.

Os passos se aproximaram enquanto Reid lutava para controlar sua respiração. A epinefrina estava perdendo o efeito. A dor estava retornando ao seu corpo, acompanhada de novas dores nas costelas, onde ele bateu quando pulou no vagão de passageiros.

Ele viu o cano preto de uma metralhadora girando na esquina, apontando para a cabine - para cima, como ele suspeitava - e enquanto o corpo o seguia, Reid puxou o gatilho e disparou quatro tiros no eslovaco. O homem apertou o gatilho quando caiu, atirando balas inutilmente para o teto.

Os outros dois gritaram com raiva e mantiveram distância. Reid havia entregado sua posição. Ele ficou de pé, olhando em volta descontroladamente, mas não havia para onde ir que não colocaria a jovem inconsciente em perigo.

Sua mente correu por uma resposta quando, de repente, o trem inteiro deu um pulo, os freios embaixo deles gritando. Reid balançou e agarrou a cama de cima para se apoiar; no corredor, ouviu os dois homens gritarem, seus corpos batendo no chão enquanto caíam.

Ele teve sua chance. Pegou a Agram e deslizou de joelhos no corredor, disparando baixo, no nível do quadril, até que a arma estivesse vazia. O cano fumou quando o trem parou completamente. Os dois eslavos estavam mortos.

Maria, ele pensou. Ela deve ter voado sobre a montanha quando o trem entrou no túnel e bloqueou a rota do outro lado.

A Agram estava sem munição e sua Ruger tinha apenas alguns tiros restantes. Ele pegou uma das armas dos homens mortos - uma Uzi, uma arma notória por sua pouca precisão em qualquer coisa que não fosse a curta distância. Era menos do que ideal para muito mais do que pulverizar balas, mas serviria a seu propósito.

Reid verificou as outras duas cabines de dormir no vagão. Estavam vazias. Ele disse à garota que estava escondida embaixo da cama para ficar quieta e em silêncio, como ele havia dito às outras e, então, correu para frente. A porta ainda estava aberta, mas a entrada para o próximo vagão estava fechada.

Como os vagões de passageiros deste trem eram destinados apenas ao transporte, não eram acoplados adequadamente; Reid teve que subir por um corrimão curto para alcançar o próximo. Ele estremeceu ao sentir dor nas pernas e no abdômen. A epinefrina havia se esgotado, desperdiçada, enquanto ele ainda não tinha encontrado suas filhas.

Mas não era hora de mostrar fraqueza. Ele parou mais uma vez com a mão na porta, respirou fundo algumas vezes e a abriu.

Reid entrou no carro com a Uzi liderando o caminho para encontrar o corredor vazio. Não havia traficantes escravos, nem gritos de surpresa, nem chuva de tiros. Ele parou, ouvindo atentamente. Ele matou quatro eslovacos no último vagão de passageiro; era possível haver apenas quatro no trem?

Houve um som quase inaudível no relativo silêncio do carro. A princípio, ele pensou que era alguém respirando, mas poderia ter sido o assobio de algum aparelho de trem, como os freios de refrigeração embaixo dele.

Sua garganta estava seca, mas suas mãos estavam firmes quando ele alcançou a porta da cabine mais próxima e a abriu, entrando imediatamente e varrendo a pequena cabine com a Uzi.

Não havia ninguém lá dentro. *Mas se houver alguém nos outros três, eles estarão prontos para mim.*

No entanto, ele pressionou os dedos na trava da próxima cabine. Respirou fundo e a abriu com força.

Estava vazio.

Reid mal ouviu o clique silencioso de uma trava quando uma porta se abriu em outro lugar do vagão.

Ele ficou de pé em um instante, a Uzi na mão. Mas ele não sabia dizer de onde vinha o som, se era uma porta de entrada para o vagão ou se era

uma cabine sendo aberta.

Ele parou no limite, ouvindo, tentando determinar para que lado mirar. A escolha errada pode significar que alguém teria a vantagem clara de dar um tiro nele - ou vários. Ele poderia se jogar no corredor, contra a parede oposta, desviando esperançosamente a atenção deles e mirando o suficiente para conseguir alguns tiros. Era arriscado, mas era preferível esticar a cabeça ou esperar que alguém chegasse à sua posição.

Ele soltou um suspiro silencioso e, em seguida, lançou seu corpo no corredor, elevando a Uzi ao mesmo tempo em direção à figura em pé no corredor do vagão de passageiros. Seu ombro bateu na parede oposta dolorosamente. Seu dedo indicador estava pesado no gatilho...

A respiração de Reid ficou presa na garganta quando ele viu seu agressor. O traficante eslovaco estava armado com uma Agram, mas não estava apontada para Reid. Estava pressionada contra o templo de sua refém.

Os olhos dela estavam semicerrados. Sua pele estava branca como giz e ela mal conseguia ficar de pé sozinha, sustentada principalmente pelo braço grosso do eslavo ao redor do seu pescoço.

Ele a encontrou. Ele finalmente a encontrou - parecendo quase inconsciente e com uma arma pressionada em seu crânio.

— Maya — ele disse em um sussurro.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

— Abaixe a arma — ordenou o traficante em eslovaco —, ou eu mato essa garota.

Reid deixou cair a Uzi como se ela estivesse pegando fogo.

— Ok — ele disse rapidamente. — Apenas a deixe ir. Sou eu quem você quer, certo? — *Ele não sabe quem ela é. Ele não sabe que é por isso que eu vim*, pensou desesperadamente.

— De joelhos — exigiu o eslovaco.

Reid levantou uma mão, palma para fora. *Não a machuque. Por favor, não a machuque.*

— Primeiro, deixe a garota ir. Então farei o que você pedir.

O aperto do traficante aumentou ao redor do pescoço de Maya. Reid ofegou quando ela soltou um som asfíxiado fraco.

— Por favor... — ele implorou enquanto se abaixava sobre um joelho. A Uzi estava ao alcance de seu braço. Mas poderia muito bem estar a uma milha de distância por todo o bem que isso lhe faria.

As pálpebras de Maya tremeram levemente. Seus lábios se separaram e ela murmurou uma única palavra:

— Pai?

Lágrimas arderam nos olhos de Reid.

— Sim — ele respondeu em inglês. — Eu estou aqui.

O traficante franziu a testa; era duvidoso que ele entendesse as palavras deles, porém, reconheceu a emoção por trás da troca.

— Você sabe quem ela é? — ele perguntou em eslovaco. Sua boca se curvou em um sorriso perverso. — Você veio aqui para buscá-la?

Reid não disse nada. Se ele admitisse a verdade, o homem poderia puxar o gatilho. *Mas se não o fizer, ele a machucará de qualquer maneira. Se ele me matar, ele a machucará de qualquer maneira.* Não havia um ponto de vista sobre a situação que Reid pudesse ver terminando com outra coisa, senão ele falhando em salvar sua filha.

— Eu vim por ela — disse ele em eslovaco. — Eu sou o pai dela.

Por um momento, o traficante pareceu bastante surpreso. Então seu sorriso malicioso retornou.

— Então, pelo que você fez com meus amigos, você a verá morrer.

— Não.

O traficante deixou seu aperto em Maya. Ela tentou se manter de pé sozinha, mas seus pés enfraqueceram abaixo e ela desmoronou ao assoalho do vagão de passageiros. O eslovaco apontou sua Agram para baixo...

Reid se apressou para frente, buscando a Uzi, desesperado para agarrá-la a tempo.

Mal estava em seu aperto quando uma explosão de tiros rasgou o ar. Ele recuou com o barulho ensurdecedor; seus olhos espremeram fechados e recusando-se a abrir outra vez enquanto seu coração se apertava.

Não

Além das pálpebras, alguém grunhiu e caiu.

O quê?

Reid abriu os olhos. O eslovaco estava espalhado no chão do vagão, uma poça de sangue se espalhando ao redor dele. Ao lado dele estava Maya, deitada quieta - muito quieta. Além de ambos, havia a porta aberta na frente do vagão.

Maria estava ali, com o cano de sua metralhadora soltando fumaça.

— Maya. — Reid largou a Uzi e se arrastou sobre as mãos e os joelhos ao lado dela. Ela estava de costas, os olhos mal abertos, como duas luas crescentes em sua pele branca demais.

Ele rapidamente a examinou; ela não tinha sido atingida. Lágrimas inundaram seus olhos quando viu os hematomas roxos e azuis na lateral do rosto dela.

— Maya, meu bebê, diga alguma coisa. — Seus dedos trêmulos tocaram seu pescoço. Ela tinha um pulso fraco, mas constante. — Maya. Eu encontrei você. Fale comigo... Por favor... Eu vim te buscar. Estou aqui. Eu te encontrei. — As palavras saíram de seus lábios como se fossem a acordar, mas ela não se mexeu, não respondeu de forma alguma.

Ele a abraçou contra o peito e balançou suavemente, suas lágrimas escorrendo pelo rosto e pela testa de sua filha.

Maria se ajoelhou ao lado deles e verificou as pupilas de Maya.

— Parece que ela foi drogada. — Maria começou a verificar o corpo da garota em busca de outras feridas. — Não acho que nada esteja quebrado...

Maya gemeu baixinho. Reid soltou-a, segurando-a pelos ombros.

— Maya.

— Pai — ela murmurou baixinho.

— Sim, sou eu. Eu estou aqui...

— Sara — ela disse em um sussurro.

— Sara? E Sara? — Reid virou-se desesperadamente para Maria. — Você verificou a primeira metade do trem, certo?

Maria virou-se para ele, mas ela não o olhou nos olhos.

— Sim. Mas Kent... Não havia outras garotas americanas a bordo.

— Não. — Reid sacudiu a cabeça. Ele não acreditou - ele não podia acreditar. — Não, não. Ela está aqui. Ela tem que estar aqui. Sara está *aqui*. — Ele fungou uma vez e enxugou os olhos. — Há um... Tem um vagão que eu não verifiquei, um vagão de carga. Mas, não consigo chegar se estivermos no túnel. Precisamos tirar o helicóptero dos trilhos, mover o trem e depois posso verificá-lo. Ela está lá... — Ele estava divagando, falando várias palavras por minuto. Sua outra filha *tinha* que estar no trem. Todos os traficantes a bordo estavam mortos; não havia mais ninguém para lhes informar, para dizer onde ela estava.

— Kent. Veja isso. — Maria, ainda ajoelhada ao lado de Maya, apontou a fina mancha de sangue escuro na perna da calça de Maya. Maria gentilmente retirou o tecido, com pequenos fios grudados na ferida ainda em processo de cicatrização.

A mão de Reid voou sobre sua boca quando viu a fonte do sangue.

Lá na panturrilha de Maya havia letras finas, uma mensagem gravada em sua pele. A visão fez a bile subir em sua garganta, mas ele se forçou a se inclinar e ver o que dizia.

VERMELHO

23

POLO

Essas eram as três linhas gravadas em sua perna.

— O que você acha que isso significa? — Maria perguntou em um quase sussurro.

— Eu não sei. — Reid colocou as duas mãos sobre a boca e respirou nelas enquanto sua mente corria. *Isso foi feito com ela? Ou ela fez isso consigo mesma? Se ela fez isso, por quê?*

— Maya, pode me ouvir?

— Sara — a menina disse novamente.

— Reid, ela mal responde — disse Maria. — Precisamos levá-la para um hospital...

— Trem — Maya murmurou. — Em um trem.

— Sim, estamos no trem — disse Reid rapidamente. — Mas onde está Sara? Você sabe onde ela está? — Ele olhou novamente para as cicatrizes

cortadas na perna dela. *Em um trem.* Maya era incrivelmente inteligente; se ela tivesse sido separada de sua irmã mais nova, mas não pudesse fazer nada fisicamente, teria encontrado outra maneira. Como deixar os cabelos para trás para os forenses encontrarem. Como esconder uma mensagem em um vaso sanitário.

Ou gravar uma mensagem em sua própria pele, se nada mais estivesse disponível.

— Ela está... — ele começou. — Maya, ela está em um trem diferente?

A filha dele assentiu fracamente, apenas uma vez, o queixo balançando apenas um pouco.

Maria suspirou.

— Eles as colocaram em dois trens diferentes.

— E Maya fez isso consigo mesma — Reid percebeu em voz alta. — Para deixar uma pista. — *Polo? Polo. O que é Polo?* — Polônia. — ele murmurou. — Um trem para a Polônia.

— Mas 'vermelho vinte e três'... O que é isso? — Maria perguntou.

Uma cor e um número. Um trem. Vagões de trem. Vagões...

De repente, sua mente relampejou uma lembrança, uma que aconteceu apenas um dia antes - embora agora parecesse uma vida atrás. Ele estava no Porto de Nova Jersey, procurando desesperadamente por suas filhas, cercado por enormes pilhas de contêineres de várias cores.

Cada um estampado com um número.

— É um vagão contêiner — ele deixou escapar. — Maya nos deu um destino e um local no trem. Temos que ir agora. Temos que encontrá-la.

— E ela? — Maria protestou, gesticulando para Maya. — Não podemos levá-la conosco, Kent. Não assim.

— Nós podemos — ele argumentou, mesmo sabendo que ela estava certa. — Nós pegamos o helicóptero, colocamos ela no banco de trás...

— Não podemos — argumentou Maria. — Eu vou ficar.

— O quê? — Reid sacudiu a cabeça. — Não, você não pode ficar. Strickland está a caminho, com a polícia tcheca...

— E provavelmente a Interpol — acrescentou Maria. — Eu sei. Vou mantê-la segura até que eles cheguem. Vou garantir que ela chegue ao hospital e que ela seja cuidada. Vai você. Busque a Sara.

— Maria, eles vão te prender.

— Sim — ela disse com um pequeno encolher de ombros. — Eles provavelmente vão. Mas, se isso significa que uma de suas garotas estará

segura e nas mãos certas... — Ela se levantou e o olhou nos olhos. — Vale a pena.

— Eu não vou pedir para você fazer isso...

— Você não vai. Estou me voluntariando.

Reid olhou para o chão. Ele olhou para a filha, deitada semiconsciente diante deles. Ele não sabia o que dizer; não havia nada que *pudesse* dizer que chegasse perto de expressar a gratidão que estava sentindo.

Maria entrou no corredor e bateu nos bolsos do traficante morto, tirando um telefone celular.

— Aqui — disse ela, digitando um número. — Eu sei que você não gosta, mas esse é o meu contato na FIS. Diga a eles quem você é e o que aconteceu. Eles vão te ajudar.

Reid pegou o telefone. Ela estava certa; ele não gostava da ideia de trabalhar com os ucranianos - mas se isso significasse encontrar sua filha, ele faria o que fosse necessário.

— Maria, eu...

Ela pegou o rosto dele com as duas mãos e o beijou.

— O que eu te disse antes? Nós não dizemos adeus.

— Eu ia apenas agradecer.

Ela riu.

— Eu vou aceitar isso. Agora vai. Pegue o helicóptero. Faça a ligação. Você não tem tempo a perder.

Reid assentiu e pegou a Uzi. Ele se ajoelhou e beijou a testa de Maya. O sentimento de gratidão que ele sentiu por abraçá-la, olhar em seu rosto, estava além de qualquer coisa que ele pudesse expressar.

Ele sentiu os olhos arregalarem. E ele prometeu nunca mais deixá-la fora de vista.

— Eu voltarei para você, eu prometo — ele sussurrou e a beijou novamente.

Então, correu para a porta do vagão de passageiros, pulou a grade e entrou no terceiro e último vagão-leito e abriu a porta.

Ele cambaleou até parar, atordoado com o que encontrou. Havia mais quatro escravos mortos no terceiro carro, além de dois clientes. Maria havia limpado o vagão e o havia feito sem o investimento pessoal que ele tinha nisso.

Ela fez isso por ele, ou pelas meninas dele, ou talvez pelos dois.

Reid passou por cima dos cadáveres e saiu pelo vagão de passageiros, apressando-se em direção ao helicóptero à espera. Seus membros ainda doíam e a facada no abdômen latejava, mas a dor quase não importava mais; ele havia encontrado Maya e nada, nem ninguém, o impediria de encontrar Sara.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Reid pilotou o helicóptero de resgate médico na fronteira entre a República Tcheca e a Polônia, rumo ao nordeste na direção geral de Varsóvia. Ele mantinha as luzes apagadas e sua altitude baixa, em torno de mil e quinhentos pés, mantendo uma velocidade de cerca de duzentos e cinquenta quilômetros por hora. O rádio estava desligado; a última coisa que precisava era de mais ameaças para derrubá-lo do céu.

Ele conectou o telefone celular que Maria havia lhe dado na interface do fone de ouvido, mas hesitou em pressionar o botão de chamada. Não era por medo de trair a CIA ou seu país, as relações norte-americanas e ucranianas eram cordiais. Além disso, ele havia sido renegado. Ele não tinha ninguém para trair. Sua hesitação era baseada em um sentimento, na noção de que esses ucranianos - se fossem realmente do FIS - queriam algo dele. Eles haviam coletado informações sobre os traficantes, mas não fizeram nada, não relataram nada. Eles se referiram a Reid como um "informante".

Ele hesitou porque não sabia a posição deles e não tinha certeza de que queria estar no radar deles.

As palavras de Maria, anteriormente, no carro preto, surgiram em sua mente. *Muitas coisas que você sabe ou costumava saber, eu também sei.* Se isso era sobre a conspiração que ele apenas começara a descobrir, ele não queria a ajuda deles. E ele certamente não queria estar no radar de ninguém - nem da CIA, nem dos ucranianos... Nem da Maria.

Ele só queria suas meninas de volta. Ele queria que elas estivessem seguras em casa com ele. *Por mais que não goste, ele disse a si mesmo, você não tem mais ninguém a quem recorrer.*

Reid fez a ligação. A chamada tocou várias vezes. Ninguém respondeu e nenhuma mensagem de voz atendeu. Em vez disso, a ligação simplesmente terminou.

É claro que eles não responderam. Ele estava ligando de um número de telefone eslovaco desconhecido.

Ele continuou no nordeste, frustrado e desesperado. Ele pensou em ligar para Cartwright novamente, mas duvidava que o diretor adjunto o ajudasse pela segunda vez. Só ligar poderia avisar os superiores que ele os ajudou...

O telefone tocou quando recebeu uma ligação de um número desconhecido. Reid respondeu, mas não disse nada. Quem estava na outra linha ficou igualmente silencioso.

Finalmente Reid falou.

— Aqui é Kent Steele.

— Ah. Agente Zero — a voz do homem era profunda e uniforme. Ele falava em inglês, mas seu sotaque era pesado. — Calendula está com você?

Codinome ucraniano de Maria.

— Não. Ela está sendo... — A essa altura, Strickland e as autoridades tchecas certamente haviam chegado ao trem parado. — Ela foi presa.

— Compreendo. — Havia pouco remorso na voz do homem; ele disse isso como se Reid tivesse declarado um fato simples. — Ela te deu esse número? Disse para nos informar?

— Sim. Porém, tem mais — Reid hesitou. — Preciso de informações. Ela me disse que você ajudaria.

— Que tipo de informação?

— Há um trem, um trem de carga que cruzou a fronteira da República Tcheca com a Polônia, provavelmente em algum momento nas últimas duas horas — disse Reid rapidamente. — Este trem está carregando um vagão vermelho ou contêiner de carga rotulado com o número vinte e três. Eu preciso encontrá-lo e preciso encontrá-lo agora.

— E sua CIA? — o homem parecia quase divertido, para grande irritação de Reid. — Eles não podem ajudá-lo com essa informação?

Reid apertou a mandíbula. Esse homem provavelmente já sabia que não.

— Não — ele disse com força. — Eles não podem. Você pode? Eu estou desperdiçando meu tempo?

— Podemos localizar o seu trem — disse o homem, sua voz bajuladora. — No entanto, essas informações não são de graça. Pedimos um favor em troca.

Reid riu. Esta era precisamente a situação em que ele não queria se encontrar.

— Que tipo de favor?

— Parece que você tem muito em mente no momento. Não pediremos esse favor agora, mas em algum momento no futuro - no futuro próximo - entraremos em contato com você.

— Tudo bem — ele disse secamente. Claro que ele concordaria se isso significasse encontrar Sara; além disso, ele não tinha ideia do que poderia acontecer com ele em um futuro próximo. — Temos um acordo.

— Bom. Agora, essas informações que você nos fornece, não há muito para continuar. O que mais você pode nos contar sobre o seu trem

desaparecido?

O agente negou com a cabeça. Ele não tinha muito mais para lhes passar.

— Pode ser de propriedade da Czech Railways. — O outro trem usado pelos traficantes era, ele pensou. Então outro pensamento lhe ocorreu. — Espere, você nos deu a pista sobre Filip Varga, certo? Você o tem observado, construindo um arquivo sobre ele?

— Talvez — o homem disse vagamente.

— Então você sabe que ele tem ajudado os traficantes a mover mulheres através das fronteiras. Examine as propriedades de Varga e veja se há algo associado aos trens. Pode ser que o trem, ou pelo menos os contêineres, pertençam a algo em que ele esteja envolvido.

O homem no final da linha riu levemente.

— Ela estava certa. Você é astuto. Aguarde, Agente Zero. — A ligação terminou.

Reid riu novamente. Ele não gostou da situação antes de fazer a ligação e gostou ainda menos da voz insincera e ofegante daquele homem. Contudo, se os meios significavam que ele chegaria a Sara, então ele não podia se dar ao luxo de ser exigente com seus aliados, mesmo que temporários.

Três minutos se passaram antes que o telefone tocasse novamente.

— Identificamos seu trem — disse o ucraniano. — Eu não posso te dizer onde ele está atualmente, mas posso dizer onde estará. Há uma pequena cidade chamada Grodkow, a oeste de Opole. Você conhece?

— Conheço — respondeu Reid, agradecido por seu profundo conhecimento em história da Europa. A cidade anteriormente conhecida como Grottkau havia sido quase demolida durante a Guerra dos Trinta Anos, um dos conflitos mais devastadores da história da humanidade.

— A rota do trem passará ao norte de lá. Pela nossa melhor estimativa, chegará em aproximadamente quarenta e cinco minutos. Vou retransmitir as coordenadas... Você pode chegar lá a tempo?

— Sim — Reid disse a ele. Ele estava a menos de cem quilômetros de Grodkow; ele poderia chegar lá em aproximadamente vinte minutos, bem antes do trem.

— Boa sorte, agente Zero. Entraremos em contato! — O ucraniano encerrou a ligação.

Reid ajustou o rotor de cauda e puxou o manche para trás, subindo a altitude e acelerando à velocidade máxima. Ele não sabia que tipo de favor eles pediriam a ele, mas isso pouco importava agora. Ele tinha um destino; só precisava chegar lá antes que acontecesse alguma coisa com sua filha.

CAPÍTULO QUARENTA

Sara estava sentada no chão sujo do vagão enquanto o trem descia os trilhos. Ela não conseguia ver nada na escuridão, embora estivesse vagamente consciente de que havia outras pessoas com ela. Ocasionalmente, ela ouvia um barulho, um fungo, o som de um choro suave. Mas nenhuma das meninas falava, muito menos Sara.

Ela não tinha mais nada. Não havia mais lágrimas para chorar; não havia mais esperança. Ela acordou de seu estupor quando os homens brutais e furiosos a colocaram no trem, apenas para ver sua irmã ser arrancada dela. Só para ver a garota de cabelos escuros, a pessoa que tentou ajudar, morta a tiros caída na terra.

Papai virá nos buscar. Foi o que Maya prometera. Mas ele não tinha vindo. Ninguém veio. E agora Maya também se foi. Sara não tinha mais nada. Ela se consignara para enfrentar qualquer destino que lhe sobreviesse.

Ela não era muito jovem ou ingênua para ignorar o que esses homens queriam. Mas a consciência disso a deixou entorpecida.

O que ela poderia fazer que Maya não pudesse - ou qualquer outra garota que havia sido sequestrada e forçada a entrar no trem? Sua impotência nem a deixou com raiva. Isso simplesmente drenou a força e a firmeza de seus membros pequenos e frágeis de catorze anos.

De repente, os freios rangeram embaixo dela, o trem desacelerando. Onde quer que elas tenham chegado, não importava para ela; ela não tinha ideia de onde haviam pousado no avião de carga, ou para onde a van as levara, ou para onde esse trem estava indo. Ela sabia que haviam viajado longe e por tempo o suficiente para estar em algum país distante, em alguma parte do mundo, tão longe do que ela conhecia, que não tinha esperança de encontrar o caminho de volta.

O trem parou, apitando. Sem o barulho do motor, Sara podia ouvir uma das outras garotas choramingando na escuridão - como se soubesse algo que Sara não sabia. Talvez ela soubesse. Porém, ninguém perguntou. Ninguém falou nada.

A porta do vagão se abriu fazendo barulho. De repente, houve uma luz brilhante varrendo o vagão, o feixe de uma lanterna em seus olhos. Ela os apertou.

A voz de um homem, na língua gutural que ela não entendia. Ele falou severamente, como se estivesse dando uma ordem.

De repente, uma mão pegou em seu braço. Apertou com força e a puxou para seus pés. Ela gritou involuntariamente quando a silhueta grande e brutal se elevou sobre ela, puxando-a para a porta do vagão. Forçando-a para fora no ar frio da noite.

Sara estava fora do trem, mas não gritou por socorro. Ela não tentou se libertar do aperto firme. Ela não tentou correr. Não havia sobrado mais nada para ela. O trem parou aparentemente no meio do nada; havia apenas árvores e escuridão. Sem luzes ou sinal de pessoas.

Ela observou o chão, os pés, enquanto marchava pelo comprimento do trem. O homem que a segurava murmurava em seu idioma o tempo todo. Depois de vários vagões, ele a parou na frente de um longo trem azul, com várias janelas ao longo da lateral, cada uma delas escurecida por cortinas ou persianas.

Ele disse algo bruscamente e gesticulou para a plataforma. Ela subiu quando o homem abriu a porta e a empurrou para dentro.

Sara estava em um corredor, com janelas à direita e portas de correr à esquerda. As janelas das portas estavam igualmente cobertas por dentro. O vagão do trem cheirava como carro novo, mas havia barulhos do outro lado das portas. Barulhos que a fizeram estremecer.

O homem a puxou mais uma vez, passando pela primeira porta. Passando a segunda. Para a terceira porta.

Sara notou que estava um pouco entreaberta apenas alguns centímetros. Ela não pôde evitar; seus olhos olharam para dentro antes mesmo de perceber o que estava fazendo.

Seu olhar encontrou o de outra garota, não muito mais velha que Maya. O rosto dela estava inchado e vermelho. Os olhos molhados de lágrimas. Ela olhou inexpressivamente para aquela abertura estreita na porta, de volta para Sara.

Havia um homem em cima dela.

Sara congelou. As pernas dela pararam de funcionar. Naquele breve olhar, o rosto da garota queimou em sua mente. Embora sua expressão parecesse vazia, havia muito mais por trás daqueles olhos. Naquele instante íntimo, Sara viu medo. Humilhação. Pavor. Pânico. Derrota completa e absoluta.

Então o homem com a arma grunhiu e puxou-a, forçando suas pernas a trabalharem novamente, quando a levou para a quarta e última porta à

esquerda. Ele abriu a porta para revelar uma pequena cabine vazia. Ele a empurrou, latiu algumas palavras ininteligíveis e fechou-a novamente.

Sara estava no centro do pequeno espaço quadrado. Havia uma cama, perfeitamente feita com lençóis, um travesseiro e um cobertor. Duas arandelas prateadas, parecidas com lâmpadas, se projetavam da parede azul de cada lado de uma janela, com uma sombra fina sobre ela. Uma pequena mesa estava presa no chão e na parede.

Mas Sara quase não viu nada disso. Ela viu apenas o rosto daquela garota e tudo por trás dele. Ela viu o rosto da garota morta na van, aquela que caíra bem na frente dela, os olhos semicerrados e a pele branca como giz. Ela viu o rosto da garota de cabelos escuros que tentara ajudar Maya e foi brutalmente assassinada por isso.

Três vezes agora, Sara tinha visto seu próprio possível destino nas mãos desses homens.

Seu batimento cardíaco dobrou de velocidade no peito. Ela respirou fundo, como se tivesse acabado de acordar de um coma. Sua pele formigou quando a sensação voltou aos braços e pernas, o sangue correndo em alta velocidade por suas veias.

Não.

Ela não se sentia mais entorpecida.

Essa não serei eu. Eu não vou deixar ser eu.

O trem começou a se mover novamente, arrastando-se firmemente enquanto se arrastava ao longo dos trilhos. Havia vozes no corredor - dois homens falando. Sara virou-se, procurando algo, qualquer coisa... Contudo havia tão pouco disponível.

Ela usava sapatos, tênis, da garota loira com quem trocara de roupa. Ela bateu nos bolsos do jeans; não havia nada neles. Ela tinha um cinto...

Um cinto!

O jeans era apertado com um fino cinto de couro marrom, prendendo na frente com uma fivela dourada. Sara o arrancou e o enfiou embaixo do travesseiro da cama.

Um momento depois a porta se abriu. O homem armado estava lá, olhando-a enquanto ela estava no centro da cabine. Havia outro homem com ele - alto, magro, seus braços e pernas magricelos, lembrando-a de uma aranha. Ele tinha olhos escuros e longos cabelos negros que caíam em seu rosto.

Sara estremeceu. Ela não gostou da mera visão do homem, muito menos da razão dele estar lá.

O homem magro entrou na cabine e a porta foi fechada novamente atrás dele. Em uma mão, ele tinha uma garrafa de algum tipo de bebida; ele colocou nos lábios e tomou um longo gole.

Ele sorriu para ela. Seus dentes eram amarelos e desiguais.

O homem disse algo em um idioma que ela não entendeu. Pode ter sido o mesmo idioma dos traficantes; ela não sabia dizer. Ele colocou a garrafa na pequena superfície horizontal e se sentou na beira da pequena cama. Ele deu um tapinha, convidando-a para sentar-se com ele.

Sara se abaixou lentamente para uma posição sentada, tentando manter espaço entre eles, mas o homem deslizou para mais perto dela. Ele sussurrou algo em seu idioma quando estendeu a mão e afastou o cabelo dela da orelha.

Ela não vacilou, mas suas mãos tremiam ferozmente em seu colo. Não pelo toque do homem; elas tremiam com o pensamento do que ela poderia ter que fazer, o que ela *faria*.

O homem magro com cabelos compridos tocou seu ombro. Ele passou a mão pelo braço dela e depois pelas costas. A pele de Sara se arrepiou; ela não queria nada além de que ele parasse de tocá-la, que a deixasse em paz.

Ele murmurou algo e se levantou, pegando sua garrafa novamente. O homem estendeu a mão e levantou uma sobrancelha; ele estava oferecendo a ela. Sara balançou a cabeça negativamente.

Ele deu de ombros e levou a garrafa aos lábios.

A mão de Sara alcançou debaixo do travesseiro.

De repente, ela estava de pé. O cinto estava em sua mão. Quando a garrafa foi abaixada novamente para a mesa, ela passou o cinto em volta do pescoço dele por trás. Ela puxou. Dentes rangeram.

Ela não conseguia se lembrar do que aconteceu depois. Era como se sua mente tivesse desligado, temporariamente, enquanto seu corpo fazia o trabalho. A próxima coisa que Sara soube era que estava ajoelhada no chão, respirando com dificuldade. Tentando evitar chorar. Havia linhas vermelhas profundas em suas mãos. O cinto estava no chão.

O mesmo aconteceu com o homem magro. Ele não estava se mexendo. Ela não se atreveu a olhar para baixo para ver o que havia feito.

Não serei eu.

Ela ficou de pé e puxou a cortina da janela. O trem estava se movendo a toda velocidade agora; árvores voavam na escuridão. Sara tentou a trava, mas ela não se mexeu. Ela se esforçou e empurrou, mas a janela não se moveu. Ela gritou de frustração e bateu com o punho contra o vidro.

Uma voz áspera do lado de fora da cabine chamou. Embora a janelinha da porta estivesse coberta, ela podia ver uma silhueta do outro lado. O homem com a arma - ele ia entrar e ver o que ela havia feito.

A trava estalou e a porta começou a se abrir. Sara não hesitou; ela agarrou a garrafa de licor pela metade, do homem magro, em um aperto de cabeça para baixo. Quando a porta se abriu completamente, ela soltou um grito primitivo e atacou o mais forte que pôde.

A garrafa bateu no rosto do homem. Vidro e líquido com cheiro forte voavam de todas as formas. O atirador caiu para o corredor, ofegando. Havia vidro em seu rosto, sangue por toda parte. Sara instantaneamente sentiu náuseas.

Mas ela não conseguiu parar. Não, agora. Não quando poderia haver outros.

Com as mãos trêmulas, ela se arrastou e puxou a arma do homem da alça em volta do ombro dele. Sara nunca tinha disparado uma arma antes. Ela segurou-a firmemente com as duas mãos e, com os olhos fechados, apertou o gatilho - apontando para a parede oposta de sua cabine.

A arma chutou fortemente em suas mãos, mas ela segurou firme. Uma rajada de balas atingiu a parede e quebrou a janela. De outras cabines vieram gritos de pânico ao som agudo e impossivelmente alto.

Com os ouvidos zunindo, Sara colocou as duas mãos no peitoril da janela. Ela estremeceu quando um pedaço de vidro perfurou sua mão, mas ainda assim ela se levantou.

O ar frio varreu seus cabelos. O chão abaixo corria rápido demais. Ela poderia se machucar seriamente, ou pior, com a queda. Porém, ao fundo, ela ouviu outra porta se abrir e mais gritos de raiva.

Eu não deixarei ser eu, ela lembrou a si mesma. Não importava o que acontecesse, estar fora do trem era muito mais preferível a estar nele. Sara prendeu a respiração enquanto se empurrava para fora da janela, de ponta a ponta. De repente, seus pés estavam acima da cabeça; ela deu um salto mortal. Seus pés atingiram o chão primeiro, mas apenas por um instante antes de serem arremessados por baixo dela. Então, ela estava de cotovelos,

de lado, de bunda, de joelhos, caindo repetidamente por uma colina de terra, batendo dolorosamente no chão a cada rolagem.

No entanto, com cada rolagem descendo a colina, ela vislumbrava apenas o trem acima dela, como uma fotografia estática, mas cada vez menor à medida que se afastava.

Ela finalmente parou de cair, descansando no pé da colina. Ela não se mexeu - não tinha certeza se podia - quando uma respiração tênue fumegou na noite.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

O helicóptero abaixou rapidamente quando Reid desceu ao norte da cidade polonesa de Grodkow, nas coordenadas precisas que o ucraniano lhe enviara. Sua intenção era pousar diretamente nos trilhos, assim como Maria havia feito para parar o trem de carga que transportava Maya, entretanto, ele não podia ver nada na escuridão abaixo. Reid acendeu as luzes de pouso e os intensos raios brancos brilharam para baixo, em um ligeiro ângulo, enquanto ele abaixava para mil pés.

Ele só podia esperar que as informações do ucraniano estivessem corretas. Ele só podia esperar que eles tivessem encontrado o trem certo, a rota certa e que ainda não tivessem passado por aqui...

Reid respirou fundo quando algo passou correndo pelo para-brisa do helicóptero, perigosamente próximo e se movendo tão rápido que ele teve que ajustar o rotor de cauda para não girar no caminho do objeto.

Que diabos foi isso? Um avião?

Ele não teve que pensar por muito tempo. O objeto voador diminuiu a velocidade de um metro e meio na frente dele e manobrou perfeitamente em círculo para enfrentar o helicóptero.

É um helicóptero, ele percebeu. *Não é qualquer um - é um Eurocopter X4*. O helicóptero prateado diante dele brilhava com suas luzes de aterrissagem. Era maior que o helicóptero de resgate médico, com duas saliências em forma de asa de cada lado, cada uma com uma hélice verticalmente alinhada.

Era o helicóptero mais rápido do mundo, capaz de atingir velocidades superiores ao dobro do helicóptero vermelho e branco em que Reid estava. E ele tinha poucas dúvidas sobre quem estava dentro.

O Eurocopter correspondia à velocidade de descida de Reid, continuando a encará-lo. Ele não teve escolha a não ser pousar e enfrentar isso. Não podia correr; o X4 prateado poderia facilmente ultrapassá-lo. Além disso, não havia lugar para ele *correr*. Ele tinha que acreditar que o trem que carregava Sara chegaria em breve.

Só podia esperar que ele ainda estivesse lá para pegá-lo.

Reid pousou o helicóptero suavemente, seus patins afundando na grama macia. Ele desligou o veículo, observando as três rodas do X4 pousarem suavemente, seus rotores já diminuindo. Uma porta de prata se abriu e um único homem surgiu. Ele usava uma camiseta preta sob uma jaqueta com

gola de lã. Seus cabelos escuros eram curtos, tão curtos quanto os de Reid, com um degradê dos lados da cabeça em um corte no estilo militar.

O agente Strickland estava parado em frente ao X4, iluminado pelas luzes de aterrissagem do helicóptero de resgate, sem tentar esconder a Glock 19 na mão direita. Ele ficou casualmente, com os braços ao lado, esperando.

Reid examinou rapidamente suas opções. Ele tinha a Uzi e a Ruger, ambas com balas, mas não havia como ele simplesmente atirar em um agente potencialmente inocente. E, se Strickland o visse armado, ele poderia disparar primeiro. Ele poderia fingir concordar, desarmar o agente mais jovem, lutar com ele... Entretanto, Strickland era um ex-Ranger e Reid estava ferido. Ele não estava em um estado físico preparado para outro confronto intenso.

Sua única outra opção era tentar apelar para o agente. Talvez Strickland visse a razão. Contudo, Reid pensou, se Strickland estivesse do lado de Riker, ele teria poucas chances de ver as coisas do ponto de vista de Reid. Ele pensou no Agente Carver, que o atacara e tentara matá-lo por simplesmente recordar uma memória, tudo sob ordens de Ashleigh Riker.

Acho que vou ter que me virar do meu jeito. Ele deixou a Uzi no helicóptero, mas manteve a Ruger LC9 enfiada na parte de trás da calça jeans quando abriu a porta e saiu da cabine.

Estava assustadoramente silencioso no campo gramado, ainda mais assustador pelos dois helicópteros pousados adormecidos, de frente um para o outro. Além do X4, Reid viu as luzes de Grodkow, a menos de um quilômetro de distância. Mas aqui fora, onde os trens corriam, não havia ninguém além dos dois.

Ele deu passos lentos em direção ao Eurocopter e Strickland fez o mesmo na direção oposta, sem tirar os olhos do outro. O agente mais jovem mantinha a arma ao lado e ele não parecia ter pressa. Seu rosto era passivo, seus traços tranquilos; ele não parecia nem um pouco preocupado em enfrentar o, supostamente lendário, Agente Zero.

E isso deixou Reid muito nervoso, embora ele não se permitisse demonstrar.

Ele parou com uma distância de, cerca de, seis metros de gramado entre eles e Strickland também.

— Agente Steele — disse ele. Até a voz dele parecia jovem; não soava zangada ou autoritária, mas casual. — É um prazer finalmente conhecê-lo

pessoalmente.

— Não é mais "agente" — Reid corrigiu. — Apenas um pai procurando por suas filhas.

— Esse era o meu trabalho — respondeu Strickland. — Pelo menos a princípio. Ainda pode ser. Eu posso encontrar sua outra filha, Steele. Eu quero. Mas primeiro...

— Como me encontrou? — Reid interveio.

— Encontramos o outro trem. Encontramos a Agente Johansson e sua filha Maya. Vi a mensagem que ela... — Strickland parou, balançando a cabeça. — Ela é esperta. Obviamente forte também. Não demorou muito para decifrá-la. Eu estava seguindo a rota do trem quando o peguei no radar. Vi suas luzes de pouso acenderem.

— Então você sabe que o trem estará passando por aqui em breve.

— Nós sabemos — respondeu Strickland.

— E você sabe que Sara está nele.

— Sim.

— Então, deixe-me terminar isso — implorou Reid. — Deixe-me encontrá-la.

— Sozinho. Contra um trem? — Strickland sorriu. — Eu ouvi as histórias sobre você, mas cara, eu não acreditei nelas. — Seu sorriso desapareceu. — Olha, você já salvou a vida de uma filha. A polícia tcheca e a Interpol estão a caminho daqui agora. Eu cheguei mais rápido. Vamos lidar com isso. Afaste-se

— Não posso fazer isso — Reid disse a ele simplesmente.

— Você *tem* que fazer isso.

— Ou o quê?

Strickland bateu no bolso do paletó.

— Eu tenho um par de algemas aqui para você. Eu as colocarei em você e você vai se sentar naquele helicóptero enquanto eu cuido deste trem - com apoio. Com prisões, não assassinatos. Do jeito que deve ser feito.

Maria estava certa; o jovem agente era, como ela disse, um escoteiro leal. *Não é como alguns de nós.*

— Você tem filhos, Strickland? — Reid perguntou.

— Não. — Ele encolheu os ombros. — Eu tenho uma sobrinha. Ela tem sete anos. Não há muito que eu não faria por ela. — Ele olhou Reid bem nos olhos e acrescentou: - Mas antes que você pergunte, não. Eu não iria

invadir a Europa e atirar em policiais. Eu confiaria em recursos. Agências. A lei.

É demais para compaixão, Reid pensou com tristeza.

Strickland olhou o relógio.

— Isso é conversa fiada suficiente. Eu sei que você está armado. Quero que você coloque o que tiver no chão e caminhe em minha direção lentamente.

— Ele levantou a Glock 19, apontando-a para Reid. De alguma forma, mesmo em uma posição de tiro, o jovem agente parecia calmo, relaxado.

Não havia como aproximar-se dele mais rápido do que Strickland podia atirar. Reid lentamente alcançou a Ruger e puxou-a, segurando-a no alto pelo cano com dois dedos.

— Isso é tudo que eu tenho. — Ele deixou a arma cair na grama alta. Em seguida, deu passos cuidadosos adiante, imaginando o que diabos ele poderia fazer para evitar ser detido.

— Isso é o suficiente — disse Strickland quando Reid estava a cerca de três metros de distância. Ele enfiou a mão no bolso do casaco, puxou um par de algemas e as jogou para Reid. Elas pousaram aos pés dele. — Coloque-as para trás.

Reid hesitou.

— Você está brincando. Você quer que eu me algeme?

— Eu te disse, ouvi as histórias. Eu não vou me arriscar.

Ele negou com a cabeça. Strickland era inteligente, cuidadoso e tranquilo. *Só vou ter que ser mais esperto - e muito menos cuidadoso*. Reid se inclinou e pegou as algemas. Ele bateu uma no pulso esquerdo e fechou-a.

— Agora se vire e...

Antes que Strickland pudesse terminar, Reid apertou a outra alga no mesmo pulso e a trancou, usando as duas argolas no braço esquerdo.

Strickland piscou em choque por um momento, aparentemente em uma perda total.

— Você está falando sério...? O que pensa que está fazendo?

— Desculpe-me. Tenho certeza de que Riker lhe disse que não sou o melhor em seguir ordens. — Foi a vez de Reid sorrir - um sorriso genuíno, o primeiro em um bom tempo.

— Filho da puta — murmurou Strickland. — Eu não posso acreditar em você... Tudo bem, vire-se. Mãos na cabeça.

Reid fez como lhe foi dito, girando no lugar e colocando os dois braços para cima, cotovelos estendidos. Ele ouviu o farfalhar da grama quando Strickland se aproximou atrás dele.

— Eu juro por Deus, Steele, se você tentar alguma coisa, eu *vou* atirar em você.

Não, você não vai. Você terá que colocar a pistola no coldre, porque precisará das duas mãos para destravar as algemas. Ele fez uma pequena oração silenciosa para que seu corpo aguentasse.

Ele sentiu uma das mãos de Strickland fechar em torno de seu pulso. Ele ouviu o toque das chaves.

— A propósito — disse Reid casualmente. — Você pode me chamar de Kent. Qual é o seu nome?

Uma algema caiu de seu pulso quando Strickland disse:

— Eu realmente não acho que seja...

Reid girou seu corpo para a direita, balançando um cotovelo para trás enquanto o fazia. Ele acertou o lado do rosto de Strickland. O jovem agente resmungou quando Reid girou completamente, levantando uma perna e dando um chute sólido na frente do osso esterno, logo abaixo da clavícula.

Strickland caiu na grama de costas. As chaves das algemas tilintaram novamente quando voaram de suas mãos. Reid saltou para frente, fazendo o possível para ignorar a dor nos membros. Ele pegou a Glock 19 e deu uma rolada.

Ele ficou de joelhos, as duas mãos em volta da pistola. Strickland lentamente se levantou. Ele sorriu para Reid.

— Isso foi um golpe baixo. Mas o que você conseguiu?

Reid olhou rapidamente para a arma e estremeceu. O modelo 19 foi equipado com os leitores biométricos de Bixby - o protetor de gatilho foi codificado para as impressões digitais de um agente específico. A arma era inútil para ele.

Strickland pegou o coldre do tornozelo. Reid jogou a Glock na escuridão e correu para frente, com a intenção de atacar o agente antes que ele pudesse liberar sua arma reserva. Mas o jovem agente estava blefando. Em vez de puxar a arma, ele também avançou, encontrando Reid no meio do caminho e dando-lhe uma ombrada no abdômen.

Reid uivou de dor quando seus pés deixaram o chão. A facada no estômago queimou ferozmente, sem dúvida se abrindo mais uma vez, quando o jovem agente levou Reid para frente e caindo no chão. Strickland

montou nele e atacou rapidamente o rosto de Reid; Por mais que tentasse bloquear os golpes, suas reações foram muito lentas. Era tudo o que ele podia fazer para manter as mãos levantadas enquanto levava um golpe após o outro no queixo e nas bochechas.

Estrelas nadaram em sua visão quando Strickland agarrou o punho aberto e forçou o braço de Reid no ar. A pressão em sua barriga diminuiu um pouco quando o jovem agente tentou rolar sobre ele, de bruços.

Não posso deixar que ele me algemar. Reid puxou o braço o mais forte que pôde, gritando novamente de dor, mas Strickland era mais forte e saudável. O braço direito de Reid estava preso embaixo dele; seu braço esquerdo estava sendo puxada para trás. Ele não conseguiu se libertar.

Mas ele não esperava que eu empurrasse.

Reid empurrou o braço algemado para frente e enrolou os dedos em um punho fechado. Ele acertou um soco direto na garganta de Strickland. Um som molhado de asfixia irrompeu do jovem agente quando ele recuou.

Reid puxou seu braço direito, mas isso lhe faria pouco bem. Ele não podia lutar contra Strickland cara a cara. Precisava de algum tipo de vantagem...

A algema solta sacudiu, pendurada no pulso esquerdo.

Reid agarrou o punho aberto e o prendeu no pulso de Strickland antes que ele pudesse se recuperar do golpe na garganta. Por um momento, Strickland simplesmente olhou incrédulo, recuperando o fôlego.

Então ele apontou o punho disponível para o queixo de Reid.

Reid puxou seu pulso esquerdo, desequilibrando Strickland e, em vez disso, o golpe acertou seu ombro.

Equilíbrio, Reid percebeu. Essa é a minha vantagem.

Ele rapidamente levantou o braço, forçando Strickland com ele, e depois de volta. O jovem agente foi puxado para frente. Reid levantou um joelho e encontrou seu abdômen. Strickland respondeu com um cotovelo para cima que pegou Reid bem no queixo, forçando sua cabeça para trás. Ele sentiu um impacto no osso esterno e se dobrou. Seu braço esquerdo foi puxado sobre seu próprio peito, enquanto Strickland manobrava atrás dele, passando um braço em volta de seu pescoço em um mata-leão.

Reid dobrou o queixo para baixo antes de o braço apertar, protegendo o pescoço por alguns momentos preciosos. Ele levantou o braço em volta da cabeça e depois se curvou, agachando-se ao mesmo tempo. A algema de aço mordeu sua pele, mas ele não parou. Livre da tentativa de

estrangulamento, Reid girou, forçou o braço algemado de Strickland pelas costas e puxou-o com força.

Strickland grunhiu de dor com o braço torcido atrás dele. Reid chutou a parte de trás da perna dele e forçou o jovem agente ao chão, plantando um joelho firmemente na parte inferior das costas do agente.

Ele estendeu a mão com o braço direito, mantendo a pressão nas costas de Strickland e procurou o coldre do tornozelo. Reid soltou um revólver de ponta prateada.

Ele pressionou o cano na parte de trás da cabeça do agente e bateu de volta o martelo, respirando com dificuldade.

— Pare — ele murmurou. — Ou eu vou atirar em você.

Strickland fez um barulho que parecia que ele estava ofegando. Não, Reid percebeu - ele estava rindo.

— Seu idiota — disse Strickland, rindo amargamente. — O que você vai fazer, arrastar meu cadáver? Eu deixei cair as chaves. Não importa como isso se desenrole, você ainda é meu prisioneiro.

— Não exatamente. — Reid tirou a arma de Strickland, mas manteve um joelho nas costas. Com a mão direita sobre a esquerda, respirou fundo, rangeu os dentes e deslocou o polegar.

A dor percorreu sua mão, mas não era pior do que o que ele sentia em seu abdômen ou cabeça. Ele tirou a mão da algema e depois fez uma careta novamente enquanto empurrava o polegar de volta no lugar. Era doloroso, mas era um truque que ele usara pelo menos uma vez antes para se livrar de algemas.

Reid deu um tapa no punho esquerdo de Strickland e, em seguida, torceu o outro braço e algemou o seu pulso. Então ele se levantou lentamente, mantendo o revólver apontado para o jovem agente. Strickland rolou de costas com um grunhido, as mãos algemadas na frente dele.

— Levante-se — ordenou Reid. Ele fez isso, grunhindo enquanto se levantava.

— Esse é um bom truque — comentou Strickland, ofegante. — O que, agora?

— Eu não quero atirar em você — disse Reid.

— Eu não quero levar um tiro.

— Então pare. Deixe-me resgatar minha filha. É tudo que eu quero.

— Sim. Entendo — disse Strickland em voz baixa. — Mas esse é o meu trabalho. É o meu dever. Não posso simplesmente deixar você ir.

— Eu não sei se notou, mas você está algemado e eu tenho uma arma.
— Ele pensou por um momento. — Você acredita na lei, certo? Você acredita em regras e protocolos. Mas há uma diferença entre o que consideramos justo e o que é certo.

Strickland balançou a cabeça.

— Certo e errado são subjetivos. É por isso que temos leis e regras...

— E às vezes — Reid rebateu —, as pessoas que fazem as leis e regras não estão jogando de acordo. Eles os fazem para nós. Eles nos mantêm na linha. Mas essas pessoas - os políticos, nossos líderes, nossos chefes - nem sempre as respeitam.

— Então... O quê? — Strickland zombou. — Você pode violar a lei, estar acima dela também? Assim como eles?

— Sim — disse Reid simplesmente. — Se é isso que é preciso para derrubar alguém, então sim. Olha, você é jovem. Há coisas em jogo que você não conhece e não entenderia. Não posso falar sobre elas, pois... Bem, francamente, não confio em você. Mas espero que você confie em *mim* quando eu digo que sei de coisas que mudariam completamente sua perspectiva.

O jovem olhou para seus pés. Reid o examinou; ele não tinha motivos para acreditar que Strickland estava a par de qualquer informação sobre a conspiração. Na verdade, ele pareceu em conflito ao considerar as palavras de Reid.

Ele suspirou.

— Enquanto eu subia na minha carreira, você era como um fantasma de quem falavam. Sabia disso? Mas ninguém acreditava. As coisas que você fez. Sempre haveria alguém alegando que elas eram reais, que eles viram acontecer. Eu ainda não acreditava. — Seu olhar lentamente se ergueu para encontrar o de Reid. — Agora eu sei. Para você fazer tudo isso, chegar até aqui, salvar sua filha, é... Não é o que eu teria feito. — Strickland deu de ombros. — Mas acho que é por isso que eles contam histórias sobre você.

Um som chegou aos ouvidos de Reid no silêncio do campo gramado - o tremor de um trem. *Sara*.

— Está chegando — disse ele. — Onde está o seu reforço?

Strickland franziu o cenho.

— Eu não sei. Eles deveriam estar aqui agora...

— Somos só nós. Você vai me ajudar?

Mais uma vez ele olhou para seus pés.

— Sinto muito. Mas, não, não desse jeito. Eu não executo pessoas. Não posso fazer as coisas do seu jeito. — Ele olhou para Reid. — E como eu disse, também não posso deixar você ir. No momento em que a arma não estiver apontada para mim, eu irei atrás de você novamente. Então você terá que fazer alguma coisa. — Strickland fechou os olhos e ergueu o queixo. — Você me tem na palma das mãos. Você faz o que sente que precisa...

Reid moveu o punho e acertou um forte golpe logo atrás da mandíbula do jovem. Strickland caiu mole na grama, inconsciente. Reid apertou sua mão; o golpe foi chocante e doloroso. Quando as autoridades chegassem - se alguma vez chegassem - pareceria que Zero o acertou, nocauteou e o algemou.

Ele sentiu uma pequena pontada de remorso por nocauteá-lo; de uma maneira estranha, eles eram semelhantes, mas em lados opostos. Ele teve que admitir que admirava a convicção do garoto. Em outra vida, eles poderiam ter trabalhado juntos, talvez até tivessem sido amigos...

O apito do trem soou de repente, surpreendendo Reid. Ele girou para ver as luzes do trem de carga descendo os trilhos a menos de cem metros dele. O apito tocou novamente, soando ameaçador no campo escuro.

Os olhos de Reid se arregalaram em choque. Ele nem tinha percebido - e aparentemente nem Strickland - mas o X4 prateado aterrissara perpendicularmente sobre os trilhos do trem.

Os freios guincharam como pregos no quadro-negro enquanto o trem tentava parar a tempo. Faíscas voaram dos trilhos. Mas já era tarde demais; não havia pista suficiente para parar.

O trem de carga atravessou o helicóptero de catorze milhões de dólares, aço e fogo explodindo em torno dele.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Reid pulou na grama alta e cobriu a cabeça quando o trem de carga bateu no Eurocopter. Rotores quebrados e estilhaços flamejantes voaram sobre ele, cobrindo um raio de quinze metros ao redor do ponto de impacto.

Quando ele se atreveu a olhar para cima novamente, o trem tinha parado, provavelmente tanto pelos freios quanto pelo helicóptero em seu caminho. Reduziu a velocidade o suficiente para não descarrilhar, mas o motor estava completamente em chamas. O condutor ou qualquer outra pessoa no vagão da frente certamente estava morto.

Reid ficou de pé, a adrenalina bombeando em suas veias e entorpecendo sua dor. Sara estava naquele trem - mas os traficantes também. O pessoal da emergência chegaria em breve de Grodnow e, se ele não agisse rápido, não acreditava que restariam garotas para encontrar quando chegassem.

Ele rapidamente contou os vagões enquanto corria para frente. Havia doze, incluindo o inferno que era o motor. Ao contrário do trem de Maya, apenas um era um vagão de passageiros. Parece o lugar lógico para começar...

Mas então ele viu o vagão vermelho, quatro vagões atrás do motor. Estilizado do lado, havia um grande número 23.

Quando seguiu para ele, Reid estava vagamente ciente de vozes gritando. Homens, de dentro do trem. Ele manteve os olhos abertos e o revólver nas mãos – porém, quando ele se aproximou, uma pesada porta do vagão ao lado se abriu e um eslavo pulou com uma metralhadora em mãos.

Reid congelou imediatamente, parado imóvel na grama. O fogo do motor não tinha alcance suficiente para iluminá-lo na escuridão, ou assim ele esperava.

Não importava de qualquer maneira; o traficante nem olhou em sua direção. Em vez disso, ele correu para o vagão 23 e abriu a porta. Ele gritou em eslovaco.

— Saiam! Venham! Agora! — O homem subiu no vagão e forçou uma jovem a sair - não era Sara. Então saiu uma segunda. Finalmente, o traficante apareceu de novo, arrastando uma garota aparentemente inconsciente com ele. Ele a abaixou sem cerimônia na terra e a deixou cair ao seu lado.

Onde ela está? Reid pensou desesperadamente. *Ela está aqui. Eu sei que ela está aqui.* Maya deixou essa mensagem por um motivo. Ela *tinha*

que estar aqui.

O traficante gritou com as meninas novamente, empurrando-as para frente com o cano da arma. Reid mirou com cuidado com o revólver de Strickland. Ele estava a uns doze metros, mais ou menos; não é um tiro difícil.

Ele disparou uma vez. Seu tiro puxou um pouco e atingiu o eslavo no ombro esquerdo por trás. O homem gritou e caiu contra o vagão, girando com a arma no ar. Reid rapidamente apontou novamente e disparou. Respondendo ao aperto do gatilho, a bala atingiu o traficante na testa. As duas garotas que ele estava conduzindo fugiram pelo comprimento do trem, desaparecendo na escuridão.

Mais gritos encheram o ar quando homens desembarcaram do trem.

— Quem está atirando? — uma voz masculina chamou.

— Alexej caiu! — alguém chamou.

Reid viu formas emergentes e rapidamente se abaixou no campo novamente.

— Veio desse lado! Vocês dois, vão conferir! Você, pegue as garotas!

Ele ficou o mais imóvel possível, deitado de bruços na grama alta. Precisava que se aproximar do trem. Tinha que ver por si só no vagão 23...

Uma bota estalava sobre a grama seca a menos de três metros de sua localização. Ele se atreveu a olhar o suficiente para ver o eslovaco perseguindo lentamente sua posição - olhando para cima, procurando alguém de pé.

Reid esperou até que ele passasse. Uma vez que o homem estava de costas, ele se levantou. Em três passos rápidos, estava no encalço do eslavo, com as mãos no queixo e na nuca dele. Em um rápido empurrão, ele quebrou o pescoço do traficante e o deixou cair frouxamente no campo.

Ele pegou a metralhadora e voltou para o trem. Seus olhos estavam se ajustando à escuridão; ele contou quatro formas escuras, grandes demais para serem meninas, correndo ao longo do comprimento do trem, abrindo portas de vagões e exigindo que sua carga saísse.

Reid marchou para frente, a metralhadora nas mãos. *À esquerda, dez horas.* Ele disparou uma rajada curta e matou um traficante de costas. *Três horas.* Outro traficante girou, levantando a arma, morto a tiros antes que ele pudesse colocar o dedo no gatilho.

— Quem está atirando?! — alguém gritou dentro de um vagão.

— Ali! Eu o vejo!

Reid se jogou no chão assim que ouviu as palavras, apenas um instante antes de uma série de balas serem disparadas contra o lado do vagão mais próximo. Ele rolou três vezes de lado até ficar embaixo do vagão.

— Ele foi para debaixo! — a mesma voz gritou novamente. — Debaixo do trem!

Reid rapidamente avançou de bruços - não do outro lado, onde os traficantes esperariam, mas paralelo ao comprimento do vagão. Ele gemeu quando se retirou para o acoplamento entre dois vagões de carga e subiu a escada enferrujada montada na traseira.

Ele se agachou em cima do contêiner e esperou.

— Dmitri? — uma voz masculina chamou.

— Não vejo ninguém! — À direita, do lado oposto. Reid se inclinou por cima do vagão e atirou direto no topo do crânio do traficante.

— Em cima agora!

— Quem é esse?!

— Eu o vejo...

Ele localizou a voz à esquerda, inclinando-se para o lado e disparando. O grito do traficante ficou preso em sua garganta quando ele caiu.

Quantos restam? Ele não tinha como dizer. Mas teve que manter sua posição até que soubesse.

— Ivan? — uma voz masculina chamou. Não houve resposta, e Reid não sabia dizer de onde vinha a voz. Ele cuidadosamente deu um passo para a direita, espiando pelo lado; não viu ninguém. Ele se aproximou da esquerda...

Faíscas voaram quando balas penetraram no teto do vagão debaixo de seus pés. Reid pulou para frente, derrapando nos cotovelos. Ele se levantou e saltou sobre o acoplamento para o próximo vagão.

Dentro, Reid percebeu. *Ele está dentro do vagão*. Uma onda de pavor caiu sobre ele quando percebeu que o carro do qual acabara de pular era vermelho - o vermelho 23.

— Abaixе sua arma — o traficante gritou de dentro do carro. — E desça daí. Ou vou começar a matar garotas.

Reid engoliu em seco. *Ele está blefando. Não há garotas naquele carro. O outro traficante, ele já as tirou de lá.*

Mas... E se ele não estivesse blefando?

— Você tem até a contagem de três — o traficante gritou. — Não pense que estou mentindo. Um!

E se ainda houvesse alguém lá?

— Dois!

E se fosse Sara?

— Espere! — Reid gritou em eslovaco. Ele jogou a metralhadora pelo lado e na grama. Ele simplesmente não podia arriscar que sua filha estivesse em perigo. — Estou descendo. — Ele respirou fundo e pulou do vagão. O impacto enviou uma onda de choque nas duas pernas.

O traficante saltou do vagão vermelho, sua SMG apontada para o coração de Reid. Pela porta aberta, Reid podia ver o interior vazio do vagão; não havia garotas dentro dele.

O traficante estava blefando. E Sara não estava lá.

O eslavo tinha mais ou menos a idade dele, com um rosto afiado e angular e uma cicatriz perceptível na face direita. Ele estreitou os olhos com raiva quando Reid ficou tenso. Enquanto um deles ainda estiver vivo, o pesadelo pode continuar.

— Ainda não ouvi sirenes — observou o traficante no silêncio da noite.
— Você fez isto? Sozinho?

Reid assentiu.

— Sim.

O eslavo franziu a testa.

— Quem é você?

— Um pai.

O homem assentiu devagar, como se entendesse.

— Você matou muitos dos meus amigos hoje à noite.

— Seus amigos eram monstros. Assim como você.

— Sim — ele concordou calmamente. — Mesmo assim, essas meninas vão morrer. Você... Você vai morrer. Alguém deve pagar por isso, e não serei eu...

A testa do traficante explodiu para fora como se uma bomba tivesse explodido dentro de sua cabeça. Sua expressão passiva nunca deixou seu rosto quando ele caiu na grama.

As mãos de Strickland ainda estavam algemadas, a Glock 19 erguida - e agora apontava diretamente para Reid quando ele se aproximou.

— Tudo limpo? — ele perguntou.

Reid levantou lentamente as mãos.

— Sim. Acredito que sim.

Para sua surpresa, Strickland abaixou a pistola.

— Vai — ele disse com um aceno de suas mãos algemadas. — Encontre sua filha. Vou cuidar das outras garotas até a ajuda chegar.

Reid piscou, mas ele não estava disposto a questionar.

— Obrigado — ele disse sem fôlego. Reid pegou a arma do eslavo morto e depois se virou e correu para o único vagão de passageiros no trem de carga.

Ele abriu a porta de correr e enfiou o cano da SMG no corredor. Não precisava; havia apenas um homem lá, e ele parecia estar completamente morto. Ele estava deitado de costas, sangrando no rosto e no pescoço. Estilhaços de vidro grudados em sua pele e Reid sentiu o aroma poderoso do uísque barato.

Ele se ajoelhou e sentiu o pulso do homem; ele estava vivo, mas por pouco. Em minutos sangraria até a morte - o que era ótimo para Reid.

Mas o que aconteceu aqui?

Do outro lado do eslavo moribundo havia uma porta de cabine aberta e dentro dela tinha outra aparente bagunça. Um homem magro, com cabelos longos, estava de bruços no chão, com um cinto de couro ao lado dele. Reid se aproximou lentamente e cutucou o corpo com o cano da arma.

O homem de repente respirou fundo, surpreendendo Reid. Ele tossiu e engasgou, seu rosto passando de roxo para vermelho enquanto ele lutava para sugar o ar.

Alguém revidou, Reid percebeu. Este homem era um cliente e tinha sido atacado, estrangulado com o cinto. O eslavo havia sido esmagado no rosto com uma garrafa. Marcas de furos profundos cobriam a parede oposta em nenhum padrão discernível - buracos de bala - e a janela tinha sido estilhaçada com um tiro.

Reid caiu de joelhos e rolou o homem magro.

— Quem fez isso? — exigiu ele. — Quem te atacou?

O homem tossiu e tentou falar, mas apenas um suspiro escapou de sua garganta.

Reid deu um tapa nele com a palma da mão aberta.

— Quem fez isso?!

— Não... — o homem disse em tcheco. — Não me machuquem!

— Quem fez isso com você? — ele exigiu novamente em eslovaco.

— Uma garota...

— Uma jovem? De cabelos loiros?

— O homem assentiu fracamente.

— Há quanto tempo? Hmm? Quanto tempo?

A cabeça do homem pendeu para o lado e ele vomitou. Reid se levantou de novo. O tcheco magro seria de pouca ajuda; ele provavelmente estava inconsciente e não teria ideia de quanto tempo se passara.

Reid olhou do eslavo morrendo para o cliente estrangulado e para a janela quebrada. Vários tiros foram disparados contra a parede; quase toda a munição...

A arma.

Ele pegou a SMG Agram deitado no chão e sentiu o cano. Ainda estava quente; não muito quente, mas morno ao toque.

Sara escapou do trem apenas alguns minutos antes dele atingir o X4 nos trilhos.

Reid disparou para fora do vagão de passageiros e pulou na grama. Mais abaixo no trem, perto do motor ainda em chamas, ele viu Strickland ajudando as meninas a descer de um vagão de carga. Porém, ele seguiu o caminho oposto, descendo o comprimento do trem em uma corrida completa.

A metralhadora saltava contra sua coxa, pendurada na alça. Ele a jogou de lado. Suas pernas ardiam a cada passo, cada flexão de músculo. *Dane-se a dor*, ele disse a si mesmo, ofegando.

— Sara! — ele chamou enquanto corria. — Sara!

Sirenes gritavam na noite, enquanto veículos de emergência de Grodchow corriam de uma estrada próxima, em direção ao trem acidentado. No alto, um helicóptero passou por ele.

— Sara! — ele gritou.

Ele correu por mais de um quilômetro e meio. Ele correu até suas pernas ameaçarem ceder debaixo dele, até que a dor era quase demais para suportar. Mas ele se forçou a continuar. Ele a encontraria. Ele tinha que encontrá-la...

Algo triturou sob as botas de Reid e ele derrapou até parar. Era vidro. Ele podia vê-lo brilhando ao luar. *A janela...*

A sua direita havia um barranco íngreme.

— Sara. — Ele respirou quando começou a descer, cambaleando para os lados, os pés deslizando e carregando cascatas de terra solta em seus sapatos. Ele chegou até em baixo e gritou novamente. — Sara! — *Por favor, esteja aqui. Você tem que estar aqui.* — Sara!

— Papai?

Os joelhos dele ficaram fracos ao som da voz de sua filha. Atrás dele, ele viu a pequena forma dela, deitada de costas na terra. Ele caiu ao seu lado, o espasmo crepitante de um soluço crescendo profundamente dentro dele.

— Sara. Oh, Deus. Você está ferida? Você está bem?

— Você veio — sua voz era baixa, quase um sussurro.

— Sim. Eu vim. Claro que vim.

O rosto dela estava branco à luz da lua, os olhos parcialmente fechados em um olhar sonhador.

— A mamãe está com você?

Reid fungou, segurando outro soluço poderoso. Ela estava em choque.

— Não, bebê. A mamãe... Ela não está aqui. Você está ferida?

— Acho que sim.

— Okay Tudo bem. — Ele enxugou os olhos e se levantou. — Sinto muito, Sara, isso pode doer um pouco. — Ele deslizou os braços sob os joelhos e o pescoço dela e a ergueu o mais gentilmente que pôde.

Ela choramingou um pouco e colocou os dois braços em volta do pescoço dele, enquanto Reid lentamente voltava pelo barranco. Foi uma luta, mas ele estava determinado. Ele a encontrou. Nada, jamais, a machucaria novamente.

Eles chegaram ao topo e ele seguiu os trilhos lentamente de volta ao local dos destroços com ela nos braços. Uma chuva leve começou a cair; a água gelada parecia boa contra o rosto de Reid.

— Maya está bem? — ela sussurrou em seu ouvido.

— Sim — ele respondeu. — Maya também está bem.

Então ela chorou, soluçando suavemente em seu ombro enquanto ele a carregava em direção a inúmeras luzes piscantes. Uma dúzia de veículos de emergência havia chegado; o fogo do motor parecia ter sido apagado. Oficiais corriam por toda parte, gritando ordens e juntando as meninas do trem.

Apenas uma pessoa estava imóvel. O agente Strickland estava perto do vagão traseiro, observando Reid quando ele se aproximava pela escuridão distante. O jovem agente acenou uma vez para ele.

As algemas estavam fora de seus pulsos, pendendo de uma mão.

Chegara a hora.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Reid estava sentado ao lado da cama de Sara no pequeno hospital em Grodkow. Ele segurou sua pequena mão direita na dele quando o nascer do sol apareceu no horizonte.

Parecia que seria uma bela manhã.

As pálpebras de Sara tremeram. Sua cabeça inclinou-se um pouco quando ela olhou para ele e sorriu fracamente.

— Bom — ela murmurou. — Eu estava com medo de apenas ter sonhado com você.

— Você não sonhou. Eu estou aqui.

Ela suspirou contente quando suas pálpebras caíram novamente. Os médicos haviam lhe dado um sedativo suave para que pudessem restaurar seu osso quebrado. Ela também sofrera com algumas costelas machucadas e pequenas contusões e cortes da cabeça aos pés.

Enquanto a equipe médica trabalhava em Sara, um médico também examinou Reid; nenhum de seus ferimentos era muito perigoso. A facada no abdômen fora finalmente costurada.

Mas, por outro lado, ele foi liberado para ser colocado em um avião.

Os olhos de Sara se abriram novamente de repente, desta vez mais amplos.

— Espere, onde está Maya?

— Maya está bem — prometeu Reid. — Ela está vindo aqui agora. Deve chegar em breve.

Sara assentiu e recostou-se, estremecendo um pouco ao fazê-lo.

— Escute — disse Reid, tentando manter a voz calma. — Eu quero que você saiba que eu estou... — Ele procurou a palavra certa — *Devastado*... Que você tinha que passar por isso.

Sara não disse nada em resposta. Ela apenas olhou para a colcha branca.

— Mas... Acima de tudo, me desculpe por ter que sair.

Os olhos de Sara se arregalaram novamente, sua testa franzida em confusão.

— Sair? Sair para onde? Por quê?

— Eu... — Reid começou, mas a porta do quarto do hospital clicou e se abriu. Os dois olharam para cima quando uma pequena figura entrou no quarto.

Ela usava uma roupa branca, emprestada pelo hospital para substituir o pijama sujo e manchado de sangue. Havia cor novamente em suas bochechas, embora um lado de seu rosto ainda estivesse inchado e roxo. Ela mancava ligeiramente de uma perna quando fechou a porta atrás dela.

Lágrimas brotaram nos olhos de Maya quando ela olhou para ele. As palavras pareciam falhar com ela, mas ela sorriu.

Então ela olhou para sua irmã mais nova e seu lábio inferior tremeu.

— Sara! — disse sem fôlego enquanto corria para o lado da cama. — Oh, meu Deus. O que eles fizeram com você? — Ela a abraçou gentilmente, mas Sara ainda estremeceu um pouco. — Sinto muito. Você está bem?

— Eu estou bem — respondeu ela suavemente enquanto abraçava a irmã com um braço, a outra mão ainda entre as duas de Reid.

— Estou tão feliz em te ver — Maya chorou. — Vocês dois.

— Maya — disse Sara. — Você estava certa. Você estava certa o tempo todo.

— Eu sei. — Maya riu um pouco e enxugou as lágrimas dos olhos quando se virou para Reid mais uma vez. — Sabia que você viria nos buscar.

Reid se levantou quando sua filha mais velha veio ao lado da cama para abraçá-lo.

Maya parou, olhando perplexa a corrente de algemas pendurada entre os pulsos de Reid. Sara sentou-se de repente, aparentemente ignorando a dor nas costelas machucadas. Ela não tinha notado as algemas nos pulsos dele quando ele segurou a mão dela.

— Não. — Maya sacudiu a cabeça enquanto lágrimas frescas jorraram de seus olhos. — Não, você acabou de chegar aqui. Você nos salvou. Eles não podem...

— Sinto muito — disse Reid, sua voz quase um sussurro. Ele levantou os braços, alto o suficiente para deslizar a corrente das algemas sobre a cabeça dela para poder abraçar a filha. Maya se agarrou a ele; ele sentiu na ferida no abdômen, nos músculos doloridos e sensíveis, porém, não se importou. Ele a abraçou enquanto ela chorava.

— Vocês duas estão seguras — disse ele. — Isso é tudo o que importa para mim. Isso é tudo o que importa. — Ele havia dito isso para si mesmo tantas vezes durante sua busca e agora sabia que realmente estava falando sério. Não importa o que iria acontecer com consigo, ele aceitaria, desde

que elas estivessem seguras. — Mas para chegar até vocês, eu tive que... Fazer as coisas. E eu vou ter que ir por causa disso.

— Você não vem com a gente? — Sara perguntou quando ela também começou a chorar. — Quanto tempo você vai demorar?

Um soluço borbulhou na garganta de Maya; ela entendeu o que Reid queria dizer, mesmo que Sara não tivesse compreendido.

— Eu não vou deixar — disse ela. — Eu falo com eles. Eles verão...

— Maya, não...

— Eles vão entender. Eles *têm* que entender por que você fez o que fez...

— Maya — disse Reid com firmeza. Ele pegou uma das mãos dela e a de Sara na outra, segurando as duas juntas. — Eu sabia o que iria acontecer comigo. Fui avisado e fiz de qualquer maneira. Eu tenho que enfrentar isso.

— Isso não é justo. — Maya soluçou. — Isso não é justo. Você não fez nada errado...

Sim, eu fiz.

— Escutem-me — disse às filhas. — Antes de eu ir, preciso contar uma coisa. Você duas são tão fortes. Estou impressionado com o quão forte vocês foram diante do que passaram. Estou absolutamente maravilhado por não terem desistido ou se rendido. Mais importante... — Sua voz falhou quando ele acrescentou:

— Sua mãe ficaria muito, muito orgulhosa de vocês.

Os ombros de Sara arfavam enquanto ela chorava. Maya olhou para o chão - ou possivelmente para a corrente de algemas - enquanto as lágrimas riscavam suas bochechas. Reid enxugou os próprios olhos.

Por um breve momento, ele pensou no que tinha ouvido do assassino sobre Kate. Suas filhas mereciam saber a verdade, assim como ele merecia saber. Mas agora não era hora de mencioná-la. Talvez nunca fosse a hora de mencionar isso, ele percebeu.

Talvez Maria estivesse certa. Talvez, às vezes, a ignorância realmente fosse uma benção. Se pudesse fazer tudo de novo, não poderia dizer com certeza que gostaria de reaprender a verdade.

A porta do quarto do hospital se abriu e o agente Strickland espiou.

— Zero — ele disse gentilmente. — Hora de ir.

A mão de Maya apertou com mais força a de Reid. Ela não olhou para Strickland, quase não se mexeu ao dizer:

— Por favor, não o leve.

— Ei. — Reid a abraçou mais uma vez. Ele sussurrou em seu ouvido para que somente ela pudesse ouvir. — Eles tomarão conta de vocês. Mas você precisa manter sua irmã segura, ok? Esse é seu trabalho agora. Pelo menos até... Até eu voltar.

— Vamos vê-lo novamente?

Ele ficou quieto por um momento, sem saber se devia ou não falar a verdade. Ficou quieto por muito tempo. Ela era inteligente o suficiente para saber a resposta de sua hesitação.

— Eu não sei — respondeu honestamente. Ele cuidadosamente se afastou dela e beijou sua testa. Reid abraçou Sara mais uma vez e lhe deu um beijo de despedida.

— Eu amo vocês duas.

Então ele as deixou lá, fechando a porta atrás de si enquanto andava no corredor. O agente Strickland estava encostado na parede do lado de fora com as mãos nos bolsos.

— Obrigado — Reid murmurou. — Você não precisava fazer isso.

— O mínimo que eu poderia fazer — disse Strickland com um pequeno encolher de ombros. Ele havia sido autorizado a levar Reid ao hospital para tratar seus ferimentos, mas foi um pedido do jovem agente para que permitissem alguns minutos preciosos entre Zero e as filhas.

Reid suspirou e limpou os olhos com as costas das mãos.

— Como está sua mandíbula?

Strickland sorriu.

— Não se iluda, Zero. Já fui atingido com mais força do que isso antes.

Os dois riram, mas durou pouco.

— Eu sei o que você está pensando, Zero — afirmou Strickland. — Você está se perguntando se é realmente seguro deixar suas garotas. Você está se perguntando se deveria resistir. Arriscar tudo.

Reid encontrou seus olhos. Era exatamente o que estava pensando - calculando as chances de um confronto com Strickland. Calculando o risco de tirar pessoalmente suas filhas daqui, levando-as para casa. Calculando como seria a vida, sempre fugindo da CIA.

Ironicamente, esse tipo de vida o manteria longe de suas filhas para sempre.

Strickland virou-se para encará-lo, tirando as mãos dos bolsos.

— Eu prometo a você — disse Strickland, sua voz mais séria do que Reid jamais ouvira. — Nada vai acontecer com elas novamente. Eu vou

cuidar disso pessoalmente. Juro pela minha vida.

Reid franziu a testa em confusão.

— Você? Por quê?

— Eu tenho pensado muito sobre o que você disse - sobre certo e errado — admitiu Strickland. — Eu não achei que o que você fez estava certo... Não até eu ver os rostos delas. Não até vermos aquelas garotas que você salvou daqueles trens. Não até eu te ver, carregando-a pelos trilhos como fez. Acho que nunca vi uma força assim antes. — Ele negou com a cabeça. — Então, vou fazer da minha agenda pessoal garantir que essas garotas estejam seguras e cuidadas, não importa o quê. Porque parece o certo.

— Eu... — Ele não sabia o que dizer. Strickland era um verdadeiro estranho, mas quando Reid olhou nos olhos do jovem, ele acreditou em cada palavra de seu voto. — Obrigado, Strickland.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu vou ficar de vigia do lado de fora desta porta até Sara ser liberada para receber alta. Então eu vou acompanhá-las pessoalmente ao aeroporto e vamos pegar um voo direto para LaGuardia. Eu entendo que você tem uma cunhada em Nova York; ela vai nos encontrar no portão do aeroporto. As meninas vão ficar com ela. Também me disseram que eles serão chipadas...

— Chipadas? — Reid interveio.

— Um microchip subcutâneo muito pequeno — explicou Strickland. — Elas serão informadas de que é uma vacina contra gripe ou algo semelhante e é injetada logo abaixo da pele, geralmente em um braço ou ombro. Rastreado por satélite. Elas nunca se perderão novamente.

Três dias atrás, Reid teria discutido com unhas e dentes sobre a ideia de suas filhas serem microchipadas - mas isso parecia, praticamente, outra vida.

Reid sentiu seus músculos relaxarem. Ele se sentiu relaxando, abraçando a ideia de Strickland observando suas garotas. Isso lhe permitiu aceitar as algemas nos pulsos, aceitar seu destino.

— E Maria, a Agente Johansson? — ele perguntou. — O que vai acontecer com ela?

Strickland balançou a cabeça.

— Eu não sei.

Reid assentiu. *Talvez eu a veja novamente, se acabarmos no mesmo lugar.*

— E... Eu?

Strickland suspirou uniformemente pelo nariz.

— Existem três agentes na sala de espera no final do corredor. Eles vão te levar para um avião. Para onde esse avião está indo, não faço ideia. Desculpe-me, Kent. Isso é o melhor que posso fazer.

— Não — respondeu Reid. — Cuidar das minhas garotas, *isso* é o melhor que você pode fazer. E eu agradeço de verdade por isso.

Strickland levantou uma sobrancelha.

— Você vai?

— Vai o que?

O jovem agente apontou para o final do corredor, onde os outros agentes estavam esperando.

— Vai com eles?

Reid sorriu levemente. Ele sabia o que Strickland estava perguntando. O Agente Zero poderia criar muitos problemas para eles, se quisesse, e eles sabiam disso. Talvez ele pudesse fugir antes de levar um tiro.

— Sim — respondeu. — Eu vou com eles.

Strickland assentiu agradecido. Ele pegou Reid gentilmente por um cotovelo e o levou pelo corredor em direção à sala de espera.

Reid não estava mentindo. Ele iria com eles. Por mais ansioso que estivesse com o futuro, por mais angustiante que fosse deixar as meninas e por mais doloroso que fosse, por ter tanta incerteza sobre o que poderia acontecer com aqueles que o ajudaram, como Maria e Watson, uma calma estranha tomou conta dele. Era uma estranha serenidade, mas ele sabia sua fonte - suas meninas estavam seguras. Ele fez o que se propôs a fazer. Acreditou em Strickland quando disse que iria cuidar delas. Elas nunca desaparecerão novamente.

Ele não tinha ideia do que a CIA havia planejado para ele, para onde eles poderiam levá-lo, mas naquele momento, andando pelo corredor em direção a três agentes desconhecidos e a seu destino, não importava. Seu coração estava calmo e sua mente estava quieta.

Não havia muito mais que ele pudesse esperar do que isso.

DISPONÍVEL AGORA!



TRAPPING ZERO

(Um Suspense do Espião Agente Zero - Livro #4)

“Você não vai dormir até terminar de ler AGENTE ZERO. Um excelente trabalho na criação de um conjunto de personagens totalmente desenvolvidos e muito agradáveis. A descrição das cenas de ação nos transporta para uma realidade que é quase como sentar em uma sala de cinema com som ambiente e qualidade 3D (faria um incrível filme de Hollywood). Mal posso esperar pela continuação.”

- Roberto Mattos, Books and Movie Reviews

Em TRAPPING ZERO (Livro #4), uma célula terrorista no Oriente Médio ganha um novo líder fanático, com a intenção de orquestrar o que seria o ataque mais mortal em solo americano. Poderia o Agente Zero descobrir o plano e detê-lo a tempo?

Embora as filhas do Agente Zero estejam seguras em casa, a angústia mental de sua experiência pesa muito em sua pequena família. Zero, trabalhando para ser um bom pai e reparar os danos, decide que chegou a hora de se submeter a uma cirurgia para recuperar todas as suas memórias. Será que isso vai funcionar?

No meio de tudo isso, ele é novamente levado ao cumprimento do dever, quando uma embaixada dos EUA é destruída no Oriente Médio e uma nova arma experimental é descoberta. Porém, sem suas memórias, com alguns de seus próprios aliados da CIA concentrados em destruí-lo, em quem ele pode, realmente, confiar?

TRAPPING ZERO (Livro #4) é um suspense de espionagem que não tem como ignorar e que o manterá virando as páginas até tarde da noite.

“Suspense no seu melhor.”

- Midwest Book Review (livro *Any Means Necessary*)

“Um dos melhores suspenses que li este ano.”

--Books and Movie Reviews (livro *Any Means Necessary*)

Também está disponível a série #1 de best-sellers, LUKE STONE THRILLER, de Jack Mars (7 livros), que começa com *Any Means Necessary* (Livro #1), um download gratuito com mais de 800 avaliações cinco estrelas!



TRAPPING ZERO

(Um Suspense do Espião Agente Zero - Livro #4)

Jack Mars

Jack Mars é o autor da série best-seller LUKE STONE, que inclui sete livros (com outros a caminho). Ele também é o autor do novo livro FORGING OF LUKE STONE, e da série de suspenses do espião AGENTE ZERO.

Jack adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.Jackmarsauthor.com. Entre na lista de e-mails e receba amostras grátis, conecte-se no Facebook e no Twitter para manter contato!

LIVROS DE JACK MARS

UM THRILLER DE LUKE STONE

ALERTA VERMELHO: CONFRONTO LETAL (Livro #1)

O PREÇO DA LIBERDADE (Livro #2)

GABINETE DE CRISE (Livro #3)

UMA SÉRIE DE SUSPENSES DO ESPIÃO AGENTE ZERO

INFILTRADO (Livro #1)

ALVO ZERO (Livro #2)

CAÇADOR ZERO (Livro #3)